



Crimson Hunter

AN ONYX ASSASSINS NOVEL

SAMANTHA WHISKEY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Crimson HUNTER

SAMANTHA WHISKEY

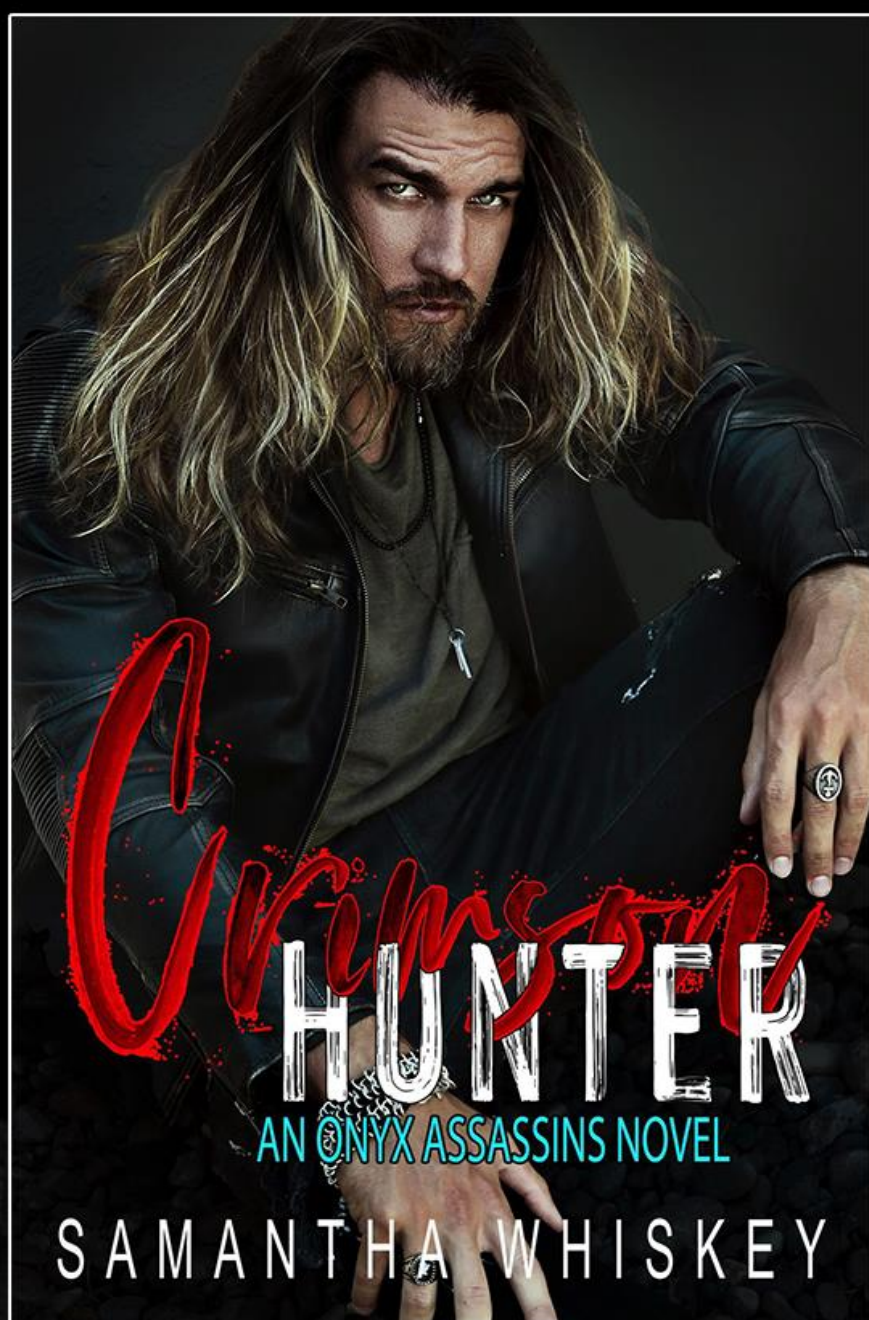
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SÉRIE
Onyx Assassins

LANÇAMENTO



LIVRO SEIS

SÉRIE *Onyx Assassins*

ORDEM DA SÉRIE

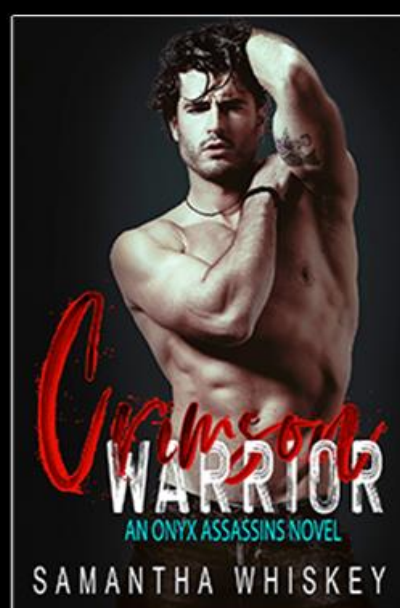
#1



#2



#3



#4



#5



#6



SINOPSE

Eu farei qualquer coisa para salvá-la.
Como um caçador imortal da elite Hunter com a capacidade de parar
o tempo,
Eu nunca perdi uma batalha.
Até ela.

Grace é linda, inteligente e não tem medo de todos meus 1,98.
Mas ela é a última pessoa por quem eu deveria estar me apaixonando.

Primeiro, ela é humana.
Segundo, ela está morrendo.
E parar o tempo não vai salvá-la
Quando ela se torna o último alvo do meu inimigo, eu faço disso
minha missão pessoal para mantê-la segura.
Tê-la perto é uma bênção e uma maldição, e quanto mais tempo
passarmos juntos,
mais percebo que nossos destinos estão entrelaçados de mais de uma
maneira.

Mas a ameaça externa é o menor dos meus problemas.
Seus batimentos cardíacos são limitados, e não consigo imaginar
minha eternidade sem ela.
A única cura é uma lasca de esperança embalada em um pesadelo - ou
a curará ou a matará mais rapidamente.

Juntos, teremos que decidir se vamos saborear as preciosas
semanas que temos, ou arriscar tudo por nossa chance para
sempre...

Antes que nosso inimigo decida por nós.



1

Ajax

O problema de controlar algo que deveria ser finito – *como o tempo* – quando já era imortal, é que quanto mais tempo eu vivia, menos importava. Segundos misturados em horas, em semanas, meses, anos, e esses se tornaram décadas que se transformaram em séculos.

Viver mais de mil anos poderia tornar até mesmo o vampiro mais agradecido um pouco entediado, mas ter um poder como o meu - ser capaz de parar e iniciar o tempo quando quer - estava me tornando...apático.

Teria sido realmente mil anos se eu tivesse passado quinhentos deles em êxtase com meus irmãos? Somando todo o tempo que passei em minha pequena bolha de solidão enquanto a pausava para os outros, provavelmente foi bem mais de mil, na verdade.

Eu me sentia *velho* pra caralho.

Estiquei as pernas à minha frente, cruzei os pés calçados com botas e recostei-me nas ripas de madeira do banco muito pequeno sob o poste de iluminação do Edgemont Memorial, que se tornou meu hábito nos últimos meses. Havia tanta emoção nos rostos dos humanos entrando e saindo pelas portas de vidro do hospital que

não pude deixar de sentir o que quer que eles estejam manifestando.

Se eu fosse meu irmão Saint, seria capaz de projetar um pouco de calma no novo pai caminhando com sua parceira, empurrando seu novo bebê em direção a um carro esperando em uma cadeira de rodas que parecia que poderia voar a qualquer segundo com o quantidade de balões amarrados nas alças. Não tenho certeza se ele era capaz de projetar muito mais do que dor agora, no entanto.

Um sorriso curvou meus lábios com a maneira cuidadosa com que o pai colocou o bebê na parte de trás do sedã, manuseando a caixa de plástico gigante - *merda*, eles dizem *cadeirinha* agora - com a maior reverência. Eu podia ver a vibração de seu pulso acelerado em seu pescoço dos vinte metros que nos separavam, e sentir o cheiro da mistura complicada de seu medo e euforia na brisa noturna.

Qual era a sensação de criar uma vida? Ser responsável por algo tão impotente e tão significativo? Não que minha vida não fosse significativa. *Era*. Eu existia não apenas a serviço de meu rei, mas também de meus irmãos escolhidos, lutando nas batalhas que mantinham nossa espécie – vampiros – vivas.

Um batimento cardíaco constante e familiar se aproximou da minha esquerda, e eu não me incomodei em me virar para olhar ou pegar uma arma. Era Talon, o mais novo dos meus irmãos, e pelo menos ele estava em forma humana.

Ele se sentou ao meu lado e cruzou o tornozelo sobre o joelho, apoiando os cotovelos no degrau mais alto do banco. — Achei que encontraria você aqui.

— Então você encontrou. — Cocei o queixo com a barba escura. Talon era o único de nós seis - *foda-se*, cinco depois da traição de Samuel - para quem eu não tinha que fingir um sorriso ou forçar um comentário sarcástico. — Poderia ter ligado, você sabe.

— A conveniência da tecnologia moderna ainda... me irrita. Todo mundo está com uma pressa danada. É tudo uma questão de gratificação instantânea. — Ele olhou na minha direção, arqueando uma sobrancelha loira escura sobre um olho azul nórdico. — Devo me preocupar que você esteja andando com os terminais de novo?

— Olhe para você, dominando a gíria moderna. — Eu sorri.

— Você afastando todo o mundo, enquanto nós nos aproximávamos definitivamente ajudou. — Ele se voltou para o hospital com um sorriso. De todos nós - Zachariah, Dagon, eu, e especialmente Saint - ele se encaixava nesta era moderna mais fácil, mas como seu dom era a mudança de forma, Talon sempre foi o mais rápido a se adaptar a novas situações.

Eu o invejava por isso.

— Foi a maratona da Marvel que mais ajudou? — Eu perguntei, cruzando os braços sobre o peito, o couro da minha jaqueta puxando ligeiramente sobre os Sigs no coldre ao longo das minhas costelas. As noites de maio eram um pouco quentes demais para agasalhos, mas eu aprendi que os humanos tendem a surtar quando me veem amarrado. Aconteceu em algum momento nos últimos séculos, todos pararam de andar com espadas apontadas. — Ou talvez as horas e horas de

documentários históricos que assistimos para acompanhar os cinco séculos que passamos em Stasis?

— Foram os especiais da National Geographic. — Ele encolheu os ombros. — Tantas novas formas de animais para experimentar. — Ele só podia se transformar em animais que tinha visto, e como a primeira parte de nossas vidas foi passada na Europa e no que agora era a Rússia, ele agora tinha uma riqueza de novas espécies para estudar e nos assustar pra caralho.

— O dragão de Komodo que você virou ontem à noite no repasto fez Zachariah pular. — Estudei o novo pai enquanto ele terminava de colocar as coisas no porta-malas do carro, depois conduziu sua parceira até o assento dela com um olhar que reconheci como puro amor.

— Dagon não riu. — A testa de Talon franziu.

— O que, minha risada não é boa o suficiente para você agora? — Eu provoquei, olhando para ele e notando o conjunto tenso de suas feições angulares e aristocráticas.

— Ele está me preocupando.

— Samuel é seu melhor amigo há duzentos anos. Ele deve ser mais do que um pouco fodido. — Meu estômago revirou com o que nosso *irmão* nos fez passar.

Samuel nos convenceu de que seu irmão gêmeo, Saint, esteve perigosamente perto de se perder na loucura do sangue, então nos colocamos em Stasis, esperando que alguns séculos de descanso pudessem nos ajudar a salvá-lo de se tornar a própria coisa que tínhamos nos reunido para caçar.

— Não somos todos? — Talon suspirou.

Tínhamos passado séculos em repouso antes que nosso novo rei - Alek - tivesse ordenado nossa ascensão para lutar contra os Sons of Honor, uma organização de humanos cuja única missão era matar os sobrenaturais. Então Samuel havia sequestrado nossa princesa, Avianna, quase a forçou a se casar com ele e até mesmo a torturá-la, tudo isso enquanto culpava Saint.

E quando descobrimos sua traição, e Hawke, um dos assassinos de ônix de nosso rei, resgatou sua companheira, Samuel desapareceu na maldita noite, deixando-nos todos com a mente fodida e Saint...

Quem diabos sabia o que Saint estava pensando?

Até Alek, que tinha o poder de controlar a mente, estava dando a Saint o respeito de algum espaço por enquanto.

Que era a mesma coisa que Talon *não estava* me dando. — O que você está fazendo aqui, afinal?

— Eu deveria estar te perguntando isso. — Observou um casal de idosos caminhar de mãos dadas em direção à entrada à direita, a do pronto-socorro. — Você está saindo com os terminais mais do que o normal.

Eu zombei. — Eles não estão todos morrendo.

— Apenas a maioria deles. — Ele acenou com a cabeça em direção ao homem mais velho. — Ele cheira como se a morte viesse chamar em breve.

— E, no entanto, veja com que ternura ele segura a mão dela, — eu disse. — O jeito que ele olha para a esposa. — O homem

ofereceu à esposa um sorriso triste, mas tinha aquele mesmo olhar do novo pai - amor. — Ele sabe que seus dias são limitados. Imagine o quanto cada dia deve ser mais doce para ele? Quanto ele deve valorizar cada segundo?

— Suas vidas são curtas.

— E ainda mais precioso por isso. Eles vivem cada dia sabendo que pode ser o último.

— E é isso que você espera que passe para você se ficar sentado aqui todas as noites, observando os condenados se dirigirem para suas consultas e emergências após o expediente?

— Não estou buscando um fim para minha existência, se é isso que você está perguntando. — Uma ambulância passou pela entrada em arco e os humanos corriam com intensidade, gritando enquanto apressavam um paciente pela porta. — Mas eu invejo a... paixão deles.

— Talvez seja disso que você precisa. Um pouco de *paixão*. — O telefone de Talon vibrou e ele enfiou a mão no bolso da jaqueta.

— Eu levei dezenas de mulheres para a cama desde que nos levantamos. Não é sobre o sexo. — O problema era que todos sentiam o mesmo. As mulheres de nossa raça conheciam minha posição, o status de minha posição, e os aristocratas que frequentavam o Domum - nosso palácio - todos nos observavam com olhos calculistas.

Acabou que os guerreiros eram mais propensos a acasalar neste século, e foda-se se todos eles não quisessem uma marca que os colocasse mais perto do trono.

— Zachariah, — Talon respondeu enquanto levava o telefone ao ouvido.

As portas do hospital se abriram e uma loira saiu, pegando algo em sua bolsa.

Meu peito se apertou e eu me vi sentado, inclinado para frente enquanto ela caminhava na minha direção, olhando para os dois lados antes de cruzar a entrada em forma de U e pisar no trajeto de concreto que a levaria diretamente a mim no caminho para o estacionamento. Eu havia visto mais do que meu quinhão de mulheres bonitas nas centenas de milhares de noites que eu havia passado andando nesta terra, mas ela era...

Foda-se, ela era *linda*. Seu corpo pequeno era curvilíneo com depressões e cavidades que me davam água na boca e roubavam todos os pensamentos lógicos da minha cabeça, e quando ela levantou a dela, tirando as chaves da bolsa, tudo o que pude fazer foi impedir que meu queixo batesse no chão.

— Sim, estou com ele agora, — Talon disse ao telefone.

Ela empurrou para trás seus longos cabelos loiros de um rosto em forma de coração tão deslumbrante que teria começado guerras no meu tempo. Ela tinha um nariz arrebitado ligeiramente arrebitado na ponta, lábios suculentos - o inferior dos quais ela estava mordendo, e uma pele impecável que parecia mais macia do que qualquer coisa que minhas mãos calejadas haviam tocado, e aqueles malditos *olhos*.

Mesmo na penumbra do poste de luz, eu poderia dizer que eles eram verdes profundos com um círculo azul, uma mistura tão única que eu queria pará-la apenas para poder olhar. Havia tanta

vida naqueles olhos, tantas emoções. Raiva. Tristeza. Determinação. O brilho ilógico do riso que se seguiu a um piscar de olhos do que parecia luto com um suspiro profundo... Era como se todas as emoções humanas tivessem sido engarrafadas e sacudidas dentro dela, então deixadas para borbulhar através de seus olhos.

E eu queria sentir tudo o que ela fazia com a mesma intensidade. O bom, o ruim, tudo isso.

A voz de Talon desapareceu no fundo, e toda a minha existência se estreitou para a mulher. A batida de seu coração delicado, os passos silenciosos de suas sapatilhas na calçada conforme ela se aproximava, e o cheiro doce de frésia, peônias e frutas cítricas - misturado com algo assustadoramente doce - me deixou instantaneamente tenso.

Que porra *atordoad*o.

Seu olhar se sacudiu, colidindo com o meu, e ela deu um sorriso que me fez derrubar cada escudo mental que eu tinha, agarrando o controle para lutar contra a descida instintiva de minhas presas.

— Umm... obrigada? — Seu nariz até enrugou com seu sorriso quando ela parou alguns metros na minha frente.

Porra, eu disse isso em voz alta.

Calma, Ajax. Calma.

— Desculpe, — eu disse a ela. — Minha boca deixou escapar.

— Não lamente. — Seu olhar passou por mim e suas bochechas tingiram-se de rosa com um rubor instantâneo

enquanto ela mexia com as chaves. — Você não é tão ruim assim. Toda essa *vibe* do Aquaman que você tem está funcionando totalmente para você.

— Aquaman... — Minha sobrancelha franziu. — Isso é Marvel, certo?

— DC, — ela respondeu, atrapalhada com suas chaves.

Eu estava fora do banco, pegando o chaveiro antes que pudesse pensar em não o fazer, meus movimentos foram sobrenaturalmente rápidos.

— *Uau*. Ótimos reflexos, — ela disse enquanto eu me levantava em toda a minha altura. Seu pescoço esticou quando ela olhou para mim.

Ela mal chegava ao nível dos meus peitorais, mas eu sabia que se eu a levantasse contra mim, aquele corpo lindamente curvo dela se encaixaria perfeitamente, e os picos dos seios macios que se elevavam a cada respiração debaixo de sua blusa azul...

Pare de pensar nos seios dela.

— Aqui está. — Eu devolvi as chaves dela, deixando-as cair em sua palma aberta e evitando que meus dedos roçassem os seus. Se eu a tocasse uma vez, não tinha certeza se seria capaz de parar. O pensamento irracional passou rapidamente pela minha mente e eu agarrei cada fragmento de controle que eu tinha e segurei firme.

— Obrigada... — Ela olhou para mim com expectativa, erguendo as sobrancelhas.

— Ajax, — respondi, espelhando o sorriso dela com o meu.

Aquele cheiro... merda, o que era?

— Ajax, — ela repetiu. — Como o antigo guerreiro grego.

— Minha mãe era fã. — Eu fiz uma careta. — Bem, de um deles, de qualquer maneira. Ajax, o Lesser, perdeu-a com toda essa coisa do ataque. — Fechando minha boca, eu me encontrei com a língua presa pela primeira vez em mil anos. *Por que diabos eu acabei de dizer isso?* — Merda, isso deve soar assustador pra caralho.

— Não. — Ela riu, o som tão musical quanto sinos de vento. — Não se preocupe. Eu sei do que você está falando. A Guerra de Tróia. A sacerdotisa. O templo. Entendo. Você é mais um Ajax, o Greater.

— Acho que estou apaixonado. — Meus olhos se arregalaram. Ela era tão inteligente quanto bonita.

— Se tudo o que é preciso é uma garota se saindo bem no teste de *Ilíada* para impressionar você, então espere até que eu conte a nota que tirei em *Odisséia* na faculdade, — ela sussurrou como se fosse um segredo. — Foi um prazer conhecê-lo, Ajax.

Sim, eu estava mais do que interessado no som do meu nome em seus lábios. — Você também... — Fiz uma pausa como ela havia feito.

— Grace, — ela respondeu.

— Grace, — eu repeti, então dei um passo para o lado, certificando-me de que ela não se sentisse presa.

Ela me ofereceu outro sorriso e então passou, indo para o estacionamento e levando seu cheiro incrível com ela.

Observei até que ela se sentou ao volante para ver se estava segura.

— Precisamos voltar para a sala de guerra, — Talon disse do meu lado. — Se você terminar de olhar para a terminal.

Eu tinha esquecido completamente que ele estava lá. Isso mostra o quanto eu estava focado em Grace. — Certo.

Caminhamos para trás da árvore mais próxima, um carvalho maciço onde ninguém podia nos ver, e então voltamos para a residência, dobrando tempo e espaço e atravessando a barreira gelada. O vento e a noite rasgaram minha pele pelo instante que demorou para chegar ao pátio da residência.

Foi quando me dei conta.

Talon chamou Grace de a *terminal*.

Essa nota excessivamente doce em seu perfume era a morte.

Meu coração se apertou ao saber que alguém tão cheio de vida logo morreria.

Talon e eu viramos as costas para o Domum, a parte formal do palácio, e entramos na residência, a mansão que abrigava a família real, os *Onyx Assassins* e seus companheiros.

Bem, os talem “servos dedicados” também. Mas nós cinco, que tínhamos sido despertados, ainda não tínhamos conseguido aceitar um talem. Nós também nunca os tivemos em nosso tempo.

Atravessamos a casa, o vestíbulo de mármore com sua ampla escadaria dupla, e então passamos pela cozinha e pela sala de estar, onde Lyric, a rainha dos vampiros e companheira de Alek, estava sentada com algumas das outras mulheres, incluindo

Avianna, que finalmente tinha um pouco de cor de volta em suas bochechas após seu sequestro.

Elas acenaram e nós acenamos com a cabeça em nosso caminho para a escada que descia para a sala de guerra. Pedras se erguiam de ambos os lados da escada até chegarmos aos túneis que passavam por baixo do complexo e seguimos direto para a porta em forma de abóbada da sala de guerra.

Talon se inclinou, dando sua biometria para o scanner que destrancou a porta. Por mais que tenhamos aprendido nos seis meses em que estivemos acordados, eu não iria fingir que entendia metade da tecnologia. Era um milagre eu conseguir atender o telefone.

— Já estava na hora, — Lachlan, o segundo em comando de Alek, disse em seu forte sotaque escocês de onde ele estava sentado na mesa de ônix à direita de Alek.

— Relaxe, eles não estão atrasados, — disse Zachariah, recostando-se em sua cadeira do outro lado da mesa e arqueando uma sobrancelha em nossa direção.

Nós não estávamos atrasados - cinco minutos adiantados, até, mas Zachariah era o tipo de cara se você não está adiantado, você está atrasado, o que significava que mal chegamos a tempo para ele.

Eu joguei minhas mãos, formando uma esfera de tempo ao redor de Talon e eu. Todos na mesa congelaram em seus lugares. — Não é tarde demais para fugir, — eu disse ao meu amigo.

— Era tarde demais no segundo em que acordamos, — ele murmurou, e nós dois caminhamos com calma em direção à mesa.

Talon e eu nos sentamos ao lado de Zachariah.

— Ainda não estou acostumado a ter um novo rei, — disse Talon, inclinando a cabeça e examinando Alek.

— Ele não é novidade para eles. — Dei de ombros. — Ele está no poder há mais de duzentos anos. Mas eu entendo o que você está dizendo.

Olhei para os ocupantes da mesa. Alek sentou-se com Lachlan, e ao lado deles estava Benedict, cujo presente tatuado está em seu antebraço, Hawke, que conhecia os medos mais sombrios de qualquer pessoa, e Jocelyn, a bruxa-vampiro híbrida acasalada com Benedict.

Do nosso lado da mesa estava Zachariah, que liderava nosso grupo de caçadores há oitocentos anos e tinha o dom de absorver os poderes dos vampiros caídos, Dagon, com seu cavanhaque loiro e capacidade de controlar os elementos, e a casca maciça e desajeitada de Saint, cujos olhos escuros não pareciam mais totalmente sãos.

— Tem certeza de que não quer fugir? — Eu perguntei a Talon. — Parece mais uma reunião chata.

— Eles certamente gostam de suas reuniões neste século, — brincou Talon. — Mas quanto mais cedo começarmos, mais cedo sairemos daqui.

— Excelente ponto. — Abandonei a tensão mágica ao nosso redor e o tempo correu como um tsunami. Eu estava instantaneamente com fome.

Lachlan piscou para nós e então estreitou os olhos. — Eu odeio quando você faz isso.

Eu sorri e dei de ombros, então estendi a mão para a tigela de morangos no meio da mesa. — Não queria te segurar por mais tempo.

Zachariah revirou os olhos para mim, mas não disse nada.

— Vamos começar, — disse Alek. — Benedict?

— Claro. — O vampiro de cabelos claros se levantou, usando seu costumeiro terno de três peças, e se dirigiu para a parede de monitores, digitando nas teclas. — Desculpe, é rudimentar, mas Ransom não vai sair do lado de Olivia, então nada de apresentações extravagantes esta noite.

Eu dificilmente poderia culpar o mestre de combate de Alek. Sua companheira estava grávida, o que significava que Ransom não seria confiável ou previsível para ninguém além dela até que o filhote nascesse.

Um documento do Word preenchia a tela maior e os marcadores faziam minha garganta fechar em um morango. Eu gaguejei, e Zachariah bateu a mão entre minhas omoplatas até que o morango desalojou.

— Sério? — perguntou Zachariah.

— Parece que estamos tendo problemas de coordenação de eventos, não uma guerra, — comentei, pegando outro morango e enfiando na boca. Parar o tempo sempre me deixou faminto.

— Ele não está errado. — Lachlan suspirou. — Continue com isso.

Benedict apontou para o primeiro ponto. — Ok, não temos nenhum negócio de conclave hoje à noite.

— Isso é uma pena, — Dagon murmurou. — Pelo menos conseguiríamos matar alguma coisa.

O propósito dos Onyx Assassins era entregar a justiça do rei, ou nesta época, a justiça do Conclave, o conselho formado pelos sobrenaturais que dividiam Edgemont em quatro territórios iguais, e um representante humano que supervisionava seus interesses. Nenhuma justiça significava uma noite longa e chata.

E me perguntava por que estava ficando apático.

— Nossa primeira questão é administrar o excesso de aristocratas no Domum, — começou Benedict.

— Fácil, mande todos para casa, — Hawke sugeriu, virando uma de suas adagas de cabeça para baixo. O acasalamento com Avianna o havia resolvido, mas não o civilizou completamente.

— Não podemos fazer isso, — disse Alek. — Especialmente não com as famílias sendo alvo dos Sons. Devemos a eles a segurança do santuário.

— Então você gostaria de oferecer seu quarto? — Lachlan perguntou ao rei, sua barba ruiva se contorcendo enquanto ele sorria.

— Foda-se, — Alek murmurou. — Eles podem transbordar em catres no salão de baile, pelo que me importa, mas a menos que eles carreguem uma lâmina de ônix, eles não vão dormir na residência.

— Pelo que Cassandra diz, alguns dos aristocratas estão recebendo civis em suas propriedades, — Benedict disse, deslizando as mãos no bolso.

— E estamos ouvindo a filha de traidores agora? — Dagon estalou. — Ela tem sorte de poder entrar no complexo depois do que seu pai fez.

— Só responsabilizamos os criminosos por seus crimes, — respondeu Alek. — Não seus filhos. Benedict a interrogou e ficou satisfeito por ela não ter nada a ver com o que aconteceu com Olivia.

— A pantera dela está causando problemas, — acrescentou Benedict. — Recebemos várias reclamações sobre isso assustando alguns dos aristocratas, incluindo pular no banheiro comunal na câmara de banho das mulheres...

Estiquei minhas mãos e joguei uma esfera do tempo em torno de meus irmãos - os do meu tempo. Os outros congelaram em suas posições, o que no caso de Benedict significava uma boca escancarada.

— Eu não consigo, — eu disse, deixando uma risada ressoar em meu peito. — Simplesmente não consigo.

— Você não pode estar certo, — Zachariah repreendeu, mas sua boca lutou contra um sorriso. — Não pode ficar parando o tempo toda vez que quer falar merda em uma reunião.

— Oh, isso eu posso fazer, — eu assegurei a ele com um aceno de cabeça. — Estamos discutindo seriamente a fêmea que era tão obcecada por nosso rei que tatuou sua marca de acasalamento em seu corpo e sua pantera de estimação aterrorizando os nobres.

— Você não pode me dizer honestamente o que vale a pena nosso tempo, — Dagon entrou na conversa.

Saint inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, mas permaneceu em silêncio, como fazia desde que voltou para casa.

— O que quer que nosso rei diga vale nosso tempo, *vale* nosso tempo. — Zachariah cruzou os braços sobre o peito.

— Nós não somos apenas assassinos, — argumentou Talon. — Somos *caçadores de merda*, nascidos e criados para exterminar vampiros loucos por sangue, e você está me dizendo que ficar sentado aqui é mais útil do que estar lá fora caçando Samuel?

As mãos de Saint se fecharam em punhos.

— Estou argumentando que só podemos ver os primeiros seis pontos do briefing, — disse Zachariah, acenando com a mão em direção à tela. — Estamos no meio de uma guerra, nossa espécie está sendo caçada e um vampiro que consideramos nosso irmão está à solta, conspirando com o inimigo. Duvido muito que estejamos aqui apenas para falar sobre pante... — Seus olhos se

arregalaram e seu olhar se voltou para Talon. — Diga-me que na verdade era uma porra de uma pantera naquela câmara de banho.

Minha cabeça virou para Talon quando uma risada ameaçou explodir da minha boca.

Talon levantou as mãos. — Ei, era a pantera dela.

Zachariah o encarou.

— Mas talvez fosse eu aterrorizando Lady Asterling. — Ele sorriu. — Não pude evitar. Ela estava acusando Saint... — Seu sorriso morreu. — De qualquer forma, posso tê-la perseguido pelo jardim por mais ou menos dez minutos. Ela é mais rápida do que parece.

— Pelo amor de Deus. — Zachariah esfregou a ponta do nariz.

Eu ri, meus ombros tremendo com o movimento, e Dagon se juntou a mim. Deus, eu amava meus irmãos.

Até a boca de Saint se curvou ligeiramente.

— Não. É. Porra. Engraçado. — Zachariah apontou para cada um de nós. — Você está na corte do rei. Aja como tal.

— Havia uma razão para nunca termos permissão para ir ao tribunal. — Talon encolheu os ombros. — Eles sabiam que estaríamos mais acostumados a fazer nosso *trabalho*.

— Vou matar Samuel. — A voz baixa de Saint chamou todas as nossas atenções. — Eu não dou a mínima para o que dizem os próximos pontos dessa agenda. Minha única missão será caçar meu irmão e matá-lo como a ameaça que ele é.

O silêncio reinou por pesados segundos.

— Se vocês não podem me apoiar nisso, eu farei isso sozinho.
— Ele nivelou um olhar escuro em todos nós, por sua vez.

Meu peito apertou. — Não vou ficar atrás de você, Saint, mas vou lutar ao seu lado.

Ele assentiu.

— Nós vamos fazer isso acontecer, — Zachariah concordou, suas palavras lentas e deliberadas. — Não importa o que essa agenda diga, Samuel é a nossa missão. Mas acho que você descobrirá que, se dermos um momento ao nosso rei, verá que essa é a missão dele também. Confia nele.

A mandíbula de Saint flexionou.

— Agora, por favor, reinicie o tempo? — perguntou Zachariah.
— E todos voltem para a mesma posição em que você estava. A última coisa que precisamos é que eles pensem que estamos falando merda sozinhos.

— Nós estamos falando merda sozinhos, — Talon murmurou.

Nós mudamos de volta para os lugares exatos que estávamos, e eu reiniciei o tempo, deixando a tensão estalar.

— ... e... bem, nadando, eu acho, — Benedict terminou seu comentário sobre a pantera de Cassandra Zorin.

— Eu cuidarei da pantera, — Jocelyn disse. — Vou ter uma pequena conversa de mulher para mulher com ela. Deus sabe que ela provavelmente já se sente sozinha o suficiente sem nós proibirmos a porra de seu animal de estimação.

— Eu apreciaria isso, Jocelyn, — Alek comentou. — Já temos guerra suficiente *fora* destas paredes sem convidá-la a entrar.

Benedict piscou para sua companheira.

Passamos pelo resto das questões domésticas, e Benedict rolou a lista. — E para o que realmente importa para todos nós.

A tela mostrava o horário da patrulha.

— Saint, — Benedict se virou para nosso irmão e respirou fundo, como se fosse preciso força até mesmo para olhar para ele. — Achamos que você gostaria de seguir alguma pista sobre o seu...

Cada caçador na mesa ficou tenso.

— Sobre o paradeiro de Samuel, — Benedict terminou.

— Leve quem você quiser, — Lachlan continuou. — Você tem todo o nosso suporte e todos os recursos de que precisa.

Saint assentiu uma vez. — Vou levar Dagon.

Todos nós assentimos também. Fazia sentido que os dois caçadores que conheciam melhor Samuel liderassem a missão para encontrá-lo.

— Excelente. — Alek se inclinou para frente, olhando Saint nos olhos. — E cada um de nós estará à sua disposição assim que as patrulhas da noite estiverem completas e qualquer assunto do Conclave for resolvido. Esta noite. Amanhã à noite. Todas as noites até que ele seja encontrado. Você tem minha palavra. Encontrar Samuel é nossa primeira prioridade não apenas para lutar nesta guerra, mas porque é o que você precisa, e nós cuidamos do nosso.

Saint desviou o olhar.

Eu fui leal a Alek desde o momento em que acordamos. Esse era meu dever como assassino, como caçador, mas meu respeito por ele aumentou naquele momento.

Planejamos a noite e depois nos separamos. *Porque é o que você precisa.* As palavras de Alek permaneceram comigo por muito tempo depois que saí em patrulha com Hawke.

Além de matar Samuel por sua traição, o que diabos eu *precisava?*

A resposta foi o oposto da exigência de Saint. Eu precisava de *vida.*

No segundo em que o ar da noite atingiu meu rosto, decidi não apenas voltar para o banco do hospital amanhã à noite, mas todas as noites depois até que eu a visse novamente.

Grace.

2

Grace

— Você vê essa massa escura bem aqui? — Doutora Watson pergunta, apontando para as imagens do meu cérebro penduradas em seu quadro de luz. — É como suspeitávamos.

Glioblastoma.

Uma onda de dormência tomou conta de mim, contornando meu corpo como uma nuvem de névoa.

— *Huh*, — eu disse, focando na imagem em preto e branco do meu cérebro. Levantei-me e atravessei a sala, olhando para a massa em meu lobo frontal. — Essa coisinha está causando todos os meus problemas? — Eu perguntei, balançando a cabeça.

A Dra. Watson apertou os lábios e assentiu. — As dores de cabeça, náuseas, tonturas. Mesmo os seus casos de lapsos de tempo ou de audição podem ser atribuídos ao tumor.

Acenei com a cabeça, lenta e languidamente, como um xarope espesso revestia os meus movimentos. Esta era a segunda opinião que eu tinha tido, e agora sabia que não havia como negá-lo.

— Existem tratamentos, — disse a Dra. Watson, acomodando-se em seu banquinho no consultório do hospital repentinamente estéril. — Houve avanços nos ensaios clínicos para terapia

medicamentosa após a cirurgia, mas, como você sabe, o tumor não é 100% removível, pois cresce diretamente no tecido cerebral.

— Eu sei, — eu disse, minha voz trêmulas enquanto eu continuava parada na frente daquela foto, olhando para a pequena bolha que estava me matando lentamente.

A mesma bolha que matou minha mãe quando eu tinha nove anos.

Flashes irromperam em minha mente, imagens e memórias que passavam como rolos de filme em repetição - minha mãe, vomitando porque se sentou na cama muito rapidamente, sua pele esticada demais sobre seus ossos depois de uma rodada de radiação, o jeito que seus lábios haviam diminuído e até mesmo seu cheiro de baunilha e sálvia havia desaparecido.

Eu adorava aquele cheiro, associava-o a estar em casa, ser amada e cuidada. Agora, eu associava a uma morte dura e dolorosa, porque foi o que aconteceu com minha mãe quando ela começou o tratamento.

— Grace? — A Dra. Watson disse meu nome como se tivesse dito algumas vezes, e eu virei as costas para o quadro de luz dela. — Quando você está disponível para começar? — ela perguntou, olhando para a prancheta em seu colo. Ela traçou com o alfinete uma linha de gráficos e palavras que eu nunca reconheceria. Meu doutorado foi em psicologia, não em medicina. — Quanto mais cedo agendarmos sua cirurgia...

— Eu não vou fazer a cirurgia, — eu disse, ganhando um olhar chocada dela.

Ela tinha sido minha médica nos últimos meses enquanto trabalhávamos para descobrir o que estava causando todos os meus sintomas... a náusea, as *vozes*, mas eu sabia em meu íntimo qual seria o diagnóstico. Essa forma de câncer é de família e, embora eu tivesse passado o resto da minha juventude em um orfanato, sabia que não seria capaz de fugir dele.

— Grace, — o tom da Dra. Watson manteve aquele ar de súplica que eu ouvi dela várias vezes nos últimos meses. — Isso é mortal. Sem tratamento, você terá três meses, talvez seis no máximo, se tiver sorte.

Eu bufei uma risada, balançando a cabeça. — A sorte não tem nada a ver com esta situação, doutora.

— Tenho que aconselhá-la a agendar uma cirurgia, — ela pressionou. — Se pudermos remover a maior parte da massa, então colocaremos você na terapia medicamentosa...

— Então vou passar os últimos meses que tenho nesta terra com ainda mais dor do que estou agora, — eu a interrompi. — Vou conseguir um assento na primeira fila para minha própria morte, tudo no conforto de uma cama de hospital. — Eu balancei minha cabeça, tentando como o inferno abafar as memórias de minha mãe. Deus, eu sentia falta dela. Mesmo agora, quinze anos depois, gostaria de ter tornado seus últimos meses um pouco melhores, um pouco mais emocionantes. Em vez disso, sentei-me ao lado de sua cama de hospital e li seu livro favorito em voz alta. O tratamento a despojou de qualquer força que ela possuía, roubando-a de uma aventura de última hora.

Eu *não* iria pelo mesmo caminho.

E talvez, se houvesse uma vida depois desta... talvez eu finalmente pudesse vê-la novamente, contar-lhe tudo sobre a breve vida que vivi.

A Dra. Watson lançou-me um olhar compreensivo enquanto se levantava, dirigindo-se para a porta. — Respeitarei seus desejos, Grace, — ela disse, abrindo a porta. — Mas se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

— Obrigada, — eu disse enquanto ela virava no corredor para um lado, e eu para o outro.

Três meses.

Três *meses*.

As palavras continuaram piscando atrás dos meus olhos, como um cronômetro brilhante que acabou de ser clicado. Três meses costumavam parecer muito tempo - três meses até a formatura, três meses de assinatura experimental do Kindle Unlimited, três meses de academia. Agora?

Agora parecia um tempo infinitamente curto para fazer todas as coisas que eu queria. Porque, na verdade, eu não tinha nada que *precisasse* ser feito. Eu estava me preparando para esse diagnóstico desde que as dores de cabeça começaram há dois meses, e então as vozes...

Meu testamento vital estava em ordem, mas honestamente, eu não tinha muito para deixar para a única pessoa que considerava família - minha mãe adotiva, Maria Johnson. Ela seria a orgulhosa proprietária do carro de oito anos que eu finalmente paguei e o que restasse da minha magra conta poupança.

Meu coração afundou um pouco quando entrei pelas portas duplas do hospital, o céu noturno abrindo-se acima de mim em um mar de escuridão cintilante - eu tinha estudado durante anos na faculdade para obter meu doutorado em psicologia e agora nunca chegaria a trabalhar com clientes reais. Pessoas que precisavam de minha ajuda, ou seja, crianças adotivas ou adultos que tinham estado no sistema de adoção... era aí que eu planejava concentrar meus esforços.

Planejado. Que estúpido da minha parte. Eu deveria saber que não poderia fazer planos, mas depois de vinte e três anos saudáveis, pensei que talvez a maldição da família tivesse me ignorado.

Eu estava tão ridiculamente errada.

Respirei fundo, deixando que os aromas frescos do ar de verão acalmassem as emoções que ameaçavam romper o cobertor entorpecido sob o qual as mantive. Eu não tive tempo para chafurdar, chorar ou agonizar sobre a vida que recebi. O relógio estava correndo, e era hora de começar a fazer todas as coisas que eu me impedia de fazer... por *medo*. Parecia tão bobo ter medo de ter um caso de uma noite ou ir em uma montanha-russa ou saltar de paraquedas agora.

Meus passos diminuíram enquanto eu caminhava ao longo do caminho pavimentado através do afloramento de árvores que abraçavam o terreno do hospital. Algum tipo de consciência formigou na parte de trás do meu pescoço, parando meus movimentos completamente.

Por favor, não seja câncer, por favor, não seja câncer.

*Ele nem me mandou uma mensagem. Ele me deixou no vácuo.
Por que ele faria isso?*

Que se lixe a dieta, vou comprar tacos hoje à noite.

Vozes que não pertenciam a mim vibraram em minha mente, um fluxo de consciência não convidada que me fez fechar os olhos com força e fechar as mãos em punhos. Estava acontecendo cada vez mais ultimamente, e eu tinha o tumor para culpar. Às vezes, isso não apenas me dava dores de cabeça debilitantes ou me fazia vomitar, mas também estava lentamente destruindo minha sanidade.

Basta perguntar a ela. Basta perguntar a ela. Diga algo.

Aquela voz se destacou entre as demais, e algo nela me causou arrepios na espinha. Era profunda e áspera e algo nela me dava a estranha sensação de eternidade... como um oceano que já viu todas as dimensões do mundo.

Uau. Eu realmente estou enlouquecendo. Mas aquela voz... era familiar e nadou em minha mente como tentáculos quentes estendendo-se para me puxar gentilmente para trás, para trás, para trás...

Eu me virei, abrindo meus olhos, de alguma forma sabendo *que ele estaria lá.*

O homem da outra noite, aquele com olhos cor de chocolate escuro, cabelos escuros na altura dos ombros e tatuagens aparecendo por baixo da jaqueta de couro que usava. Aquele que me roubou o fôlego no segundo em que eu o vi, e estava tendo o

mesmo efeito sobre mim agora que ele estava a alguns metros de distância.

— Oi, Aquaman, — eu disse, arqueando uma sobrancelha para ele. *Ajax*. Seu nome era Ajax e não havia uma chance no inferno de que eu o esquecesse ou ele alguma vez na minha vida. — Estou no seu caminho ou algo assim? — Eu perguntei, dando um passo para o lado.

— Não, — ele disse, e aquela voz combinava com a que eu tinha ouvido em minha cabeça segundos atrás. Isso enviou o mesmo calor deslizando sobre o meu corpo, mas talvez isso pudesse ser atribuído a ele se aproximando de mim.

Eu tive que arquear minha cabeça para encontrar seu olhar. Ele era tão malditamente alto e seu peito apertava a fina camiseta branca que usava por baixo da jaqueta de couro. Pude ver a sugestão de tinta através do decote, mas não consegui identificar o que era.

Eu segurei seu olhar, não ouvindo nada dentro da minha cabeça, pelo menos no momento, então isso foi um alívio. — Tudo bem, então, — eu disse, me virando e descendo a rua.

Ele me seguiu, seu longo andar consumindo a distância até que estivesse ao meu lado.

Peguei minhas chaves na bolsa - as mesmas que ele pegou na outra noite com reflexos misteriosos - e me repreendi por não enfiá-las instantaneamente entre meus dedos. Quero dizer, *bom*, esse cara poderia facilmente me partir ao meio. Onde estavam minhas habilidades de autopreservação?

Oh, certo. Três meses.

— Você acabou de receber más notícias ou algo assim? — Eu perguntei enquanto me dirigia para onde estacionei meu carro. — Você precisa de alguém para sentar-se e conversar? É por isso que você está me seguindo? Porque podemos sentar se você precisar. — Fiz uma pausa, apontando para o banco onde o vira na noite anterior.

Ajax balançou a cabeça, então continuei andando.

Ele me seguiu a cada passo do caminho, todos com um metro e noventa, com músculos por dias e cheirando como um sonho.

Parei perto do meu carro, cruzando os braços sobre o peito, minha mente indo e voltando entre o choque da notícia e a total aceitação dela.

Morrer. Eu ia morrer. E poderia ser a qualquer momento, qualquer próxima respiração que eu desse.

— Oh, meu Deus, — eu disse, rindo. — Eu *entendo*. — Olhei para ele mais uma vez, notando a calça de couro preta, a tinta preta, seus olhos infinitos e a aura geral de escuridão ao seu redor. — Você é um anjo da morte, não é?

Os olhos de Ajax se arregalaram, algo como diversão piscando lá.

— Bem, — eu disse, balançando a cabeça. — Você só vai ter que esperar. Prometeram-me três meses, e com certeza vou gastá-los com sabedoria.

— Eu não sou um anjo da morte, — ele disse, então encolheu os ombros. — Quero dizer, não tecnicamente.

Eu arqueei uma sobrancelha para ele. — Ok, então, — eu disse. — Tenha uma boa noite...

— Espere, — disse ele, parando-me com um aperto suave no meu cotovelo.

O calor subiu pelo meu braço e pelo meu peito, meus pulmões se expandindo como se tivessem sido autorizados a absorver mais oxigênio. O cheiro de cedro e musgo envolveu meus sentidos e juro que meus joelhos tremeram. Eu deveria ter arrancado meu braço de suas mãos ou batido nele com minhas chaves. Eu deveria estar fazendo *qualquer coisa* além de virar uma poça com um toque inocente.

Um sorriso lento, quase perigoso formou seus lábios quando ele me soltou.

— O que você quer de mim, Ajax? — Eu perguntei, finalmente dando voz ao nome sobre o qual havíamos brincado na outra noite. — Você me seguiu por um motivo, e se não for para tirar minha alma, então eu adoraria *saber* o quê. — Meus ombros caíram. — Você não está vendendo alguma coisa, está?

A diversão dançou em seus olhos novamente, e o choque, como as pessoas raramente o surpreendiam. — Não estou vendendo nada, — disse ele. — Eu só quero passar a noite com você.

— Comigo? — Eu perguntei desconfiada. Ele era lindo, lindo como uma estrela de cinema. Ele poderia literalmente passar a noite com quem quisesse.

— Sim, — disse ele, dando um passo mais perto de mim, o calor de seu corpo envolvendo-me como um cobertor. Deus, isso era bom. Quanto tempo fazia desde que eu tive qualquer contato físico com outro humano?

Longo tempo.

Já fazia muito tempo.

E agora eu não tinha muito tempo sobrando.

Eu sorri para ele, meu pulso disparando com a ideia de compartilhar qualquer tipo de contato com esse estranho. Uma emoção passou por mim. — Claro, — eu disse, encolhendo os ombros enquanto apontava para o meu carro atrás de mim. — Este é o meu. Entre.

— Só assim, — disse ele, deslizando para o banco do passageiro do meu carro.

— Só assim? — Eu provoquei, saindo do estacionamento. — Você é quem acabou de entrar no carro de uma completa estranha. Como você sabe que não vou trancá-lo no meu porão e forçá-lo a passar loção em todos esses bíceps insanos que você tem?

O Ajax não olhou para mim como se eu fosse louca. Ele olhou para mim como se estivesse tentando não rir.

— Não acha que eu poderia sequestrá-lo? — Eu perguntei, e ele balançou a cabeça.

— Eu adoraria ver você tentar, — disse ele. — Ainda assim, foi você quem *convidou* o estranho a entrar. Isso não a torna um pouco mais imprudente do que eu?

Concentrei-me na estrada, apesar de querer encontrar aquele olhar profundo e agitado dele, e dei de ombros. — Quero dizer, por que não, certo? Não é como se você fosse me matar. — Eu ri com a ideia, uma onda repentina de adrenalina subindo em minhas veias. Havia algo de libertador nos três meses que fui condenada, algo que tirou o medo do meu corpo e me deixou sentindo nada além de livre e selvagem e pronta para experimentar tudo o que eu tinha escondido em minha vida - incluindo assumir uma completa oferta de estranho para tempo de qualidade.

— Espero que você goste de parques de diversões, Ajax, — eu disse, pegando a estrada que levaria ao cais de Edgemont.

— Parque de diversões?

— Sim, — eu disse. — É para lá que estou indo. Nunca andei de montanha-russa antes porque sempre tive muito medo do carrinho sair dos trilhos.

— E você não tem mais medo? — ele perguntou enquanto eu dirigia.

Algo picou o centro do meu peito, uma pontada incômoda de tristeza que eu repeli como a mosca irritante que era. Eu sorri, lançando a ele um olhar apreciativo onde ele estava sentado dominando o banco do passageiro do meu carro. — Difícil ficar com medo quando meu anjo da morte está sentado ao meu lado.

— Você está realmente presa a isso, não é? — Ajax perguntou, seu tom casual como se fosse à coisa mais normal do mundo entrar no carro de uma estranha e iniciar uma conversa como se nos conhecêssemos há anos.

— Bem, sim, — eu disse, saindo da estrada e indo em direção a Edgemont Thrills. — Não há outra explicação lógica de porque alguém que se parece com você me seguiria.

Ajax bufou uma risada, e o som zumbiu ao longo dos meus ossos da maneira mais deliciosa.

Havia uma parte de mim - uma parte realmente grande de mim - que acreditava plenamente que meu cérebro cheio de tumores tinha conjurado Ajax a partir de uma coleção de fantasias que viviam no meu subconsciente. Havia provavelmente oitenta por cento de chance de eu estar rindo e falando comigo mesma enquanto estacionava no parque de diversões, mas eu realmente não conseguia encontrar nada que pudesse ceder. Se ele era uma manifestação, então meu cérebro tinha finalmente feito uma coisa absolutamente certa, porque ele era simplesmente magnífico, a combinação perfeita de protetor e perigoso.

— Você já esteve aqui antes? — Eu perguntei a ele enquanto ele caminhava ao meu lado, nossos braços quase se tocando enquanto nos conduzíamos para a entrada do parque.

— Não posso dizer que sim, — ele disse, seus olhos escuros examinando o lugar com o que eu só poderia chamar de um olhar avaliador. Como se ele estivesse procurando por perigos e rotas de fuga onde eu estava apenas caçando por diversão.

— Claro que não, — eu disse, pagando ao atendente pelo meu passe do parque, em seguida, estudando a interação de Ajax com o atendente. Um leve suspiro de alívio escapou de mim quando ela falou com ele e sorriu para ele enquanto lhe dava um maço de dinheiro.

Mas eu conhecia melhor do que ninguém o poder da mente. Eu poderia apenas tê-la conjurado falando com ele para validar minha manifestação.

— Onde você quer ir primeiro, Grace? — Ajax perguntou uma vez que ele usava sua pulseira azul brilhante, algo que parecia totalmente fora de moda com seu visual de couro, mas de alguma forma adorável do mesmo jeito.

Meus olhos seguiram o comprimento de seu corpo poderoso, minhas bochechas esquentando com a ideia de *montá-lo* durante a noite.

As narinas de Ajax dilataram, os olhos escurecendo por um segundo antes que ele piscasse.

— O grande, — eu disse, gesticulando atrás de mim.

— Eu *sou* o grande, — ele brincou, arrancando uma risada dos meus lábios.

— Aquele, — eu disse, apontando para a montanha-russa.

— Parece promissor.

Nós abrimos caminho através da multidão, indo para a fila sinuosa da maior montanha-russa que o parque oferecia. Aquela que eu sempre evitei nas raras vezes em que Maria conseguiu me trazer aqui como um presente especial, geralmente no meu aniversário. O brinquedo tinha mais de quarenta e cinco andares e quebrava a velocidade de cento e trinta quilômetros por hora. Era o suficiente para justificar sua própria isenção de responsabilidade e era exatamente o que eu estava procurando para iniciar a turnê do fim da minha vida.

— Você quer esperar na fila por um brinquedo de sessenta segundos? — Ajax perguntou enquanto eu me movia para a fila da frente da montanha-russa, placas exibindo nosso tempo de espera e o tempo de duração do passeio.

— Dizem que o carro da frente é o mais assustador, — respondi, virando-me para encará-lo enquanto esperávamos.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim, e notei que ele tinha uma cicatriz passando por sua sobrancelha esquerda. Tive vontade de perguntar a ele como havia conseguido, mas me segurei, já que não queria entrar em disparada na zona muito pessoal. Embora, falando francamente, ele pediu para sair comigo, mesmo que fosse uma manifestação deliciosa.

— Até que ponto pode ser assustador se são apenas sessenta segundos?

Olhei para trás, onde as luzes iluminavam a montanha-russa insanamente alta. A ponta parecia tocar o céu. Eu me virei para ele. — Você parece estar preso ao fator *tempo* e não ao fator emoção.

Ele olhou para a montanha-russa, depois de volta para mim e deu de ombros. — Não parece muito emocionante.

Eu fiquei boquiaberta com ele. — Se a ideia de descer direto do 45º andar não te emociona, então o que será?

Um músculo em sua mandíbula palpitou, o humor mudando de farpada brincalhona para algo um pouco mais profundo. Que era exatamente onde eu não queria ir. Porque se ele

compartilhasse, então eu teria que compartilhar, e não era disso que se tratava esta noite. Esta noite era sobre *viver*.

Eu sorri para ele, retomando aquela brincadeira. — Acho que você está acostumado a ficar no alto, não é?

Ele franziu a testa para mim.

— Anjo da morte e tudo mais, — eu provoquei. — Vai me mostrar suas asas mais tarde?

Ajax se aproximou de mim à medida que a fila avançava. — Só se você disser por favor, — disse ele, com um sorriso no rosto e sua voz baixa entre nós.

Um disparo de lava atravessou minhas veias, e eu me perdi nos olhos dele. Os redemoinhos de marrom e quase preto me cativaram de uma forma que nada mais tinha antes. Tive o impulso mais ridículo de percorrer a distância entre nós, de sentir como seus músculos eram duros, de escovar meus lábios...

— Próximo!

Eu pisquei para fora da minha fantasia quando o atendente gritou por nós, e girei, seguindo o caminho para o carrinho da frente da montanha-russa.

Eu deslizei para o meu assento facilmente, puxando o arnês apertado sobre meus ombros enquanto eu clicava. Ajax teve um pouco mais de dificuldade para se amarrar. O arreio sobre seus músculos era quase cômico. Sua coxa enorme pressionada contra a minha no pequeno carrinho, seu calor e perfume irradiando para mim como o escudo mais doce.

Meu coração disparou algumas batidas, e eu não sabia se era empolgação com a viagem ou empolgação com Ajax, mas de qualquer forma, eu estava aqui para isso. Isso era o que eu tinha perdido toda a minha vida. Em algum lugar entre o orfanato e a faculdade, eu tinha esquecido como viver o momento, para aproveitar as pequenas explosões de energia que me faziam sentir acordada pela primeira vez em anos.

Porra, espero que não morramos.

Existem sistemas de segurança para esses carrinhos, certo?

Eu acho que estou tendo um ataque cardíaco.

Vozes caíram em minha mente, a ansiedade o suficiente para me fazer fechar os olhos com força. Uma onda de apreensão caiu sobre mim enquanto as vozes aumentavam, e uma dor latejava atrás de meus olhos. Esfreguei minha têmpora, depois espalhei minha mão sobre meu peito e clavícula enquanto tentava acalmar minha respiração.

— Grace, — disse Ajax enquanto deslizava a mão sobre a minha, seus dedos roçando a pele da minha clavícula, enviando calafrios pela minha pele. — Grace, abra os olhos. — Eu fiz, virando minha cabeça ligeiramente para olhar para ele. Duas pequenas linhas se formaram entre sua testa. — O que há de errado?

— As vozes... — Eu me contive, respirando fundo pelo nariz, e fiz o meu melhor para me concentrar em ninguém além dele. Lentamente, meus batimentos cardíacos enterraram as vozes até que tudo que eu podia ver ou ouvir era Ajax, tudo que eu podia sentir era sua mão na minha...

O carrinho sacudiu, disparando para frente como uma bala de uma arma.

Segurei a mão de Ajax enquanto nos lançamos para frente, subindo direto no ar pelo que pareceram séculos.

— Puta merda, — disse Ajax quando chegamos ao topo. O céu noturno se estendia diante de nós, perto o suficiente para que eu imaginasse estender a mão para tocar as finas nuvens que decoravam o céu estrelado.

Um piscar de olhos e nós disparou para baixo, uma queda livre como nenhuma outra roubando qualquer grito que eu pudesse ter conseguido. Eu joguei minhas mãos no ar, um sorriso se estendendo enquanto continuávamos caindo, o vento mordendo meu rosto enquanto subíamos para frente.

Voltei meu olhar para Ajax, notando um sorriso em seu rosto também, uma espécie de brilho selvagem em seus olhos enquanto íamos espiralando de cabeça para baixo e para frente novamente até que finalmente nivelamos. A montanha-russa nos fez parar tão bruscamente que senti no peito, mas não consegui parar de rir quando Ajax me ajudou a sair do brinquedo.

— Isso foi incrível! — Eu saltei na ponta dos meus pés, sentindo a corrida sacudir através de mim, meu coração disparado. Todos esses anos, eu tinha medo de que algo assim me matasse, e aqui estava eu, alegre e emocionado e desejando mais. — Vamos ir de novo!

Ajax sorriu. — O que você quiser, — ele disse, apenas provando ainda mais que ele não era real. *Quero dizer, que tipo de estranho me daria prazer por este tempo?*

Duas horas e muitas pedaladas de montanha-russa depois, Ajax ficou do lado de fora do meu carro no estacionamento. Enquanto esperava na fila, eu tinha aprendido que ele trabalhava com cobranças, mas ele não me disse que tipo de cobrança ele fazia. Por seu olhar, eu o imaginava como um caçador de recompensas, mas, por outro lado, eu também podia vê-lo facilmente sendo um anjo da morte que veio aqui para cobrar minha alma, então tudo funcionava de qualquer maneira. Descobri também que ele era um ouvinte fantástico, com uma sagacidade rápida, que tinha uma fraqueza por reality shows. Ele também adorava petiscos tanto quanto eu. Sim, eu estava pensando que ele era perfeito demais para ser real.

Mas eu não conseguia me lembrar de um momento em que eu tinha me divertido tanto

— Posso mandar uma mensagem para você algum dia? — Eu perguntei. — A menos que você planeje me perseguir até em casa, anjo?

Ajax pegou meu telefone da minha mão estendida, digitando um pouco agressivamente na tela antes de devolvê-lo para mim.

Eu sorri para o nome de contato que ele deu a si mesmo. *Grim Reaper de Grace*.

— Belo toque, — eu disse, odiando não ter coragem de dizer o que estava pensando - que queria que ele viesse para casa comigo.

Três meses.

Isso é tudo que eu tinha para viver o máximo que podia, e eu sabia que uma noite com ele - inferno, uma *hora* - seria realmente viver.

Mas só porque eu sabia que estava morrendo não significava que eu poderia facilmente mudar toda a minha personalidade. Eu ainda era a tímida Grace que se sentia mais confortável perdida no mundo dos livros do que no mundo real. Eu gostava de estudar as mentes, desde que não fosse a minha, e tomava café à meia-noite porque detestava dormir. E em nenhum lugar dessa lista de qualidades encontrei a coragem de que precisava para convidá-lo a vir comigo.

— Até outro dia, — disse Ajax, lentamente se afastando do meu carro.

— Espero que sim, — eu disse, alcançando minha bolsa para pegar minhas chaves. — Espera, como você vai chegar em casa? — Eu perguntei, olhando para cima da minha bolsa para encontrar nada além do vazio diante de mim. Olhei ao redor do estacionamento, notando outros clientes do parque voltando para seus carros, mas nenhum sinal do gigante que me fez companhia a noite toda.

Corri para o meu carro, meus dedos levemente trêmulos enquanto eu respirava fundo.

Talvez eu realmente o tivesse manifestado, mas se fosse esse o caso, eu não poderia ter manifestado ele voltando para casa comigo?

— Muito obrigada, — resmunguei para mim mesma antes de ir para casa.

Estacionei do lado de fora da pequena casa de dois quartos que aluguei, notando que a luz da minha varanda havia se apagado. Olhei por cima do ombro, incapaz de me livrar da sensação de que alguém estava me observando, mas não vi ninguém na minha rua tranquila. Nem mesmo minha vizinha intrometida, Karen. A cidade estava silenciosa, exceto pelo som dos insetos cantando suas melodias noturnas.

Ainda assim, corri para dentro de casa, trancando a porta rapidamente atrás de mim, incapaz de me livrar desse sentimento. Depois de algumas respirações profundas, balancei a cabeça para mim mesma. Provavelmente era apenas a morte espreitando por cima do meu ombro, e eu sabia que nunca seria capaz de fugir dela.

3

Ajax

— Verificamos esta área pelo menos três vezes no mês passado, — disse Talon, seu aborrecimento mais do que óbvio enquanto caminhávamos no lado das bruxas da fronteira florestal entre nossos territórios com Benedict em nossa última rota da noite.

— E vamos verificar todas as semanas no próximo mês, — Benedict respondeu com um suspiro, aproximando-se da casa de fazenda vazia à nossa frente que pertenceu ao clã Greenbriar. — A irmã de Jocelyn nos pediu ajuda para levar o resto dos traidores do clã Greenbriar à justiça, então é isso que faremos por ordem do Conclave.

Talon me lançou um olhar pelas costas de Benedict, então revirou os olhos.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Eu vi isso, — disse Benedict por cima do ombro. Depois de semanas de parceria conosco em patrulhamento das terras das bruxas, ele geralmente aguentava nossas merdas, o que só me fazia sorrir mais. Não era culpa dele que sua relação como cunhado da rainha das bruxas o obrigasse a estar em todas as patrulhas em seu território.

— A porra que você viu, — Talon respondeu. — E vamos lá, eu sei que sua companheira é uma bruxa híbrida e sua irmã é a Rainha das Bruxas, mas você vai mesmo me dizer que patrulhar possíveis bruxas traidoras é o melhor uso do nosso tempo?

A lua brilhava na clareira entre a floresta e a casa da fazenda, tornando fácil ver que as últimas pegadas ao redor desta área eram nossas.

— Acho que já estamos dispersos, — disse Benedict, agachando-se para tocar uma pegada que tinha facilmente quatro semanas e examinando a propriedade com uma atenção aos detalhes que eu respeitava. — Eu aprecio o Conclave acumulando mais sobre nós enquanto estamos procurando por Samuel e os Sons? Não, mas é o trabalho que nos foi confiado. — Ele se virou, arqueando uma sobrancelha para nós. — E antes de começar com o *no meu tempo...*

Eu ri, meus ombros tremendo com a impressão estranha de Benedict de Talon.

— Ei, em nossos dias, caçar Samuel teria sido nossa *única* missão. É para isso que os caçadores foram criados. — A espinha de Talon endureceu. — Ajuda-me aqui, Ajax.

— É verdade, — eu disse, estudando a paisagem ao redor da casa. Senti o resíduo da velha magia, estranha e antinatural para mim, mas nada de novo.

— Bem, nós evoluímos para a multitarefa, — disse Benedict. — Acredite ou não, a loucura do sangue não tem sido exatamente o problema para nós como foi para vocês, veteranos, dadas as nossas conveniências modernas como... oh, Conclave. O tratado

faz mais do que nos tornar os carrascos dos sobrenaturais de Edgemont. Ele também fornece alimentadores humanos dispostos porque eles vivem sob nossa proteção.

Eu zombei. — Se você acha que a loucura de sangue tem alguma coisa a ver com a disposição dos alimentadores, então não sabe nada sobre caçar um vampiro louco por sangue.

— Você está certo, — Benedict admitiu, levantando-se. — Não sabemos o suficiente. É por isso que temos sorte de termos conseguido acordá-lo, embora nossa preocupação tenha sido principalmente os Sons, não os loucos por sangue. Os poucos que se tornaram loucos por sangue no último século eram todos relativamente jovens e solitários. Fácil de rastrear. Fácil de matar. Não consigo me imaginar vivendo quando eles eram organizados e uma ameaça constante. — Ele se virou para olhar para nós. — Ou como você conseguiu acabar com a maioria dos antigos fanáticos por sangue antes de nossas conveniências modernas.

— Porque nós somos bons pra caralho. — Talon sorriu.

Olhei para a pistola no coldre na minha coxa e pensei nas espadas que carregávamos, nas adagas e nos arcos. — Tenho que admitir, você tem armas melhores neste século, embora eu nunca seja contra usar minhas próprias mãos.

— Toda a coisa do encanamento interno é boa também, — Talon disse com um encolher de ombros. — E eletricidade. Isso é um bônus.

Eu balancei a cabeça. — Eu sou um fã de televisão e filmes, particularmente. — E montanhas-russas, embora eu tenha guardado esse pensamento para mim. Meu momento com Grace

parecia ainda mais precioso porque era um segredo - algo que quase nunca tive - de meus irmãos.

— E a incrível disponibilidade de informações. — Talon cruzou os braços sobre o peito. — Você pode aprender o que quiser com apenas alguns cliques em um computador ou telefone. É incrível.

— É, — Benedict concordou.

— Mas nada disso muda o fato de que nossos talentos estão sendo desperdiçados esta noite, — disse Talon, trazendo-nos de volta ao seu ponto original com um olhar aguçado para Benedict. — Está claro que ninguém vem aqui há semanas. Patrulhamos todas as rotas aprovadas pela Rainha das Bruxas...

— Entendi. — Benedict levantou as mãos. — Vamos voltar para o...

Talon terminou antes que Benedict pudesse terminar.

— Pelo amor de Deus, — Benedict murmurou. — Ele é sempre tão impaciente?

— Sim. — Eu cocei a nuca no meu queixo. — E em defesa do meu irmão, estamos acostumados a responder apenas ao rei, não a um comitê de outros sobrenaturais. Leva algum tempo para se acostumar. Por mais rápida que seja a tecnologia neste mundo, todo o resto se move um pouco mais devagar do que estamos acostumados.

— Como assim? — ele perguntou com genuína curiosidade.

— Se...Samuel tivesse acontecido *em nossa época*, nós teríamos saído - nós cinco - com um único foco. *Caçá-lo*. Teríamos deixado o tribunal há semanas. — Havia tanta misericórdia na

minha voz quanto havia no meu coração por Samuel - nada. Ele havia traído Saint, mantido meu irmão acorrentado a um muro e quase morto de fome, sequestrado nossa princesa, e trabalhado com os Sons of Honor para derrubar nosso rei. — Não haveria patrulhamento das terras de outras espécies. Nenhum despacho com lobisomens que quebram suas leis... — Eu estremeci. — Quero dizer *nossas* leis. Posso ter feito uma pausa para nos dar os preciosos meses de que precisávamos para nos ajustar ao seu século, enquanto você achava que eram apenas alguns dias, mas ainda estamos nos atualizando.

Benedict inclinou a cabeça. — Estou começando a entender isso.

— Nós colocamos uma boa frente, mas um ano atrás era o ano de 1500 para nós. — Eu poderia escapar do tempo - e manter os outros comigo naquela esfera - pelo tempo que precisasse, mas apenas nas minhas imediações.

Ele olhou para mim por um segundo, então assentiu. — Registrado. Devemos voltar?

— Por favor, antes que o tédio me mate, — eu disse secamente.

Benedict riu e nós nos afastamos, cortando camadas geladas de tempo e espaço e entrando no pátio entre Domum e a residência.

— Demoraram o suficiente, — Talon disse em saudação do centro do pátio quando Lyric, nossa rainha, saiu do Domum, escoltada por Jocelyn e... Cassandra.

A nobre fêmea possuía a beleza vampírica clássica, não havia como negá-la. Suas maçãs do rosto eram altas, seu corpo longo e ágil, e ainda assim ela não me emocionava do jeito que um único olhar para Grace fazia.

Esquisito. Os vampiros eram biologicamente programados para serem atraídos pelas fêmeas que nos dariam a melhor chance de prole forte – especialmente guerreiras, e ainda assim eu apreciava a beleza de Cassandra – até mesmo a de Lyric e Jocelyn – sem nem um pinga de atração.

Talon e eu inclinamos nossas cabeças ante a aproximação da rainha.

— Rapazes. — Lyric suspirou. — Pensei que tínhamos falado sobre isso. Parem com isso.

Eu levantei minha cabeça e fiz uma careta. — Velhos hábitos e tudo mais.

Cassandra olhou para mim, então seu olhar passou de Benedict para Talon e ela empalideceu ligeiramente. — Estarei disponível caso precise de mais alguma coisa, Lyric. — Ela ofereceu um sorriso à nossa rainha e quase correu de volta para o Domum.

— Companheiro, — Jocelyn disse com um sorriso malicioso, deslizando nos braços de Benedict e inclinando-se para um beijo, que ele retribuiu.

Huh. Talvez viver para sempre não parecesse tão... sem sentido quando acasalado. Todos os assassinos pareciam não apenas

contentes, mas delirantemente felizes com as fêmeas em suas vidas. Até mesmo Hawke sorria de vez em quando.

— Cassandra novamente? — Benedict perguntou, mantendo o braço em volta da cintura de sua companheira depois de se afastar.

— Ela tem ajudado os nobres, — Lyric respondeu. — Por mais que os habituais na corte tenham se acostumado a ter uma rainha humana...

— Você não é mais humana, — Benedict argumentou.

— Seja como for, alguns dos nobres que estão se abrigando conosco desde que os ataques aumentaram recebem instruções de Cassandra com mais facilidade e, honestamente, eu realmente não me importo de delegar. — Lyric encolheu os ombros.

— Eu me preocupo que alguém que te traiu uma vez faça isso de novo, — Talon disse, cruzando os braços sobre o peito e olhando para as costas de Cassandra.

— Ela foi mais mesquinha para mim do que traidora, — Lyric o lembrou. — Foi o pai dela que nos traiu. Traiu *você*.

— Ela tem irmãos, — Jocelyn disse calmamente, movendo-se para o lado da rainha. — O rei pode ter matado o pai dela, com boas razões, é claro, mas ela não faria nada que arriscasse a vida de seus irmãos.

— Eu acho que teremos que ver, — Talon comentou. — Confie em mim, há uma razão pela qual as criaturas mais bonitas do reino animal exercem tanto fascínio. Para atrair e prender suas vítimas.

— Vou manter isso em mente, — Lyric prometeu enquanto se dirigia para a casa com Jocelyn ao seu lado.

Uma risada escapou de mim, saindo como um ronco antes que eu pudesse impedir enquanto as fêmeas se afastavam.

— Sério? — Talon perguntou.

— Você acha Cassandra bonita, meu irmão. — Eu sorri, provocando meu irmão, embora eu já tivesse pensado nisso.

— Vai se foder. — Ele me mostrou o dedo médio e seguiu a rainha.

Benedict olhou para mim, sua testa franzida em pensamento.

— O que é isso, Portador da Verdade? — Eu perguntei.

— Você disse isso duas vezes sobre Talon, — ele meditou. — Que ele é seu irmão.

— Todos eles são. — Eu levantei uma sobrancelha para o assassino. — Zachariah, Dagon, até o Saint.

— Só não esqueça que nós também somos. — Ele recuou alguns passos e então se virou para entrar na residência. — Ah, e já que Dagon e Saint não deixaram exatamente seus planos delineados, você está livre o resto da noite, — ele disse por cima do ombro.

Eu verifiquei meu relógio. Passava um pouco da meia-noite e eu estava livre? Eu deveria ter tempo para me alimentar, mas afundar minhas presas em um dos pescoços humanos dentro do Domum não era atraente.

Eu sabia exatamente onde queria estar.



Dirigir era definitivamente a melhor parte da vida neste século. O motor do Range Rover ronronava enquanto eu seguia o mapa na tela brilhante, fazendo as curvas que o computador me mandava.

Eu teria preferido muito mais ter caminhando, mas nossos poderes estavam limitados aos lugares onde estivemos antes, e eu certamente nunca tinha estado neste local em particular. Era um bairro bem dentro do território humano com casas que eu sabia que eram de artesãos devido à fixação de Dagon com a HGTV enquanto estávamos saindo do Stasis.

Encontrando o endereço que eu havia recuperado de um banco de dados on-line, estacionei na rua para não assustar a Grace.

Eu só queria passar pela casa dela para ter certeza de que nada estava errado. Ela era tão cheia de vida, tão empenhada em viver ao máximo que eu não conseguia aguentar a ideia de ela se machucar, ou pior, de sua vida ser interrompida.

Enfiando a chave no bolso, caminhei pela calçada irregular de seu bairro, observando onde as raízes das árvores haviam se levantado e rachado o cimento com o crescimento ao longo dos anos. A noite estava suave como um amante ao meu redor, o som dos grilos me fazendo sorrir.

Aproximei-me da casa que a internet dizia ser dela e encontrei a luz da varanda acesa, o som rítmico de metal rangendo suave acompanhando a visão de um balanço balançando na varanda.

Quem diabos estava na varanda dela? Peguei minha Sig.

— Sou só eu, — disse ela. — Embora eu tenha certeza de que meus vizinhos não gostariam que você gritasse sobre minha companhia imaginária.

Minhas sobrancelhas se ergueram e deixei minha arma no coldre. Merda, eu tinha falado de novo sem perceber? Isso estava se tornando um mau hábito perto dela. — Eu não estava gritando, — eu disse em minha defesa, subindo os degraus de madeira de sua varanda.

— Pode muito bem ter sido, — ela disse com um sorriso de onde ela estava deitada no balanço da varanda, gentilmente empurrando o chão com a perna que ela deixou balançar.

Seu perfume de frésia e peônias me atingiu, e eu concentrei meu foco em manter minhas presas onde elas pertenciam – guardadas. Porra, a pontada de fome no meu estômago foi inesperada. Talvez eu realmente *devesse* ter tido tempo para me alimentar. Joguei fora todos os escudos que tinha como se me proteger mentalmente fosse mantê-la a salvo de mim.

Ela estava vestida para dormir com um par de calças xadrez e um suéter - não, um *moletom* - com o logotipo da universidade local na frente. No meu século, ela estaria em um vestido, mas, por outro lado, no meu século, uma mulher tão deslumbrante nunca teria sido deixada sozinha em uma varanda. Balancei a cabeça e lembrei a mim mesmo que *este* era agora o meu século.

— Você vai ficar aí parado olhando para mim? — ela perguntou com um sorriso, franzindo o nariz como se tivéssemos planejado isso.

— Você não vai perguntar como eu sabia que você morava aqui? — Encostei-me no poste robusto de seu alpendre e enfiei minhas mãos nos bolsos de meus couros para evitar que chegassem até ela.

— Não. — Ela deu de ombros e fechou o livro, deixando-o sobre o estômago enquanto continuava a balançar. — O Grim Reaper sabe onde todo mundo mora, não é?

Abri um sorriso. — Não estou aqui para tirar sua vida, Grace.

— Mesmo que, não sei se seria um mau jeito de morrer. — Ela se sentou e cruzou as pernas embaixo dela. — Mas no que diz respeito às invenções da minha imaginação, você é definitivamente a alucinação mais sexy que já tive.

— Não sou uma alucinação. — Eu assisti, totalmente extasiado, enquanto ela puxava um círculo de tecido de seu pulso e então amarrava o cabelo em algum tipo de nó e o prendia.

— Certo. Então você insiste em dizer. — Ela revirou os olhos. — Eu tenho que dizer que você é definitivamente um benefício deste tumor.

Meu sorriso caiu, e eu respirei fundo. Certo. Ela tinha um tumor. Ela estava morrendo. Como eu poderia me encantar com sua paixão pelo pouco tempo que lhe restava e desprezar sua doença ao mesmo tempo? — O que você está fazendo aqui tão tarde? — Eu perguntei, principalmente para mudar de assunto.

— Eu deveria estar te perguntando à mesma coisa.

— Eu queria estar perto de você. — A veracidade da declaração franziu minha testa. — E para verificar se estava bem acomodada.

— Veja, caras normais usam o número de telefone que a garota dá a eles, — ela brincou.

— Não sou um cara normal. — Dei de ombros. — E quando eu terminei de trabalhar esta noite, imaginei que você já estivesse dormindo, considerando que precisa descansar.

— Haverá muito tempo para dormir quando eu morrer. — Ela olhou além de mim para a noite. — Não quero perder um único segundo.

Meu estômago revirou. — Mas você pode ter mais segundos se descansar para poder lutar contra sua doença.

— Minha mãe lutou. Não fez muito bem a ela, — ela disse suavemente, olhando para o livro e mexendo nas páginas. — O que você prefere ter? Um tempo mais curto vivido ao máximo, ou um tempo mais longo que não é tão bom porque você está doente por causa do tratamento?

— Não sei. — Esfreguei a nuca. — O tempo é um conceito relativo para mim. Quanto mais tempo eu vivo, menos parece significar.

— Bom problema para se ter. — Ela deu um tapinha na almofada ao lado dela. — Venha sentar-se. Ficar olhando para você está me dando um torcicolo.

Eu andei em direção a ela lentamente, certificando-me de não deslizar acidentalmente em uma velocidade sobrenatural e assustá-la, e então gentilmente puxei as correntes que prendiam o balanço no lugar.

— Você não vai quebrá-lo, — ela prometeu, dando tapinhas novamente.

Sentei-me cuidadosamente.

Ela riu, o som me atingindo bem atrás das minhas costelas. — Relaxe, Grim. Você está todo rígido, como se nunca tivesse se sentado em um balanço.

— Eu não me sentei. — Inclinei-me para trás, testando a madeira com meu peso. Ele rangeu, mas não cedeu.

— Estou aqui pensando em todas as coisas extraordinárias que gostaria de fazer com o pouco tempo que me resta, e você nunca se sentou em um balanço? — Ela me cutucou com o ombro.

— É a primeira vez, — eu concedi. — E posso admitir, durante muito tempo, pensei que todas as minhas vezes tinham passado despercebidas.

— Ah, um homem experiente. — Ela soltou um enorme bocejo.

— Você deveria dormir um pouco.

— Então outro dia dos meus três meses se foi. — Ela apertou o livro em seu colo e seu cheiro mudou sutilmente.

Medo. Ela estava com medo de dormir. E mesmo assim eu sabia que dormir era a maneira mais eficiente para os humanos se curarem. *Não há como curá-la.*

Três meses. Grace nunca seguraria seu próprio filho, nunca os veria crescer. Ela não celebraria outro solstício - se os humanos ainda fizessem isso, ou saborear a primeira neve do ano. Três meses não davam a ela nada a não ser o verão. Ela certamente não

viveria o suficiente para ser uma noiva ou suportar o acasalamento de um macho...

Ela é humana, seu idiota. Eles não acasalam.

E depois de séculos em torno das fêmeas de minha própria espécie, eu perdi a esperança de que também.

— O que você está lendo? — Eu perguntei, já que nenhum desses pensamentos podia ser dito.

Sangue corou suas bochechas, e eu travei minha mandíbula para manter minhas presas no lugar. Deus, ela cheirava ainda melhor assim tão perto, mas só um animal desejaria debilitá-la ainda mais, alimentando-se.

— É um romance paranormal. — Ela deu de ombros.

— Paranormal como... — Peguei o livro e ela o entregou.

— Vampiros.

Eu quase me atrapalhei com o livro de bolso do tamanho de uma mão. — Perdão?

Ela apontou para a capa, onde pingava uma rosa vermelho-sangue. — É o terceiro livro da série *Eternal Nights*. Passei tanto tempo lendo livros acadêmicos para a faculdade que quase esqueci como a ficção é divertida.

— Huh. — Abri na página amassada. — Que tal eu ler para você? — Esperava que ela adormecesse e descansasse um pouco daquele tão necessário descanso.

— Você vai ler um romance para mim? — Suas sobrancelhas se levantaram com o tom de sua voz.

— Por que não? — Olhei para a página. — Parece um bom uso do meu tempo.

— Como quiser. — Ela agarrou o travesseiro ao seu lado, colocou-o no meu colo, então girou, deitando-se de forma que sua cabeça descansasse no travesseiro e seus pés balançassem na ponta do balanço.

Destemida. A mulher era fodidamente destemida.

E eu adorei.

— Você pode começar. — Ela sorriu para mim.

O desejo de moldar minha boca à dela e beijá-la sem sentido quase dominou meu bom senso. Por pouco.

Prove, meus instintos exigiam.

Cale a boca. Não estou com disposição para suas merdas esta noite.

Comecei a ler, entendendo o enredo rapidamente. A heroína era uma detetive morena mal-humorada, disposta a resolver uma série de assassinatos que ela tinha certeza de que o herói - um vampiro de cem anos - havia cometido.

Eu imediatamente fiquei do lado dele.

A partir deste capítulo, ela começou a suspeitar que ele era um morto-vivo, o que quer que isso significasse. — *Agarrei o crucifixo que minha avó me deixou, colocando-o em volta do pescoço,* — li, balançando suavemente o balanço com cada impulso de meus pés contra a varanda. — *Era minha melhor defesa...* — Eu bufei.

— O que foi? — Grace perguntou.

— Esta autora acha que o símbolo da fé cristã vai protegê-la dos vampiros? — Que tipo de bobagem mais havia aqui?

— Bem, sim. — Grace olhou para mim como se eu fosse um tolo.

Porra, seus olhos eram lindos. — Isso é simplesmente... ridículo. Um crucifixo não vai protegê-la de um vampiro.

— Oh? E o que protegeria? — ela perguntou.

— Luz do sol ou outro vampiro, — eu respondi.

— Então você é um especialista em vampiros agora, não é?

— Eu me consideraria um, sim. — Eu virei a página.

— Por quê? Por que você leu *Drácula*? Cada autor pode criar suas próprias regras. É ficção. Continue. Quero ver se você cora nas partes sexys. — Seus olhos brilharam.

— É difícil me fazer corar com *qualquer coisa* quando você viveu tanto quanto eu. — Comecei a ler novamente, revirando os olhos enquanto a detetive se armava com uma raiz e saía noite adentro em busca de seu assassino.

Naturalmente, ela estava sexualmente atraída pelo vampiro. Nossa espécie usava nossa aparência a nosso favor quando se tratava de presa humana. Pelo menos isso era real.

A respiração de Grace se acalmou enquanto ela estava deitada no meu colo, ouvindo.

Quando o vampiro cortou os lábios da detetive em uma tentativa maldosa de beijá-la, balancei a cabeça.

— O quê? — Grace sussurrou, suas piscadas ficando cada vez mais lentas. — Não é realista?

— Eu acho que se você tem apenas cem anos, faz sentido, — eu murmurei. — Mas nenhum vampiro respeitável vai ser tão descuidado na primeira vez que beijar alguém. Mostra uma total falta de autocontrole.

— Eu acho que é meio sexy, — disse ela.

Eu olhei para ela, lutando contra a dor em minhas próprias presas para descer, morder, provar e reivindicar. Mas eu não era um jovem de cem anos. Eu tinha algum maldito controle. — Claro que você acha. Provavelmente você correria até o primeiro vampiro que encontrasse e se oferecesse apenas para poder sentir que viveu sua vida ao máximo.

— *Hmmm.* Não é uma má ideia.

Meus olhos queimaram, e eu empurrei meu olhar dela e de volta para o livro. Eu não estava indo por esse caminho. Não. Nem mesmo pensando nisso.

Eu li até que o ritmo de sua respiração desacelerou com seu batimento cardíaco, então continuei até ter certeza de que ela estava profundamente adormecida. Ela era tão confiante. Confiante demais.

Minha. No silêncio da noite, meus instintos aumentaram.

Não é sua, seu idiota.

Coloquei o livro no bolso e me levantei com cuidado, levantando Grace em meus braços. Sua cabeça rolou contra o meu peito, mas ela não acordou, apenas provando meu ponto de vista

de que ela precisava dormir. Então eu abri a porta da frente e me dirigi para onde seu cheiro era mais forte, subi as escadas e entrei na primeira porta à esquerda.

Seu quarto estava um pouco bagunçado, a decoração totalmente feminina, e eu tive que sorrir por ela ter deixado a cama desarrumada. Tornou mais fácil deslizá-la entre as cobertas.

Aconcheguei-a, levando os cobertores até o pescoço, e então listei todos os motivos pelos quais seria errado sentar-me naquela poltrona perto da janela e observá-la dormir, decidindo pelo motivo número treze: *era assustador pra caralho*.

Então verifiquei as fechaduras de todas as janelas e as travas da porta da frente e de trás antes de sair de sua sala de estar para onde estacionei o carro.

Meus instintos rugiram que eu a estava deixando indefesa e, de certa forma, eles estavam certos: eu não poderia protegê-la da mesma coisa que a matava por dentro.

4

Grace

—Você ainda toma essa bobagem sem creme e açúcar? — Maria perguntou enquanto segurava o bule de café comunitário em seu prédio de escritórios.

— Sim, — eu disse, sorrindo para ela enquanto ela me servia uma xícara da coisa boa.

Ela balançou a cabeça, me entregando o copo de papel. — Aqui está a sua água quente de feijão então, — ela disse, então preparou uma para ela, enchendo-a com açúcar e creme de hortelã-pimenta.

— E aí está sua xícara de açúcar quente, — eu provoquei de volta, e nós batemos nossos copos de papel juntos antes de seguirmos pelo corredor até o escritório dela. — Como vão as coisas esta semana? — Eu perguntei uma vez que me sentei do outro lado de sua mesa.

Maria era minha *única* família, mas ela tinha uma extensa própria que incluía o maior número possível de crianças necessitadas em casa. Ela começou pequena, mas acabou expandindo seus escritórios para incluir uma propriedade certificada onde aqueles que não pudessem ser colocados em um lar adotivo imediatamente poderiam ficar e ter algum senso de estabilidade antes de fazer a transição para o próximo.

— No mesmo dia, diferentes pessoas necessitadas, — disse ela, acomodando-se atrás de sua mesa.

Tomei um gole do meu café preto, suspirando quando a intensidade atingiu minha língua. A cafeína não foi comprovada clinicamente para ajudar com minhas dores de cabeça ou com as vozes - na verdade, deveria impedi-las - mas de alguma forma, uma xícara forte sempre entorpecia a dor atrás dos meus olhos.

— Como você está, querida? — Maria perguntou, preocupação enrugando seus quentes olhos azuis. Seu cabelo escuro estava preso em um coque, nem uma mecha fora do lugar, e ela parecia perfeitamente arrumada em um terninho de cor creme. A mulher sempre irradiou esse calor e exuberância que tentei imitar ao longo da minha vida, mas nunca seria capaz de dominar seu senso de estilo.

— Estou... — Soltei um suspiro antes de me esconder atrás de outro gole de café. Maria me assumiu como sua depois que minha mãe faleceu. Uma das raras crianças que ela criou em sua propriedade e nunca se mudou. Eu a amava, pensava nela como uma família, o que fez as palavras se enredarem na minha garganta. Ela era a única a quem eu tinha que contar sobre minha condição e, embora ela provavelmente já suspeitasse, eu tinha que lhe contar a verdade. — Estou morrendo, — deixei escapar as palavras.

— Criança, — disse ela, balançando a cabeça. Ela pousou o café e contornou a mesa para se sentar ao meu lado. Suas mãos agarraram as minhas. — É como você suspeitava?

Eu balancei a cabeça. — Assim como a mamãe.

A emoção se agitou em seus olhos, mas ela manteve o queixo erguido. — Quando você começa o tratamento?

— Eu não vou, — eu disse, e ela me lançou um olhar de repreensão. — Não me olhe assim. Não vou passar os últimos dias em tratamento.

— Mas, Grace...

— Não, — eu disse. — Maria, você sabe, se houvesse esperança de que eu sobreviveria a isso, com certeza faria o tratamento. — Os olhos dela se suavizaram. — Mas não há como sobreviver. Eventualmente, vai me matar. Ignorar o tratamento apenas me dá tempo sem ser comida viva ou zumbificada por drogas. Hora de fazer as coisas que sempre quis.

Ela assentiu, soltando minhas mãos. Eu me inclinei para trás no meu assento, suspirando.

— Eu só queria não ter perdido tanto tempo fazendo meu doutorado. Nunca terei pacientes agora ou sentirei a satisfação de ajudar alguém a encontrar as ferramentas necessárias para navegar em sua saúde mental.

Eu queria abrir meu próprio consultório particular aqui mesmo nos escritórios de Maria.

Esse sonho se dissolveu em uma névoa, junto com quaisquer outros que eu possa ter tido ao longo dos anos, como ter um cachorro.

Maria, pela primeira vez na história, me olhou sem palavras.

— Deveria ter saído mais também, — eu disse, só para preencher o silêncio. — Dançado mais. Comido mais. — Eu

balancei minha cabeça. — Viajado mais. Em vez disso, passei minha vida me preocupando em ganhar dinheiro, fazendo malabarismos com dois empregos apenas para pagar meu diploma universitário que agora é inútil.

Eu já havia desistido do meu trabalho de barista e de bartender.

— Grace, você nunca foi de sentir pena de si mesma, — disse Maria, mas eu ainda podia ver a dor crescendo em seus olhos, como se ela já estivesse sentindo minha perda, apesar de eu estar sentada ao seu lado.

Eu queria que fosse diferente, queria não estar causando esse tipo de dor a ela, mas ela merecia saber. Teria doído ainda mais se um dia ela simplesmente descobrisse que eu havia falecido sem contar a ela sobre minha condição.

— Agora, você recebeu uma mão de merda, meu amor, — ela continuou. — Realmente recebeu. Você foi feita para muito mais do que isso, mas não podemos voltar no tempo agora, podemos?

— Não seria divertido? — Eu sorri com o pensamento.

— Se você pudesse, o que você faria? — ela perguntou.

— Eu me preocuparia menos e me divertiria mais, — respondi imediatamente.

Passei grande parte da minha vida em constante estado de preocupação - preocupação com o que aconteceria comigo se Maria se cansasse de mim e se livrasse de mim, preocupada com o fato de ser um peso para alguém. Preocupação com o dinheiro, a faculdade, os garotos e todas as coisas que eram simplesmente

exaustivas. E medo, tanto medo. Medo de aranhas e alturas e montanhas-russas e tudo o que colocasse meu corpo em risco perigo. A piada estava em mim - o meu corpo tinha feito isso por si só.

— Eu faria bungee jumping, paraquedismo e comeria todas as sobremesas. Eu me preocuparia menos com calorias e experimentaria mais comidas novas. Viajaria para todos aqueles lugares com que sonhei - Itália, Paris e Irlanda.

Maria me deu um sorriso suave, depois deu um tapinha na minha perna. — Então o que diabos você está fazendo perdendo tempo aqui no meu escritório? — Fiquei boquiaberta com ela, mas seu sorriso se aprofundou. — Eu te amo, Grace. Se eu pudesse levá-la para fazer essas coisas, eu levaria. Mas tenho pessoas aqui que precisam de mim.

— Eu sei disso, — eu disse. — Eu nunca pediria isso a você.

— Mas não precisa ficar aqui, chafurdando comigo. Vai lá e persegue essa alegria. Você merece cada grama disso. — Ela se recostou na cadeira. — Há alguém em quem se lembre que possa querer fazer algumas dessas coisas com você?

Um pequeno choque de eletricidade passou por mim ao pensar no Ajax. Fazia três dias desde que ele apareceu magicamente na minha varanda e leu para mim o romance atual que eu estava devorando. Calor varreu minha pele com a memória. Sua voz profunda e gutural moldando as palavras na página foi o som mais doce e delicioso que eu já ouvi, embalando-me para um sono tranquilo que se transformou em sonhos com ele usando a língua de outras maneiras para me acalmar. O calor se acumulou em meu

núcleo e tive que piscar algumas vezes para impedir que minha mente divagasse.

Eu olhei para o número de telefone que ele me deu mais de uma vez, pensando em enviar uma mensagem para ele, mas não o usei.

O medo me deteve. Afinal, e se eu ligasse para o número e ele fosse realmente apenas um fruto da minha *imaginação*? O último recurso de uma mente moribunda para a felicidade?

— Acho que sim, — eu disse, me levantando e me dirigindo para a porta dela. — Mas, com toda a honestidade, ele pode não ser real. — O que era mais provável? Que por acaso encontrei um homem insanamente atraente que era gentil, perspicaz, protetor e encorajador, tudo ao mesmo tempo e de alguma forma me achava interessante também, ou que minha mente fragmentada o conjurou de minhas fantasias favoritas para me levar a uma morte deliciosa?

Maria inclinou a cabeça para mim e eu acenei.

— Você ainda está ouvindo vozes, querida? — Maria perguntou.

Eu balancei a cabeça. — Está ficando pior.

Algo estalou atrás de seus olhos, como as engrenagens girando em um relógio. Antes que ela pudesse dizer que estava arrependida ou preocupada comigo, eu pisquei para ela.

— É tudo uma boa diversão, agora, — eu disse. — Dessa forma, posso fingir que tenho superpoderes ao sair. — Soprei um beijo para ela e fechei a porta atrás de mim.

Eu estava com meu telefone na mão quando afundei ao volante do meu carro e, antes que pudesse me acovardar, cliquei nas informações de contato do Ajax.

Meu joelho saltou enquanto eu esperava, o sol totalmente posto agora fora do meu carro.

Ele não atendeu.

E eu me sentei lá, observando a noite ganhar vida ao meu redor, contemplando seriamente minha sanidade. Revendo cada detalhe em minha mente para tentar me convencer de que não havia como eu realmente ter conjurado...

Meu telefone vibrou em minhas mãos, me tirando dos meus pensamentos.

O Grim Reaper de Grace apareceu na minha tela, e meu coração literalmente palpitou no meu peito.

— Oi, anjo da morte, — eu disse como resposta.

— Oi, pequena humana, — ele falou, e eu juro que meu sorriso se alargou.

— Tem planos para esta noite? — Eu perguntei.

— Não a partir de agora, — ele disse. — O que você tem em mente?

— O que você acha de bungee jumping?



— Então, qual é a sua história, Grace? — Ajax me perguntou uma hora depois, enquanto esperávamos nossa vez de pular de uma das pontes mais altas de Edgemont.

A água que abraçava a fronteira de Edgemont brilhava sob a luz da lua, pequenas ondulações se estendendo em direção ao horizonte. À distância, pude distinguir claramente uma das pontes mais famosas de Edgemont, um local histórico com uma arquitetura lindamente construída em calcário claro que parecia quase fantasmagórica à noite. A cidade brilhava como diamantes ao nosso redor, dando-nos a vista perfeita. Foi uma das razões pelas quais o lugar noturno de bungee bungee era tão popular.

— Minha história... — Eu franzi minha testa, olhando para cima e para *cima* para ele.

Ele usava jeans escuro desta vez, e uma Henley branca de manga comprida que abraçava cada centímetro de seus músculos, e botas pretas que pareciam velhas e bem usadas. Ele também estava amarrado em um arnês preto que combinava com o meu, e parecia bom o suficiente para comer ali de pé, a lua cheia e iluminada atrás dele enquanto ele se encostava na grade da plataforma em que esperávamos, que tinha pelo menos trezentos metros de altura.

— Por que você quer saber minha história? — Eu perguntei honestamente. Eu não pude deixar de me perguntar por que ele estava por aí. Então, novamente, eu não era uma especialista em namoro. Eu estive alguns anos no primeiro ano da faculdade, mas rapidamente coloquei isso de lado quando decidi fazer meu doutorado na metade do tempo.

Era assim que as pessoas faziam... *relacionamentos*? Encontrar um completo desconhecido em algum lugar e realizar todo o processo de *conhecê-lo*?

Ajax deu de ombros, com um sorriso malicioso no rosto. — Talvez eu esteja fascinado por você.

— Talvez você me perseguiu do lado de fora de um hospital e começou a desvendar a razão de eu estar lá? — Eu provoquei.

Uma pontada atingiu o centro do meu peito quando percebi que estava *flertando* com o gigante. E isso foi totalmente injusto. Mudei de posição, respirando fundo. — Você realmente quer saber minha história?

— Eu realmente quero, — disse ele.

— Tudo bem, — eu disse, encolhendo os ombros. — Acabei de concluir meu doutorado em psicologia...

— Doutorado? — perguntou Ajax. — Você não é um pouco jovem para isso?

Eu segurei uma risada. — Quantos anos você acha que eu tenho?

— Vinte e quatro, — ele respondeu, como se já soubesse minha idade exata.

Eu inclinei minha cabeça. — Ok, então, — eu disse. — Eu me formei na metade do tempo. Tive o dobro da carga de trabalho com a aprovação do reitor.

— É uma grande conquista, não é?

— É, — eu disse.

— Então por que você parece tão triste com isso? — Ele pode muito bem ter me esfolado ali mesmo, tão facilmente ele viu meu coração.

— Eu nunca vou conseguir usá-lo, — eu disse, virando-me para olhar a vista. Os gritos das pessoas à nossa frente ecoaram pela noite.

— Por que você não pode fazer o que quiser com ele no tempo que tem?

Ele estava tão relaxado com a conversa que me fez pensar se ele realmente entendia o que estava acontecendo. Quer dizer, eu tinha sido bastante irreverente sobre isso com ele porque tinha quase certeza de que ele era uma manifestação da minha mente. Se ele não fosse uma... talvez eu precisasse ser mais clara. Clara como cristal.

— Você sabe quando eu brinquei sobre você ser um anjo da morte?

Ele sorriu. — Sim.

— Bem, eu ainda tenho sessenta por cento de certeza que você é. — Ele riu, mas eu continuei. — Eu sei que já brinquei sobre isso tudo com você antes, mas estou supondo que, como estava fora daquela ala específica do hospital, você sabe no que ela é especializada. — Quando ele me prendeu com nada além de um olhar intenso, eu continuei. — Não há como negar. Não vou ficar por perto por muito mais tempo. Eu já mencionei isso antes, mas quero que você entenda. Eu não quero ser nada além de transparente para você. Eu tenho três meses. — Eu bati levemente na minha têmpora. — Tumor cerebral, lembre-se. É a coisa que

tem causado todos os tipos de efeitos colaterais divertidos, como dores de cabeça e ouvir vozes, aqui está ele. Minha história. — Fiz um gesto para a plataforma, notando que havia apenas mais duas pessoas à nossa frente na fila. — Daí toda a adrenalina. — Dei de ombros. — Estou tentando fazer todas as coisas que sempre tive muito medo de fazer.

Ajax estava tão quieto que eu não tinha certeza se ele estava respirando enquanto recebia a informação. Um músculo na mandíbula dele flexionou, e eu apertei minha testa.

— Sinto muito se você pensou que eu estava te provocando ou inventando a história para chamar sua atenção. — As pessoas fizeram isso? Eu realmente esperava que não, mas Deus, eu espero que ele não pense que *eu* fiz. — Definitivamente, eu também não estou tentando ganhar sua pena. Quando você pediu para passar a noite comigo, eu tinha acabado de saber da notícia e estava meio que com vontade de *ferrar qualquer coisa*. Eu não levei em conta que poderia estar perdendo seu tempo. Não que eu esteja insinuando que esteja interessado em mim dessa maneira... — Deus, agora eu estava divagando. — O que eu quero dizer é...

— Grace, — Ajax cortou meu discurso, dando um passo perto o suficiente de mim para que bastasse uma respiração profunda e nossos peitos se tocariam. — Por que você está se desculpendo por sua condição? Está completamente fora de seu controle. E eu te entendi perfeitamente na primeira vez que você falou sobre isso. Nunca pensei que estivesse mentindo ou brincando.

Soltei um suspiro, balançando a cabeça. Ele estava certo. Por que diabos eu estava me desculpando por algo que eu nunca pedi? — Só não queria que você tivesse a ideia errada...

— E que ideia seria essa? Que você só quer me usar para uma aventura como se fosse esses feitos de adrenalina?

Meus lábios se abriram, o calor subindo pelo meu corpo em uma onda que quase fez meus joelhos dobrarem. Imagens de fazer exatamente o que ele sugeriu passaram pela minha mente, roubando minha respiração e fazendo doer em todos os tipos de lugares profundos e apertados.

E de seu sorriso cada vez mais profundo? Ele *percebeu* o quanto suas palavras me afetaram.

Caramba, ele poderia me ler tão bem assim?

— Não estou fazendo isso, — apressei-me em dizer. — Você *me* perseguiu, lembra? A noite da montanha-russa, depois a leitura de romance na varanda? Parte de mim ainda pensa que você está aqui para roubar minha alma.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim. — Você está oferecendo-a para mim?

Eu fiquei boquiaberta com ele novamente, as palavras ficando emaranhadas na minha garganta. — Não tenho certeza se você iria querer isso, — eu finalmente consegui dizer.

Os olhos de Ajax escureceram quando ele se aproximou. — Vou pegar qualquer pedaço de você que queira me dar, Grace.

A consciência ondulou sob a minha pele, me deixando toda ligada e quente. A maneira como ele estava me olhando... como se

ele me *quisesse* de um jeito desesperado e faminto fez minha cabeça girar.

Eu rapidamente balancei minha cabeça. Sem dúvida, eu o estava interpretando errado. — O que você estava fazendo fora daquele hospital, afinal? — Eu perguntei, virando o assunto para ele. — Você vê um médico lá?

Ajax se endireitou, um pouco daquela brincadeira perversa deixando seus olhos. — Não, — disse ele. — Eu estava visitando alguém.

— Oh, — eu disse, ombros caindo. — Eu sinto muito.

— Está tudo bem, — disse ele. — Isso me levou até você.

— Quantos anos você tem? — Eu perguntei, honestamente não sendo capaz de fazer um bom palpite. Talvez trinta e poucos anos, mas com o jeito que ele às vezes olhava para mim... era como se ele estivesse por aqui há muito mais tempo do que eu.

— Oitocentos e setenta, — disse ele, impassível, e isso arrancou uma risada de meus lábios que cortou qualquer tensão anterior persistente em meu peito.

— Claro que sim, — eu disse enquanto as pessoas à nossa frente mergulhavam na ponte. — Que outra idade você poderia ter?

Ele sorriu para mim, aquela diversão que às vezes iluminava seus olhos brilhando lá agora. — Conte-me mais sobre as coisas que você quer fazer antes... — Ele deixou a frase pairar ali, e eu não podia mentir, era revigorante vê-lo tão indiferente sobre toda a coisa da sentença de morte. — São só alturas e sustos ou há

outras coisas que você queira fazer? Coisas que a incomodam e que precisa resolver?

— Estou triste por não conseguir abrir meu próprio consultório, — admiti. — E eu realmente me arrependo de não ter adotado um cachorro antes, mas eu quase nunca estava em casa quando estava na faculdade, então não parecia justo.

— Um cachorro? — Ele franziu a testa. — Você se arrepende de não ter um?

— Ah, não, — eu disse. — Você é uma pessoa que gosta de gatos?

Ele riu, balançando a cabeça. — Não, eu sou uma pessoa que gosta de cachorros. Eu só... acho que esperava que você dissesse que está triste por não poder ter filhos.

Mais uma vez, aquela casualidade com que ele falou sobre minha condição, sobre a morte com tanta facilidade me fez pensar se ele realmente era uma criatura sobrenatural aqui para me levar para o outro mundo.

— Eu nunca quis filhos, não depois de saber que carregava um gene que poderia matar qualquer um que eu tivesse, mas um cachorro? Eu adoraria resgatar um e dar a ele todo o carinho que eu tinha para oferecer.

Ajax franziu os lábios. — O que mais?

Eu ri. — Você é muito bom em perguntar por minha história, mas mal compartilhou nenhuma das suas. — Inclinei minha cabeça para ele. — Isso não te assusta? Toda essa conversa sobre morte?

— Sou amigo da morte há muito mais tempo do que me importo de lembrar, — disse ele, baixando a voz. Um calafrio arranhou minha nuca, meu pulso falhou uma batida.

— O que isso significa? — Eu perguntei, minha voz saindo como um sussurro.

Uma dor surda pulsava atrás dos meus olhos...

Amarre-os. Leia o regulamento. Mais duas e você está fora esta noite. Uma voz desconhecida surgiu em minha mente.

Tão linda, tão frágil - aquela voz era de Ajax.

Deus, por que agora? Por que eu estava imaginando vozes agora?

— Vocês dois estão prontos! — disse o atendente, interrompendo as vozes. Eu abri os olhos e fui até onde ele nos acenou.

Ajax seguiu junto, e o atendente nos fez ficar lado a lado, nossos corpos se tocando enquanto ele nos agarrava juntos. Desta posição, parecia que estávamos no topo do mundo, a água se estendendo centenas de metros abaixo e parecendo continuar para sempre enquanto os sons da cidade atrás de nós se desvaneciam em nada.

— Merda, — eu disse, o medo subindo pela minha espinha com dedos gelados. — Por que você concordou com isso? — Eu perguntei, olhando para Ajax.

Ele sorriu para mim. — Porque você me pediu.

Algo quente estourou em meu peito, mudando sua afirmação de uma forma que não tinha nada a ver com isso. Este homem não

podia significar nada mais para mim do que um momento fugaz no tempo que estava prestes a se esgotar.

O atendente explicou as instruções, dizendo-nos como pular da plataforma quando ele desse o sinal antes de nos pedir que subíssemos até o limite.

Eu não conseguia me mover.

Isto foi tão estúpido. Sim, eu ia morrer, mas não precisava apressar o processo. Por que eu havia...

Ajax deslizou seu braço em torno de mim, deslizando sua mão pelas minhas costas e fixando-a no meu quadril. Já estávamos presos e bem próximos, mas de alguma forma, o gesto me envolveu com um calor que eu não conseguia explicar. Esta sensação ridícula de segurança me rodeou, afugentando o medo enquanto o calor se agitava sob seu toque.

Aquela dor torceu entre minhas coxas novamente enquanto eu saboreava aquele toque, tão inocente, mas tão intenso com seu cheiro girando em torno de mim. Algo dentro de mim desabrochou, como uma flor que desabrochava na noite.

— Está pronta? — ele perguntou, apontando com a cabeça em direção ao sinal de partida que estava piscando.

Eu acenei com a cabeça, minha pulsação se movendo ao longo das veias enquanto ele sorria para mim, segurando meu olhar e mergulhando seu peso para frente - nosso peso para frente - e então estávamos voando.

A queda livre fez com que meu estômago subisse para encontrar minha garganta, mas depois de alguns segundos, o

vento no meu rosto e o braço forte enrolado ao meu redor pareciam como nada mais no mundo. Eu estava voando pelo céu noturno com o homem mais lindo que eu já havia visto e nada mais existia fora deste momento.

Ele e eu e a sensação de leveza ao nos precipitarmos pelo céu, disparando para baixo em direção àquela água cintilante, o silêncio em minha cabeça tão tranquilo que quase gemi por causa do alívio que havia nele.

E naquele instante, mesmo antes do bungee nos empurrar para uma parada e nos levar de volta para o ar, uma risada gloriosa foi arrancada dos meus lábios. Uma sensação de alegria e liberdade que me levou ao ponto de chorar. Porque naquele momento, eu não estava morrendo, eu estava *voando* e nem mesmo a morte podia me pegar.



— Você não parou de sorrir desde o salto, — disse Ajax uma hora depois, do lado de fora da minha casa, já que ele insistiu em me trazer.

— Eu acho que eu seria muito boa em voar, — disse eu, incapaz de apagar o sorriso que ele havia criado. Eu ainda estava voando ainda mais alto desde que Ajax tinha me seguido até em casa, seu Range Rover seguindo atrás de mim o caminho todo como um guardião sombrio.

— Eu não duvidaria disso, — disse ele, os olhos piscando para a porta da frente atrás de mim.

Ele se aproximou um pouco mais, inalando profundamente como se estivesse tão cativado pelo meu cheiro quanto eu pelo dele... embora, de repente, me perguntei como diabos eu cheirava para ele, já que meu perfume sem dúvida desapareceu após o salto.

Inclinei minha cabeça, travando os olhos com ele enquanto meu coração martelava no meu peito. Ele não teria dirigido até aqui se não quisesse entrar, *certo?* Inferno, ele colocou minha bunda sonolenta na cama na outra noite. *Certamente*, ele queria entrar. E ele sabia da minha história agora, então não era como se não tivesse todos os fatos. E mesmo que eu não conhecesse toda a história dele, eu *sabia* o que meu corpo implorava, o que meu coração implorava, e era ser tocada e consumida por esse homem misterioso e lindo.

— Ajax, — eu sussurrei, enquanto ele se inclinava, tão perto da minha boca que seu hálito quente atingiu minha bochecha. Meus lábios se separaram, meu sangue já correndo com a ideia de estender a mão e roçar minha boca sobre a dele...

— Descanse um pouco esta noite, Grace, — ele disse, sua voz baixa e áspera quando ele deu um passo *para longe* de mim.

O ar murchou de meus pulmões enquanto eu o observava voltar para o carro, algum tipo de batalha acontecendo em suas feições enquanto ele abria a porta e entrava.

Eu o vi dirigir pela minha rua, meus lábios se separaram e ainda formigando devido à proximidade, à facilidade com que teria sido quebrar essa distância entre nós.

Engoli em seco, forçando-me a me virar e entrar em minha casa. Eu realmente não podia culpá-lo por fugir. Não era como se houvesse futuro comigo, mas por apenas um segundo, pensei que ele não estava interessado em um futuro e apenas no presente.

Eu estava errada.

Bem, o sorriso que eu ostentei a noite toda tinha desaparecido com toda certeza.

5

Ajax

Apesar de todos os aborrecimentos decorrentes de viver na corte com a família real, pelo menos era divertido. Descasquei minha maçã no balcão da cozinha movimentada e observei as cenas do início da noite se desenrolarem na minha frente como uma tela de televisão ao vivo.

Valor, a companheira de Lachlan, estava atualmente dizendo a Lachlan para enfiar suas preocupações sobre o consumo de cafeína dela em seu traseiro enquanto ela mesma servia uma segunda xícara de café. Felizmente para ele, sabia quando recuar, porque eu não conseguiria evitar que a ruiva humana lhe atirasse aquela caneca na cabeça dele.

Eu sorri enquanto eles levavam sua discussão para a sala de estar.

— E é por isso que agradeço a Deus todos os dias por nunca ter acasalado, — disse Zachariah, pegando um dos muffins do balcão.

Saint grunhiu de acordo ao lado de Zachariah. Ele pode não estar falando muito hoje em dia, mas pelo menos se alimentava. Ele estava um pouco mais cheio, suas maçãs do rosto não pareciam mais tão afiadas que poderiam cortar as pessoas, mas o

fato de a sala estar cerca de vinte graus mais fria ao seu lado me dizia que sua mente não estava se curando tão rapidamente quanto seu corpo. Eu derrubei meus escudos mentais, e a temperatura subiu.

— Nunca acasalei com uma humana, de qualquer forma, — Talon murmurou, vindo para ficar do meu lado oposto. — É por isso que ele é um simp¹ superprotetor. Ele está constantemente estressado que o corpinho frágil dela vai desistir dele.

Isso mesmo. Porque os humanos eram delicados. *Basta olhar para Grace.* Ela parecia completamente saudável, mas estaria morta antes do outono. A adaga com a qual eu estava descascando minha maçã escorregou da minha mão com o pensamento, e eu mal consegui evitar cortar meu polegar.

Estive muito ocupado para vê-la ontem à noite, mas caramba, cada fibra do meu ser exigia que eu arranjasse tempo esta noite. Cada parte de mim ansiava por ela, e foi exatamente por isso que me afastei antes de beijá-la alguns dias atrás. Com os vampiros, sexo e sangue andavam de mãos dadas.

De jeito nenhum eu iria morder Grace.

Prove, meus instintos exigiam. Bastardo chorão.

— Sabe, nós temos essas coisas chamadas de descascadores agora, para evitar que isso aconteça, — Lyric disse do outro lado da ilha da cozinha, pura preocupação em seus olhos enquanto pegava um muffin.

¹ **Simp** é um insulto de gíria para homens que são vistos como muito atenciosos e submissos às mulheres, especialmente por uma esperança frustrada de ganhar alguma atenção ou atividade sexual merecida delas.

Minhas sobrancelhas se ergueram e meus irmãos ao meu redor pararam. Até Saint enrijeceu.

— Amor, — Alek disse suavemente, envolvendo os braços em torno de seu companheiro por trás. — É considerado um insulto a um guerreiro sugerir que ele deveria desistir de sua adaga.

Os olhos de Lyric se arregalaram. — Oh. Não... eu não quis sugerir... — Ela balançou a cabeça. — É que agora temos todas essas ferramentas modernas e... — Ela fechou os olhos com força. — Não estou ajudando, estou?

— Não, — Alek respondeu, sufocando sua risada em seu pescoço.

Lyric encontrou meu olhar. — Por favor, aceite minhas desculpas.

Eu balancei a cabeça e deixei meu sorriso escapar. — Nenhuma desculpa necessária, minha rainha.

— Você nunca me deu um sermão quando lhe entreguei um descascador. — Lyric estreitou os olhos para seu companheiro.

— Porque eu te amo, — disse Alek, alcançando Lyric para pegar um muffin. Os assados eram super populares por aqui. — E eu não sou velho demais para um código ultrapassado do que eu acho insultuoso. — Ele lançou um sorriso provocador para Zachariah.

— Você diz velho, eu digo experiente. Pelo que me lembro, foi você quem nos acordou procurando ajuda, e não o contrário, meu rei. — Zachariah deu uma mordida em seu muffin de mirtilo, perdendo totalmente a vantagem sobre seu comentário.

— Muito bem. — Um canto da boca de Alek se ergueu. — Bem, falando nisso, não se esqueça que nos encontraremos em cinco minutos.

Todos nós assentimos.

— Pelo menos não tivemos que comer a refeição da noite com os nobres, — Talon disse com um estremecimento visível. — Esta geração de aristocratas é... cringe.

— Primeiro *simp*, depois *cringe*? — Terminei de descascar minha maçã e lancei um olhar de soslaio para Talon. — Chega de gírias modernas para você.

— Podemos terminar logo com essa reunião? — Saint olhou para o relógio. — Estamos perdendo tempo.

— Essa é sua maneira alegre de nos dizer que não encontrou sinais de Samuel? — Eu perguntei, então mordi uma fatia de maçã da minha faca.

Ele olhou para mim como se estivesse pensando em tirar minha vida ali na bancada de mármore, e eu simplesmente dei outra mordida, segurando seu olhar fervente. Saint não me assustava e ele precisava saber disso. Não havia nada que meu irmão pudesse fazer que me levasse a temê-lo. Agora, temer *por* ele era uma história totalmente diferente. O tom rosa de um círculo ao redor de suas íris escuras me disse que ele ainda caminhava à beira da loucura do sangue.

Eu só podia esperar que encontrar Samuel e levá-lo à justiça trouxesse a sanidade de Saint de volta à luz.

— Porque eu disse isso, — disse Dagon por cima do ombro enquanto caminhava para a cozinha, colocando seu cabelo loiro escuro atrás das orelhas.

— Essa não é uma razão boa o suficiente — argumentou Olivia, seguindo-o até a cozinha.

— Ei! Você está fora da cama! — Lyric disse com um largo sorriso para a mulher.

— Ela não deveria estar, — Ransom rosnou por trás de sua companheira. Guy parecia que precisava seriamente de uma refeição e cerca de três semanas de sono. — Ela *deveria* estar na cama.

— Foda-se, *querido*, — Olivia retrucou para Ransom. — Você está me deixando louca. Estou grávida, não morrendo. Eu estava cansada no começo? Claro, mas não vou viver os próximos meses na cama.

Eu sufoquei uma risada. — Veja? — Eu sussurrei para Zachariah. — Imagine perder tudo isso se vivêssemos longe da corte.

— Conta comigo, — Talon resmungou.

— E eu não terminei com você! — Olivia quase gritou com Dagon, que revirou os olhos e pegou um muffin. — Eu não estou exigindo horas de seu precioso tempo de caçador. Só quero que você avalie minha sobrinha porque tenho quase certeza de que ela está mostrando afinidades elementais.

— Bem, estou feliz que você não esteja gastando meu tempo, porque então eu teria que dizer *não*. Novamente. — Dagon

recostou-se no balcão. — Assim como eu disse não quando você me pediu ontem à noite, e novamente esta manhã, e novamente quando você me seguiu até o Domum para se alimentar.

— Cuidado, — Ransom advertiu, passando a mão pelo cabelo escuro como se estivesse lutando para se controlar.

Era amplamente conhecido que os guerreiros eram mais perigosos em dois estágios de nossas longas vidas: o tempo que levamos para aceitar nosso vínculo de acasalamento e selá-lo, e sempre que nossas companheiras estavam grávidas. Eu tinha a maior simpatia por Ransom, de verdade. Mas havia algo ligeiramente divertido em assistir o mestre de lutas do rei perder a cabeça porque as mulheres neste século se recusavam a ser controladas.

— Cuidado com o quê? — Dagon atirou de volta. — Se a sobrinha da sua companheira está aparecendo...

— Ei, estou bem aqui. Fale comigo. — Olivia deu um passo em direção a Dagon. — Olha, se é sobre classificação ou algo assim, então você deve saber que ela vem de uma das melhores famílias...

— Eu sei de que família ela vem, — Dagon retorquiu. — Foi à sua família que confiamos nossas vidas durante séculos enquanto dormíamos.

— Ótimo, então você não terá problemas em retribuir essa gentileza simplesmente testando Annika para ver se o poder dela está se manifestando com os elementos. — Olivia arqueou uma sobrancelha para ele.

— Isso está ficando bom. — Eu me virei totalmente para assistir ao show.

— Não está ajudando, — disse Dagon para mim antes de olhar para Olivia. — Não tenho certeza se você notou, mas sou muito melhor matando outros vampiros do que os ensinando – testando-os, seja o que for. Eu sou um caçador por uma razão. — Ele encolheu os ombros.

— Verdade, — eu acrescentei, balançando a cabeça. — Ele não é uma pessoa *de pessoas*.

— Pessoa de pessoas? — Olivia rebateu. — Vamos lá, com certeza ele pode apenas testá-la para ver como ela precisa ser treinada.

— Você já tentou empurrar um elefante quando ele decidiu se sentar? — Talon perguntou, virando-se para assistir comigo.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — perguntou Ransom.

— Você teria mais sorte fazendo o elefante se mover do que fazendo Dagon fazer algo que ele não quer. — Talon mordeu o muffin.

Olivia o encarou.

— O quê? Só estou tentando ajudá-lo há economizar algum tempo.

— Cala a boca, Eric Northman, — respondeu Olivia.

— Quem é Eric Northman? — Talon me perguntou, franzindo a testa.

— Vampiro daquela série que assistimos. Você lembra. Loiro. Alto. Cruel. — Dei uma olhada nele. — Ela não está tão errada, na verdade.

— Olha, se você quer que sua sobrinha seja testada, então encontre um Revelador, — disse Dagon. — Eu não sou seu cara.

— Um Revelador? — Olivia balançou a cabeça.

— Eles eram vampiros em nosso tempo cujo poder era detectar o poder dos outros, — Zachariah respondeu.

— Como você. — Olivia sorriu. — Você pode fazer isso, certo?'

— Não. — Ele balançou a cabeça, um olhar horrorizado em seu rosto. — Eu não saberia qual era o poder dela até que eu o absorvesse, e então ela estaria morta, e não tenho certeza se é isso que você quer.

Olivia piscou.

— Alek, faça alguma coisa, — Ransom implorou.

O telefone do rei tocou. — Oh, olhe para isso, — disse Alek, passando o dedo para atender o telefone. — Uma razão para não me envolver na briga entre irmãos. — Ele levou o telefone ao ouvido e se afastou para atender a ligação.

— E se nós entrarmos em contato com os professores em... — Avianna começou, a princesa entrando na cozinha com Hawke não muito atrás.

— Absolutamente não, — Olivia virou-se para sua amiga. — Nós duas odiávamos aquele lugar, e não estou prestes a condenar Annika àquela relíquia de escola. Prometi à minha irmã que treinaria Annika...

— Parece que você fez uma promessa que não pôde cumprir.
— Dagon deu de ombros.

A boca de Olivia caiu aberta.

— E esse é o fim desta conversa. — Ransom passou o braço em volta das costelas de sua companheira e a puxou para trás. — Eu não posso deixar você se estressar enquanto o mata.

Alek voltou para o balcão, todos os traços de diversão apagados de seu rosto.

— Hora da reunião? — perguntou Zachariah.

— Nós precisamos ir. Houve um ataque.



A casa suburbana era um banho de sangue.

Todos os membros da família foram massacrados, baleados em suas camas enquanto dormiam. Havia algo sobre o cheiro na casa que me fez arrepiar, meus instintos me incitando a dar o fora. Não era a morte. Eu tinha me acostumado a isso ao longo dos séculos.

Oito de nós vasculhamos a propriedade, depois nos reunimos na sala imaculada da casa onde Patrick O'Flannery, o emissário humano do Conclave, esperava com dois membros de seu próprio conselho.

— Obrigado por ter vindo, — ele disse a Alek enquanto entrávamos.

Zachariah estava com Saint e Dagon, que haviam parado de caçar Samuel a pedido do rei sua presença, e Talon e eu nos movemos para o lado deles. Todos nós ficamos quietos.

Encontrar quatro crianças mortas não dava exatamente para conversar.

— Claro, — Alek respondeu a Patrick enquanto Benedict mantinha a porta da frente aberta.

Corbin, um dos estagiários assassinos, saiu correndo da casa, e os sons de vômito chegaram aos meus ouvidos alguns segundos depois. Não podia culpar o garoto.

— O que aconteceu aqui é uma tragédia óbvia, — disse Alek, — mas as autoridades humanas estariam mais bem equipadas para investigar o assassinato de uma família humana?

Mudei meu peso, ignorando o chamado de meus instintos para desocupar o local.

— Essa é a coisa. — A mandíbula de Patrick flexionou quando ele tirou um saco plástico do bolso e abriu o zíper. — Encontramos essas cápsulas e achamos que você poderia reconhecer...

— Cardo noturno, — eu disse enquanto o cheiro permeava a sala. — O cheiro está abafado pelos corpos. — Era uma das poucas coisas que poderia nos matar.

Patrick assentiu. — Os Sons fizeram isso.

Alek empalideceu. — Você poderia fechar isso?

Patrick obedeceu e entregou a sacola a um de seus homens. — Fomos avisados por um membro do conselho que passou por cá mais cedo para um compromisso.

— Esses humanos estavam no conselho? — A testa de Zachariah franziu.

— Não. Ele é um revendedor de autopeças, — disse Benedict, passando a mão pelo rosto. — Seu nome era Harold. Era ele quem caçava as peças do Mustang sessenta e quatro em que eu estava trabalhando. Encontrei-me com ele algumas vezes... — Sua boca arregalou e seu olhar voou para Alek. — Isso é culpa nossa?

Meu estômago afundou.

— Eu não estou culpando você, — disse Patrick, balançando a cabeça. — Sei que você nunca faria mal a uma família humana. Posso perguntar onde se encontrava com ele?

— Ele mantinha sua loja aberta até tarde para mim, — Benedict respondeu suavemente. — É um negócio familiar de segunda geração que patrocinei por mais ou menos cinquenta anos... — Ele suspirou. — Então ele sabia o que eu sou.

— Isso nunca foi questionado, — Patrick assegurou. — A família é discretamente amiga do conselho há anos.

— Não tão *discretamente*, agora, — disse Alek. — Mas nunca vi os Sons usarem balas de cardo noturno em humanos.

— O cheiro não é tão forte, — Benedict acrescentou. — Pode ser que eles estejam adicionando uma pequena quantidade a cada bala que fazem, apenas por precaução.

— Seus alvos têm sido maiores do que esses ultimamente, — disse Dagon. — Eles têm ido para as escolas. Clínicas. Propriedades aristocráticas de vampiros, não de famílias humanas.

— Acho que eles estão mudando de tática, — Patrick murmurou. — Ou os Sons sabiam que Harold era amigo do conselho, ou sabiam que ele estava fazendo negócios com Benedict, mas está claro que uma dessas coisas levou à execução da família.

Ficamos quietos quando entramos no jardim da frente. Não havia mais nada que pudéssemos fazer além de deixar a polícia humana fazer seu trabalho.

Um por um, nos espalhamos para nossas missões noturnas, até que apenas Benedict, Talon e eu permanecemos.

— Isso não é sua culpa, — eu disse a Benedict enquanto ele olhava para a casa, com o rosto abatido.

— É se eles me viram com ele.

Talon se virou para mim. — É melhor você checar seu humano.

Grace. Meu peito apertou. Eu estive no hospital à vista de todos, no parque de diversões, no bungee jumping - em todos os lugares.

— Que humano? — Benedict perguntou, franzindo a testa.

— Ele tem passado tempo com uma mulher humana, — Talon respondeu.

O olhar de Benedict estalou no meu. — Você tem?

Eu balancei a cabeça. *E se eles tivessem me visto...*

— É melhor você ir — insistiu Benedict. — Vamos cobrir a patrulha esta noite.

Não precisei ser informado duas vezes.



Entrei no quintal paralelo entre a casa de Grace e a casa do vizinho, depois pausei o tempo, para poder fazer um reconhecimento sem ser visto e sem ser ouvido.

Eu a coloquei inadvertidamente em perigo? Simplesmente por ser visto com ela no mundo humano?

Examinei a área ao redor da casa, verifiquei a porta dos fundos, a garagem, todos os lugares considerados um ponto de entrada para a casa antes de começar a ir para a varanda da frente, meus pensamentos emaranhados em um nó de auto aversão. Na minha época, os humanos não eram uma ameaça considerável para os vampiros. Claro, havia a multidão ocasional de gente que carregava forquilhas, quando um vampiro sanguinário eliminava uma aldeia, mas nunca houve um movimento organizado para nos exterminar. Na verdade, na minha época, a única ameaça a Grace além de seu próprio corpo teria sido um vampiro usando-a para chegar até mim.

Samuel.

Como eu tinha sido estúpido, porra?

Eu não respirei até que eu estava na varanda da frente dela, vendo-a fazer uma pausa no meio do movimento, lendo seu romance.

Ela estava viva. Samuel não tinha me seguido até aqui. Os Sons não a tinham caçado. Ela ainda estava respirando, ainda existindo.

Por enquanto.

Eu me afastei e sentei em seus degraus, fora de sua vista, antes de liberar o tempo para que pudesse seguir em frente. Eu ficaria aqui sentado a noite toda se isso fosse necessário para ter certeza de que ela estava bem.

Uma risada maluca borbulhava no meu peito, mas eu a mantinha sob controle. Eu era um dos predadores mais mortais do planeta, e aqui estava eu, sentado de guarda para uma mulher humana que não conseguia sair da minha cabeça, determinado a salvá-la de uma morte prematura, quando a morte já a perseguia.

Os rangidos do balanço diminuíram meu ritmo cardíaco, me acalmando enquanto relaxava minha cabeça.

Ela merece muito mais.

— Merda, — eu sussurrei para mim mesmo.

— Eu posso ouvir você, sabe, — disse Grace, e o balanço manteve seu ritmo constante. — Pare de ser esquisito e venha se sentar comigo.

Droga, aquela mulher tinha uma audição incrível. Eu bati meus escudos mentais para baixo como se isso fosse me ajudar a conter minhas emoções cambaleantes e me levantei.

Ela inclinou a cabeça para mim enquanto eu subia o restante de seus degraus. — Há quanto tempo você está sentado aí?

— Só um ou dois segundos, — respondi. Nunca contei o tempo que ficava imóvel. A brisa trouxe seu perfume para mim quando cheguei ao degrau mais alto e fui para a varanda.

Prove.

Malditos instintos.

A fome apunhalou baixa e dolorosamente. Eu precisava me alimentar de novo antes de vê-la. Talvez isso calasse meus instintos. Vampiros famintos eram vampiros perigosos.

— Você parece... — Ela me estudou. — Desligado. Dia ruim coletando almas, Grim?

Um pequeno sorriso curvou minha boca. — Você poderia dizer isso.

Ela se sentou e deu um tapinha na almofada ao lado dela. — Sente-se.

Deus me ajude, eu me sentei.

— Faz alguns dias, — ela disse, mas não foi um sermão.

— Estou percebendo que não é totalmente seguro para você estar perto de mim. — Apoiei os cotovelos nos joelhos. — E é... perturbador.

— Não entendo. — Ela fechou o livro e o colocou ao seu lado. — Sou eu que continuo arrastando você em montanhas-russas e bungee jumps. Parece-me que não é totalmente seguro para *you* estar perto de *mim*.

Abri um sorriso. — Você não poderia me matar se tentasse, Grace.

Mas Samuel não teria nenhum problema em matá-la.

Eu pisquei. *Já se passaram alguns dias.* Se Samuel soubesse dela, ela já estaria morta. Se os Sons tivessem nos visto, ela seria o alvo hoje. Se o revendedor de autopeças de um vampiro era suficiente para incitá-los à violência, então certamente a fêmea de um vampiro...

Ela não é sua fêmea.

E, no entanto, aqui estava eu.

Dagon e Saint nunca me deixariam ouvir o fim disso se me vissem assim.

— O que você está pensando? — Grace perguntou, puxando seu longo cabelo sobre um ombro e expondo seu pescoço. Sua pulsação batia de forma constante enquanto o meu saltava para um galope.

— Nada que eu deveria dizer a você.

Ela revirou os olhos. — Tudo bem. Diga-me outra coisa.

— O que você quer saber? — Eu alisei seu cabelo para trás de seu lindo rosto.

— Por que você entrou em... cobrança? Caçador de recompensa. O que quer que você faça? — Ela se inclinou ao meu toque.

— Ah, a psicóloga aparece. — Ela teria um dia e tanto comigo se eu a deixasse entrar.

— De jeito nenhum, eu juro. Eu só estou curiosa.

— Eu sirvo a minha... sociedade. — Minha mão deslizou para o lado de seu pescoço. — É uma honra tornar o mundo mais seguro.

— Portanto, lealdade e honra são importantes para você.

— As maiores. — E era por isso que eu teria que me afastar de Grace e ficar lá.

— E o que você estava pensando há pouco? — Ela tocou os sulcos entre minhas sobrancelhas. — O que te fez enrugar?

— Estava pensando que você estaria a salvo enquanto eu ficasse longe de você, — eu confessei baixinho. — Eu deveria sair desta varanda e desaparecer da sua vida. Essa é a aposta mais segura para você.

Ela ergueu as sobrancelhas. — E quem disse que eu quero estar segura?

— Você só tem alguns meses, Grace. A última coisa que vou fazer é colocar você em qualquer perigo que possa encurtar esse tempo, e há pessoas que usariam você para me machucar. — Foi o mais honesto que pude ser sem dizer a verdade.

— Outros Grims? — Ela se mexeu para me encarar. — *Existem* mais Grims? Estou curiosa para saber como essa alucinação funciona.

— Alucinação? — balancei minha cabeça para ela. — Você ainda está presa nisso?

— Claramente. Você é perfeito demais para ser real. — Ela deu de ombros.

— E não te preocupa que você pense que sou uma invenção da sua imaginação?

— Nã... — Um sorriso lento se espalhou em seu rosto e o ponto atrás das minhas costelas se aqueceu. — Decidi seguir em frente. Alucinações como você são muito melhores do que as que minha mãe sofreu. E além...

Antes que eu pudesse pensar no que ela disse, ela passou a perna por cima do meu colo e montou em mim. *Putá merda.*

— Eu nunca quis beijar ninguém do jeito que eu quero você.
— Suas mãos emolduraram meu rosto.

— É mesmo? — Minhas mãos se agarraram aos quadris dela como se tivessem sido puxadas por ímãs, como se fosse exatamente onde elas pertenciam. — Você pode não gostar de me beijar.

Porque posso não ser capaz de manter o controle. Talvez eu não seja melhor do que aquele vampiro de merda em seu romance, cortando seus lábios macios com minhas presas expostas, que eu estava atualmente lutando para manter encapuzadas.

— Eu duvido muito disso, — ela sussurrou, seu olhar caindo para a minha boca. — Mas mesmo que eu não saiba, então eu saberei. E decidi que, se tiver apenas alguns meses, não quero perder nada.

Ela me beijou.

Seus lábios eram macios pra caralho quando ela os pressionou contra os meus.

Em todos os meus séculos de existência, eu sempre fui o caçador, aquele que fazia o primeiro movimento, e ainda assim esta mulher *humana delicada, lindamente curvilínea e terrivelmente frágil* era agora a que estava dando o primeiro passo.

E eu estragaria tudo se não superasse minha surpresa.

Levei a mão até sua nuca, inclinei levemente sua cabeça e a *beijei*. Ela gemeu, abrindo os lábios, e eu afundei minha língua na boca que eu tinha sonhado desde que a vi pela primeira vez. O gosto dela me inundou, me consumiu, correu pelas minhas veias e despertou cada terminação nervosa minha.

Prove. A demanda rugiu em minha cabeça quando fiz exatamente isso, explorando cada linha de sua boca, persuadindo sua língua a brincar com a minha. Grace me beijou de volta com total abandono, suas mãos deslizando em meu cabelo enquanto ela balançava para frente no meu colo e se engasgava com o que ela encontrava lá.

Sim, não foi preciso nada além do primeiro toque de sua língua e eu estava mais duro do que o metal do balanço da varanda. Eu a *queria*, porra.

A necessidade de seu corpo não foi uma sugestão minha, ou mesmo uma resposta de luxúria. Não, era primitivo, como se tomá-la fosse essencial para minha existência.

Minha mão flexionou em seu quadril enquanto a puxei para mais perto e a angulei para que ela pudesse me sentir contra seu clitóris toda vez que ela balançasse, o tecido fino de suas calças de pijama apresentando uma barreira apenas no nome. Foda-se, ela

era sexy. O calor dela queimou através de mim, incinerando o bom senso que eu tinha quando se tratava dela.

— Ajax, — ela murmurou contra meus lábios.

Reivindicar!

Eu a beijei com mais força, mais fundo, enquanto suas mãos deslizavam pelo meu tronco, explorando meu corpo com toques que desfaziam meu controle com uma facilidade que teria me aterrorizado se eu parasse para pensar nisso.

— Toque-me, — ela exigiu, agarrando minha mão e deslizando-a sob o tecido volumoso de seu moletom com capuz.

Sua pele era puro cetim, e eu gemi enquanto movia meus dedos para cima em sua caixa torácica. Cada parte dela era perfeita, e Deus, seu *cheiro*. Aquele toque cítrico adocicado com sua excitação.

Eu queria prová-la, deslizar minha língua entre suas coxas macias...

Eu puxei de volta, cortando o beijo e fechando minha boca enquanto minhas presas perfuravam. Meu corpo estava tão a bordo de levar *tudo*.

E isso não iria acontecer. Não essa noite. *Nunca*. Ela já estava lutando contra a porra de um tumor cerebral. Ela não precisava acrescentar a isso a perda de sangue.

Ela olhou para mim com admiração, seus olhos vidrados de luxúria e seus seios subindo e descendo rapidamente com sua respiração. — Meu Deus, você sabe beijar.

O mais gentilmente que pude, agarrei seus quadris e a tirei de cima de mim. Sua bunda bateu no balanço e eu me movi o mais rápido possível – o que foi muito fodidamente rápido – pela varanda.

— *Uau*. — Ela piscou. — Você é rápido.

— Você não sabe nem a metade disso, — eu resmunguei, agarrando a grade da varanda com tanta força que a madeira rangeu sob minhas mãos.

— Mas eu quero. — Ela se levantou e eu cerrei os dentes. — Por que você está aí? Não pode me dizer que não gostou desse beijo. Eu senti *exatamente* o quanto você gostou.

— Porque se eu voltar aí, vou ter você de costas em dois segundos, Grace. Minhas mãos estarão em sua pele, minha língua enterrada dentro de você e meus dentes... — Eu balancei minha cabeça.

Ela puxou aquele beijável lábio inferior entre os dentes. — Talvez eu esteja bem com isso.

É claro que sim. Porque ela queria experimentar tudo, e ela não sabia que estava realmente flertando com a morte neste momento. Eu me orgulhava de meu controle e, mesmo assim, não tinha certeza se seria capaz de me conter se ela me *tocasse* mais. A coisa que primeiro me atraiu à sua paixão, seu anseio pela vida tinha uma chance muito real de fazê-la morrer se eu não conseguisse me controlar.

— Mas eu não ficaria.

Ela endureceu.

— Há algo em você que rouba completamente todo o controle que posso reunir, Grace. E eu não quero... — *machucar você*. — Olhe, só há muita coisa que você não sabe sobre mim. Por isso, peço que você passe por mim, entre em sua casa, tranque as portas e vá dormir antes de aprender coisas para as quais você não está preparada.

Ela levantou uma sobrancelha. — Acho que devo ser capaz de decidir para o que estou pronta.

As mulheres modernas seriam a minha morte. Pelo menos este era.

— Certo. Mas eu decido o que estou pronto para lhe dizer. — Eu me esforcei para manter minhas presas escondidas. — Então tenha alguma porra de misericórdia de mim e entre.

Ela me examinou por um segundo, fazendo sua escolha. Então se virou e pegou seu livro. — Tudo bem, — disse ela enquanto caminhava para a porta. — Mas vou fantasiar com você esta noite e não há nada que você possa fazer a respeito. — Ela abriu a porta e a fechou atrás de si.

Fiquei de guarda em sua varanda pelo resto da noite, repetindo cada segundo daquele beijo.

Foi muito rápido, acabou muito rápido, e eu sabia que se abrisse aquela porta, ela me receberia de braços abertos e com aquele espírito imprudente.

Mas não era a minha falta de controle que me horrorizava tanto quanto a voz baixa e insistente dos meus instintos que tinham uma única palavra na porra da repetição.

Minha.

6

Grace

Minha pulsação acelerou enquanto eu montava em Ajax.

Ele estava tão duro - músculos e um comprimento considerável que eu podia sentir toda vez que balançava contra ele.

E sexy. Deus, ele era tão sexy quando acariciou minha boca com sua língua, incitando a minha em uma dança que roubou minha respiração e me fez tremer contra ele. Seu cabelo era sedoso entre meus dedos e eu saboreava o toque enquanto o puxava para mais perto de mim.

Isso foi beijar.

Isso era algo pelo qual valia a pena viver...

Soltei um suspiro, sacudindo-me dos pensamentos da noite passada. Fazia vinte e quatro horas, e eu já tinha repetido aquele beijo em minha mente uma centena de vezes.

Eu tinha sido beijada antes, mas o que Ajax tinha feito tinha sido muito além.

Ele tinha me consumido. Me despertado. Fez meu corpo parecer um fio elétrico apenas com o poder de sua boca. *Como isso era possível?*

Determinada a pensar literalmente em qualquer outra coisa, subi na cama, arrastando meu laptop comigo. O sol estava se pondo do lado de fora das minhas janelas, os últimos raios de luz dourada passando para tons de índigo e violeta.

Abri meu e-mail, revisando os últimos detalhes do meu testamento com o advogado preparando tudo para mim. Ele só precisava de uma última assinatura e enviou um formulário digital para assinar. Eu cliquei nele, examinando os detalhes que havíamos visto mais de uma dúzia de vezes na última semana.

Qualquer coisa que sobrasse na minha poupança iria para Maria e seu lar adotivo, além do meu carro, que não valia muito agora, mas talvez ela pudesse dá-lo a um dos adolescentes atualmente sob seus cuidados.

Assinei o documento e verifiquei novamente o e-mail de confirmação afirmando que tinha. Um pouco de peso saiu dos meus ombros sabendo que eu tinha feito tudo ao meu alcance para tornar as coisas o mais fácil possível quando eu morresse. Inferno, eu até dei instruções específicas para Maria utilizar qualquer coisa que pudesse do meu apartamento para as crianças sob seus cuidados.

Agora tudo que eu tinha a fazer era... o que eu quisesse.

Cliquei no site do meu banco, verificando meus saldos. Fazendo as contas na minha cabeça, eu tinha muito com o que viver pelos próximos três meses, até mesmo o suficiente para uma viagem ao exterior, se eu quisesse.

Abrindo outro navegador, procurei por voos para a Irlanda. Sempre fiquei fascinada com a cultura e as lendas, e li mais de

uma vez sobre a *Giant's Causeway*². O lugar histórico não só me cativou com as imagens deslumbrantes que eu tinha visto online, mas também com as lendas que o rodeavam. Mergulhado no folclore, o lugar era cheio de rumores de magia que não podia ser explicada, apenas experimentada.

Eu sempre quis visitar, me perder na rica história, e quem não gostaria de experimentar a magia, real ou imaginária?

Deixei meu mouse pairar sobre uma opção de voo, hesitando enquanto uma dor de cabeça se formava atrás dos meus olhos. O céu havia mudado para a noite do lado de fora das minhas janelas, deixando meu quarto alegremente escuro, exceto pela lâmpada solitária que eu tinha na minha mesa de cabeceira e o brilho da tela do meu laptop. Fechei os olhos, inalando pelo nariz enquanto esperava que a dor fosse seguida pelas vozes.

Mas nada aconteceu além da dor surda e uma pequena reviravolta no meu estômago. Minha mente estava pacificamente quieta, exceto por meus próprios debates internos quando finalmente olhei de volta para a tela do meu laptop. Eu poderia pegar o voo amanhã e explorar a *Giant's Causeway* no dia seguinte. A excitação subiu dentro de mim, mas algo parou a sensação em seu caminho.

A imagem de um tipo diferente de gigante brilhou atrás dos meus olhos.

Ajax.

² A Calçada do Gigante (em inglês **Giant's Causeway**) é a designação dada a um conjunto de cerca de 40 000 colunas, encaixadas como se formassem uma enorme calçada de pedras gigantescas.

O beijo, a forma como ele me fazia companhia desde que nos conhecemos naquela noite do lado de fora do hospital. A amizade que tínhamos formado e as linhas que tínhamos atravessado. Mesmo quando ele me confundiu e me disse para ficar longe dele, que de alguma forma eu estaria *mais segura* se ele não estivesse por perto. O que não fazia sentido, porque eu nunca me sentira mais segura quando estava com ele.

A Irlanda era tentadora, mas o Ajax? Ele era um local exótico que eu queria explorar mais do que qualquer outro lugar no mundo. Eu não queria perder um segundo com ele, muito menos *dias*, mesmo sabendo que nosso tempo juntos tinha um prazo de validade.

Fechei meu laptop e o coloquei na minha mesa de cabeceira antes de me recostar nos travesseiros da minha cama. Eu estava extraordinariamente cansada hoje, embora não tivesse feito nada para me desgastar além da minha indecisão sobre o que fazer a seguir. Eu podia sentir isso por todo o meu corpo, um peso que não conseguia me livrar, uma fome por algo que certamente não tinha em minha casa.

Ajax.

Eu queria mais do Ajax, mesmo que fosse apenas sua voz.

Alcançando meu celular, disquei rapidamente o número dele.

— Olá, Grace, — ele disse como resposta, e isso fez um sorriso se estender em meu rosto.

— Oi, Grim, — eu disse.

— O que você está fazendo agora? — ele perguntou.

Eu me estiquei na minha cama, afundando ainda mais contra os travesseiros. — Estou apenas deitada na cama, — respondi.

— Deitada na cama e pensando em mim, — ele disse, sua voz rouca. — Soa como se eu estivesse certo, — ele brincou, mas não estava errado. Eu não conseguia *parar* de pensar nele, especialmente depois da noite passada.

— Talvez eu esteja entediada e você foi a primeira pessoa que pensei em ligar, — eu provoquei de volta. Sons de metal tilintando ecoaram ao fundo, e eu franzi a testa. — Onde você está?

— Em casa, — disse ele. — Estou prestes a sair para caçar... sair com alguns dos meus amigos.

Eu murchei um pouco com isso, não que eu esperasse que ele corresse para a minha casa apenas porque eu liguei.

— Parece que está acontecendo uma luta de espadas aí, — eu brinquei, e ele soltou uma risada.

— Meus amigos estão zombando, — disse ele, mas eu podia ouvi-lo se movendo pela casa, procurando um espaço mais silencioso. — Pronto, — disse depois de alguns segundos. — Agora estou na minha cama também.

— Olhe para nós, — eu disse, minhas bochechas corando. — Nós dois estamos na cama.

Queria que você estivesse na minha cama. As palavras subiram pela minha garganta, mas não consegui soltá-las.

— Posso deixar você ir, — eu disse ao invés. — Se precisa estar com seus amigos.

— Eu prefiro falar com você, — disse ele, fazendo meu pulso acelerar. — E eu tenho um pouco de tempo.

Tempo. Juro que o homem estava mais obcecado com isso do que eu, e eu era a única que não tinha muito mais sobrando.

— Você diz coisas assim, — eu disse suavemente, brincando com meu edredom. — Mas também disse que seria melhor se você não estivesse perto de mim.

— Eu sei, — ele disse, suspirando. Eu quase podia imaginá-lo passando os dedos pelo cabelo comprido. — Sou uma pessoa complicada, Grace.

— Então, se eu não tivesse ligado...

— Eu sempre atenderei você, — ele terminou para mim, e o calor se expandiu em meu peito. Mas ele não disse nada à minha pergunta não formulada... *se eu não tivesse ligado, ele teria?* Ou ele teria mantido sua intenção de ficar longe de mim em nome da segurança? Será que eu estava sendo ridícula, pensando em deixar passar uma viagem para a Irlanda pela simples chance de vê-lo novamente?

O que ele tinha feito comigo?

— Você não está fazendo nada perigoso esta noite, está, Grace? — ele perguntou quando eu fiquei em silêncio por muito tempo.

— E se eu estivesse? — Eu provoquei. Eu não tinha intenção de deixar esta cama, não quando a exaustão se agarrava aos meus ossos. Uma noite de folga. Eu definitivamente estava tendo uma noite de folga. Eu sabia que precisava dormir, mesmo que fosse a

última coisa que eu queria fazer. Eu precisava de energia para os últimos momentos que me restavam.

— Eu teria que abandonar meus amigos e minhas regras e correr perigo com você.

Eu sorri para isso. — Por que você é meu Grim?

— Você sabe disso, — disse ele, e eu me sentia com formigueiros por toda parte. Algo nele me enchia de energia e desejo que eu não conseguia explicar. Como se simplesmente falar com ele tornasse tudo melhor, fizesse tudo em minha vida fazer sentido. O que não fazia sentido nenhum.

Era perfeito demais o modo como ele me fazia sentir, o que só aumentava minhas suspeitas de que ele era uma manifestação da minha mente, uma ilusão criada para ignorar a trágica realidade da minha situação.

— Será que eu posso ir à sua casa, algum dia? — Eu perguntei, e Ajax ficou em silêncio na linha.

Sim. Marque essa na coluna da ilusão. Não posso visitar uma invenção da casa da minha imaginação.

— Eu te disse, Grace, não é seguro...

— E aqui estamos nós... conversando.

— Isso é diferente, — disse ele, quase um apelo em seu tom. — Ninguém pode me ver falando com você pelo telefone.

Eu franzi a testa. — Quem iria ver você? — O pânico passou por mim. Oh, Deus, ele tinha uma esposa? Uma família que eu não conhecia. Era isso que *me manter segura* significava? Pougando meus sentimentos de quando descobri que ele tinha outra pessoa

em sua vida que o amava e cuidava dele e ficaria arrasada se descobrisse que ele estava comigo?

— Você não quer saber.

— Não, — eu disse, espiralando. — Eu acho que eu quero. Acho que mereço saber se você tem alguma esposa por aí que eventualmente vai...

Um rosnado baixo cortou minhas palavras. — Acha que eu mentiria sobre algo assim?

Suas palavras feridas foram direto para o centro do meu coração. Engoli em seco, suspirando. — Não, — eu suspirei. — Não sei. Não faz sentido, Ajax. Essa insistência repentina de que fiquemos longe um do outro. A não ser que...

A menos que ele estivesse tentando se proteger da dor que minha morte causaria.

Agora isso fazia sentido de uma forma que quase quebrou meu coração.

Mas certamente, eu não poderia significar muito para ele já, certo?

— Grace, — ele alertou. — Não faça isso.

— Fazer o quê?

— O que quer que você esteja fazendo em sua cabeça, — disse ele. — Praticamente posso sentir a análise pelo telefone. Eu querer manter distância tem tudo a ver com a minha vida, com as minhas circunstâncias, não com as suas. Se eu fizer alguma coisa que te prejudique...

— Aquelas partes da sua vida que você disse que não estava pronta para me contar?

— Sim.

Suspirei, mas entendi. Eu não era uma pessoa que pressionava ou implorava por informações, especialmente se fossem tão pessoais. Claro, eu compartilhei cada pedaço obscuro de mim com ele, mas isso não significava que ele tinha que retribuir.

Eu brinquei com meus cobertores um pouco mais, me perguntando como chegamos aqui. Dei de ombros, embora ele não pudesse me ver. — Ainda gostaria de poder ver sua casa, — eu disse, voltando.

— Por que você quer ver minha casa? — ele perguntou, claramente desviando.

— Você viu a minha...

— Então, agora eu tenho que te mostrar a minha? — ele riu, e eu não pude deixar de rir também. O aperto em meu peito devido à conversa anterior aliviou um pouco.

— Talvez eu esteja curiosa para saber como é o seu quarto. — *E sua cama e seu chuveiro...*

— Básico, — disse ele. — Cama, banheiro, livros.

— Que tipo de livros? — Eu perguntei, me animando.

— Velhos.

— Gosta dos clássicos?

— Você poderia dizer isso.

— Você sabe o quanto eu amo ler, — eu disse. — E o quanto eu gosto de você lendo para mim. Eu respeito os clássicos, mas você sabe que eu sou mais um romance paranormal e um tipo de garota fantasiosa.

— Eu sei, — disse ele. — Se eu tivesse um livro sobrenatural, eu o pegaria e leria para você agora mesmo.

Eu sorri, calor vibrando debaixo da minha pele.

— Nós lemos sobre um vampiro, — ele continuou, sua voz quase hesitante. — Mas eu sei que você tem outros livros paranormais em sua mesa de cabeceira.

Olhei para os referidos livros, franzindo a testa. — Você tem uma criatura sobrenatural favorita? — ele perguntou antes que eu pudesse me lembrar.

— Ah, essa é difícil! — Mordi meu lábio inferior por um momento. — Eu realmente amo todos eles. Fadas, lobisomens e ceifadores, é claro, — eu disse. — Mas acho que se eu tivesse que escolher uma criatura para ler pelo resto da minha vida, seria vampiros.

Ajax tossiu do outro lado da linha antes de respirar fundo. — Sério? Por quê?

— Eles são fascinantes, — eu disse. — E vamos lá, vida eterna? Sem enfermidades, sem doenças. Apenas a vida. Como eu *não* poderia me interessar por isso?

— Tudo em troca de consumir sangue humano, — ele rebateu. — Isso não te incomodaria?

— De modo algum, — eu disse com confiança. Na verdade, eu tinha pensado muito mais nisso do que qualquer um deveria. É preciso amar se perder em fantasias quando sua realidade é uma merda. — Já pensei em tudo, — eu disse, rindo um pouco. — Se eu *tivesse* que matar pessoas, eu só me alimentaria dos piores humanos. Sabe, assassinos, pedófilos, esse tipo de gente. Assim, se eu só tiver que me alimentar um pouco, há coisas como bancos de sangue. Eu só pediria emprestado algum para não machucar ninguém.

Ajax riu. — E o sol? Desistiria dele?

— Eu desistiria do sol nesse momento se ele me desse uma chance para sempre.

Um peso pairou sobre a linha entre nós, e eu quase me espantei. Eu sabia muito bem como pôr fim a uma conversa divertida.

— Entendo seu ponto de vista, — ele finalmente disse, mas parecia meio triste por algum motivo.

— Os vampiros também são sexys pra caralho, — eu disse, tentando voltar para o clima brincalhão que a conversa havia começado.

— O que você acha sexy neles? Que eles brilham? — ele brincou.

— Ah, então você conhece Crepúsculo.

— Eu posso ter me deparado com isso.

Eu ri. — Não, brilhar é legal e tudo, mas o sexy está no domínio, na reivindicação e na paixão que os vampiros nos livros

sempre têm. A maneira como eles são tão dedicados quando encontram seu verdadeiro par, a maneira como farão qualquer coisa por essa pessoa. — Deixei escapar um suspiro melancólico. — É uma fantasia deliciosa para se perder.

— Uma fantasia, — ele repetiu, algo pesado em sua voz. — Você não está errada. Mas a ideia de um vampiro te morder não te assusta?

Arrepios quentes dançaram sobre minha pele. — De jeito nenhum, — eu admiti. — Isso faz parte da fantasia. Sendo totalmente consumida por algo totalmente diferente. Submeter de uma forma que exige total confiança. É tudo muito romântico.

Ajax riu novamente. — É bom saber, — disse ele, com uma pitada de provocação em seu tom.

Eu bocejei, incapaz de evitar. — Quando posso te ver novamente?

— Grace, você parece cansada, — disse ele em vez de responder. — Precisa descansar.

Meus olhos já estavam se fechando. Eles estavam tão malditamente pesados. — Gosto de ouvir sua voz, — admiti. — Só mais alguns minutos?

— Você pode ter quantos minutos meus quiser. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Obrigada, — eu disse, minha voz suavizando enquanto o sono enganchava suas garras em mim e puxava.

— Pelo quê?

— Por estar aqui, — eu disse. — Mesmo que você seja apenas algo que conjurei para ajudar a tornar meus últimos dias mais agradáveis.

— Se eu realmente fosse uma invenção da sua imaginação, Grace, eu não estaria na sua cama agora?

— Sim, — eu disse, um pouco atordoada. — Você estaria bem aqui, com esses braços deliciosos em volta de mim. Nada entre nós. Finalmente eu conseguiria traçar as linhas de tatuagens que decoram sua pele. E descobriria como são suas mãos contra as partes mais macias em mim. Seria só você e eu e...

— E o quê?

— Tempo, — eu sussurrei. — Só você e eu e o tempo que preciso para *sentir* você.

— *Grace*, — Ajax sussurrou meu nome, o som cheio de calor e saudade e algo mais que eu não conseguia identificar.



Acordei algumas horas depois, ainda com o telefone pressionado no ouvido, o aparelho há muito tempo desligado. E não pude deixar de me perguntar quanto tempo Ajax havia esperado até que ele desligasse. Uma parte de mim sentia como se ele estivesse aqui o tempo todo, cuidando de mim, ajudando a afugentar os pesadelos que me impediriam de ter o descanso de que eu precisava.

Eu rolei, me enfiando debaixo das cobertas, o cobertor do sono ainda me segurando apertado enquanto eu imaginava como seria se ele realmente estivesse aqui. Braços ao meu redor, me mantendo na cama, me protegendo e garantindo que nem mesmo minha mente me trairia.

7

Ajax

— Eles estão chamando de invasão de casa que correu mal, — Lachlan disse calmamente enquanto caminhávamos pelo pátio até o Domum.

— Mesmo que nem uma única coisa tenha sido levada? — Zachariah arqueou uma sobrancelha para o segundo no comando.

— E você se pergunta por que estamos fazendo mais do que caçar vampiros loucos por sangue neste século, — Zachariah respondeu.

O pagamento pela refeição noturna no relativo consolo da residência era um dia por semana que Alek nos pedia para comer com os nobres, e hoje era noite de pagar. Pelo menos ele não nos obrigou a nos vestir bem. Benedict pode estar vestindo um daqueles ternos de três peças que ele gostava, mas o restante de nós estava usando couro, botas e uma variedade de camisetas.

Eu preferia o estilo Henley. O tecido deste século tinha o tipo de elasticidade que eu desejei durante os primeiros séculos da minha vida, especialmente porque eu não era exatamente o menor da sala. Zachariah apreciava o estilo de camisas com botões sem gravata, Dagon gostava de camisetas de manga curta - pretas, é

claro, - como o resto de nós - e Talon usava uma camiseta de uma banda chamada *Pink Floyd*.

Em deferência ao cenário, a maioria de nós carregava apenas uma ou duas armas. Minha Sig estava no coldre em meu quadril, e minha adaga embainhada ao longo de minha coxa direita. Eu poderia ter gostado da conveniência moderna das armas, mas ainda me sentia mais confortável com uma adaga.

Então havia Saint, que parecia ter acabado de sair de um dos filmes Matrix, sem casaco. Ele praticamente pingava armamento, como se houvesse uma chance de Samuel virar o corredor e se apresentar para execução.

Ransom tinha piscado quando nos apresentávamos para o banquete, mas Zachariah pisou na frente de Saint e todos eram espertos o suficiente para manter a boca fechada.

Se meu irmão queria se enfeitar como se fosse um exército de um homem só, que assim fosse.

— Talvez seja melhor que a polícia presuma rapidamente que foi uma invasão domiciliar, — Talon disse enquanto nos aproximávamos das enormes portas de vidro do Domum. — A última coisa que precisamos é de humanos não-Conclaves tropeçando nesta guerra.

— Bom ponto, — Alek observou antes de entrar com Lyric em seu braço. O resto dos assassinos entrou, e então nós caçadores entramos no corredor imaculado.

Este lugar era tão formal quanto a residência era confortável.

Cada aristocrata parou, movendo-se para os lados do salão quando passamos, curvando-se quando Alek e Lyric passaram.

— Vocês podem andar conosco por aqui, — Ransom disse por cima do ombro. — Não achamos que você é inferior, pelo amor de Deus.

— Inferior? — Eu respondi, sorrindo amplamente no meio de nossa formação informal. — Você acha que o deixamos ir primeiro porque nos sentimos...inferiores?

— Idiota arrogante. — Dagon resmungou.

Talon soltou uma gargalhada.

A testa de Ransom franziu quando viramos o corredor para o salão de baile reluzente, com a mão nas costas de Olivia. — Eu não entendo o que você quer dizer.

— Tire-o de sua miséria, Ajax, — Zachariah ordenou, um leve sorriso curvando sua boca, todos nós andando pelo corredor central entre as mesas de cavalete perfeitamente espaçadas cheias de aristocratas cambaleantes, correndo para ficar de pé enquanto passávamos.

— Nós ficamos na retaguarda porque somos mais experientes em combate e mais capazes de proteger as costas do rei, — eu respondi, meu sorriso só crescendo com a indignação no rosto do mestre de combate.

— Isso é... — A boca de Ransom caiu.

— Verdade, — Zachariah forneceu. — Verdade era a palavra que você estava procurando.

— Feche sua boca, querido. — Olivia estendeu a mão e gentilmente fechou a boca de seu companheiro para ele. — Estamos em público.

Talon riu ainda mais, e nós subimos os poucos degraus do estrado, tomando os assentos mais próximos enquanto os outros vampiros – e Valor – enfileiravam-se na longa mesa.

— Não te incomoda que Zachariah não se sente à direita do rei? — Dagon perguntou em um sussurro da minha esquerda enquanto puxávamos nossas cadeiras para mais perto da mesa como se estivéssemos em um espetáculo.

— Se isso não incomoda Zachariah, não me incomoda, — eu respondi, mantendo minha voz igualmente baixa.

Zachariah nos lançou um olhar do outro lado de Talon que dizia que ele ouviu o que estava sendo dito. Ele aperfeiçoou aquele olhar ao longo de séculos liderando nossa família peculiar, e geralmente significava que teríamos uma palestra mais tarde.

— Sabe o que me incomoda? — Eu disse quando o talem começou a servir nossos pratos e encher as taças com a merda enlatada que nenhum de nós gostava. O cheiro atingiu meu nariz e meu estômago torceu com náusea. — Sinto como se estivesse em um zoológico. — Todo aristocrata tendia a olhar para nós com uma mistura saudável de respeito e medo, e um fascínio irritante que quase não nos dava privacidade.

— Amém, — Dagon respondeu, segurando sua mão sobre sua própria taça quando o talem passou por cima de seu ombro. — Não, obrigado. — O talem continuou e Dagon sacudiu o pulso, levantando um fluxo preciso de água do jarro na frente de

Zachariah e arqueando-o para seu próprio cálice. Ele não derramou uma gota. Porra, seu controle era incrível.

— Eu odeio quando você faz isso, — Zachariah repreendeu, inclinando-se ligeiramente para frente. — Apenas me peça para passar a maldita água.

— Meu caminho é mais rápido. — Dagon deu de ombros.

Eu olhei para o mar dos nobres para vê-los olhando para Dagon com os olhos arregalados. A sala estava quase cheia agora, o que significava que havia muitos deles. Ao menos Alek não mantinha uma corte excessivamente formal. As pessoas iam e vinham como queriam dentro da sala.

— Além disso, podemos também fazer um show para os clientes. — Seu sorriso era assustadoramente falso enquanto ele tomava um gole.

— Apenas uma vez, — Zachariah murmurou. — Eu gostaria de terminar uma refeição apenas uma vez sem sentir que vocês vão derrubar as mesas...

— Como aquela vez... — Talon começou, seus olhos dançando.

— Em Constantinopla, — Saint terminou.

— Istambul, — eu o corriji.

— Certo. — Ele assentiu. — Istambul. — Ele olhou para a taça de sangue como se ela tivesse feito algo pessoalmente para ofendê-lo. — Recorda os dias em que os humanos vinham para a mesa?

Dagon grunhiu com um sorriso. — Bons dias.

— Tão conveniente, também, — Talon acrescentou. — E eu jamais me oponho a uma bunda enrolada no meu colo enquanto eu...

— Só uma vez, — Zachariah interrompeu, balançando a cabeça. — Ajax, — ele ordenou em um tom que eu conhecia muito bem.

Todos os caçadores ouviram a deixa e colocaram as mãos sobre a mesa.

Meu poder fluiu, e eu o joguei em uma bolha esférica, parando o tempo para todos no salão de baile, exceto nós que estamos no final da mesa.

Zachariah olhou para a sala antes de virar seu olhar de desaprovação para Talon. — Você não pode se sentar à mesa do rei no meio da corte e relembrar em voz alta a bunda de alguma alimentadora em seu colo centenas de anos atrás.

— O rei Tarak nunca se importou, — Talon retorquiu. — Na verdade, eu me lembro de mais do que algumas humanas em seu colo.

A maioria de nós murmurou nosso consentimento. O rei antes do pai de Alek tinha sido... extravagante da melhor maneira possível.

— Isso foi há mais de oitocentos anos, — disse Zachariah, seus olhos castanhos se estreitando em nós. — Como você pode ver, as coisas evoluíram. — Ele gesticulou em direção a sala.

— Eu não acho que os falsos nobres se vestindo de joias e bebendo sangue ensacado de uma taça os fazem evoluir, — argumentou Dagon. — Acho que isso os torna falsos.

— Concorde, — Talon disse, pegando um pedaço de bacon e olhando para a mesa de nobres mais próxima. — Olhe ali.

Mordi um biscoito e segui sua linha de visão até onde Cassandra Zorin estava sentada com um grupo de aristocratas, todos com taças delicadamente segurando seus cálices no meio da mesa.

— Metade desses nobres alegremente derrubariam nosso rei por seu trono, — Talon continuou.

— O mesmo poderia ser dito em nossa época, — argumentei, apenas para argumentar.

— Esta é a nossa época, — Zachariah repreendeu.

— Tudo bem, mas em *nossa* época, esses nobres teriam sido abertos e honestos sobre suas intenções. Alguém teria trazido um desafio contra o rei. Hoje tudo é feito em sombras e mentiras. Não há integridade entre os nobres. — Talon mordeu seu bacon.

A fome mordeu meu estômago e subiu em minhas veias. Estendi a mão para o cálice cheio de carmesim, mas o cheiro do sangue ensacado transformou minha fome em uma náusea avassaladora.

— Nós simplesmente temos que... — Zachariah começou, então estreitou os olhos em mim. — O que está acontecendo com você?

— É o sangue. Provavelmente ruim ou algo assim. — Eu coloquei o cálice de volta para baixo.

— É a humana, — Talon murmurou entre mordidas.

E aqui vamos nós.

— Qual humana? — Zachariah inclinou a cabeça e se inclinou para frente em seu assento.

— Sêrio? — Lancei um olhar para Talon. Tanto para manter Grace em segredo.

— Ei, se você vai passar quase todas as noites checando a mulher, então seus irmãos devem saber. — Talon continuou comendo sem remorso.

— Qual humana? — Zachariah repetiu.

— Ela é... — Porra, o que ela *era*? Ela não era minha namorada ou o que quer que os mortais chamem de namoro neste século. Ela também não era *nada* minha. Ela era o primeiro pensamento que tinha ao me levantar, e o último pensamento antes de meus olhos se fecharem pela manhã.

E eu não estava pronto para analisar por que isso acontecia.

— Ela é uma amiga, — eu finalmente consegui dizer.

— Uma amiga que você está fodendo? — Dagon perguntou, espetando sua comida com o garfo e continuando como se não estivéssemos examinando minha vida pessoal.

— Por favor. Ajax transando com uma humana? Isso é risível.
— Saint tamborilou com os dedos na mesa.

— Como se você não tivesse fodido uma humana, — Dagon retrucou.

— Eu não sou do tamanho da porra de uma árvore.

— Verdade. — Dagon acenou com o garfo para mim. — Ele fez um bom ponto. Humanas são meio frágeis, e você... não.

— Não estamos tendo essa conversa. — Eu balancei minha cabeça. Não que não tivéssemos estado na mesma situação inúmeras vezes ao longo dos séculos, provocando um ao outro sobre qualquer que fosse a cama feminina que estivéssemos ocupando, mas Grace era...diferente.

— Quero dizer, você não está com medo de quebrá-la? — Dagon continuou.

Sim, na verdade, eu *estava*. Era uma das muitas razões lógicas que eu tinha para ficar longe dela. O problema era, o inconcebível que eu não queria. Ela era risos e vida, e tudo o que eu pensava que os séculos da minha existência me entorpeceu.

— Grace não está em discussão. — As palavras saíram pouco mais que um grunhido, enquanto uma raiva primitiva e inegável rondava por mim.

— Melindroso. — Talon sorriu, claramente gostando do meu desconforto.

— Que humana? — A voz de Zachariah aumentou, e meu temperamento explodiu.

— Ela não está em discussão! — Eu bati, puxando de volta meu poder para que o tempo começasse ao nosso redor novamente.

Meus irmãos me encararam como se eu tivesse enlouquecido, e a testa de Zachariah franziu.

Sentei-me na cadeira e olhei para o cálice de sangue. *O que diabos tinha acabado de acontecer comigo?* Nunca perdia a paciência. Nunca.

Eu era o descontraído. O calmo. O racional.

Eu não era... o que quer que isso fosse.

— Por que você não tira esta noite de folga? — Zachariah sugeriu em um tom que sugeria que não era uma sugestão.

— Sim. — Eu balancei a cabeça.

— Tudo certo? — Ransom perguntou, olhando para nós confuso.

— Sim, — Talon respondeu.

— Ajax, — Zachariah chamou minha atenção.

Eu me virei um pouco para olhá-lo nos olhos.

— Não vá lá com fome.



Foi uma péssima ideia, mas aqui estava eu, de pé no canto da cozinha de Grace enquanto ela fazia espaguete à carbonara para nós dois.

O lugar era uma mistura de eficiência e feminilidade, a sala pintada com cores vivas e quentes que a faziam parecer mais um lar do que qualquer outro lugar onde eu já vivi.

— Tem um cheiro incrível. — Encostei-me no balcão de sua cozinha aconchegante, tendo sido proibido de tocar em qualquer coisa. O jantar não era a única coisa que cheirava de dar água na boca. Cada vez que Grace se inclinava para o meu espaço, alcançando várias especiarias, eu tinha que morder um gemido e lutar para evitar que minhas presas se estendessem.

— Obrigada, — ela respondeu com um sorriso que simultaneamente fez meu peito doer e meu pau duro. — É a única coisa em que sou realmente boa em fazer, então não se acostume com isso.

— Eu não vou. — Foda-se, ela parecia bem esta noite. Mas ela sempre pareceu. Ela trocou a calça do pijama por um vestido de verão verde que flertava com suas coxas enquanto seus quadris balançavam para frente e para trás ao ritmo da música que saía dos alto-falantes.

Como alguém tão apaixonado pela vida pode estar morrendo?

Tentei seguir o conselho de Zachariah, mas meu estômago revirou no segundo em que cheguei perto dos alimentadores no Domum. Em vez disso, eu praticamente tampei o nariz e engoli o máximo que pude do saco de O negativo, o que não foi o suficiente para constituir uma alimentação.

O que significava que eu não estava apenas com fome da massa que ela estava preparando alegremente.

— Você parece... inquieto esta noite, — Grace notou.

— Eu não saí deste lugar desde que você me disse para ficar aqui. — Cruzei os braços sobre o peito.

— Você não pode me culpar por querer ficar de olho em você. Você sempre acaba desaparecendo de mim. E, além disso, não quero dizer inquieto como se estivesse prestes a correr um quilômetro — disse ela, estudando-me cuidadosamente. — Existe algo em você que é um pouco diferente, um pouco ousado. Seus olhos parecem mais escuros e... — Ela balançou a cabeça. — Talvez seja só eu.

Não, é só ela. Ela era tão observadora.

Minha espécie não era exatamente divertida quando precisávamos nos alimentar.

— Eu estou com fome. Nada para se preocupar. Abri um sorriso para ela.

— Sério? Isso é tudo? — Ela levantou uma sobrancelha para mim.

— É um pouco mais complicado do que isso, mas basicamente, sim. — Se ela soubesse como ela cheirava, como aquela pulsação constante e latejante em seu pescoço me chamava, ela teria me empurrado porta afora e colocado a tranca.

Pelo menos, eu esperava que ela fizesse.

— Bem, estou me preparando para alimentá-lo, então isso deve resolver esse problema. — Ela mexeu o macarrão uma última vez, então colocou pegadores de panela quentes e esvaziou a

panela de prata em uma peneira na pia. O vapor acariciou as linhas de suas bochechas. — E então nós vamos fazer sexo.

Eu pisquei. De jeito nenhum eu acabei de ouvi-la dizer isso... *ouvi?* Meu corpo estava fodidamente certo, porém, e estava totalmente de acordo com a sugestão. Calor e luxúria correram por minhas veias, ativando os mesmos instintos que eu tentei manter acomodados esta noite.

Prove.

Ela colocou o macarrão de volta na panela e sorriu para mim enquanto voltava para o fogão.

— Eu sinto muito. Acho que ouvi mal, — eu disse lentamente.

— Eu disse que vamos fazer sexo, — disse ela, olhando para mim antes de adicionar o macarrão ao molho. — Depois do jantar. — Ela colocou a panela em um dos queimadores não utilizados. — Além disso, até lá eu terei um bom controle sobre se você é uma alucinação, certo? A menos que eu possa magicamente comer tudo isso sozinha.

Olhei para ela, e então olhei um pouco mais, travando cada músculo para não pular para ela e esquecer o jantar. — Isso não vai acontecer, — eu finalmente consegui dizer.

Ela veio em minha direção, aqueles olhos espetaculares fixos nos meus, então se aproximou de mim e abriu o armário atrás do meu ombro. — Claro que vai. Quero você. Pelo que me lembro daquele beijo, você me quer. Somos ambos adultos consensuais e estou farta de desperdiçar cada minuto que me resta nesta terra. Estou pronta para a ação.

Pratos tilintaram suavemente atrás de mim enquanto ela pegava dois pratos sem quebrar o contato visual, trazendo sua boca perigosamente perto da minha com o jeito que eu tinha minha cabeça inclinada para baixo para observá-la.

— Vamos, Ajax. Onde está aquele espírito guerreiro que sua mãe lhe deu o nome? — ela brincou, abaixando-se lentamente na ponta dos pés. — Aja comigo.

Com aquela pequena frase provocante, ela se afastou de mim, em direção ao fogão.

— Não tenho certeza se você gostaria do meu tipo particular de perversão, Grace. — A verdade - até onde eu poderia dizer - era a melhor aposta aqui. A melhor coisa para Grace teria sido gritar de terror ao perceber o predador que eu era e me expulsar de sua casa, de sua *vida*.

Mas porra, eu queria afundar minhas presas naquele doce pescoço no mesmo momento em que reivindiquei seu corpinho curvilíneo.

Prove. Sim, o predador que espreitava dentro de mim absolutamente concordava.

— Prova-me. — Ela me lançou um olhar de puro desafio enquanto colocava comida nos pratos.

Que porra eu poderia dizer a esta mulher para convencê-la de que ficar longe de mim era sua opção mais segura?

— E se eu quiser afundar meus dentes em você?

Ela desligou o queimador restante e baixou a panela, então se virou para mim. — Eu nunca gostei dessa coisa toda de morder, mas tudo bem.

Meus lábios se separaram e minhas presas doeram, mas permaneceram no lugar.

Eu não era um novato de décadas. Eu poderia me controlar, porra.

— E se eu quiser fazer mais do que morder? — Baixei os braços tão lentamente quanto ela andou em minha direção, seus pés descalços silenciosos no chão. — E se eu for exatamente como aquele livro que você ama?

— Um vampiro? — ela perguntou, parando a apenas alguns metros de distância. Suas sobrancelhas se ergueram, mas não havia medo em seus olhos. — Também nunca fiz dramatizações, muito menos com uma alucinação. Pensando bem, há tantas coisas que nunca fiz. Isso é meio triste, não é? Passei minha vida inteira me esforçando para obter um diploma que nunca vou usar e negligenciei completamente tudo... diversão. — Ela ergueu os dedos um de cada vez. — Eu nunca fiz sexo em um lugar público, nunca tentei bondage ou qualquer coisa realmente fora de algumas posições.

Um grunhido começou baixo em meu peito com o pensamento dela compartilhando seu corpo com *qualquer* outra pessoa.

Porra, pare com isso. As mulheres neste século dormiam com homens com o mesmo grau de liberdade que os homens sempre tiveram para dormir com quem quisessem. Meus instintos

territoriais de pé no saco teriam que alcançar a igualdade dos tempos.

— Nada além de algumas posições, — eu repeti, precisando preencher o silêncio antes que a única coisa que ela ouviu foi o som de seus próprios gemidos enquanto eu começava a marcar sua pequena lista.

— Não. — Ela deu de ombros. — Meu namorado universitário não valia a pena se vangloriar, e depois me formar na escola... — Seu nariz enrugou em desgosto. — Bem, ele não era nada de se gabar.

— Hum. — Me controlar perto de Grace já era difícil o suficiente sem ela falar casualmente sobre sexo como se meu pau não fosse difícil o suficiente para perfurar a porra da minha calça. Isso foi uma puta *tortura*.

— Eu nunca fiz sexo no chuveiro, ou um cara fez sexo comigo, ou tentei...

Eu parei sua boca com a minha e a beijei silenciosamente, apenas para perceber que eu praticamente joguei gasolina no fogo que já ardia dentro do meu corpo por ela.

Ela derreteu contra mim, sua língua acariciando contra a minha enquanto eu tomava sua boca repetidamente, dizendo a ela sem palavras o quanto eu a queria. Agarrando sua bunda, puxei-a contra mim e a levantei, grunhindo com a perfeição de suas curvas. Suas mãos passaram pelo meu cabelo enquanto eu caminhava até a mesa da cozinha e a sentava na beirada.

— Diga-me que não, — eu exigi enquanto arrastava minha boca por seu pescoço, catalogando cada resposta que ela tinha enquanto minhas mãos vagavam sobre o volume de seus quadris e a curva de sua cintura.

— Por que eu faria isso? — Ela suspirou, deixando a cabeça cair para trás quando meus lábios encontraram sua clavícula.

— Porque se você não fizer isso, eu vou cuidar de uma das coisas nessa sua pequena lista agora, porra. — Eu beijei meu caminho para a curva de seus seios, então cedi e deixei meus dentes rasparem suavemente em sua pele macia.

— Novamente... por que eu diria não? — Ela separou os joelhos.

— Porra. — Entrei entre suas coxas, agarrei seus quadris e a arrastei até a beirada da mesa. Então eu a beijei e deixei o resto do mundo desaparecer.

Nada importava. Nem o jantar esfriando rapidamente no balcão. Nem sua doença. Nem a minha fome descontrolada. Ela era ar, o alimento, a maldição, ela me beijava de volta como se sentisse exatamente da mesma maneira.

Minhas mãos deslizaram pelo lado de fora de suas coxas, deslizando sob a bainha de seu vestido.

— Diga-me que não, — eu repeti enquanto alcançava os fios de renda que ela chamava de calcinha.

— Sim. — Ela agarrou meu rosto e se afastou para que eu pudesse ver seus olhos. — Sim.

Prove. Reivindica. Eu estava fodidamente trabalhando nisso.

Eu caí de joelhos, empurrei seu vestido até os quadris e provei a pele de sua coxa antes que ela pudesse sequer suspirar. Mais devagar. Eu tinha que ir mais devagar.

Ela não era uma vampira. Grace era lindamente humana, e minha velocidade iria assustá-la pra caralho. Eu tinha que ser gentil. Muito. Gentil. Mas porra, ela cheirava a desejo, e aquele perfume inebriante enchia meus pulmões a cada respiração.

Mas eu poderia ir devagar. Eu poderia ser gentil.

Então suas mãos apertaram meu cabelo e todas as apostas foram canceladas.

Minhas presas perfuraram para baixo.

Cortei cada um dos fios de sua calcinha com as pontas afiadas de meus caninos alongados e o tecido caiu.

Seu batimento cardíaco acelerou a galope quando recuei e olhei para ela. Rosa, brilhante, brilhante e molhada, ela era pura perfeição.

Minha, meus instintos rugiram quando a necessidade animalasca rasgou através de mim.

— Ajax? — A voz de Grace era tão suave quanto ela.

— Você é linda pra caralho. — Isso foi tudo que eu pude dizer antes de perder todo exterior de gentileza e colocar minha boca em sua boceta.

Sua respiração prendeu e então ela gemeu.

Foi o som mais doce que eu já ouvi. Ela estava quente sob meus lábios, e seu gosto foi direto para minha cabeça. Os doces

florais e o sabor cítrico misturados com uma doçura da qual eu não conseguia o suficiente. Minha língua saboreou cada centímetro, sacudindo seu clitóris até que ele inchasse para mim, até que seus quadris balançassem contra meu rosto enquanto eu a devorava.

— Oh, meu *Deus*. — Suas mãos seguraram minha cabeça contra ela como se houvesse qualquer outro lugar no mundo que eu quisesse estar.

Tive o cuidado de manter minhas presas seguras atrás dos meus lábios enquanto girava minha língua ao redor dela, então mergulhei para deslizar dentro dela.

— Ajax!

Eu gemi, então a fodi com minha língua como eu queria com meu pau, espetando-a mais e mais enquanto ela rolava seus quadris para mais. Seu corpo inteiro ficou tenso quando seus gritos vieram mais rápidos, mais altos.

Minha Grace não era serena e eu adorava isso. Eu queria ouvi-la gritar meu nome de agora até o fim dos tempos.

Seu prazer era tudo o que importava, e eu troquei minha língua com meus dedos, saboreando a maneira como as paredes de sua boceta me agarravam com força enquanto eu a acariciava cada vez mais forte, curvando-se no ângulo certo.

— Sim! Não pare. Não... — Sua respiração tornou-se irregular e suas coxas quase travaram em volta da minha cabeça.

Aí mesmo. Ela estava bem ali, porra. Eu amarrei minha língua contra seu clitóris e a pressionei e ela voou em pedaços, seus gritos

ecoando das paredes enquanto ela se curvava contra minha boca, gozando muito.

No segundo em que comecei a baixá-la, a fome que eu mantinha afastada surgiu dentro de mim, tornando minha visão nebulosa.

Porra. Eu queria tanto mordê-la...

— Morda, — exigiu ela, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz, a letargia que veio depois do apogeu. — Vamos, Ajax. Faça o seu pior, — ela brincou.

Seu cheiro, seu calor, seu pulso acelerado, era demais.

— Morda, — ela insistiu.

Virei a cabeça para a pele sedosa de sua coxa e *mordi*.

Então eu gemi. Seu sangue era grosso e doce, cobrindo minha garganta enquanto eu engolia, enquanto eu bebia.

Ela ofegou, e eu fiz uma pausa, lutando através da névoa predatória da fome para lembrar que ela era delicada. Ela era frágil.

— Mais, — ela exigiu, com as mãos no meu cabelo.

Dei-lhe mais, fodendo-a lentamente com meus dedos enquanto bebia de sua coxa. Ela era a luz do sol que senti falta por séculos. Ela era luz e paixão e tudo que eu precisava. Ela já estava apertando, já respirando rapidamente, já subindo aquele segundo pico que a mordida lhe dera.

Eu adicionei meu polegar a seu clitóris e a enviei cambaleando, gemendo em como seu sangue adoçou com o segundo orgasmo.

Porra, eu nunca iria me cansar disso. Bebi e bebi, tentando saciar uma sede insaciável.

Ela derreteu em cima de mim, suas mãos caindo do meu cabelo.

Então seu batimento cardíaco desacelerou.

Muito devagar.

Merda. Eu retraí minhas presas de sua coxa e lambi as pequenas feridas, selando-as para que ela não perdesse mais sangue. Ela já tinha perdido muito.

Levantei-me, segurando Grace antes que ela cambaleasse para trás, e meu estômago se apertou. Eu tinha tomado muito. Não havia desculpa. Nada doce que eu pudesse dizer para perdoar o abuso absoluto do presente que ela me deu.

Porra. Porra. *Porra.*

Seus olhos estavam vidrados, suas piscadas ficando cada vez mais lentas enquanto ela olhava para mim. — Eu acho que gosto quando você me morde.

— Sim, eu gosto um pouco demais. — Embalando sua cabeça contra meu peito, levantei meu pulso até minha boca e amaldiçoei o que certamente estava prestes a terminar qualquer relacionamento que tínhamos. Um corte rápido e limpo da minha presa abriu a veia. — Vou precisar que você faça algo estranho.

— Eu estou pronta. — Ela sorriu para mim.

— Beba. — Eu coloquei meu pulso contra sua boca. — Por favor, baby. Você tem que beber.

Baby? Desde quando eu chamei alguém de *baby*?

Mantendo os olhos fixos nos meus, ela fez o que eu pedi. Seu piscar de surpresa nem de repulsa. Ela não me empurrou ou gritou. Não, ela gemeu quando meu sangue fluiu para ela. Então agarrou meu pulso e segurou firme, engolindo após engolir.

Foi à coisa mais sexy que eu já vi em minhas centenas de anos de existência. Meu pau latejava atrás do meu zíper. Eu queria estar dentro dela, bombeando forte e profundamente enquanto ela bebia até se saciar, enquanto eu lhe dava tudo o que ela precisava.

Pare com isso. Ela não é uma vampira. Ela é uma porra de humana.

Uma humana que quase drenei até a morte com minha falta de controle. Uma humana *doente*.

Deus, eu realmente era um monstro.

Cor surgiu em suas bochechas, e eu balancei a cabeça enquanto sua frequência cardíaca se estabilizava. — É o bastante. — Afastei meu pulso de sua boca e selei o corte com minha língua.

— Isso foi... — Seus olhos estavam arregalados quando ela olhou para mim, e o cheiro de desejo saindo dela novamente foi quase minha ruína quando ela estendeu a mão para mim.

Seria dela se eu cedesse.

— Essa foi à última vez que isso aconteceu. — Eu a estabilizei na mesa, então me virei e praticamente correndo para fora da casa.

8

Grace

— Como você está se sentindo, Grace? — Dra. Watson perguntou quando ela entrou na sala, seu jaleco branco esvoaçando atrás dela.

Eu balancei a cabeça lentamente de onde eu estava sentada na cadeira do paciente dobrada na pequena sala de exames. — Estou bem, — respondi. Honestamente, eu não queria entrar para vê-la, mas precisava de um reabastecimento dos meus remédios contra náuseas, e ela insistiu que eu fizesse outro conjunto de exames enquanto recebia o reabastecimento. Além disso, havia uma pergunta que eu realmente precisava que ela respondesse.

A apreensão subiu pela minha garganta, ameaçando roubar as palavras.

— Como estão as dores de cabeça? — ela perguntou, sentando-se à minha frente enquanto clicava com a caneta e rabiscava algo no meu prontuário.

— Vem e vai, — eu disse.

— E as náuseas? Você está aqui para reabastecer os remédios que lhe dei há algumas semanas?

— Sim, a náusea tem sido mais persistente. Está tornando difícil fazer as coisas que eu preciso fazer.

Como convencer o Ajax a abrir mão de tudo o que o estava segurando.

Cítricos e baunilha. Seu sangue tinha um gosto melhor do que meu café favorito, meu vinho favorito, qualquer um deles. E o que ele fez com meu corpo? Deus, eu nunca estive tão consumida antes. Nunca me senti tão querida, tão segura em seus braços.

Seus dentes afundando na carne sensível da parte interna da minha coxa.

Isso aconteceu mesmo? Ou eu tinha manifestado uma cena diretamente da minha ficção favorita? Sinceramente, o Ajax era muito melhor do que qualquer fantasia, mas eu estava *com medo* de que ele fosse apenas isso... uma fantasia.

E ele esteve tão incrivelmente ocupado nos últimos cinco dias - algo sobre seu trabalho - que voltei à minha teoria de que o conjurei do nada. Talvez mais, depois do delicioso cenário de troca de sangue.

— Nós vamos cuidar disso, — disse ela, puxando-me de volta ao presente. Algo brilhante dançou em seu olhar. — Recebi seus exames, — disse ela, deslizando duas placas de imagens transparentes para fora da pasta que segurava. Ela se levantou, posicionando-os no quadro de luz e acendeu. — Você vê isso? — ela perguntou, apontando para a massa escura que estava me matando lentamente.

— Sim, — eu disse. — Parece o mesmo de duas semanas atrás.

— Mas não é, — disse ela, voltando-se para mim. — É um milímetro menor do que seu último exame.

— Tudo bem, — eu disse, encolhendo os ombros. — Isso é significativo?

Seus ombros caíram quando ela se sentou. — Bem, no seu tipo de caso, geralmente adoramos ver qualquer tipo de diminuição. Sei que não é muito, mas é algo digno de nota. Você já pensou mais no tratamento? Se está encolhendo por conta própria...

— Obrigada, doutora, — eu disse sobre ela. — Mas não estou mudando de ideia sobre o tratamento. — Soltei um suspiro, observando a frustração moldar suas feições. — Eu aprecio você fazendo os exames e me dizendo, importando-se o suficiente para continuar a me dar os remédios e oferecer tratamento, mas eu simplesmente não posso. Finalmente sinto que estou aproveitando o que resta da minha vida e não quero colocar um obstáculo nisso.

A Dra. Watson assentiu com a cabeça, a compreensão brilhando em seus olhos. — Essa é definitivamente a sua escolha, mesmo que eu desaconselhe isso.

Eu sorri para ela. Eu sabia que ela tinha boas intenções, mas não podia me dar esperança. Especialmente com o quão pouco o movimento era. E como? O que causou aquela diferença milimétrica? Talvez os exames simplesmente não tenha capturado tudo ou talvez tenha diminuído por conta própria. Não faria diferença no final. Morte, eu aceitei. A esperança não era algo que eu poderia sobreviver.

— Há mais alguma coisa sobre a qual você precise falar comigo hoje, Grace?

Eu pisquei para fora dos meus pensamentos, balançando a cabeça. — Sim, eu disse. — Embora eu não esteja recebendo tratamento, ainda quero ser informada sobre minha situação. Lembro-me de certas coisas sobre o que aconteceu com minha mãe e pesquisei algumas coisas no Google, mas achei que você é uma fonte muito melhor do que um mecanismo de busca.

— Farei o possível, — disse ela. — Pergunte.

— Que outros tipos de efeitos colaterais posso esperar nos próximos meses? As dores de cabeça e náuseas eu entendo, mas poderia haver outras... coisas? — Engoli o nó na garganta.

Como ouvir vozes ou alucinar sobre um homem sexy afundando seus dentes em mim e então me alimentando com seu sangue em troca?

Ela suspirou, colocando a palma da mão sobre o meu prontuário. — Sim, há uma infinidade de efeitos colaterais que acompanham sua condição. Você pode ter visão turva, tontura, incapacidade de lembrar palavras comuns e até convulsões em alguns casos.

Medo gelado estalou em minha espinha com o pensamento de perder o controle total do meu corpo por momentos de cada vez.

— Algo mais? — Eu perguntei, incapaz de dizer a palavra em voz alta.

Ela inclinou a cabeça. — Existe algo específico com o qual você está preocupado?

— Mais ou menos, — eu disse, e quase me engasguei com a mentira que estava prestes a contar. — Como eu disse, não consigo

me lembrar de tudo sobre minha mãe e o que ela experimentou, mas acho que me lembro dela tendo alucinações?

Dra. Watson assentiu. — É uma possibilidade, sim. Mas é raro.

Meu coração afundou até a boca do estômago.

O Ajax não era real.

Eu tinha uma suspeita o tempo todo porque ele era perfeito demais, sua aparência em minha vida era perfeita demais. Sexy, forte e protetor. Gentil e misterioso e um ouvinte fantástico. Engraçado, surpreendente e incrivelmente perspicaz. Todas as qualidades que eu achava atraentes em um parceiro, eu as colocava em um misturador de cérebro e misturava tudo.

A certeza me fez sentir como se o chão estivesse se desintegrando sob meus pés.

— Se você teve alucinações ou está começando a ter, é imperativo que você chegue aqui imediatamente. Nós precisaríamos hospitalizá-la para sua própria segurança, — ela disse, trazendo-me de volta à realidade.

Balancei a cabeça, fingindo um sorriso. — Eu não estou, — eu disse, e talvez não fosse uma mentira total. Sim, o Ajax provavelmente foi algo que criei em minha mente, mas não tinha provas de um jeito ou de outro. E, além disso, eu não tinha me machucado nem a ninguém enquanto o alucinava. Isso tinha que contar para alguma coisa.

— É bom ouvir isso, Grace, — disse ela, levantando-se de seu assento. — Seus remédios estão lá embaixo e prontos para você na

farmácia. — Ela segurou a porta aberta para mim e eu entrei no corredor.

— Obrigada, — eu disse. — Mais uma vez, por tudo.

Ela sorriu suavemente para mim. — Estou sempre aqui, — disse ela. — Se você mudar de ideia ou precisar de mais alguma coisa.

— Eu aprecio isso, — eu disse, então virei para o corredor.

Entrei na farmácia, enfiei os comprimidos na bolsa e saí. As consultas com a Dra. Watson eram sempre à noite porque ela trabalhava no turno da noite, mas eu não me importava. Eu adorava inalar o ar da noite enquanto saía para o pátio do hospital. Os prédios de tijolos vermelhos ficavam entre grandes árvores verdes, a lua brilhando lá no alto, fazendo o lugar parecer mais acolhedor do que deveria, visto que era um lugar cercado pela morte.

Peguei meu celular, clicando no aplicativo Lyft. Eu já havia dado meu carro para Maria quando conversamos na semana passada. Um dos adolescentes sob seus cuidados tinha acabado de conseguir seu primeiro emprego e precisava de transporte, e eu poderia facilmente usar o Lyft em qualquer lugar que precisasse ir. Meu coração ficou um pouco mais leve só de saber que estava indo para alguém que realmente precisava.

Parei alguns passos no caminho, um arrepio de apreensão estourando na minha nuca. Olhei ao redor, incapaz de me livrar da sensação de estar sendo observada. Havia alguns outros pacientes entrando e saindo do prédio, ou médicos, enfermeiras e residentes, mas nenhum deles estava prestando atenção em mim.

Esquisito. Estremeci com a sensação, dizendo a mim mesma que provavelmente era apenas mais um sintoma do tumor, e continuei andando.

Grace.

Engoli em seco quando o som da voz de Ajax encheu minha cabeça, o som tão chocante que quase derrubei meu telefone. Levantei os olhos, instintivamente seguindo a sensação de calor que senti pulsando em torno de sua voz em minha mente, e me virei.

Ajax estava sentado em um dos pequenos bancos de madeira que decoravam a entrada do hospital a vários metros de distância, os braços esticados nas costas, seu corpo enorme dominando a pequena mobília. Engoli em seco, incapaz de parar a reação do meu corpo ao vê-lo.

Um olhar, e eu quase podia sentir seus lábios contra os meus, senti o formigamento lá como se ele tivesse acabado de me beijar. Um olhar e eu ansiava que ele me abraçasse, falasse naquele tom profundo dele e fizesse o mundo real desaparecer.

O mundo real.

Mas ele não fazia parte do mundo real, fazia? Ele apareceu quando eu mais precisava dele, como fariam os mecanismos de enfrentamento mais comuns. Eu o conheci fora deste mesmo hospital, pelo amor de Deus. Então, por que meus dedos tremeram quando seus olhos se fixaram nos meus?

— Oi, — eu disse, porque honestamente parecia rude apenas ficar ali olhando para ele.

Ele sorriu para mim, e eu dei um passo em direção ao banco, mas ele...

Desapareceu.

A respiração tornou-se gelada em meus pulmões.

Fechei os olhos com força, o pânico fazendo meu coração disparar. Lá estava minha prova, Ajax estava apenas na minha cabeça...

— Grace, — ele disse meu nome em voz alta logo atrás de mim.

Eu me virei, olhando para ele. — Como... o que acabou de acontecer?

Não quero mais nada entre nós.

Sua voz soou em minha cabeça, mas seus lábios absolutamente não se moveram. Algo como um pedido de desculpas, que se agitava em seu olhar quando ele olhava para mim, sua mão estendida entre nós. — Você confia em mim?

Olhei para ele, depois para a mão e para trás novamente.

Eu confiava nele?

Claro, eu confio. Por que outro motivo eu o teria colocado instantaneamente na pouca vida que me restava? Além disso, se eu o fiz em minha mente, suponho que não havia ninguém melhor para confiar do que eu.

— Você tinha sua língua entre minhas coxas na semana passada, — eu disse, segurando uma risada. — E eu tenho certeza de que bebi seu sangue, então... sim. — Eu deslizei minha mão na dele.

Ele expirou lentamente, quase como se estivesse prendendo a respiração esperando pela minha resposta. — Ótimo, — disse ele, então me puxou para mais perto antes de me pegar em seus braços.

Eu gritei de surpresa, meus braços voando automaticamente ao redor de seu pescoço enquanto ele me embalou em seu peito.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, não muito certa de que ele não estava prestes a criar asas de penas negras e me levar para o céu como o Grim Reaper que eu sempre o provocava sobre ser.

— Eu quero te mostrar algo.

— Tudo bem, — eu disse, incapaz de tirar os olhos dele. Pela posição em que ele me segurou, eu estava perigosamente perto de sua boca, aqueles lábios carnudos além de tentadores enquanto ele segurava meu olhar. Seus braços me seguraram sem esforço, os músculos de seu peito e abdômen roçando o lado do meu corpo que estava pressionado contra ele.

Um sorriso lento, quase selvagem, formou seus lábios. — Você tem que olhar em volta para ver, — explicou.

— Oh, — eu disse, piscando enquanto conseguia tirar meus olhos dos dele. Olhei ao nosso redor, meus olhos arregalados enquanto eu o segurava um pouco mais forte. — Que diabos é isso?

Outras pessoas entrando ou saindo do hospital simplesmente... congelaram. Como no meio da caminhada, no meio da abertura da porta, no meio do jogo com as chaves, *imóveis*.

Minha frequência cardíaca disparou, meu corpo se rebelando com o que meus olhos estavam vendo. — Ajax... — Fechei os olhos com força. Que porra, foi isso? Eu estava prestes a morrer? Era isso que acontecia quando você morria, o mundo ao seu redor parava?

— Estou aqui com você, — disse Ajax, nos acompanhando através do local. — Você não está alucinando e não está morrendo.

Suas palavras fizeram pouco para me confortar enquanto passávamos por todas as pessoas congeladas em seus movimentos, mas consegui respirar profundamente. Ajax parou do lado de fora de seu Range Rover, abrindo a porta do passageiro antes de me colocar lá dentro. Eu estava muito atordoada até mesmo para argumentar que eu era totalmente capaz de entrar no carro dele sozinha.

Ajax sentou-se ao volante, o silêncio no carro quase sufocante.

— Continue olhando, — disse Ajax antes de estalar os dedos.

Todos os que haviam sido congelados retornaram às suas ações anteriores como se não houvesse nenhuma interrupção.

Meus lábios se abriram, choque vibrando através de mim quando me virei para olhar para Ajax.

— Você fez isso?

Ele assentiu.

— Você pode controlar o tempo?

Outro aceno de cabeça e um lampejo de preocupação em seus olhos. — Você está assustada?

Eu balancei minha cabeça, excitação e admiração me enchendo até as bordas da minha alma. Eu tinha acabado de dar superpoderes à minha manifestação. E sério, controlar o tempo? O que poderia ser melhor, quando eu estava ficando sem ele tão rapidamente?

Eu sorri para ele. — De jeito nenhum, — eu disse, recostando-me no assento.

— Sério? — ele perguntou.

— Sério, — respondi. — Eu poderia dizer que quando você sabe que vai morrer em breve, nada é assustador, mas isso seria uma mentira. — Suspirei. — É você, Ajax, — eu admiti, colocando um pouco do meu coração lá fora para ele destruir se ele quisesse. — Você se tornou o único espaço seguro que minha vida tem. Você é a pessoa em quem penso quando me pergunto pelo que valeria a pena viver, pelo que valeria a pena arriscar a dor do tratamento. Você nunca poderia me assustar. Nunca.

Ajax abriu e fechou a boca algumas vezes, as palavras claramente ficando emaranhadas enquanto as emoções causavam estragos em seu rosto.

— Você não tem que retribuir, Grim, — eu provoquei, tentando aliviar o clima. — Eu só queria que você soubesse. — Eu não conseguia guardar as coisas para mim, não quando o tempo estava se esgotando a cada segundo do relógio.

Um sorriso se estendeu em meu rosto. — Controlando o tempo, — eu disse, quase para mim mesmo. — Isso é tão incrível. Você já parou o tempo só para ter um pouco de paz e sossego? — Eu definitivamente o faria, especialmente quando lia em público.

Por que é que sempre que você tem um livro em público, as pessoas sentem a necessidade de começar a falar com você?

— Sim, — disse ele, ligando o carro.

— Então, onde você está me levando?

— Onde você quer ir? — ele perguntou, ligando o carro.

Memórias me inundaram desde a última vez que ele esteve em minha casa – sua boca na minha pele, sua língua contra minha carne hipersensível, seu corpo pressionado contra o meu. A maneira como seus dentes afundaram em mim...

Eu queria aquela liberdade de novo, aquela perda total da realidade. Eu queria ser devorada por ele e consumi-lo em troca. Eu queria...

Eu queria *ele*. Agora, e sempre.

— Minha casa, — eu respondi.

— Eu mostro o que posso fazer e você não me pede imediatamente para levá-la a um lugar público para que você possa fugir com segurança? — ele perguntou, meio provocador, meio verdade.

Eu balancei minha cabeça. — A única coisa que está me afastando de você é a morte, — eu respondi, então me encolhi com a minha falta de filtro.

Mas Ajax sorriu para mim, balançando a cabeça antes de resmungar algo baixinho que não consegui entender.

E quando ele nos puxou para a estrada, não pude deixar de pensar que, por mais horrível que fosse minha situação, esse

tumor certamente estava tornando meus últimos dias
extraordinários.

Ajax

Vivi séculos e séculos, conheci milhares e milhares de pessoas - tanto humanos quanto vampiros, e no entanto Grace foi o primeiro ser a me confundir em todas as direções possíveis.

Eu dei a volta em direção à casa dela enquanto ela enfiava a mão pela janela, brincando com uma corrente de ar enquanto percorríamos a noite, com um sorriso satisfeito em seu rosto. E esse sorriso... deu-me esse mesmo sentimento de contentamento, irradiando paz através do meu peito mesmo quando minha fome ameaçava a violência iminente.

Cinco dias. Era tudo o que eu tinha conseguido ficar afastado. Cinco dias, porra. E cada um deles tinha sentido como se eu estivesse sendo dilacerado, como se a distância física de Grace esticasse pedaços de mim até o seu limite.

Esta noite, quando Zachariah tinha me dado um olhar atento que eu não estava pronto para interpretar, então "me deu a noite de folga", novamente, eu tinha tirado sem pensar duas vezes. Eu tinha me distraído como se fodesse nos últimos cinco dias - mal-humorado, dolorido, e o pior de tudo era a fome. Interminável. Roendo. Faminto.

Eu a rastreei através do sangue que compartilhamos, esperando que talvez mostrar a ela meus poderes finalmente desencadeasse uma boa dose de medo nela. Que ela finalmente me veria como eu sou - um perigo para ela. Mas, em vez disso, se deleitou com isso, aceitando-me como eu era sem dúvida, e eu tinha perdido todo o desejo de afugentá-la para seu próprio bem no meu desespero por apenas um pouco mais de tempo com ela.

Eu era um idiota. Ela estava morrendo. Seu sangue tinha apenas um leve gosto da doença que eu sabia que a estava consumindo, mas isso não era desculpa para perder o controle na outra noite. Eu nunca deveria ter tirado dela, muito menos bebido tanto que ela precisou beber meu sangue para substituir o que eu consumi avidamente.

E ainda assim eu queria mais. Eu a queria debaixo de mim, suas coxas abertas, sua boceta molhada, seu sangue fluindo para minha boca enquanto eu a fodia até o fim, de tal forma que só seria meu nome que ela gritaria quando gozasse.

Meu sangue esquentou e meu corpo ficou tenso só de pensar nisso.

Morda, meus instintos exigiam como os idiotas insistentes que eram.

Cala a boca. Eu me concentrei no cheiro de Grace, esperando que isso me afastasse das necessidades predatórias que me rondavam enquanto estacionávamos em sua garagem, mas esse foi o movimento errado. A fome aumentou de novo quando sua doçura encheu meus pulmões. Ficar longe tinha sido minha única

defesa contra o vício que eu reconhecia estar produzindo em meu sangue, e ainda assim aqui estava eu.

Sim. O imbecil aprisionado.

Coloquei o carro na garagem.

— Você está entrando, certo? — Grace perguntou, virando-se para mim.

Segurei o volante. — Posso pensar em cerca de mil razões pelas quais não deveria. — Mil razões que começariam e terminariam com o fato de que ela não estava completamente segura comigo, não com o jeito que eu me perdia nela. Eu a queria muito para confiar em meu próprio controle.

— E eu posso pensar em mil razões pelas quais você deveria.

Sua voz suave atraiu meu olhar para ela e, naquele segundo, todos os pensamentos responsáveis fugiram. Tudo o que importava era o que Grace queria. O que ela precisava. O que eu poderia dar a ela.

Congelei o tempo e cheguei ao lado dela no carro antes que ela pudesse abrir a porta, só porque gostava de fazer isso por ela. Os sons dos grilos recomeçaram quando abri a porta do passageiro.

Os olhos dela queimaram. — Você fez aquela coisa de parar o tempo de novo?

Eu balancei a cabeça e ofereci minha mão para ajudá-la a sair do Rover. Seu equilíbrio estava um pouco desequilibrado ao sair do hospital. Não o suficiente para ela notar, mas eu com certeza percebi.

— Você não tem que fazer isso, você sabe. — Seus dedos roçaram nos meus quando ela pisou na calçada e o simples toque passou direto por mim. — Posso abrir minhas próprias portas.

— Eu quis, — eu disse, minha voz baixa enquanto examinava os arredores e fechava a porta. Outra família humana foi massacrada ontem à noite, está relacionada a um dos alimentadores do Domum que Alek jurou proteger, e eu não iria correr nenhum risco com a segurança de Grace. Mas os aromas no ar eram os mesmos de todas as outras vezes que visitei, e seus vizinhos estavam estacionados em suas vagas habituais.

Talvez eu estivesse ficando paranoico na velhice.

— É só uma porta. — Ela tirou as chaves da bolsa enquanto subíamos os degraus.

— Não é. — Minha mão passou pela parte inferior de suas costas enquanto ela destrancava a porta e ela relaxou ao meu toque. — Na minha época, eu teria ajudado você a entrar em sua carruagem, caminhando com você do meu lado esquerdo para que eu pudesse estar preparado para desembainhar minha espada em sua defesa a qualquer momento. Abrir uma porta é o mínimo de como você merece ser cuidada, Grace.

Ela fez uma pausa, olhando por cima do ombro para mim com algo semelhante a admiração separando seus lábios. — Você supõe que eu teria uma carruagem na sua *época*, — ela brincou. — Talvez eu fosse uma garota de fazenda. Uma camponesa. Uma serva.

— Você teria sido uma nobre, — eu disse baixinho, passando o polegar por sua bochecha macia. — E se não fosse o caso, eu a

teria transformado em uma. — As palavras escaparam da minha boca antes que eu pensasse em censurá-las.

Nossos olhos se encontraram e seu cheiro mudou de uma forma que me deu água na boca com a memória de seu gosto na minha língua, suas mãos no meu cabelo, seus gemidos em meus ouvidos. Minha necessidade aumentou instantaneamente em resposta à dela. O que havia nessa mulher que eu achava absolutamente impossível de resistir? Não era apenas sua paixão pela vida, não.

Era assim que ela me fazia sentir quando olhava para mim, como se eu fosse alguém com quem valesse a pena gastar o pouco tempo que lhe restava.

Estendi a mão ao redor de seu corpo e abri a porta.

Ela se virou para me encarar na varanda, então agarrou as pontas da minha jaqueta e sorriu para mim, andando para trás e me puxando para dentro de casa com ela.

— Deus, eu amo o seu sorriso, Grace. — Fechei a porta com a bota e ela mudou de tática, estendendo as mãos sobre meu peito e me empurrando para trás.

Eu fui com ela, e no segundo em que minhas costas bateram na moldura de madeira, ela se levantou na ponta dos pés e puxou minha jaqueta, erguendo sua boca para a minha. Um grunhido de satisfação retumbou em meu peito enquanto eu abaixei minha cabeça e a beijei.

Ao primeiro toque de nossos lábios, minha visão cintilou em modo térmico e predatório, fechei os olhos e lutei para me

controlar. O desejo que eu sentia por ela, o desejo, a atração, não era nada comparado à necessidade que estalava na minha espinha, exigindo que eu reivindicasse o que meu corpo insistia que era meu, tudo dela.

Reivindique. Prove.

Enchi minhas mãos com sua bunda no mesmo momento em que puxei minha boca da dela. — Eu devo ir. — Minhas ações estavam completamente em desacordo com minhas palavras enquanto eu a erguia contra meu peito, como se meu corpo já soubesse o que minha mente não tinha entendido – este era o meu lugar, onde quer que ela estivesse.

— Você deveria ficar. — Ela enterrou as mãos no meu cabelo e envolveu as pernas em volta da minha cintura.

Respire. Eu tinha que respirar para conseguir alguma aparência de controle, mas cada respiração carregava o doce aroma de sua excitação em meus pulmões. Nunca na minha vida eu quis tanto alguém, precisei de alguém mais do que minha próxima alimentação.

Eu precisava ir, poupá-la, protegê-la, mas não conseguia fazer meus malditos pés funcionarem, não conseguia fazer meus braços colocá-la no chão. Cada célula do meu corpo latejava até que eu era uma dor implacável e pulsante por seu corpo, seu sangue, por tudo dela.

— Fique, Ajax, — ela sussurrou, suas mãos gentis enquanto ela as acariciava pelos lados do meu pescoço. Tudo em Grace era tão malditamente macio, especialmente seu toque.

Minha determinação falhou, mas pelo menos minha visão voltou ao normal quando abri meus olhos. — Eu quero muito você para ficar.

— E eu quero muito você para deixá-lo ir. — Ela se inclinou e me beijou.

Eu agarrei.

Inclinando minha boca sobre a dela, eu a beijei com completo e absoluto abandono, afundando minha língua atrás de seus dentes com carícias exuberantes. A fome explodiu em minhas veias, a necessidade de seu corpo igual ao meu desejo por seu sangue. Um gosto não tinha sido suficiente.

Ela não se esquivou, não hesitou, oh não. Sua língua era implacável contra a minha, suas mãos tiraram minha camisa, suas coxas apertaram minha cintura quando a encostei na parede na base dos degraus.

— Tenho medo de machucá-la. — Foi o mais honesto que pude ser, o mais honesto que já fui com qualquer amante. Eu nunca estive no limite assim, nunca guerreei com meu próprio bom senso, nunca duvidei de minha capacidade de permanecer no controle total.

— Você nunca poderia me machucar. — Ela se afastou do meu beijo, seus olhos queimando enquanto ela olhava para o meu torso, seus olhos demorando em cada tatuagem, especialmente aquela acima do meu coração que eu carreguei comigo por quase mil anos. — Você é perfeito demais para realmente existir. — Seu toque incendiou cada centímetro da minha pele enquanto ela explorava meu peito.

— Muitas vezes penso exatamente a mesma coisa sobre você.

— Leve-me para a cama. — Seu olhar encontrou o meu, vidrado de desejo.

— Grace... — Eu gemi, meu pau se contorcendo, pulsando no mesmo ritmo das batidas do meu coração. Ela tinha que entender, tinha que saber exatamente o quão perto eu estava de perder o controle quando se tratava dela. — Se eu subir essas escadas, estarei dentro de você em minutos. Não meus dedos, não minha língua, meu pau. — *E minhas presas*. Mesmo agora elas doíam, o prazer de abraçar Grace apenas temperado pela dor de mantê-las afastadas.

— Promete? — Ela sorriu, e cada músculo do meu corpo se contraiu.

— Porra. — Eu bati minha boca sobre a dela, beijando-a, consumindo-a, reivindicando um centímetro de cada vez enquanto subíamos as escadas, nossos lábios nunca se separando. Eu queria beijar essa mulher todas as noites pelo resto da minha vida, ela era tão responsiva, tão doce, tão viciante.

Ela tirou os sapatos enquanto descíamos o corredor e meu cinto estava desabotoado quando chegamos à porta do quarto.

Eu me atrapalhei com a maçaneta da porta - na verdade me *atrapalhei*, era assim que eu estava confuso - e ela tirou a blusa, deixando-a cair no chão quando abri a porta.

— Linda, — murmurei em seu decote, beijando o topo de seus seios enquanto a carregava para a cama. Deitei-a sobre as cobertas

e acendi o abajur. — Eu quero ver cada expressão nesse rosto lindo quando eu te pegar.

Suas costas arquearam quando eu beijei um caminho para baixo em seu peito, e seu gemido fez minhas presas perfurarem enquanto eu lambia a elevação de seu mamilo sob a renda pálida de seu sutiã. Um movimento dos meus dedos nas costas dela e a renda caiu no chão, deixando sua pele deliciosamente nua.

— Tão perfeita, porra. — Eu me revezava adorando cada seio, trazendo as pontas para picos duros e rosados.

Ela me alcançou e eu gemi enquanto eu me acomodava entre suas coxas. Havia algo tão incrivelmente certo sobre a maneira como ela se encaixava contra mim, a maneira como ela cheirava, o sabor dela. Tudo nela era como se estivesse em casa.

Parecia que ela era *minha*.

Meus instintos ronronavam, deixando-me suficientemente tranquilo para desfrutar cada centímetro de sua pele que eu beijava ao longo de suas costelas, a superfície plana de sua barriga. Era como se o predador dentro de mim se acalmasse, sabendo que finalmente conseguiria o que desejava... o que ambos necessitávamos.

Eu rocei minhas presas ao longo da curva de seu quadril e ela se engasgou, seus quadris arqueando enquanto seus dedos se enredavam em meu cabelo.

— Tudo sobre você é foddidamente inebriante, Grace. — Travei os olhos com ela enquanto abria o zíper de sua calça jeans,

observando qualquer hesitação, farejando que sua excitação não diminuísse enquanto eu a puxava para baixo sobre sua bunda.

Ela arqueou os quadris para ajudar.

A calça jeans se juntou ao sutiã no chão e, alguns segundos depois, também o pedaço de tecido que ela chamava de calcinha.

Porra. Porra. *Porra*. Tê-la sob minha boca, suas coxas macias em volta da minha cabeça não tinham começado a fazer justiça à mulher. Ela era cada fantasia ganhando vida.

Eu ia devorar cada maldito centímetro dessa mulher.

— As coisas que eu quero fazer com você. — As palavras saíram como um rosnado.

Ela se sentou com um sorriso e estendeu a mão para mim, seus dedos deslizando pelas linhas ao longo dos lados do meu abdômen antes de eu pegar seus pulsos. Avançando, preendi seus braços acima de sua cabeça enquanto a colocava de costas.

— Você não pode me tocar. Não agora.

— Não é justo, — ela fez beicinho, seus lábios franzidos enquanto seus olhos dançavam para mim.

— Você me toca e isso vai acabar antes que qualquer um de nós queira, — eu a avisei, movendo meus quadris contra seu centro aquecido para que ela pudesse sentir exatamente como eu estava. — E isso não vai acontecer, não antes desse seu doce corpinho gozar para mim pelo menos duas vezes. Eu me recuso a perder o controle com você.

— Vá em frente e perca, — ela desafiou. — Algo me diz que você me pegaria no segundo round. — Arqueando-se, ela

pressionou seus seios contra meu peito, e o contraste de sua pele contra a minha foi quase minha ruína. — Você não parece ser o tipo de cara que deixa uma garota insatisfeita.

— Você não. Nunca você. — Eu poderia fazê-la gozar simplesmente cronometrando minha mordida corretamente, mas não ia dizer isso.

Soltei suas mãos e afundei em seu corpo, minhas mãos acariciando cada curva, memorizando e mapeando seu corpo enquanto me encaminhava entre suas coxas. Aquele primeiro suspiro em seus lábios quando eu lambi de sua entrada até seu clitóris viveria em minha memória pelo resto dos meus dias.

— Ajax! — ela gritou, seus quadris subindo para cada passada da minha língua contra sua boceta.

— Eu tenho sonhado com isso desde a última vez que te vi. — A admissão foi baixa e áspera, pontuada por um movimento da minha língua sobre seu clitóris. — Eu acordo com seu nome em meus lábios, o gosto de sua boceta em minha língua, o som de seus gritos ecoando em meu quarto vazio. Estou duro por você antes mesmo de meus olhos se abrirem. Sempre duro por você.

— Oh, meu *Deus*. — Ela se contorceu debaixo de mim.

Lambi e chupei, mantendo-a no limiar, dando-lhe apenas o suficiente para levá-la ao limite e depois recuando só para que eu pudesse colocá-la no topo novamente. Eu não queria apenas que ela gozasse por mim, eu queria que ela se desfizesse, queria que ela se sentisse tão absolutamente destruída por mim quanto eu me sentia por ela.

Sua respiração vinha cada vez mais rápida, e quando suas coxas travavam e estremeciam, eu a impulsionava para além do limite, meu próprio corpo latejava com uma necessidade tão exigente que eu podia saboreá-la enquanto a via ser aliviada, suas costas se curvando como onda após onda a levaram.

— Você, — exigiu enquanto descia, agarrando meus ombros.
— Eu quero *você*, Ajax.

Reivindique.

Pela primeira vez, eu estava de acordo com os instintos que me levavam a tomar esta mulher de todas as maneiras possíveis.

Meu olhar nunca deixando o dela, deixei cair minhas botas e o resto da minha roupa em sua cama. Seus olhos estavam semicerrados e vidrados de prazer, mas a chama inconfundível de necessidade crua que vi ali fez meu pulso acelerar.

Mantendo minhas presas protegidas atrás de meus lábios, eu a beijei enquanto me acomodava entre suas coxas, deleitando-me com o gosto de seu beijo e a sensação da pele macia de suas coxas contra as minhas. Mas foi o calor dela, escorregadio e acolhedor, no meu pau que me fez gemer. Ela parecia tão gostosa e eu ainda não estava nem dentro dela.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — Eu me movi entre beijos, mal me controlando quando ela ondulou seus quadris.

— Certeza absoluta. — Ela passou os braços em volta do meu pescoço e olhou para mim com tanta confiança que senti algo atrás das minhas costelas estalar um pouco, o calor se espalhando pelo

meu peito. — E eu tenho um implante, então você não precisa se preocupar com proteção. — Ela passou a língua pelo lábio inferior. — E não é como se eu tivesse um parceiro há algum tempo, então eu sei que não tenho nada... — Um rubor profundo manchou suas bochechas. — Isso você sabe... você pode pegar.

Certo. Porque os humanos usavam preservativos. *Merda*. Por que eu não tinha pensado nisso?

E definitivamente não precisávamos. Vampiros não carregam doenças que podem ser transferidas para humanos, ou vice-versa, e embora seu cheiro seja doce o suficiente para bater como açúcar na minha língua, eu poderia dizer que ela não estava em seu período fértil.

Mas como dizer isso a ela? Não importava que eu nunca tivesse escondido minha verdadeira natureza dela, ela ainda pensava que meu vampirismo - inferno, até mesmo minha própria existência era uma invenção de sua imaginação.

— Estou completamente livre de qualquer doença, — eu disse, franzindo a testa. — Mas se você estiver um pouco desconfortável, eu vou comprar...

— Estou completamente confortável, — disse ela, arqueando os quadris para que eu deslizasse por sua maciez, arrancando um gemido dos meus lábios. A cabeça do meu pau cutucou seu clitóris e ela se engasgou. — Eu confio em você.

Com a forma como minhas presas doíam pelo gosto dela, isso nos tornava um de nós.

Eu era muito egoísta, muito carente para ela ir embora.

Afundando em seu beijo, segurei meu peso com um braço e então acariciei as linhas perfeitas de seu corpo com minha mão livre, maravilhando-me com cada mergulho e cavidade. Quando cheguei entre suas coxas, ela gemeu em minha boca.

— Tão fodidamente molhada para mim. — Deslizei um dedo dentro dela, acariciando as paredes apertadas de sua boceta, depois dois, esticando-a enquanto trabalhava em seu clitóris com meu polegar, extraíndo cada suspiro e gemido de sua bela boca, com cuidado para não a cortar com minhas presas.

Um gosto de seu sangue e eu estaria em sua garganta.

Controle. Eu tinha que manter o controle total.

Suas unhas cravaram em meus braços enquanto ela montava minha mão, sua paixão crescendo rapidamente, as brasas de seu primeiro orgasmo se transformando rapidamente em um segundo.

— Você! — ela ordenou, seus olhos implorando aos meus. — Não seus dedos. Eu quero você dentro de mim.

Um canto da minha boca levantou e eu beijei o lado de sua boca no meu caminho para sussurrar em seu ouvido. — Você está dizendo que quer gozar no meu pau, Grace?

Ela assentiu.

Porra, essa mulher ia me matar. Morte por puro *desejo*.

Deslizei meus dedos de seu calor e peguei meu pau na mão, marcando minha cabeça em sua entrada. — Então você vai ter que dizer.

Seus olhos se arregalaram quando me levantei para olhar para ela. Eu não ia perder um segundo disso. — Diz?

Eu balancei a cabeça. — Você quer meu pau? Diz! Diga-me exatamente o que você quer, Grace, e eu sempre darei a você.

— Ajax. — Seus lábios se separaram e ela girou os quadris, me provocando.

Fiquei completamente imóvel. Cada célula do meu corpo exigia que eu seguisse em frente, mas foda-se se eu não queria ouvir essas palavras. Balançando ligeiramente, deslizei o primeiro centímetro apertado e ela choramingou. Puta *merda* apertada. — Diga.

— Eu quero que você me foda!

Perto o suficiente.

Rolei para frente e balancei para trás, consumindo um pouco mais dela com cada impulso, dando-lhe apenas um segundo antes de tomar mais. — Você é perfeita pra caralho, Grace. Sinta o jeito que você me leva? Pura perfeição. — Ir devagar ia me matar, mas ela era fodidamente pequena e eu não.

Ela gritou quando eu a reivindiquei completamente, e eu gemi do fundo do meu peito, minha mandíbula trabalhando, flexionando com o esforço que levou para me segurar enquanto eu dava a ela um momento para se ajustar.

Minha. Ela era minha. Eu sabia disso a cada respiração, a cada batida do coração. O pensamento era ilógico, territorial, totalmente ridículo e ainda assim... eu sabia.

— Você está bem? — eu tinha que saber.

— Como você disse, estou perfeita pra caralho, — ela me assegurou, levantando as mãos para segurar meu rosto enquanto sorria.

Inferno, *sim*, ela era.

Eu observei cada linha de seu belo rosto quando comecei a me mover, me arrastando lentamente apenas para empurrar para dentro de novo e de novo. Ela parecia o paraíso, e o suor logo escorria na minha pele enquanto eu a tomava mais e mais.

Ela encontrou cada impulso, nossos corpos se movendo em um acordo sem palavras que me tirou o fôlego e apertou meu peito com o quanto bom estava. Cada um de seus gritos tornava mais difícil manter meu ritmo. O arranhão de suas unhas e a sensação de seus lábios em minha mandíbula, minha boca, sua respiração me atingindo em ofegos rápidos, enviou pura felicidade pela minha espinha, enrolando baixo.

Tudo nela estava me desvendando.

Inclinei seus quadris, levando-a para um ângulo mais profundo, e nós dois gememos. Ela estava perto. Eu ouvi isso nas pequenas capturas de sua respiração, senti na constrição de suas coxas em volta dos meus quadris enquanto gozávamos juntos mais e mais.

— Eu nunca vou ter o suficiente de você, — eu rosnei em seu pescoço, minhas presas raspando a pele delicada.

— Você pode ter o que quiser de mim, — ela respondeu enquanto suas mãos encontravam meu cabelo. — Me morda de novo.

Perdi o ritmo por um segundo e fiquei com água na boca.

— Por favor? — Ela trancou os tornozelos nas minhas costas.
— Foi tão bom.

— Grace, — eu avisei, meu autocontrole por um fio. Não havia nada mais que eu quisesse neste mundo do que afundar minhas presas em seu pescoço e me alimentar dela enquanto ela encontrava sua liberação.

— Por favor, Ajax? Estou quase... quase...

Esse fio estourou.

— Sim, querida. Eu sei. — Eu a peguei com mais força, deixei minha mão flutuar entre nossos corpos e acariciei seu clitóris.

Então eu mordi.

Porra, sim. Seu gosto de mel encheu minha boca e bebi avidamente, perdendo todo pensamento racional enquanto me alimentava em sua garganta, seu sangue apenas aumentando o prazer entre nós.

Ela apertou, então arqueou, gritando meu nome quando gozou, seu sangue adoçando enquanto eu bebia da mordida e então mudei o ritmo da minha mão quando meus quadris começaram a balançar com abandono, mergulhando de novo e de novo, iniciando seu orgasmo desbotado em outro.

Ela gozou e gozou, seu corpo uma chama viva sob mim, meu nome um apelo em seus lábios enquanto eu avançava em direção à minha própria libertação. Ela me reivindicou com um prazer tão agudo que beirava a dor, escurecendo minha visão enquanto eu me esvaziava nela, mal lembrando de selar as perfurações em sua

garganta antes de desmaiar, lembrando de rolar para o meu lado para não esmagá-la.

Meu peito arfava quando recuperei o fôlego, embalando-a contra meu peito.

— Isso foi... — Eu não tinha palavras.

— Mmmm, — ela respondeu.

Eu sorri e afastei o cabelo de seu rosto para que eu pudesse ver aqueles olhos lindos.

Merda. Meu estômago bateu no chão. Ela estava pálida. Muito pálida. Até mesmo seus lábios eram de um tom escuro.

Agindo por instinto, levantei meu pulso e o cortei com minha presa, então o levantei para sua boca. — Beba, — eu ordenei, o pânico crescendo. — Por favor, Grace.

Ela piscou, mas fez o que eu pedi, fechando os olhos e puxando meu pulso.

Porra. Era errado alimentá-la, mas eu tinha tomado demais, e sabendo que era meu sangue correndo em suas veias, meu pau já estava endurecendo novamente.

Assim que ela tomou o suficiente, puxei meu pulso e lambi a ferida enquanto ela me observava em silêncio.

— Nunca vi você tão quieta, — eu disse, acariciando seu rosto com a mão, seus olhos luminosos ao luar que entrava pela janela. O que diabos havia de errado comigo? Eu não conseguia parar de tocá-la.

— Eu acho que você me fodeu até eu ficar sem palavras. — Ela sorriu, mas eu ouvi a leve rouquidão em sua voz e as perguntas em seus olhos? Eu não estava pronto para responder a essas.

— Acho que comi você até ficar rouca. — Inclinei-me e passei meus lábios em sua garganta, fazendo uma carícia fantasmagórica nas minúsculas alfinetadas das quais me alimentei. — Espere aqui.

Um beijo depois, rolei para fora da cama e vesti minha calça de couro enquanto ela observava, mordendo o lábio inferior. Levei tudo que eu tinha para não rastejar de volta para aquela cama e chupar aquele lábio em minha boca. Mas ela estava com sede. Eu ouvi isso em sua voz, de alguma forma... senti isso também.

Fodidamente estranho, mas tudo bem.

Peguei uma garrafa de água em sua geladeira e voltei para o andar de cima, deleitando-me com a paz, o relativo silêncio em minha cabeça.

Meus instintos finalmente pararam de gritar comigo com uma demanda incessante. O predador dentro de mim parecia contente em sentar e assistir enquanto eu levava água para minha mulher, satisfeito por ela estar sendo cuidada. *Que diabos?* Esfreguei meu peito distraidamente enquanto seguia pelo corredor até seu quarto.

Acho que preferia meus instintos gritando comigo do que o que quer que estivesse acontecendo dentro de mim agora.

Encontrei Grace na cama, um roupão de seda na altura da coxa envolvendo suas deliciosas curvas enquanto ela se sentava sobre os calcanhares, esperando por mim.

— Você parece deliciosa. — Fechei a porta do quarto do jeito que ela gostava e me sentei na beirada da cama, entregando a água para ela.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre você. — Seu olhar percorreu meu peito nu enquanto ela tomava um gole.

Tudo aconteceu de uma vez.

O copo se quebrou quando a janela de seu quarto explodiu. A porta do quarto se estilhaçou e dois homens invadiram. Uma bala atingiu a parede acima da cabeceira de Grace a apenas alguns centímetros do topo de sua cabeça.

Os Sons me encontraram.

Movendo-me com velocidade sobrenatural, agarrei minha adaga da mesinha de cabeceira e girei, abrindo as gargantas dos intrusos em um movimento suave antes de jogar minhas mãos para fora, parando o tempo ao nosso redor e forçando o mundo a parar.

Porra, eu deveria ter deixado um deles vivo para interrogatório.

— O quê...

— Não se mexa! — Eu a ordenei. A raiva disparou em minhas veias, instantânea e letal.

Proteja-a, meus instintos exigiam enquanto eu me armava com todas as armas que trouxe.

Não brinca. Eu me virei para Grace e um grunhido escapou da minha garganta. Não apenas o vidro a cercava, a centímetros de cortar sua pele lisa, mas também havia um ponto vermelho de laser em sua testa. O próximo tiro poderia matá-la quando o tempo recomeçasse.

O caralho é que vai.

— Venha aqui. — Eu estendi minha mão. Eu tinha que tirá-la daqui, agora.

— Eu não entendo, — ela sussurrou, pegando minha mão e movendo-se para o lado da cama, fora do caminho do vidro, seus pés delicados pousando ao lado dos meus.

— Existem homens que nos caçam, — expliquei da forma mais simples que pude, largando a mão de Grace e me xingando a cada passo que dava em direção aos homens. — Eles estão me caçando. — Eu trouxe isso para ela.

Os homens pareciam ter vinte e poucos anos, vestidos com centenas de dólares em equipamentos táticos e carregando rifles de assalto caros. Eu cheirei o ar. Espingardas com balas Night Thistle.

Porra.

O sangue deles ainda não havia derramado, mas os cortes em suas gargantas cuidariam disso assim que eu recomeçasse o tempo. Um pedaço de papel dobrado saiu do bolso do primeiro homem, e eu o peguei, tomando cuidado para não o tocar para que o tempo não recomeçasse.

— Eles estão aqui para matar você? — Grace perguntou, sua voz tremendo atrás de mim enquanto eu abria o papel, meu estômago batendo no chão com a lista escrita ali.

— Não, — sussurrei enquanto a ira se espalhava por todo o meu corpo, enrijecendo meus músculos com a primeira pessoa da lista.

O nome da Grace.

Endereço da Grace.

— Eles estão aqui por você. — Enfiei o papel no bolso e me virei para ela, mal conseguindo me conter enquanto a raiva corria por mim com uma intensidade que nunca senti em minha vida.

Eles estavam tentando matá-la.

Ela era minha.

— O quê? — Seus olhos estavam arregalados, medo riscando as profundezas verdes e azuis enquanto ela olhava para mim, sua mandíbula caída. Seus braços caíram para os lados e seu roupão se abriu em seu peito.

Um peito que agora trazia uma marca circular que eu reconhecia muito bem.

Não. Foda-se. De jeito nenhum.

Protege-a!

O predador dentro de mim quebrou meu controle, e minha visão cintilou em térmica, me transformando em algo muito mais animal do que masculino.

Era impossível, não era? Mas Lyric era humana. Valor ainda era. E eu conhecia aquela tatuagem abaixo da clavícula de Grace tão bem quanto conhecia minha própria mão. Era a minha marca de acasalamento.

Segurança. Ela tinha que estar a salvo.

O pensamento racional me abandonou e eu deixei que o tempo se rasgasse, agarrando Grace em meus braços e desviando-me enquanto outra bala atingia a parede.

Um frio gélido rasgou minha pele enquanto o tempo e o espaço dobravam ao meu comando, e eu entrei no pátio da residência, carregando uma ofegante Grace.

— Ajax? — ela perguntou, seus braços apertando em volta do meu pescoço enquanto eu caminhava para a porta da frente.

Ela estaria segura dentro de casa. Ela tinha que estar dentro da porra da casa.

O servo de Alek saltou fora do caminho em nossa aproximação, abrindo a porta apressadamente enquanto eu caminhava para dentro do foyer de dois andares.

— Ajax, — disse Grace novamente. — Você tem que me colocar no chão.

— Não. — Não havia espaço para discussão em minha resposta enquanto eu me movia pela casa, procurando por Zachariah. Ele saberia o que fazer. Ele sempre sabia.

Eu o encontrei - e praticamente todos os outros na cozinha, reunidos em torno daqueles malditos *muffins*.

Os olhos de Zachariah se arregalaram por um instante, então ele se moveu em nossa direção, movendo-se mais rápido do que qualquer vampiro na casa poderia. — Ajax?

— Eu não sabia para onde levá-la. — Foi tudo o que pude dizer.

— Você trouxe uma humana para casa? — Ransom rosnou, movendo-se na frente de Olivia como se ela realmente precisasse de sua proteção.

Lancei a ele um olhar que o desafiava a dar um único passo em minha direção.

— Ajax... — Grace gemeu. — Coloque-me. No chão.

Eu a segurei com mais força. — Eles foram até a casa dela! Eles tentaram matá-la! Ela é minha! — Mal reconhecendo minha própria voz.

— Puta merda, — Talon murmurou, movendo-se para o lado de Zachariah. — Olhe para o peito dela.

— Mantenha seus olhos para si mesmo! — Eu rosnei para o meu melhor amigo.

— Eu a colocaria no chão, — disse Saint, recostando-se contra o balcão.

— Foda-se! — Eu gritei.

Ele estremeceu. — Não me culpe quando...

— Solte-me! — Grace gritou, e seu tom me fez afrouxar meu abraço. Ela bateu seus pés e puxou a coisa mais próxima - um vaso de figos - e depois pôs o conteúdo de seu estômago sobre ele.

— Merda. — Eu bati meus joelhos ao lado dela, esfregando suas costas enquanto ela vomitava, sua dor tendo precedência sobre a minha raiva. — É a inclinação. Maldição. Sinto muito, baby.

— Baby? — Dagon sussurrou meio engasgado.

Talon assobiou.

— Temos que levá-la para Alek, — disse Zachariah. — Ele está na biblioteca.

— Onde estamos? — Grace perguntou quando o arfar parou.

— Vou explicar tudo em um minuto, — eu prometi, ajudando Grace a se levantar e apertando o roupão ao redor dela enquanto Cassandra e Jocelyn entravam na cozinha.

— Puta merda, você trouxe uma humana para casa? — Jocelyn olhou abertamente para Grace.

Olhei para a companheira de Benedict e Zachariah suspirou.

Cassandra respirou fundo e então inclinou a cabeça para o lado. — Oh, ela não é humana.

— Eu não sou? — disse Grace.

— Ela... o quê? — Eu bati ao mesmo tempo.

Cassandra olhou para Grace, seu olhar caindo para a marca de acasalamento em seu peito, e então me deu toda a sua atenção. — Ela é meio-sangue.

Grace

Meu coração disparou contra meu peito, tornando difícil colocar a quantidade adequada de ar em meus pulmões, e eu precisava seriamente de uma escova de dentes. Como agora.

Meio-sangue.

As palavras da mulher deslumbrante ao lado de uma mulher ainda mais impressionante com cabelo roxo disseram as palavras que deixaram Ajax parado como uma estátua.

Eu olhei para ele, minha mente girando. — Ajax?

O som da minha voz o afastou de qualquer transe em que ele estava, e se não fosse pelos movimentos e olhares preocupados de seus... amigos, eu teria pensado que ele parou o tempo novamente.

— Leve-a para Alek, — disse um dos homens. — Vamos descobrir o resto depois que você falar com nosso rei.

— Rei? — Eu perguntei enquanto Ajax gentilmente me puxava por um corredor. Deus, agora eu parecia um papagaio repetindo tudo o que eu não entendia.

— Eu prometo que vou explicar tudo, — disse ele, sua vozafiada com medo, raiva e algum tipo de desespero que apertou meu

coração. Eu não poderia culpá-lo. Não depois do que acabara de acontecer.

Homens invadindo minha casa. Atirando em mim. Ajax parando o tempo e cortando suas gargantas antes de...

Deus, ele tinha me tele transportado aqui?

Arrepios de dúvida gelaram meu sangue. Eu estive em cima do muro com a realidade da existência de Ajax desde que conheci seu traseiro perfeito, teimoso, engraçado, carinhoso e sexy... mas isso? Como eu poderia negar isso?

Respire. Só respire.

Cantei o mantra para mim mesma enquanto caminhávamos mais fundo na propriedade, o pânico beliscando meus calcanhares e ameaçando me sugar.

Grandes candelabros pendiam dos tetos altos, as luzes douradas brilhando em cristais em forma de lágrima pendurados em cada um. Tapeçarias vibrantes e coloridas penduradas ao longo das paredes de pedra, algumas puramente artísticas, enquanto outras retratavam o que pareciam ser eventos históricos. Meus olhos mal conseguiam se concentrar em uma coisa enquanto atravessávamos os corredores, Ajax em uma missão para nos levar ao rei mencionado antes.

E *tinha* gente... várias pessoas que passamos no caminho. Alguns pareciam ser funcionários, enquanto outros pareciam morar aqui também, a maioria nos dando olhares de olhos arregalados enquanto o Ajax me conduzia.

— Você deve estar brincando comigo, — uma voz masculina soou dentro de um grande escritório enquanto Ajax nos levava para dentro.

— Receio que não, alteza, — outro homem disse.

Sua Alteza?

Um homem estava atrás de uma bela mesa, prateleiras de livros do chão ao teto alinhadas nas paredes atrás dele. Ele tinha cabelos pretos e olhos azuis ardentes que se estreitaram para o homem menor de pé do outro lado da mesa.

— A pantera de Cassandra está se tornando um problema com nossos alimentadores voluntários, — explicou o homem menor enquanto Ajax acenou para o homem atrás da mesa, levando-me a um conjunto de cadeiras na extremidade esquerda da sala.

Eu afundei em uma quando ele me cutucou naquela direção, olhos arregalados e mente girando. Nada fazia sentido e, no entanto, aquele terror que senti quando aqueles homens atacaram minha casa havia diminuído, dando lugar a uma espécie de espiral de sensação que eu mal conseguia manter sob controle.

O homem atrás da mesa soltou um suspiro pesado. — Vou falar com Cassandra sobre seu animal de estimação. Mais alguma coisa?

Eu franzi a testa, imaginando como as duas palavras *pantera* e animal de *estimação* poderiam combinar.

— Sim, — o homem menor disse. — Earl Browning está descontente com seus aposentos.

— O que há de errado com eles?

— Ele diz que são os menores da propriedade e, como cedeu sua casa pessoal para civis, acha que deveria ser melhor compensado.

O homem atrás da mesa balançou a cabeça. — Explique ao conde que estamos lotados após os ataques e não há outras acomodações. Ele está livre para encontrar um novo alojamento fora dos terrenos da propriedade.

O homem menor fez uma reverência, então deu meia-volta e saiu correndo da sala.

O homem atrás da mesa se virou para olhar para o Ajax, depois para mim e de volta para o Ajax novamente.

— Problemas de pantera, problemas de nobreza, e agora você está trazendo humanos para casa? — Ele acenou com o braço em minha direção e tentei não me encolher sob a atenção. Havia algo sobre este homem, ele não era como Ajax, mas ele era alto e irradiava um poder que tinha sinos de alerta queimando na minha cabeça.

— Eu sei, meu rei, — disse Ajax, e minhas sobrancelhas dispararam em minha testa. — Houve circunstâncias especiais, garanto-lhe.

— Tenho certeza de que houve, — disse o homem, olhando para mim antes de voltar sua atenção para Ajax. Ele contornou sua mesa, parando diante dele. — Você está bem? — ele perguntou, como se pudesse sentir a tensão persistente do Ajax sobre o ataque.

— Estou bem. Mas precisamos conversar. — Ajax olhou por cima do ombro para mim.

Alek olhou para Ajax por um longo momento, parecendo que os dois estavam tendo uma conversa silenciosa...

Os Sons a atacaram, Alek. Havia seis deles. Por que eles iriam atrás dela?

A voz de Ajax vibrou em minha mente, me assustando tanto que me mexi na cadeira.

Alek rastreou o movimento, então estreitou aquele olhar em mim.

Algo pressionou minha mente, uma espécie de pressão que parecia fria e nítida...

Você pode me ouvir?

Essa era a voz de Alek, mas eu estava petrificada demais para responder a ele. E se isso apenas mostrasse o quanto realmente eu estava louca? E se tudo isso ainda estivesse em minha mente. E se...

Cassandra disse que era meio-sangue, mas isso não pode ser verdade, pode? A voz de Ajax era mais reconfortante do que a pressão separada em minha mente.

— Interessante, — disse Alek, em seguida, virou-se para Ajax. — Ela parece morta de pé, — disse ele. — Porque você não a deixa descansar e discutiremos o resto amanhã à noite.

Noite. Porque o sol estava quase nascendo agora. Como nossos horários tinham ficado tão atrasados?

E ele não estava errado, eu estava exausta.

Exausta, apavorada e confusa como o inferno, mas de alguma forma também hipnotizada por tudo.

Ajax assentiu, então pegou minha mão, gentilmente me puxando da cadeira e me levando através da bela propriedade até encontrarmos o que eu só poderia supor ser seu quarto porque seu cheiro estava por toda parte.

Ajax fechou a porta atrás de nós e relaxei instantaneamente. Toda a tensão em meus músculos diminuiu enquanto eu examinava o quarto - simples, mas elegante, com tons de preto e roxo, uma cama king-size encostada na parede central e livros antigos espalhados aqui e ali.

— Você não falou muito desde que chegamos aqui, — disse Ajax, encostado na porta fechada.

Caminhei até sua cama e afundei nela. — Você pode me culpar?

— Não, — disse ele. Ele apontou para a cama. — Realmente deveria dormir um pouco, Grace.

Calor percorreu minha espinha, memórias do que aconteceu logo antes do ataque passando por minha mente. Então uma forte dose de medo seguiu logo atrás dele. Minha mente parecia estar por um fio e mais um pensamento... mais um reconhecimento de tudo o que aconteceu me quebraria.

— Você vai dormir aqui? — Eu perguntei, de repente com medo de que se ele fosse embora, eu poderia acordar desse pesadelo e nunca mais vê-lo.

Ele assentiu com a cabeça, um desejo em seus olhos que tenho certeza de que combinava com o meu. — Eu tenho que falar com Alek novamente antes de ir para a cama.

A esperança murchou no meu peito, mas eu assenti. — Aqueles homens, — eu disse. — Eles não vão nos encontrar aqui, vão?

Um músculo em sua mandíbula tiquetaqueou. — Sem chance, — disse ele, seu tom grave. — Você está segura aqui, Grace. Eu prometo.

Essas palavras me envolveram como um cobertor quente. — Segura, — eu disse, testando a palavra. Eu me sentia segura com ele, isso não era uma pergunta. Mas em minha própria mente? Isso não parecia um espaço seguro agora.

— Eu prometo, Grace, — ele disse, cruzando a distância entre nós. Ele deslizou a mão ao longo da minha bochecha. — Vamos resolver isso juntos.

Eu balancei a cabeça, inclinando-me em seu toque. De alguma forma, suas palavras, seu toque, a cama com seu cheiro reconfortante de cedro e musgo nos lençóis foram suficientes para manter meu pânico no limite.

— Durma, — ele disse. — Você vai se sentir melhor se fizer isso. E virei até você quando terminarmos.

Soltei um suspiro, meus olhos pesados enquanto me deitava em sua cama, me enfiando sob suas cobertas. Seu cheiro delicioso me envolveu, e caí em um sono que não poderia lutar, mesmo que quisesse.



Eu estava em algum lugar entre dormindo e acordada, apenas saindo de um sonho que não tinha nada a ver com homens violentos tentando me matar e tudo a ver com Ajax e a maneira como ele me fazia sentir. Fiquei naquele espaço pesado entre dois mundos quando senti o deslocamento da cama.

Instintivamente, rolei em direção ao calor que senti atrás de mim e inalei profundamente o cedro e o musgo.

Ajax.

Será que eu voltei a cair no meu sonho?

Minhas terminações nervosas ganharam vida, algo que me dá fome no coração.

Mãos poderosas deslizavam sobre minha cintura, puxando-me até que meu corpo estivesse nivelado com o dele. O calor passou por minhas veias, meu coração se levantando enquanto eu abria meus olhos que ainda estavam pesados de sono.

— Você está aqui, — eu sussurrei, alisando minhas mãos sobre seu peito nu, saboreando a sensação de seus músculos sob meus dedos.

— E você está nua. — A voz de Ajax soava como se tivesse sido raspada, sua mão flexionando em meu quadril.

A declaração despertou uma lembrança de tirar meu roupão em algum momento durante a noite. — Fiquei com calor, — expliquei.

— E agora? — Ajax perguntou, plantando beijos carinhosos na minha nuca. — Como está se sentindo?

Em algum lugar na parte de trás do meu cérebro havia perguntas persistentes que me perseguiram até o sono - isto era real, o que estava acontecendo, o que a mulher queria dizer sobre ser meio-sangue, e mais e mais e mais.

Mas, como eu ainda estava dançando naquele belo espaço entre a realidade e a terra dos sonhos, optei por ignorá-los veementemente.

Ao invés disso, eu me entreguei inteiramente ao presente físico e arqueado contra ele, querendo dar-lhe melhor acesso ao meu pescoço. — Eu me sinto dolorida, — eu admiti.

— Onde? — ele perguntou, ficando tenso contra mim enquanto seus olhos percorriam meu corpo como se ele estivesse procurando por uma lesão.

— Onde quer que você toque, — eu esclareci, deslizando meus dedos em seu cabelo, puxando-o para mais perto enquanto eu rolava meus quadris contra ele novamente. Um suspiro roubou através de mim com o que eu senti, aquele comprimento duro dele mal contido por sua cueca boxer. Eu trouxe minha boca para a dele, meus olhos finalmente se ajustando para ver seu rosto claramente na escuridão.

Deus, ele era magnífico. Aqueles olhos escuros me bebiam como poças quentes de chocolate derretido, e o olhar faminto me fazia tremer de antecipação.

— E aqui? — ele perguntou, aproximando seus lábios de mim, segurando-me em um momento suspenso que se estendeu para sempre antes de inclinar sua boca sobre a minha.

Eu choraminguei com o contato, com o alívio que formigou ao longo do meu corpo quando seus lábios encontraram os meus. Ele tinha gosto de tempero, um sabor revigorante que eu queria beber no barril. Sua mão deslizou sobre minha coxa, enganchando minha perna sobre seu quadril enquanto sua língua explorava minha boca com movimentos poderosos e estocadas consumidoras.

Seu beijo despertou cada centímetro do meu corpo, da minha *alma*, enquanto ele assumia o controle, pressionando aquele comprimento duro contra mim enquanto devorava minha boca.

— Sim, — eu suspirei entre seus lábios, finalmente respondendo a sua pergunta.

Ele se afastou o suficiente para olhar para mim, um sorriso malicioso moldando seus lábios. — E aqui? — ele perguntou, movendo-nos para que ele estivesse em cima de mim, seu corpo musculoso entre minhas coxas enquanto ele se inclinava e passava a ponta de sua língua sobre minha clavícula, exatamente onde aquela marca tinha aparecido magicamente.

— Sim, — eu disse, arqueando sob ele, precisando sentir mais.

Um gemido baixo retumbou em seu peito enquanto ele se movia sobre mim. Ele levou seu tempo beijando meu pescoço e abaixo, até meus seios que estavam nus e pesados enquanto ele os apalpava. O fogo lambeu cada centímetro da minha pele, me

deixando quente e sensível enquanto ele se movia em provocações lentas e lânguidas.

— Aqui? — ele perguntou, e eu tremi quando ele passou a língua sobre um mamilo, depois o outro, movendo-se para frente e para trás, chupando, mordendo e provocando até que meus mamilos ficassem duros e formigando.

— Sim, — eu respondi, desespero e felicidade colorindo meu tom. Eu adorava o jogo que estávamos jogando, mas o Ajax estava demorando comigo quando eu sofria a ponto de doer por ele.

Ele sorriu contra meus seios, beijando meu estômago e sobre os ossos do meu quadril até chegar ao ápice das minhas coxas. Suas grandes mãos facilmente as separaram, e ele plantou o mais suave dos beijos sobre o meu calor.

— E aqui, Grace? Ele arrastou um dedo bem no centro de mim, mas o toque era muito leve, muito suave. — É aqui que você está doendo mais por mim?

— Sim. — Eu arqueei para cima, morrendo de vontade de mais contato. — Sim, sim, sim, — eu disse, sem fôlego.

— Diga-me o quanto você precisa do meu pau, — ele exigiu, continuando com sua provocação muito leve, me enrolando até o ponto que eu tinha certeza de que iria explodir a qualquer momento.

Ele me possuiu completamente desde o minuto em que apareceu na minha vida - minha felicidade, meu prazer. Ele assumiu a responsabilidade pelo meu coração no segundo em que seus lábios encontraram os meus. E eu sabia que não tinha muito

tempo sobrando, sabia que meu mundo havia mudado completamente desde que o conheci, e não me importava. Eu não me importava com os ataques ou as vozes ou o fato de que ele era um vampiro. Tudo o que importava era ele e passar cada segundo que eu tinha nesta terra com *ele*.

Olhei para ele, a visão deste homem infinitamente poderoso entre minhas coxas o suficiente para fazer meu estômago revirar. — Nunca precisei tanto de *alguém* como preciso de você, Ajax.

Algo cintilou em seu olhar escuro, uma emoção que roubou minha respiração quando o sorriso brincalhão desapareceu e foi substituído por algo que eu não poderia descrever exatamente. E eu não precisava, não quando a química entre nós era elétrica e crescendo como uma corrente.

Ajax deslizou as mãos por baixo da minha bunda, puxando-me para cima em direção à sua boca. Eu estava completamente nua diante dele, esparramada embaixo dele em sua cama como seu banquete pessoal...

Ele mergulhou a cabeça entre minhas coxas, ainda segurando minha bunda a alguns centímetros da cama, e lambeu o calor de mim.

Engoli em seco, a sensação como um raio crepitando na minha espinha.

E ele fez isso de novo.

E de novo.

— Ajax, — eu gemi, segurando o lençol com uma mão, minha outra voando para seus longos cabelos. Meus dedos se enredaram

nos fios sedosos, apertando enquanto ele enfiava sua língua dentro de mim apenas para puxar para fora e provocar meu clitóris.

— Você tem gosto de sol e mel, — ele rosnou contra a minha carne hipersensível, lambendo e sugando e trabalhando em mim em uma corda apertada de necessidade. — Eu poderia comer sua boceta por horas.

— Ajax, — eu gemi. — *Por favor.*

— Por favor, o quê? — ele perguntou, e eu podia senti-lo sorrir contra a minha pele.

Eu arqueei em suas mãos, tentando obter mais pressão, perseguindo minha liberação enquanto ele me empurrava até a borda, mas suas mãos estavam me segurando, e eu estava totalmente à sua mercê.

Um disparo de emoção através de mim no conhecimento, na certeza de que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para dominá-lo de forma alguma. Ele me manteve em cativeiro em sua cama, em suas mãos, e em sua rotina temporal.

Sua.

Eu era dele de uma forma que nunca tinha sido antes, e com o jeito que minha alma acendeu, eu fodidamente *amei* a ideia de me submeter a ele inteiramente.

— Por favor, me faça gozar, — eu finalmente respondi, sem um pinga de timidez ou constrangimento enquanto implorava pelo que eu queria, o que eu precisava.

— Eu sempre vou te dar o que você precisa, — disse ele, usando seu aperto na minha bunda para me balançar contra ele

enquanto se lançava sobre mim. Eu não podia fazer nada além de me segurar enquanto ele me comia, usando seus braços poderosos para controlar meu corpo, fazendo-me cavalgar seu rosto enquanto ele empurrava e chupava...

— Ajax! — seu nome era um apelo enquanto ele chupava e girava sua língua ao redor do meu clitóris, me colocando em órbita enquanto meu orgasmo me atravessava. Onda após onda de prazer ondulou sobre meu corpo, meus músculos tremendo, minhas coxas apertando em torno de suas bochechas enquanto eu gozava.

E ele não levou um segundo para me deixar recuperar o fôlego ou me trabalhar através da agonia.

Não. Um. Segundo.

Ele imediatamente me virou, ficando de joelhos atrás de mim enquanto me puxava até que minha coluna estivesse contra seu peito musculoso. Ele abriu minhas coxas com o joelho, agarrando meus quadris e me levantando até que eu estivesse situada bem sobre seu pau duro, a ponta provocando a umidade ali.

E então ele soltou seu aperto ao mesmo tempo em que empurrava para cima, afundando em mim até o fim.

Engoli em seco, eletricidade estalando em minha pele com a sensação dele dentro de mim. Ele estava quente e duro e parecia a porra do paraíso. Ele passou os braços em volta de mim, espalmando meu peito com uma mão e mergulhando a outra entre minhas coxas enquanto empurrava para cima de novo e de novo.

Sem fôlego, inclinei minha cabeça para trás, virando-a para que pudesse capturar sua boca em um beijo faminto e intenso que mostrava exatamente o que ele estava fazendo comigo.

Trazendo-me à vida de uma maneira que nunca pensei ser possível enquanto morria.

Abalando minha alma desperta.

Mandando-me para lugares que eu nunca soube que existiam.

Cheguei atrás de mim com um braço, segurando seu pescoço enquanto ele deslizava para dentro e para fora de mim, seus dedos rolando sobre meu clitóris a cada estocada. Suas coxas eram poderosas embaixo de mim, minhas pernas abraçando as dele, a posição permitindo que ele afundasse mais fundo e dando a ele controle total.

Ainda assim, eu podia senti-lo resistindo, quase como se ele estivesse se controlando.

E eu não poderia ter isso.

— Mais forte, — eu exigi entre beijos.

Ajax desacelerou embaixo de mim, afastando os lábios o suficiente para pegar meu olhar. — Eu não quero te machucar, — ele admitiu.

— Você não vai, — eu assegurei a ele, apertando minhas coxas e levantando o suficiente para afundar em cima dele em um movimento delicioso.

Ele gemeu, distendendo suas presas, a visão acendendo essa necessidade profunda e inabalável dentro de mim.

— Mais forte, — eu exigi novamente, então inclinei minha cabeça para o lado, expondo meu pescoço.

— Grace, — ele rosnou, seu aperto em mim apertando. — Você sabe que não posso te morder de novo, poderia...

— Matar-me? — Eu ri. — Você me faz sentir mais viva do que nunca. Agora, leve-me, Ajax. Da maneira que eu sei que você precisa.

Os segundos se passaram entre nós, uma suspensão no tempo que não tenho certeza se Ajax não estava controlando. Meu coração batia contra meu peito enquanto eu esperava, a antecipação enrolando meus sentidos...

Ajax me atingiu por baixo com tanta velocidade e força que gozei imediatamente.

— Porra, — ele grunhiu. — Sua boceta é tão boa vibrando ao redor do meu pau.

Suas palavras eram como chamas explodindo sob minha pele, seus movimentos torcendo meu corpo apenas para desembaraçá-lo da maneira mais deliciosa. Eu trouxe minha mão de volta para baixo, cravando minhas unhas em seu antebraço flexionado enquanto ele me segurava forte, meu pescoço ainda exposto a ele.

E conforme seu ritmo aumentava, seus dedos se moviam mais rápido contra o meu clitóris, mais rápido do que qualquer mão deveria ser capaz de se mover e era bom pra caralho. Ajax estava me levando até aquele limite novamente, tão rápido e rápido que minha cabeça estava girando, uma espécie de felicidade

estonteante me enviando para um lugar onde nada mais existia além dele e eu e esse prazer insano entre nós.

— Oh, Deus, Ajax, — eu gemi enquanto meu corpo inteiro se apertava em torno dele. — Estou... estou...

Como era possível já estar pronta para gozar novamente? Como ele fazia isso comigo? Como...

— Foda-se, Grace, — ele gemeu, aquela mão entre minhas coxas quase vibrando quando ele bateu em mim com seu pau e suas presas com uma mordida tão deliciosa que eu gritei, meu orgasmo balançando através de mim tão forte que tremi ao redor dele. Ele não se alimentou, porém, isso eu poderia dizer pela mordida ser muito suave contra o meu pescoço. Eu odiava que ele não estivesse pegando o que precisava, mas não consegui formar nenhuma frase coerente para dizer isso a ele. Ajax bombeou mais algumas vezes, mais forte e mais forte quando ele derramou em mim com um gemido.

Faíscas atravessaram minha alma, os deliciosos sons de satisfação ondulando ao longo da minha pele enquanto ele desacelerava seus movimentos dentro de mim. Nossos corpos estavam escorregadios de suor, nossas respirações combinadas em ofegos apressados enquanto ele me segurava lá.

— Está tremendo, — disse ele depois de alguns momentos. Gentilmente me ergueu, deslocando-nos para que estivéssemos deitados de lado na cama. — Eu machuquei você?

Eu sorri para ele, bêbada de prazer e exausta pela maneira como ele tomou meu corpo.

— De jeito nenhum, — eu disse, mas ele me olhou preocupado. Eu segurei sua bochecha, balançando a cabeça. — De jeito nenhum, — eu repeti, então mordi meu lábio inferior. — Quando podemos fazer isso novamente em que você poderá se alimentar??

O choque coloriu seus olhos. — A alimentação é muito arriscada, — disse ele. — Mas que porra? — Ele sorriu, me puxando contra seu corpo. — Podemos fazer isso agora mesmo.

Ajax

Balancei-me nas pernas traseiras da minha cadeira enquanto todos nos sentávamos reunidos em torno da mesa de ônix da sala de guerra.

Zachariah me lançou um olhar de soslaio, mas eu simplesmente dei de ombros e continuei balançando enquanto Lachlan passava pelas decisões da noite.

Havia uma energia inquieta em meu corpo que só parecia se acalmar quando eu estava com Grace, e agora que ela usava minha marca no centro do peito, entendi o raciocínio.

Ela era minha companheira.

Minha mente não havia parado de correr desde que eu havia descoberto a magia revelada em sua pele perfeita.

Não admira que meus instintos tivessem quase consumido qualquer pensamento lógico quando eu estava com ela. A vontade de me alimentar em sua garganta, de me enterrar entre suas coxas, de reivindicar sua própria alma - era só o cartão de visita de um vínculo de acasalamento. Eu tinha sido simplesmente ignorante demais para enxergar isso.

— O que nos traz ao Conclave desta noite, — Lachlan disse, erguendo as sobrancelhas para mim quando comecei a tamborilar meus dedos nos braços da minha cadeira. — Benedict e Ajax irão escoltar Alek...

— Foda-se, eu não vou deixar Grace, — eu rebati, balançando a cabeça. Não havia nenhuma chance no inferno. Nenhuma.

— Eu preciso ir, — disse Saint, e todas as cabeças se viraram em sua direção. Ele passou a mão pelo cabelo curto. Tinha crescido de novo depois de seu cativeiro, mas ele ainda o usava bem tosquiado. — Os demônios me negaram a entrada em seu território ontem à noite, e sei que senti um rastro de Samuel me conduzindo para lá. E o novo lobisomem alfa é um imbecil tentando nos negar acesso aos negócios do Conclave. — Suas mãos se fecharam em punhos sobre a mesa. Tive que dar a ele, ele estava se controlando melhor do que qualquer um de nós poderia ter imaginado, mas tive a sensação de que ele manteve sua sanidade como uma granada solta, esperando para derrubar seu irmão gêmeo em sua explosão inevitável. Esse tipo de esforço só poderia durar tanto tempo.

— Oh, você achou que era uma sugestão? — Lachlan olhou para Saint, então para mim. — Primeiro trazendo humanos para casa, e agora discutindo sobre o que é inegavelmente um lugar de honra...

— Ela não é apenas uma humana, ela é minha companheira, — eu rosnei, balançando para frente e batendo as pernas da cadeira no chão.

Todos os caçadores se levantaram, tensos e prontos.

— Chega, — disse Alek a Lachlan, recostando-se na cadeira antes de olhar para mim. — Grace, como todas as companheiras, é bem-vinda aqui. — Ele voltou seu olhar para Lachlan. — E você, de todas as pessoas, deveria saber como é sua marca aparecer em um humano. Pare de ser um idiota.

Lachlan grunhiu. — Eu não gosto de expor a família real às pessoas não estabelecidas, companheiras ou não. — Ele suspirou, passando a mão pela barba ruiva. — Mas Alek está certo. Eu sei o que é trazer para casa uma humana marcada. — Ele fez uma careta. — E, no meu caso particular, ela era realmente nossa inimiga na época, onde a sua não é, Ajax.

— Eu não sabia mais para onde levá-la, — eu grunhi, reconhecendo que minhas defesas estavam levantadas e meu corpo estava pronto para atacar. — Eles estavam tentando matá-la. Eu vi a marca. Eu reagi.

— Como você deveria ter feito, — Alek me assegurou. — Acho que houve simplesmente um certo grau de... surpresa com a chegada dela.

— E o anúncio de que ela é meio-sangue, — Dagon recostou-se em sua cadeira ao meu lado. O resto seguiu o exemplo, mas Saint não parecia mais relaxado com a mudança de postura.

— Ela é um quarto de sangue, na verdade, — eu disse, me mexendo na cadeira enquanto meus instintos exigiam que eu acabasse com qualquer ameaça a Grace e então voltasse para ela imediatamente. — De acordo com o que Cassandra disse esta noite depois de passar alguns momentos com Grace.

As sobrancelhas de Talon se ergueram. — Essa é uma habilidade peculiar para um nobre ter – farejando aqueles que têm sangue de vampiro.

— É a primeira vez que ouço falar disso, — Alek admitiu. — Acho que alguns de nossos aristocratas estão escondendo habilidades sobre as quais nada sabemos. — Ele levantou a mão. — E antes que você pergunte - não, não vou invadir a privacidade deles examinando suas cabeças para ver o que todos podem fazer.

Todos foram espertos o suficiente para manter a boca fechada. Tinha que admitir, seria bom saber se tivéssemos outra ou duas armas no Domum.

— Quanto a esta noite, — Alek continuou, sua expressão suavizando quando ele olhou para mim. — Eu entendo a tortura absoluta de deixar um companheiro recém-marcado. Eu realmente entendo. Mas você e Benedict são inestimáveis para mim naquela sala.

Dever e necessidade guerreavam dentro do meu peito, meu coração lutando contra minha cabeça. Minha honra exigia que eu acompanhasse, meu rei. Minha própria natureza exigia que eu ficasse o mais próximo possível de Grace.

— Ela estará segura aqui conosco, — Zachariah acrescentou. — Todos nós perderíamos nossas vidas para proteger sua companheira.

Houve um murmúrio de concordância entre os caçadores, e a verdade de suas palavras aliviou o aperto em meu peito apenas o suficiente para que eu assentisse. — Ok. Então eu irei para o

Conclave. — Eu me virei para Saint. — Confie em mim para advogar por você, irmão.

A mandíbula de Saint flexionou, mas ele assentiu também.

— Ou vocês dois podem confiar em mim para proteger seus melhores interesses, — Alek ergueu as sobrancelhas para nós dois. — Agora, se você me der licença, precisamos sair nos próximos quinze minutos e, aparentemente, preciso trazer algum material de suborno conosco.



O cheiro de terra dos túneis sob a casa de ópera Edgemont encheu meus pulmões enquanto caminhávamos pelo corredor que levava à entrada dos vampiros das câmaras do Conclave.

Nós nos desarmamos – o que eu sempre pensei ser besteira, colocando nossas armas na mesa logo antes da porta.

— Ainda não tenho certeza porque temos que desistir de nossos Sigs quando a rainha das bruxas não tem nenhum problema em exercer seu poder na assembleia, — eu murmurei enquanto colocava a última das minhas adagas.

— Luna não agiria por nada além de legítima defesa, — Benedict respondeu, pendurando sua jaqueta em um gancho que havia sido instalado exatamente para esse motivo e arregaçando as mangas de sua camisa. — Não se esqueça, ela é minha cunhada.

— Certo. — Rolei meus ombros, tentando - e falhando - para soltar os músculos lá.

— E só de pensar... — Benedict sorriu. — ...que você costumava ser o engraçado.

— Pare provocá-lo, — Alek ordenou. — Você não era muito mais simpático durante os primeiros dias de seu acasalamento com Jocelyn.

— Verdade. — Seu sorriso se alargou. — Apenas espere até você se apaixonar por ela. Então você vai realmente perder a cabeça.

— Ela estará morta em três meses por causa daquele tumor em sua cabeça. — Cada palavra entalhada no meu coração. — Duvido que eu tenha o luxo de ter tempo suficiente para me apaixonar pela minha companheira.

O rosto de Benedict caiu.

— Irônico, certo? — Estendi a mão para a maçaneta da porta. — Eu passo por séculos nesta terra e então o destino me entrega a mulher mais perfeita, apenas para arrancá-la de mim em meses.

— Ajax... — Benedict começou.

— Vamos entrar. — Abri a porta da câmara do Conclave e fiz um balanço da sala antes de permitir que meu rei entrasse.

Luna, a rainha das bruxas, sentou-se em sua cadeira, ladeada por seus conselheiros, assim como Patrick do outro lado do círculo. Um homem enorme com cabelo desgrenhado e olhos castanhos afiados estava sentado no trono dos lycans, acompanhado por outros dois que eu nunca tinha visto antes.

— Quem você pode ser? — Eu pisei na frente de Alek e Benedict rapidamente se moveu para o meu lado.

Ele rosnou. — Eu sou Ruyan, o novo alfa do lycan. Quem diabos é você? Deixa para lá. Não falo mais com subordinados.

Não é de admirar que Saint estivesse tendo problemas.

Um bufo soou do outro lado da câmara quando Xavier entrou, o rei demônio oferecendo a Ruyan um sorriso zombeteiro enquanto ele batia palmas lentamente. — Um pouco melodramático, mas vou te dar pontos por tentar causar uma primeira impressão intimidadora.

— Tentar... — O grunhido de Ruyan foi interrompido e meus olhos se arregalaram levemente com a impressão visível do que pareciam dedos invisíveis esmagando sua garganta. O lycan arranhou o próprio pescoço, deixando marcas vermelhas horríveis.

— Xavier, — disse Alek, caminhando entre Benedict e eu com indiferença. — Pare de fazer troça com o novato.

O canto da boca de Xavier se curvou para cima, seu olhar se intensificando em Ruyan e, por um segundo, me perguntei se ele deixaria o alfa Lycan ir. Nunca se sabia muito bem quando se tratava de Xavier. Ele era milênios mais velho do que cada um de nós, e sua crueldade era mais do que notória, era lendária.

Ele suspirou, como se estivesse entediado, então caminhou até seu assento em frente ao de Alek.

Os dedos invisíveis saíram da garganta de Ruyan e o lycan respirou fundo várias vezes enquanto Alek encontrava seu próprio lugar, completando o conselho dos cinco.

— E você o chama de melodramático? — Alek perguntou, recostando-se em sua cadeira enquanto Benedict e eu tomávamos nossos respectivos lugares em torno de nosso rei.

Xavier encolheu os ombros, uma taça de ouro aparecendo magicamente em sua mão. — Tenho assistido Star Wars no meu tempo de inatividade. — Ele tomou um gole do cálice e olhou para Ruyan. — Aprenda a respeitar os mais velhos e isso não acontecerá novamente.

A escolta de Ruyan investiu contra Xavier, suas mãos formando garras, apenas para congelar no lugar. Seus olhos dispararam comicadamente para frente e para trás enquanto seus corpos permaneciam imóveis.

Xavier perguntou a eles. — Jogue bem ou não será convidado a voltar.

Alex revirou os olhos.

— Xavier, — Luna suspirou, esfregando a ponte de seu nariz delicado.

— Tudo bem. — Xavier tomou outro gole e os lycans avançaram cambaleando. Eles rapidamente recuperaram o equilíbrio e, ao ver o rosto de seu alfa, recuaram para o lado dele. — E pensar que você é o melhor que os lycans têm a oferecer.

— Podemos começar? Tenho assuntos aguardando em casa, — Luna disse docemente.

O Conclave foi levado à ordem e passou pelos assuntos habituais. Quem havia violado o Pacto, quem precisaria ser levado à justiça. O que preocupava a cada líder.

Patrick limpou a garganta quando chegou a sua vez. — Os Sons of Honor estão massacrando famílias humanas.

Os olhos de Luna se arregalaram. — Você tem certeza?

— Podemos confirmar, — acrescentou Alek. — Duas famílias até agora. Balas de Night Thistle foram encontradas no local.

— Isso me diz que eles não estavam procurando por humanos. — Xavier relaxou, jogando uma perna sobre o apoio de braço.

— Concordo, — afirmou Alek. — Tivemos algumas informações na noite passada - uma lista. — Ele me olhou de relance, e eu passei cópias da lista para cada um dos tronos antes de voltar para o lado de Alek.

— Há duas famílias de bruxas nesta lista, — disse Luna, rolando a dúzia de nomes.

— Onde está o resto da lista? — Xavier perguntou. — Está claramente cortada.

— É tudo o que eles tinham, — respondi.

— Achamos que eles estão mirando em meio-sangues, ou aqueles com ascendência vampírica, — disse Alek. — É por isso que preciso pedir formalmente sua permissão temporária para acesso irrestrito ao seu território.

— Que se foda você... — Ruyan começou, então agarrou sua garganta.

Apertei os lábios para não rir.

— Bons modos, — Xavier disse sem sequer olhar na direção de Ruyan. — Aprenda um pouco.

O som de suspiros encheu as câmaras e Ruyan caiu para trás em seu assento.

— Você estava dizendo? — Xavier olhou na direção de Alek.

— Precisamos de acesso livre e temporário a seus territórios, não apenas nos assuntos do Conclave, mas também para investigar e proteger essas famílias da lista. — Alek olhou de trono em trono.

Um a um, eles concordaram, mesmo Ruyan - apenas para evitar Xavier.

— Também pedimos por enquanto em relação à nossa busca por Samuel. — Seu olhar pousou em Xavier. — Estamos solicitando toda a confiança que podemos ter, e como eu entendo, você negou o acesso a Saint ontem à noite.

Xavier deu de ombros. — Ele se parece muito com o irmão para o meu gosto. Além disso, o Pacto afirma que os assassinos têm acesso para a justiça consensual, não para que você possa jogar fora seu próprio lixo.

— Esse lixo provavelmente levará metade dos sobrenaturais desta cidade se não o encontrarmos, — eu respondi, segurando o olhar do rei demônio. — Conheço Samuel há séculos. Ele matará com foco obstinado. Ele não se importará em massacrar todos os demônios em que conseguir colocar as mãos se achar que isso o deixará mais perto do trono dos vampiros.

— Você de alguma forma pensa que lidar com vampiros loucos por sangue é algo que os demônios são alheios. — Xavier tomou

um gole de sua bebida. — Eu me lembro quando sua espécie – sua ordem – foi criada, Ajax.

— E você esquece que se Samuel vem pelo trono, então ele...
— Benedict começou.

Alek ergueu a mão, silenciando Benedict.

Ajax. Eu ouvi a voz de Alek na minha cabeça e imediatamente parei o tempo em torno de nós três, parando os outros membros do Conclave.

— Ele está sendo birrento, — disse Benedict, cruzando os braços sobre o peito.

— Ele pode ouvir você. — Alek disse, olhando para Xavier.

— É muito engraçado como vocês, vampiros, supõem que seus poderes nos afetam. — Xavier sorriu. — Eu iria tão longe para chamá-lo de fofo.

Alek se levantou, removendo um pacote de debaixo de sua jaqueta, e sem falar, Benedict e eu o seguimos pela sala em direção a Xavier.

— Quanto mais Samuel permanecer livre, mais tempo o trono estará em perigo, e você e eu sabemos que não quer perigo extra colocado sobre *ninguém* sob minha proteção. — Alek levantou uma sobrancelha para Xavier.

— Lá vai você assumindo novamente. Como se eu não tivesse olhos em Daphne. — Ele balançou as pernas em um movimento rápido demais para ser visto até mesmo por olhos de vampiro e se sentou.

— Bem, só para manter as coisas... amigáveis, visto que ela ainda é menor de idade. — Alek entregou o pacote a Xavier. — Considere suborno por permitir o acesso de meus assassinos. É de Daphne, obviamente.

Xavier piscou, então pegou o pacote embrulhado em papel pardo com seu nome rabiscado em caligrafia feminina e uma nota que eu rapidamente entendi que dizia: “*Para a próxima vez que nos encontrarmos*”. Ele abriu e riu alto. — Você sabe o que ela me mandou?

Alex balançou a cabeça. — Eu perguntei se ela tinha algo para enviar dada a situação.

Xavier folheou um livro, um sorriso se alargando em seu rosto. — É uma cópia de *Os Homens Explicam Tudo para Mim*, de Rebecca Solnit. É considerado um livro feminista moderno sobre a propensão dos homens para o mansplain.

Alek gemeu.

Xavier balançou a cabeça e colocou o livro no colo. — Doce pequena Daphne.

Os olhos de Alek brilharam para Xavier. — Ela ainda é uma criança, você sabe.

— Não por muito tempo. — Xavier acenou para ele. — E eu não tenho nenhuma intenção de removê-la de sua custódia enquanto ela estiver segura. E quanto a qualquer outra coisa... — Ele deu de ombros. — Ela terá que vir até mim quando estiver pronta.

— Isso nunca vai acontecer, — Alek disse com uma certeza que eu não compartilhava. A priminha de Valor tinha vontade própria, e eu a peguei lendo uma história de demonologia mais do que algumas vezes.

— Veremos. — Ele se inclinou para trás, e foi isso.

Voltamos para o assento de Alek, e uma vez que estávamos todos no lugar, liberei o tempo.

Todos os olhos na sala dispararam entre Xavier e Alek, sem perceber a troca que havia acontecido.

— Você tem qualquer acesso que desejar à minha terra. — Xavier levantou a mão. — Só os caçadores em sua pequena ordem de assassinos.

O queixo de Benedict caiu.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Aceito, — Alek disse sem questionar.

O Conclave terminou, e todos voltamos para nossas entradas separadas, mas mantive meu olho em Ruyan até que nossa porta fosse selada atrás de nós.

— Saint vai apreciar o que você fez, — eu disse ao meu rei enquanto nos armamos mais uma vez.

— A regra de apenas caçadores é um monte de merda, — Benedict retrucou.

— É metade do pedido, — Alek o lembrou, sua voz baixa e nivelada. — Quando se trata de Xavier, pegamos o que podemos

conseguir. — O rei virou-se para mim. — Eu estive pensando sobre a sua companheira.

Um rosnado retumbou em meu peito. Ninguém precisava pensar em Grace além de mim.

— Sobre como ela poderia viver, — ele acrescentou rapidamente.

Eu pisquei. — Ela tem um tumor cerebral terminal. É hereditário e agressivo, e ela já recusou tratamento.

Alek assentiu. — Eu entendo. Mas ela apenas recusou tratamento *humano*.

Meu coração trovejou em meu peito quando entendi o que ele queria dizer.

— Você precisa levá-la para Gabriel.



Segurei a mãozinha de Grace e a conduzi escada abaixo, passando pela entrada da sala de guerra e entrando nos túneis de nosso complexo subterrâneo, mantendo meu passo o mais lento possível para que ela pudesse acompanhá-lo.

Eu valorizei meu tempo com ela antes que a marca aparecesse, mas o vínculo crescente entre nós revelava sua proximidade agora. Se houvesse uma chance de ela sobreviver, eu iria aproveitá-la.

— Então esta é a residência real, não o palácio, porque fica do outro lado do pátio... átrio, — corrigiu-se Grace.

— Correto. — Virei à esquerda em uma bifurcação nos túneis, passando pelos corredores largos e expansivos que só poderiam ser chamados assim, pois não tinham janelas e eram subterrâneos.

— Porque você é realmente um vampiro. E todos aqui são vampiros...

— Quase todos. — Acariciei o dorso da mão dela com o polegar, lutando contra a esperança que se enraizou em meu peito desde que Alek sugeriu esse mesmo curso de ação.

Eu poderia transformá-la. A transformação acabaria com o tumor. Estaríamos juntos para sempre, teríamos o tempo que ambos precisávamos para nos apaixonar, para ter o que os outros da minha Ordem já tinham.

— Certo. Valor e sua prima, Daphne, são humanas. — Seu nariz enrugou como fazia sempre que processava novas informações. — Mas o resto de vocês são vampiros imortais em uma missão para livrar o mundo dos caçadores de vampiros e outros vampiros que gostam de drenar as pessoas.

— Em poucas palavras, — eu concordei enquanto nos aproximávamos da enfermaria de Gabriel. — Você está meio que recebendo um curso intensivo. Quando fomos tirados do Stasis...

— Você e seus irmãos. Os caçadores, — ela interveio, olhando para mim com aqueles olhos incríveis para ver se ela estava certa.

— Sim. — Levei sua mão à minha boca e dei um beijo nas costas. Quanto mais cedo saíssemos desse compromisso, mais cedo eu poderia tê-la nua debaixo de mim novamente. Eu parei o

tempo ao nosso redor para que pudéssemos colocar em dia... tudo.
— Você está aprendendo rápido.

— E você não hesitou em ensinar expressões idiomáticas, — ela respondeu com um sorriso que roubou meu fôlego. — Seus irmãos estão entendendo bem rápido?

Fiz uma pausa, minha mão na maçaneta da porta de Gabriel. — Sobre meus irmãos. — Engoli em seco, procurando as palavras certas. — Se você precisar de algo, vá direto para Zachariah. Ele saberá o que fazer. Dagon e Talon são igualmente protetores, mas Saint... — Meu peito apertou. — Eu amo meu irmão e não tenho dúvidas de que ele morreria por você, mas ele anda no limite entre a sanidade e a loucura por sangue. Fique longe dele sempre que possível. Por favor. Por mim.

Preocupação franziu a testa, mas ela assentiu. — Ok.

— Obrigado. — Inclinei-me e passei meus lábios sobre sua testa.

Ela apertou minha mão. — E agora vamos ver o seu médico.

— Seu médico também, — respondi, abrindo a porta da enfermaria. Era uma área espaçosa com sala de trauma, recuperação, laboratório e consultórios de Gabriel, de onde ele saiu ao som da nossa chegada.

— Ajax, — ele me cumprimentou com um sorriso, estendendo a mão. Soltei a mão de Grace e apertei a de Gabriel. O vampiro era grande o suficiente para ser um assassino e até vinha de algumas das mesmas linhagens, mas para nossa sorte, seu intelecto combinava com sua aparência física. Ele nos manteve vivos em

muitas ocasiões para contar. — Vejo que você trouxe sua companheira.

— Grace, — disse ela, estendendo a mão.

Eu fiquei tenso e minhas presas perfuraram para baixo.

Acalme-se, porra.

Gabriel ergueu as sobrancelhas e recuou um passo. — Sem intenção de ofender, mas tocar a companheira recém-marcada de um vampiro guerreiro é praticamente equivalente a uma sentença de morte. Pergunte-me novamente em alguns meses e ficarei feliz em apertar sua mão assim que Ajax estiver sob controle.

Grace olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido, e eu só pude oferecer a ela um sorriso de desculpas.

— Não é nada. — Dei de ombros.

— E como exatamente seu médico deve me examinar se ele não pode me tocar? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Talvez você devesse sair.

Um rosnado saiu da minha garganta.

— Não. — Gabriel colocou um conjunto de escaneamentos em um quadro iluminado. — Ficar sozinho com uma companheira recém-marcada? Pior ainda. Desculpe, mas esse seu macho vai ser um idiota territorial durante a maior parte de alguns meses.

— Não estarei viva em alguns meses. — Ela disse isso com uma finalidade que me atingiu como um soco no estômago. — E como você conseguiu meus exames?

— Os registros médicos são digitais e as redes são fáceis de hackear quando você tem Ransom morando com você. — Gabriel fixou os olhos em mim, então olhou de volta para os exames. — Posso ver que você tem um glioblastoma agressivo. Pelas varreduras, parece que encolheu um pouco no mês passado, o que não é apenas estranho... é milagroso. O que você fez?

— Nada. — Ela deu de ombros.

— Bebeu meu sangue, — eu respondi ao mesmo tempo.

Gabriel fez uma pausa, então se virou lentamente para nos encarar. — Você... trocou?

Eu balancei a cabeça. — Em dobro. Conheço as regras. Três vezes faria a transição ou a mataria.

Ele olhou para os exames lado a lado. — Uma transfusão completa? Ou...

— Cheio, — respondi.

Os ombros de Gabriel caíram. — O pouco de bem que fez provavelmente lhe rendeu uma semana, mas nada mais. — Ele olhou para Grace. — Você recusou o tratamento dos médicos humanos?

Ela assentiu. — Vi minha mãe passar seus últimos meses em completa e absoluta miséria. Eu ainda quero ser *eu* no fim da minha própria vida. Além disso, — ela sorriu para mim, seu cabelo caindo sobre os ombros. — As alucinações são boas demais para desistir.

Gabriel inclinou a cabeça para mim.

Suspirei e esfreguei minha testa. — Ela acha que tudo isso é uma alucinação.

— *Dã*. — Grace apontou para a sala ao nosso redor. — Estou cercada por vampiros, de alguma forma ligada a esse deus do sexo masculino, e depois tem isso. — Ela puxou para baixo o decote da camisa que Lyric lhe emprestou, exibindo sua marca de acasalamento. — As tatuagens não aparecem magicamente porque você está tendo os melhores orgasmos da sua vida.

Gabriel olhou para mim em pura confusão.

— Eu sei. — Eu só pude dar de ombros. — Eu tentei dizer a ela. E eu entendo como o tumor é agressivo, realmente entendo, mas é o seguinte. Ela é um quarto vampiro de acordo com Cassandra.

— Eu estou supondo que seria o lado do meu pai. Pareciam do tipo que desaparecem, se é que você me entende. — Grace brincou.

Ela *brincou* porque ainda achava que tudo isso estava na cabeça dela.

— Eu posso transformá-la, certo? — perguntei a Gabriel. — Ela deve estar completamente curada na transição.

— Transformar-me em quê? — Grace balançou a cabeça para mim.

— Uma de nós. Uma vampiro. — Eu segurei seu rosto, olhando para ela com toda a esperança do meu corpo. — Nós nos encontramos neste momento de nossas vidas com esse propósito, Grace. Eu sei isso. Eu posso salvar você. Podemos ficar juntos todas as noites de nossas vidas.

Ela suspirou e se inclinou na palma da minha mão, então se virou para Gabriel. — Veja? É a melhor alucinação de todas. Ele não apenas está constantemente me dizendo que eu sou dele, mas agora ele acha que pode me salvar.

Gabriel olhou para os exames, depois para mim e finalmente para Grace. — Eu não sei como te dizer isso, Grace.

— Apenas diga. Estou acostumado a receber más notícias agora. — Ela se inclinou para o meu lado e eu passei meu braço em volta de sua cintura.

— Vê esta área aqui? — Ele apontou para uma área clara em seus exames.

— Sim.

— É onde esperaríamos ver um tumor se você estivesse sofrendo de alucinações. Mas o seu está aqui. — Ele moveu o ponteiro. — Tão difícil quanto isso é absorver... — Simpatia alinhou suas feições quando ele olhou para Grace. — Você não pode estar alucinando. Isso tudo é muito real.

A boca de Grace abriu, depois fechou, depois abriu de novo, e seus olhos se arregalaram quando ela olhou para mim. — Você está dizendo que tudo isso – ele, você, a casa... é tudo real? Estou cercada por... vampiros?

Eu balancei a cabeça. — Isso é exatamente o que ele está dizendo, baby.

— Oh, Deus.

Ela se afastou de mim com toda a sua força e meu peito se partiu em dois.

12

Grace

— Meu namorado é um vampiro, — eu disse, meu coração subindo pela minha garganta enquanto minha mente mudava de eixo.

Isso é real.

Isso tudo é totalmente e cem por cento real.

— Companheiro, — Ajax me corrigiu, seus olhos cheios de preocupação enquanto estudava as linhas do meu rosto.

Levantei a mão para ele, indicando que precisava de um segundo.

Uma vida inteira, talvez. Isso é o que seria necessário para eu entender completamente o fato de que tudo o que eu pensava ser algum tipo de sentença de morte estelar nas últimas semanas era realmente real.

Ajax. Seus irmãos caçadores. Os homens tentando me matar.

— Grace, — Gabriel – o médico vampiro do rei – disse daquela maneira calmante que apenas pessoas super intelectuais como os médicos conseguem. — Você está segura. Quero que tente respirar fundo algumas vezes para mim, por favor.

Eu quase ri porque o vampiro parecia que poderia ter saído daquele show de vampiros True Blood. *Todos eles tinham que ter uma aparência tão magnífica quando eu era totalmente comum?*

Tomei as poucas respirações que ele pediu, meus músculos relaxando com cada liberação de oxigênio.

Ok, nada realmente mudou. Ainda estou morrendo e ainda totalmente apaixonada por Ajax. O resto... o resto posso resolver depois. Ou nunca.

Meus pensamentos eram erráticos, mas eu me dei uma folga, visto que tudo isso parecia irreal demais para ser verdade.

— Ótimo, — disse Gabriel. — Agora, você pode me dizer como está se sentindo?

— Vocês são todos vampiros, — eu soltei, mas pelo menos minha voz não falhou. — Seres que eu nunca soube que existiam fora das páginas dos meus livros favoritos e descobri que sou um quarto de vampiro também? E tem gente atrás de mim por causa disso e eu tenho um tumor do tamanho de um ovo tentando me matar. Como você acha que estou me sentindo? — As palavras saíram de mim em uma respiração apressada e eu imediatamente me encolhi. — Eu sinto muito. Isso foi muito e não deveria ter direcionado a você.

— Tudo bem, — disse ele, abrindo-me um sorriso genuíno. — É muita coisa para assimilar.

Eu bufei uma risada quebrada.

Eufemismo do século. Pobre garota, primeiro o tumor e agora os Sons a querem? E Ajax, deuses, um vampiro que pode parar o tempo, mas não pode pará-lo o suficiente para salvá-la.

Eu vacilei com o som da voz de Gabriel na minha cabeça.

— Então, você não acha que posso ser salva, — eu disse, e seus olhos azuis se arregalaram com a minha resposta a algo que ele não disse em voz alta... o que significa que todas as outras vozes que eu estava ouvindo não eram sintoma do tumor também. Ótimo, adicione isso à lista da minha realidade em mudança.

Outra respiração profunda. Ajax era um vampiro, mas seu sangue não podia me curar como em todos os livros que eu adorava ler. Não do jeito que Gabriel estava pensando de qualquer maneira. Eu tentei perder a esperança no segundo que vi as varreduras do meu cérebro, mas essa verdade era uma cadela de se aceitar.

Gabriel se afastou da mesa onde estava examinando meus exames cerebrais mais recentes, atravessando a sala para ficar diante de mim.

Grace. Você pode ouvir meus pensamentos agora?

Um raio disparou no meu centro com a pergunta direta dentro da minha mente. Até agora, eu tinha sido capaz de atribuir as vozes ao tumor, mas isso era extremamente difícil de fazer quando um vampiro estava me encarando nos olhos e me fazendo perguntas sem mover os lábios.

Pinguins roxos.

Outra risada rasgou através de mim. — Pinguins roxos? — Eu perguntei, e ele ficou boquiaberto comigo. — Isso é bem aleatório, mesmo para um vampiro, imagino.

— Deuses, — ele sussurrou.

Engoli em seco, ansiedade arranhando minha garganta e ameaçando fechá-la. Fechei os olhos, inalando profundamente para tentar conter o pânico. — Então, — eu disse, abrindo meus olhos novamente. — Isso é real então? Tudo isso? — Olhei ao redor do espaço elaborado em que estávamos e então imaginei o resto da propriedade além. Imaginei Ajax, a maneira como suas presas afundaram em minha carne e ele bebeu de mim, a maneira como isso me fez sentir - flutuando e formigando e todos os tipos de calor. Pensei na marca de acasalamento que apareceu na minha clavícula. Se fosse real, então isso significava que os sentimentos de Ajax eram reais, o que realmente fez borboletas voarem em meu estômago. Se alguma coisa boa saiu de toda essa confusão, foi o Ajax.

Deus, eu gostaria de ter mais tempo com ele.

— Acho que depende do que você está se referindo, — disse ele da maneira mais médica de todos os tempos.

Tentei não revirar os olhos. — Vampiros. Telepatia. O tumor que está me matando. Não que eu tenha duvidado de *sua* autenticidade.

A consciência ondulou ao longo das bordas do meu corpo, um flash de calor contornando meu peito enquanto Ajax se aproximava de mim.

— Está tudo bem, — respondi ao seu olhar silencioso de preocupação enquanto ele passava a mão na parte inferior das minhas costas. A respiração em meus pulmões afrouxou com seu toque. Até meu pânico crescente ao perceber que tudo isso era realmente entorpecido com ele tão perto.

— É real, — Gabriel respondeu à minha pergunta. — E não, o tumor não é a causa do seu dom.

— É por causa do um quarto de vampiro na minha linhagem? — Eu perguntei.

Gabriel assentiu. — Isso é altamente provável. — Seus olhos brilharam para Ajax. — Sua telepatia é muito mais avançada do que Alek sugeriu.

— O rei suspeitava... — Ajax disse lentamente.

— Ele desconfiou, — respondeu Gabriel.

Ajax ergueu as sobrancelhas para mim e eu dei de ombros.

— Isso não é culpa dele, — eu disse. — Não é como se eu tivesse anunciado isso. Achei que estava tendo alucinações na metade do tempo em que estive com Ajax.

Ajax riu. — Ninguém poderia alucinar toda essa perfeição, — ele brincou, gesticulando para si mesmo. Era difícil não concordar, especialmente quando a calça de couro que ele usava abraçava aquelas coxas enormes que eu gostava de cravar minhas unhas. — Nem mesmo sua mente brilhante, Grace. — Suas feições ficaram sérias quando ele voltou a se concentrar em Gabriel.

— Você não respondeu à minha pergunta, — ele continuou. — Então eu vou te perguntar uma diferente. Com você sendo você,

poderia remover o tumor com mais sucesso do que um médico humano?

Gabriel suspirou e balançou a cabeça.

— O quê? — Ajax estalou, a intensidade em sua voz me sacudindo. — Você é o melhor curandeiro que Alek já teve, — disse ele, exasperado. — Você tem habilidades que nenhum médico mortal jamais terá. E posso fazer uma pausa no tempo, posso dar a você o que você precisa para consertar isso.

Uma pontada torceu meu peito com o desespero em seu tom, o olhar suplicante em seus olhos. Ajax era um imortal poderoso que parecia a última criatura na Terra que imploraria por algo, mas aqui estava ele, implorando a um médico vampiro para salvar minha vida.

E pela primeira vez desde que recebi o diagnóstico, não estava *bem* com isso. Eu não estava aceitando meu humor de que isso vai acontecer. Encontrei alguém por quem vale a pena viver, alguém que tem a capacidade de me fazer rir diante da morte e chorar de tanto amar a vida. E agora, eu teria que perdê-lo.

— Sinto muito, Ajax, — disse Gabriel. — Você sabe que se eu achasse que tínhamos uma chance de remover a massa com sucesso, eu não hesitaria. O risco é muito grande quanto à sua localização e tamanho. Poderia matá-la mais rapidamente. Instantaneamente, até mesmo. Nunca fomos capazes de curar o câncer humano.

Eu me encolhi com isso, e Ajax também.

— Tem que haver algo que possamos fazer, — disse ele.

Gabriel arqueou uma sobrancelha para ele, olhando entre nós.
— E para responder à sua outra pergunta, sobre tentar fazer a transição dela... isso seria incrivelmente arriscado.

— Quanto arriscado? — perguntou Ajax.

— *Muito* arriscado, — Gabriel disse, seus ombros caindo. — Mesmo com seu sangue de quarto de vampiro, você conhece as chances de sobrevivência. Eu me preocupo que o processo possa até acelerar sua condição. E sim, fizemos a transição com sucesso da rainha e até mesmo de Jocelyn, mas você sabe tão bem quanto eu que cada transição é diferente. E nunca tentamos com alguém em uma condição como a de Grace.

Se de alguma forma conseguíssemos fazer funcionar, isso salvaria a vida dela. A voz de Gabriel cortou meus próprios pensamentos, sua mente um turbilhão enquanto ele repassava probabilidades e situações passadas em sua cabeça.

— Espere, — eu disse, com o coração acelerado. — Quando você diz transição, você está falando em me transformar em um vampiro?

Ajax assentiu, mas parecia desanimado. — Se Gabriel diz que é muito arriscado, então é. Não podemos arriscar você...

— Ok, vamos chegar a isso mais tarde, mas... — Eu me virei, dando todo o meu foco para Ajax. — Isso é algo que você realmente quer?

Ajax inclinou a cabeça. — Claro, nós conversaríamos sobre isso, Grace. Eu nunca forçaria uma escolha que mudaria sua vida sem discuti-la.

— Certo, não foi isso que eu quis dizer.

— O que você está me perguntando? — perguntou Ajax.

Soltei um suspiro, olhando para Gabriel, que caminhou muito pungentemente para o outro lado da sala, fingindo estar estudando meus exames novamente. — Quero dizer, você gostaria de me transformar se não houvesse riscos? Realmente gostaria que eu me tornasse como você? — Sussurrei a pergunta.

— Por que eu não iria? — ele perguntou.

Eu separei meus lábios. — Eu não sei, — eu disse, o calor queimando meu corpo. — Não nos conhecemos há mais de um mês. Pedir a alguém para ser imortal com você é um grande passo. — Fechei os olhos com força. — Não que você estivesse exatamente me pedindo para ser imortal *com* você, como ficar comigo por toda a eternidade e tudo mais, — eu divaguei. — Ok, isso está soando terrível. Esqueça que eu disse qualquer coisa...

Os lábios de Ajax encontraram os meus, cortando minhas palavras e roubando minha respiração. Ele segurou minhas bochechas, se afastando para olhar para mim. Devastação, raiva e paixão se agitavam naqueles olhos. — Você é minha companheira, Grace. Eu sei que tudo isso é novo para você, mas essa marca em sua pele significa que eu pertença a você e você pertence a mim, *para sempre*. Se eu soubesse que você estaria segura, — ele disse. — Eu transformaria você.

Meu coração afundou e disparou ao mesmo tempo, se isso fosse possível. — Eu deixaria você fazer isso, — eu disse, e seus olhos se arregalaram.

— Você gostaria dessa vida? — Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Uma vida? Sim, eu adoraria isso. Especialmente se tiver algo a ver com você. — Uma esperança traiçoeira ardeu em minha alma. — Vamos fazê-lo.

Ajax se afastou de mim. — O quê? Você não acabou de ouvir o que Gabriel disse?

Gabriel limpou a garganta. — Vou só sair...

— Não se atreva a ir a lugar nenhum, — Ajax o cortou, parando o médico em seu caminho. — Ela obviamente precisa que você explique os riscos novamente.

— Eu não, — eu disse. — Conheço os riscos. Estou disposta a levá-los...

— Você não sabe o que está dizendo, — disse ele. — Gabriel, diga a ela novamente. Você disse que isso poderia acelerar a condição dela.

— É muito provável, — Gabriel entrou na conversa.

— Certo, e eu também poderia viver esses últimos meses da minha vida, Ajax, — respondi. — Qualquer minuto pode ser meu último...

— Você tem meses, Grace. Meses. Não entende o valor desse tempo. Não roubarei sua paz em seus últimos dias.

Suas palavras mataram qualquer réplica que eu pudesse ter feito. Eu disse essas mesmas palavras a minha médica quando ela pressionou pelo tratamento. Entendi de onde ele vinha, mas

certamente isso era diferente de radiação, remédios e cirurgia. Isso funcionaria ou não.

Eu segurei o olhar de Ajax, e o medo ondulou em minha mente. Não meu, mas dele.

Eu não posso te machucar. Não posso arriscar machucar você. Por favor, Grace.

Eu não tinha certeza se ele sabia que eu podia ouvi-lo naquele momento ou se ele se importava, mas quebrou a luta que eu estava me preparando para ter.

— Há um assunto que devemos discutir, — Gabriel entrou na conversa quando o silêncio ficou muito pesado.

— O que é isso? — Ajax perguntou sem tirar os olhos dos meus.

— A questão da telepatia dela.

Eu quebrei nosso olhar, olhando para Gabriel. Suas feições eram compreensivas, reconfortantes. — Imagino que esteja lhe causando muita tensão, — disse ele. — Não ser capaz de controlar o fluxo de pensamentos que vêm à sua mente?

Eu balancei a cabeça. — Não é tão ruim aqui, — eu disse. — Antes de virmos para cá, era constante e cansativo.

— Isso porque os pensamentos de um vampiro são mais cautelosos. Estamos acostumados a proteger nossas mentes de tentativas externas de penetrá-las. Os humanos não têm escudos; portanto, eles bombardeiam você.

— O que você está sugerindo? — perguntou Ajax.

— Você sabe quem pode ajudá-la, — Gabriel respondeu.

Clareza limpou a dor nos olhos de Ajax. — Alek.

Eu gaguejei. — O rei vampiro? — Um arrepio de gelo raspou minha espinha.

— Você estremece ao pensar nele, mas comigo você relaxa? — Ajax brincou, como se tivesse sentido o medo se enrolar dentro de mim.

Eu ri, incapaz de evitar. Ele tinha razão. Ajax era tão grande quanto o rei, se não um pouco maior, e tinha uma aparência muito mais ameaçadora com seus longos cabelos negros, olhos escuros e tatuagens. Mas não pude evitar. Algo em mim sempre foi atraída por Ajax, nunca o temeu, mesmo quando a lógica sugeria que eu deveria.

Mas o rei? Com seus olhos azul-gelo e aquele poder que irradiava dele em ondas? Cada instinto humano em meu corpo me disse para correr quando o vi pela primeira vez.

— Eu me apressaria, — disse Gabriel. — Com as aulas dela. Ela não tem muito tempo.

Ajax assentiu, conduzindo-me para fora da mesa de exames e para fora dos escritórios de Gabriel.

— Você sabe o que me daria mais tempo...

— Não, — Ajax me cortou, parando fora do escritório do rei. — Por favor. Eu teria feito isso ali mesmo se Gabriel tivesse dito que funcionaria sem risco. Mas, Grace... não consigo imaginar roubar os últimos momentos que você tem por que sou um idiota egoísta que quer tentar mantê-la para sempre.

Soltei um suspiro quando ele bateu na porta do escritório. Abandonei o assunto, não querendo causar uma briga entre nós, mas não seria a última vez que tocaria no assunto.

Como isso poderia ser? Quando foi o último raio de esperança que me restava?



— Ótimo, — a voz de Alek não precisava ser levantada para parecer que explodiu através do escritório em que estávamos trabalhando nas últimas quatro horas. Ajax saiu no minuto em que o rei vampiro concordou em me ajudar, e eu sabia que era por querer tentar a transição, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso agora. — Novamente.

Não houve movimentos dramáticos, nem movimentos de braço floreados, nada como nos livros ou filmes. Havia apenas o rei vampiro sentado em uma cadeira almofadada em frente à onde eu estava sentada em uma cadeira idêntica, ele usando seu poder para penetrar em minha mente e eu fazendo tudo o que ele me ensinou sobre proteção.

Eu tinha ido para a psicologia não apenas porque queria ajudar crianças mais novas em um orfanato, mas porque sempre tive um talento especial para visualizar. Minha imaginação era selvagem - daí minha certeza de que tudo isso tinha sido uma alucinação no começo. Eu poderia manifestar imagens cristalinas

enquanto lia, tornando a leitura um dos meus passatempos favoritos.

Então, quando o rei vampiro explicou que eu tinha que visualizar um escudo físico ao redor da minha mente, fui com tudo.

Eu bati o escudo sobre minha mente, totalmente formado e detalhado, e o rei riu.

— Isso é muito... fantástico, — ele disse, diversão em sua voz.

Ele não estava errado. Eu construí meu escudo mental com o que imaginei que fossem as escamas do dragão, cada escama se ligando à outra, dura como inflexível e brilhando com uma cor índigo iridescente.

— Quero dizer, por que não? — Eu respondi, concentrando toda a minha energia em manter o escudo no lugar. Não é tão fácil quanto parecia quando começamos nosso treinamento. Alek conseguiu derrubá-lo em segundos na primeira vez, e agora que era o... eu perdi a conta... mas agora eu podia *sentir* seu poder do outro lado do meu escudo, como garras em um quadro-negro.

Mas ainda assim, seus pensamentos permaneceram distantes.

O controle era estimulante, enchendo-me com uma energia renovada que eu tinha certeza de ter perdido horas atrás.

— Ótimo, — disse ele, e eu meio que me perguntei se ele estava mesmo tentando romper.

Ele me permitiu entrar em sua mente antes, abaixando seu próprio escudo que parecia uma parede de ônix quando começamos. Eu só precisava estar lá um segundo para entender a profundidade de seu poder. Como o de Ajax, era antigo, mas o do

rei corria em poços que não tinham fim à vista - provavelmente uma das razões pelas quais ele era, você sabe, o rei.

Mas esse poder provavelmente significava que ele estava apenas me satisfazendo aqui. — Seja honesto, — eu disse. — Você poderia romper se realmente quisesse.

Alek me deu um aceno lento. — Claro, — disse ele, com naturalidade. — Mas eu não sou propenso a fazer isso. E com humanos? Seus pensamentos não alcançarão você se este escudo estiver no lugar. Você terá controle total então.

Engoli em seco, meus ossos sentindo o peso do treinamento. — E em quanto tempo estarei perto dos humanos novamente, você acha? — Tentei fazer a pergunta casualmente. Esta era a propriedade de Alek, e Ajax o servia. Eu duvidava muito que ele gostasse de ter mestiços moribundos se infiltrando em sua casa.

— Não tenho certeza, — ele respondeu honestamente. — Você não é uma prisioneira aqui, Grace, mas deve entender o perigo que representa para nós.

— Eu? Um perigo? — Como eu poderia estar...

Uma pressão cortou meu escudo de dragão, transformando-o em cinzas em questão de segundos.

Porque agora você conhece a verdade sobre nossa espécie e se tornou importante para um dos meus caçadores. Fazemos grandes esforços para não nos expormos à população humana, para a segurança deles e nossa. Se você contasse a alguém...

— Não tenho ninguém para contar, — eu disse em voz alta. — E eu não o faria mesmo se quisesse. O Ajax é... ele é importante para mim também. Eu nunca arriscaria qualquer dano vindo a ele.

Ajax é meu companheiro, eu disse silenciosamente na mente de Alek, tentando colocar toda a emoção que eu tinha em torno dessa afirmação. Posso não entender isso no nível de vampiro, mas entendi o sentimento em minha alma sempre que Ajax estava por perto. Ele era vital para minha sobrevivência, minha felicidade, minha existência.

Os cantos da boca do rei se contraíram quando ele acenou com a cabeça, e eu senti sua fuga mental quando ele saiu da minha mente. — Já chega de treinamento por esta noite, — ele disse, levantando-se. Eu o segui até a porta do escritório. — É quase o nascer do sol, e parece que você precisa descansar um pouco.

Eu balancei a cabeça, sentindo um pouco vacilante em meus pés. — Obrigada por tomar o tempo... sua alteza, — eu me atrapalhei com o título e até fiz uma reverência estranha como o inferno que trouxe uma risada genuína dos lábios de Alek.

Ele me dispensou. — Deuses, se Lyric tivesse visto isso, — disse ele. — Ela me daria tanta dor por isso.

Eu ri também. — Sinto muito, não conheço a etiqueta.

— E você não precisa, — disse ele. — Não é um vampiro, então tecnicamente, eu não sou seu rei. Mas eu aprecio seu respeito e sua bondade, especialmente para com meu caçador.

Acenei, levando seu sorriso como uma despedida enquanto voltava para o quarto.

Ele já estava na cama, seminu debaixo das cobertas, o sono grudado em seu corpo. Ele parecia absolutamente pacífico quando subi ao seu lado. Sua respiração era profunda e uniforme e suas feições não carregavam o peso de antes.

Acomodei-me no travesseiro ao seu lado, as palavras de Alek em minha mente.

Você não é um vampiro, então tecnicamente, eu não sou seu rei.

Por que isso deixou meu coração tão pesado?

Olhei para Ajax, a percepção se revelando dentro de mim.

Eu estava disposta a arriscar a morte para tentar ganhar mais tempo com este macho.

Eu estava disposta a mudar minha vida inteiramente por ele, e só o conhecia há algumas semanas.

Eu queria *viver* para este homem, mesmo que isso significasse morrer primeiro.

Meu pulso pulou enquanto eu tentava respirar uniformemente em torno da certeza absoluta invadindo minha alma.

Eu estava cem por cento, completamente apaixonada por ele.

Ajax

Para alguém cujo maior problema sempre foi ter muito tempo, não passou despercebido que agora eu não conseguia o suficiente.

Fazia duas semanas desde que minha marca apareceu no peito de Grace. Duas semanas que eu a tenho na minha cama, acordando comigo à noite na residência e me dando as boas-vindas antes do nascer do sol pela manhã. Duas semanas que deveriam ter sido uma prévia do nosso para sempre e, em vez disso, marcaram o que Gabriel estimou ser cerca de um quinto de todo o tempo que teríamos.

Foda-se o tempo. Ele estava me traindo quando eu mais precisava.

Passei os lábios pela bochecha de Grace, um pouco menos cheia do que há algumas semanas atrás, e saí sorrateiramente do nosso quarto, armado até o punho. Ela me daria merda quando eu chegasse a casa sobre não a acordar antes de eu sair para a noite, mas ela precisava de todo o sono que pudesse ter agora.

Meu coração pulou, apertou quando olhei para ela uma última vez antes de fechar a porta silenciosamente atrás de mim.

Talon se afastou da parede do outro lado da minha porta, vestido para caçar. — Eu estava te dando mais dois minutos antes de começar a bater.

— Eu teria matado você por acordá-la. — Passei por meu melhor amigo, amarrando meu cabelo atrás da nuca com um elástico.

— Por isso esperei até ter certeza de que você chegaria atrasado para a reunião noturna. — Ele lançou um olhar de soslaio na minha direção enquanto acompanhava meus longos passos pela ala que nós, caçadores, havíamos reivindicado para nós mesmos na residência. — Você perdeu o repasto noturno.

— Eu não queria sair do lado dela, — resmunguei a resposta quando chegamos à escada que levava ao foyer.

— Olha, não cabe a mim dar sermão... — ele começou.

— Então não faça isso.

— Você não está se alimentando o suficiente. Você não está comendo.

— Eu pensei que você não fosse me dar um sermão. — Batemos no chão de mármore e continuamos. Acenei com a cabeça para o empregado, o talem que nós caçadores ainda evitamos aceitar.

— Eu disse que não era para eu dar sermão, não que eu não iria. — Ele estendeu o braço, bloqueando-me. Nós dois sabíamos que eu poderia ter passado por ele. — Escute-me.

Eu parei meus passos em sua voz baixa e a intensidade preocupada em seus olhos.

— Você é meu melhor amigo, Ajax. Você é meu irmão. Não vou fingir saber o que é ser acasalado, muito menos ser acasalado a uma humana com quem você só passou um mês. — Seus ombros caíram ligeiramente. — Tudo o que sei é que meu irmão está sofrendo. Todos nós podemos sentir sua fome. Sabemos que não está se alimentando o suficiente...

— Eu não vou me alimentar de ninguém além de minha companheira, — eu rosnei.

— E ela precisa de toda a sua força para se sustentar! — Ele sibilou, seu olhar correndo em direção à cozinha para ter certeza de que não havia sido ouvido. — Nós sabemos. Todos nós sentimos isso. Estamos todos... aflitos. Está tentando morrer com ela?

Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado e apertei meus lábios em uma linha fina para evitar dizer algo catastrófico para Talon.

— Porque é assim que parece de onde estou, — Talon terminou em um sussurro.

— Eu... — O ar se moveu através de meus pulmões, e reconheci a pontada aguda da fome dentro de mim, mas me senti quase separado do meu corpo, como se pudesse residir neste recipiente, mas só existia para a mulher em minha cama. — Eu me recuso a pensar no que vai acontecer quando Grace...

Um caroço imóvel se formou em minha garganta e não havia nada que eu pudesse fazer para engoli-lo.

— Ok. — Talon assentiu e apertou meu ombro. — Vamos apenas fazer o que pudermos para mantê-lo saudável para que você possa *mantê-la* saudável o maior tempo possível, meu amigo.

Eu balancei a cabeça.

— Você já pensou em parar o tempo perto dela? — ele perguntou.

— Eu considereei tudo. Se eu pausar Grace e eu do jeito que fiz quando saímos da Stasis, então o câncer continuaria a crescer. Nós ficamos com fome enquanto estávamos naquela bolha. Tivemos sede. Nosso cabelo cresceu.

Talon assentiu, a tristeza suavizando suas feições aristocráticas.

— E se eu pausar apenas ela e permanecer fora da bolha, ela ficará congelada apenas enquanto eu puder manter o poder, o que exigiria que eu ficasse na sala com ela sem tocá-la, falar com ela, saber mais alguma coisa sobre ela até que... humanos encontrem uma cura? Eu já sugeri isso para Grace e ela me derrubou dizendo que não seria uma Bela Adormecida enquanto eu me transformava em um dragão sanguinário montando guarda. — Meus lábios se curvaram em um sorriso. Outra coisa que eu aprendi sobre a minha companheira? Ela era toda sobre os contos de fadas.

Ela adorava magia.

Amava seu poder e estava aprendendo a controlá-lo com a ajuda de Alek. Ela queria controlar algo em seu curto espaço de tempo, e era isso.

Ela amava tudo sobre o mundo que era meu e deveria ter sido nosso.

— Nunca perdi nada desde que descobri meu poder, — eu disse a Talon. — É a vantagem final na batalha, nas cartas...

— Você trapaceia, — ele acusou suavemente, dando-me um meio sorriso.

— Eu uso todas as armas que tenho, — eu o corriji. — Mas saber que minha primeira derrota será a única que realmente importa? — Minha garganta fechou e eu balancei minha cabeça.

— Vocês dois estão atrasados! — Zachariah disse ao entrar, acenando com o dedo entre nós enquanto entrava na sala como um pai desapontado. — Sorte sua que estamos na sala de jantar. Não na sala de guerra.

Nós o seguimos pela direita em vez da esquerda e entramos na reunião noturna, onde os assassinos e caçadores se reuniram em torno da mesa formal extremamente longa, da residência.

Zachariah apontou para dois assentos vazios, e depois atirou-me um muffin de mirtilo de uma das cinco cestas em cima da mesa enquanto estávamos sentados.

— Legal da sua parte se juntar a nós, — disse Alek, levantando uma sobrancelha para mim, mas foi sua única repreensão.

Não dei desculpas e não senti que precisava. Eu, no entanto, comi a porra do muffin para apaziguar o ronco barulhento do meu estômago.

— Você está começando a parecer pior do que eu, e isso quer dizer alguma coisa. — Saint me lançou um olhar, mal parando em

sua limpeza metódica de suas armas na mesa à nossa frente. Certeza de que cada uma de suas balas tinha o nome de Samuel gravado.

As portas francesas se abriram novamente e Cassandra entrou, vestida com um vestido de noite da mesma cor da meia-noite de seu cabelo. — Desculpe, — disse ela, seus olhos correndo ao redor da mesa. — Lyric disse que você precisava de mim e eu não tinha me trocado para o repasto. — Ela manteve a cabeça erguida, apesar da atmosfera estranhamente tensa em sua chegada.

— Absolutamente. — Alek apontou para a cadeira vazia ao lado dele na cabeceira da mesa. — Se você não se importar.

Ela se sentou com uma postura perfeita, as costas rígidas como uma vareta.

— Acho que isso explica por que não estamos na sala de guerra, — Saint murmurou, sem se preocupar em olhar para ela.

— Ela está nervosa, — disse Talon, seu tom tão baixo que só Saint e Zachariah o escutam. Ele observou Cassandra com a avaliação astuta pela qual era conhecido. Seu poder de transfiguração fez dele um observador perito ao longo dos séculos, e as coisas que ele pegou e que todos nós perdemos nunca falharam em me derrubar.

Alek acenou com a cabeça para Lachlan, que então se levantou e distribuiu listas impressas de nomes na mesa.

— Toda a tecnologia do mundo, e ainda estamos distribuindo papel, — disse Dagon, lendo nomes e endereços que não reconheci.

— Não pode ser hackeado, — Ransom notou, mudando seu peso enquanto ele estava atrás da cadeira de Alek.

O cara teria que se acalmar ou não viveria para ver sua companheira dar à luz.

O gosto amargo da inveja inundou minha boca. Sua companheira carregava seu filho. Ele a abraçaria, veria seu corpo crescer e inchar, pintaria um maldito berçário, protegeria ela e seu filhote...desde que sua companheira sobrevivesse ao nascimento.

Meu coração afundou em minha própria mesquinhez.

Dada a taxa de mortalidade de nossas fêmeas durante o parto, não havia garantias de que Olivia sobreviveria.

Agora, eu também queria andar de um lado para o outro.

— Como todos vocês sabem, Hawke e Zachariah tropeçaram em outro massacre humano ontem à noite enquanto patrulhavam... — Alek começou.

Meus olhos voaram para Zachariah porque eu *não* sabia.

Ele me deu um sorriso apertado e compreensivo do outro lado de Talon.

— Eles chegaram tarde demais para salvar o pai, infelizmente, mas a mãe e os dois filhos estão a salvos e Patrick os escondeu. — Alek colocou seu próprio papel sobre a mesa. — Dois Sons morreram quando foram vistos, mas Zachariah recuperou esta lista do bolso de um. — O rei olhou para mim. — Parece ser uma continuação da que você encontrou na casa de Grace.

Examinei a lista. Devia haver quarenta nomes aqui, e os endereços abrangiam todos os cinco territórios de Edgemont.

— Estamos trabalhando com a suposição de que todos os nomes nesta lista são meio-sangues. — Alek fez uma careta. — Um quarto, oitavo, o que quer que seja. Eles descendem da linhagem de vampiros. Mas Cassandra aqui concordou em ajudar a testar essa hipótese.

Cassandra não moveu um músculo. Não pude deixar de me perguntar quantos anos aquela fêmea havia sido treinada ao terminar a escola. Sua compostura era admirável.

— Vamos dividir a lista e verificar todas as casas, — disse Alek. — Caçadores, peguem a metade inferior. Assassinos levam o topo.

— Onde você me quer? — Cassandra perguntou.

— Sua escolha. — Alek deu de ombros. — Vá para qualquer uma das equipes deve ser suficiente para confirmar nossa teoria.

Ela olhou ao redor da mesa, seus olhos deslizando sobre os assassinos que abertamente não gostavam dela de seu passado com Alek, para o nosso lado da mesa. — Eu irei com os caçadores.



Uma hora depois, nós seis patrulhávamos o território dos demônios, perto da orla de Edgemont.

Já havíamos limpado três casas – todas com ocupantes perfeitamente seguros e perfeitamente *humanos*. Ou nossa teoria era falsa, ou Cassandra não era tão adepta quanto pensávamos.

— Isso é uma porra de perda de tempo, — Saint disse ao meu lado, seu olhar correndo para frente e para trás, examinando nossos arredores.

Mordi a língua para não concordar com ele. Prefiro estar na cama com Grace, mas se isso me levar a quem quer que tenha tentado matá-la, ela pode sair da residência para ver as pessoas que amava...

Não vá lá.

— Mas os nomes são familiares — disse ela a Zachariah, examinando a lista enquanto caminhávamos pela rua escura. — Stroyola, Montview. Esses são nomes de vampiros, apenas ocupados por humanos. É quase... talvez eles estivessem supondo? — Ela trocou seu vestido por um par de calças e blusa.

— Essa é a sua avaliação? — Garra bufou. — Que os Sons estão *adivinhandos*?

Ela lançou um olhar para Talon. — Você tem algo melhor?

Saint fez uma pausa.

Todos, menos eu, continuaram andando.

— Saint? — Eu me virei para meu irmão.

Seus olhos estavam arregalados, seu peito subindo e descendo enquanto ele sugava respiração após respiração, como se ele estivesse...

— Você sente o cheiro dele. — Essa era a única resposta possível.

O olhar escuro de Saint voou para o meu por um instante antes de ele correr para a direita, sair da rua e entrar no beco entre as casas geminadas.

— Porra! — Eu bati, começando a correr e perseguindo Saint.
— Zachariah!

Ouvi os passos pesados de meus irmãos atrás de mim enquanto seguia Saint pelo beco mofado até a próxima rua. O ar salgado atingiu meus pulmões, disfarçando o cheiro de demônios próximos e qualquer outra coisa que eu pudesse ter captado.

Mas Saint e Samuel eram mais que irmãos. Eles eram gêmeos.

— Pelo amor de Deus, espere! — Eu gritei.

— Continua! — ele rebateu. O filho da puta foi *rápido*.

As casas de frente para o mar eram tudo menos imaculadas. Toda essa parte do território tinha sido destinada à demolição e ao urbanismo. Saint atravessou uma seleção de fita amarela, avisando que a área estava condenada, e continuou sua fuga precipitada não subindo as escadas para a entrada principal, mas para o lado, onde uma porta esperava cinco degraus abaixo da superfície da rua.

Eu mal tinha meu Sig sem estofo antes de Saint levantar sua bota até a pesada porta de madeira e chutá-la com um só chute. Os estilhaços voaram e ele saltou de cabeça para a escuridão.

— Droga! — Confiando em minha visão para piscar termicamente, se necessário, segui atrás de meu irmão.

Se Samuel estivesse aqui, logo o saberíamos. Estaríamos todos no chão por causa de seus poderes extraordinários, completamente à sua mercê.

Eu joguei fora meu poder em torno de nós dois. — Pare com isso! — Eu gritei. — Se você continuar sem pensar vai matar nós dois!

Saint parou um pouco antes da parede do tempo que nos mantinha suspensos, seu peito arfando, seus olhos selvagens quando ele se virou para mim no porão escuro. — Ou ele está aqui ou simplesmente estava.

— Você tem certeza? — Eu sussurrei, pegando as sutis notas mais escuras do cheiro de Samuel. Bloodmadness tinha mudado muito para eu ter certeza, mas eu confiava em Saint.

— Positivo. — A tensão no rosto dele foi suficiente para me convencer.

Meu peito se apertou. Por mais que eu soubesse que tínhamos que caçar Samuel, tinha que acabar com sua existência, aceitar que meu irmão tinha realmente se virado era...difícil. — Fique comigo. Vamos procurar sala por sala. Se ele estiver aqui, teremos que esperar que os outros o alcancem. O tempo é meu, irmão. Está do nosso lado neste cenário. Não deixe que sua necessidade de vingança custe sua vida.

— Minha vida já está perdida, — ele retrucou.

— Saint... — eu comecei, incapaz de compreender por que ele pensava isso.

— Vamos. — Ele se virou abruptamente e começou a caminhar pelo corredor escuro.

Eu fui com ele antes que ele rompesse a barreira do tempo. Subimos os degraus e limpamos a casa dilapidada andar por andar, e embora eu soubesse que havia pouca ou nenhuma chance de Samuel brincar de casinha acima do nível do solo quando claramente não havia persianas ou cortinas para bloquear o sol entrando pelas janelas quebradas, eu cobri cada centímetro com Saint só para que ele tivesse certeza.

— Seu cheiro é mais forte no porão, — Saint murmurou enquanto descíamos os degraus lascados e entramos no subnível úmido.

— Ele tem um cheiro diferente para mim. — Nós nos viramos e seguimos o corredor labiríntico para dentro da casa.

— Para mim também. — Saint balançou a cabeça em frustração enquanto limpávamos cada cômodo a que chegamos. — É mais fraco de alguma forma e ainda... — Arma na mão, ele abriu a última porta, e nós dois ficamos em silêncio.

A sala estava escura como breu, e minha visão térmica captou uma forma no canto, e as formas que se estendiam pela parede pareciam ser... braços. Era uma pessoa, mas a assinatura de calor não era quente o suficiente...

— Merda.

— É... ele. — Saint apontou sua arma para a forma. — Abaixei a barreira.

Eu recuperei meu poder e bati minha mão em direção à parede, acendendo a luz, e um segundo depois, Saint abaixou sua arma.

— Que porra é essa? — ele sussurrou.

Mudei-me para o lado de Saint e fiquei boquiaberto olhando para a visão diante de nós.

Uma mulher deitada contra a parede de concreto, seus braços agarrados acima da sua cabeça por algemas de aço ao redor de seus pulsos muito finos. Ela era magra. A palavra "*esquelética*" era muito melhor. A cor de seu cabelo era indistinguível pelo sangue que continha, e o que antes era uma camisola cobria seu corpo em farrapos. E o pescoço dela...

— Deuses, o pescoço dela. — Movi-me para o lado dela, mas Saint já estava lá, movendo-se mais rápido do que eu já tinha visto.

— Ela mal tem pulsação. — Seus dedos descansaram sobre as marcas de mordidas irregulares e não curadas em sua garganta.

— A temperatura também está baixa. — Estendi a mão e quebrei as correntes acima das algemas, o metal amassando facilmente sob minha raiva pela brutalidade com que a mulher havia sido tratada.

Passos familiares ecoaram pelo corredor. Ao que parece, nossos irmãos nos encontraram.

— Vocês, idiotas, poderiam nos dar um pequeno aviso antes...
— As palavras de Zachariah foram interrompidas atrás de nós. Sem dúvida ele tinha visto a mulher.

— Ela tem o sangue de Samuel, — disse Saint, agachado ao lado da mulher. — É por isso que eu farejei ele.

— Uma humana? — Dagon perguntou, passando por Zachariah para dentro da sala.

Cassandra foi à próxima. — Eu poderia ter seguido mais rápido se você tivesse se transformado em um cavalo e me deixado...

— Se você quer me montar, vai ter que me pedir muito mais gentilmente do que isso, — Talon disparou de volta, sua voz falhando enquanto ele trazia Cassandra para dentro. — O que diabos está acontecendo?

— Samuel tem um alimentador... — eu comecei.

— Ela é uma vampira, — Cassandra corrigiu, abrindo caminho para se agachar do outro lado da mulher inconsciente, seu olhar varrendo-a. — Recém-transformada. Eu diria que ela não está mais do que alguns dias fora da transição.

— E não se alimentou, — Saint notou. — Sua temperatura estaria alta e essas marcas de mordida teriam cicatrizado se ela tivesse se alimentado.

Os olhos da mulher “fêmea” se abriram e seu olhar voou ao redor da sala, largo e aterrorizado.

Então ela viu Saint.

E ela gritou, lutando como se pudesse de alguma forma chegar mais longe no canto. O som teria quebrado o vidro se houvesse algum na sala. Era coisa de pesadelo, horror e pânico comprimidos em um único grito estridente.

— Ela pensa que ele é Samuel, — disse Dagon.

— Saint! — Zachariah estalou.

Saint piscou e a mulher parou de gritar. A mão dele voou, pegando a cabeça dela antes que ela pudesse cair contra a parede enquanto ela olhava para ele, um leve sorriso inclinando seus lábios.

— Eu não sou ele, — ele disse tão baixinho que eu mal ouvi.

— Ele não, — ela repetiu.

— O quê... — Cassandra se levantou e se afastou. — O que acabou de acontecer?

— Ele está usando suas habilidades, — Zachariah explicou calmamente. — Ele está alterando a realidade mental dela.

— O que ele fez *pra* você? — Saint perguntou, sua mão ainda embalando a cabeça da fêmea.

— Ele... ele... — Os olhos dela queimaram.

— Você está segura, — Saint sussurrou, e a mulher relaxou. Eu nunca o tinha visto tão... gentil. Não em todos os nossos anos juntos. — Você pode me dizer seu nome?

— Rory, — ela disse, sua voz rouca e quebrada pelo que eu só podia imaginar que era um grito. — Ele me mordeu. Ele me forçou a beber... — Ela lutou contra a compulsão de Saint. — Para beber. Oh, Deus. Eu não queria! E então a dor! Estou pegando fogo e a queimação não para. Faça parar.

— Estou com você, — Saint prometeu, e os olhos da mulher se fecharam.

Meu estômago despencou. — O filho da puta a transformou contra a vontade dela.

Dagon xingou.

— Temos que levá-la de volta para Gabriel se ela quiser ter alguma chance de sobreviver, — disse Zachariah. — Samuel não vai voltar. Não com todos os nossos cheiros neste lugar.

Um murmúrio de ascensão ecoou na câmara vazia.

— Eu a carrego, — eu ofereci, curvando-me.

— Eu vou carregá-la, — Saint rebateu, tirando sua jaqueta. Ele o envolveu ao redor de seus ombros antes de deslizar seus braços sob a fêmea e erguer seu corpo frágil contra seu peito. — Samuel fez isso. Eu deveria tê-lo matado séculos atrás quando percebi no que ele estava se transformando. O que aconteceu com ela é consequência direta da minha inércia. Ela é minha responsabilidade.

Ele não olhou para nenhum de nós antes de sair, deixando-nos todos olhando para o chão encharcado de sangue onde a mulher havia sido flagrantemente torturada.

— Ela está na lista, — Cassandra disse, puxando um papel dobrado de seu bolso. — Ela era meio-sangue.

— Você tem certeza? — Talon perguntou, olhando por cima do ombro para o papel. — Existe mais de uma Aurora no mundo.

— Sim. Mas duvido que alguma delas tenha olhos dessa cor. — Ela olhou para Talon e empurrou o papel de volta em suas calças. — Ela é filha do Duque Somerhaul.



Tive o cuidado de manter meus escudos mentais no lugar enquanto permanecia na porta de nossos arquivos e observava Grace pegar um livro da pilha que estava sobre a mesa entre ela e Lyric.

Seu sorriso era largo quando ela riu de algo que a rainha disse.

Minha. Ela era *minha*.

Meu peito zumbia e ameaçava se abrir com uma emoção que eu não reconhecia. Não era apenas adoração ou luxúria, embora houvesse bastante de ambos. Era muito mais.

Droga, minha companheira era linda. A felicidade iluminava seus olhos magníficos e suas mãos voavam enquanto falava animadamente antes de folhear o papel. Mesmo agora, com semanas de vida, ela encontrava alegria, encontrava coisas pelas quais se entusiasmar.

Como alguém tão apaixonado pela vida poderia ser tão breve nela?

Grace levantou a cabeça e me viu, e seu sorriso já brilhante ficou radiante. Ela disse algo para Lyric, então se afastou da mesa e veio em minha direção.

Suas curvas estavam mais tênues - o câncer estava claramente desgastando ela - mas ela não era menos bela para mim. Seu corpo, por mais delicioso que fosse, era apenas um recipiente da mulher incrível que estava dentro dele. Eu só desejava que ela tivesse o tempo que nós dois precisávamos.

— Ei, — ela disse, sorrindo para mim enquanto se levantava na ponta dos pés para um beijo.

Minha boca roçou a dela e eu gemi. Bastou aquele toque, e o calor inundou minhas veias, despertando minha fome com uma velocidade que me forçou a recuar antes que minhas presas caíssem. Eu detestava a distância entre nós, mesmo que fosse apenas centímetros, mas detestava a ideia de enfraquecer ainda mais seu corpo.

— O que você tem feito esta noite? — Eu perguntei.

— Pesquisa. — Ela se inclinou e deu outro beijo que eu alegremente dei. — Lyric, Julian e eu estávamos examinando os arquivos para ver se havia algum registro de transformar um humano com câncer. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Embora nem sempre tenha sido chamado de câncer, o que torna o processo muito mais longo do que deveria ser. — Ela perdeu o equilíbrio, o que vinha acontecendo com muita frequência esta semana, e eu a segurei facilmente.

— Você o quê? — Minhas mãos flexionaram em torno de sua cintura e eu a puxei, como se eu pudesse mantê-la mais segura quanto mais perto ela estivesse de mim.

— Pesquisa, — ela repetiu. — Nós pensamos que se pudéssemos encontrar um registro de uma transformação bem-sucedida... — Seu nariz enrugou. — Espere, você chama isso de transição. De qualquer forma, se pudermos encontrar uma *transição* bem-sucedida de alguém com câncer, vale a pena tentar.

Meus dentes estalaram quando fechei a boca para não expressar a raiva que rapidamente tomou conta de mim.

— Por que você está olhando assim para mim? — Ela arqueou uma sobrancelha.

— Assim como? — Eu saí entre meus dentes cerrados.

— Como se você pudesse me morder por algo que não seja prazer? — Não havia medo em seus olhos, e malditamente eu amava isso nela. Ela não teve nenhum problema em encarar um vampiro de 1,90 metros como se ela não fosse uma pequena humana delicada.

— Primeiro, eu *nunca* te morderia como punição. — Meu estômago revirou ao pensar na garganta de Aurora. — E segundo, pensei que tínhamos concordado que não iríamos tentar transformá-la.

— Você concordou. — Ela rebateu para fora dos meus braços e eu a soltei. — Eu quero tentar.

— Absolutamente não.

Grace olhou por cima do ombro para a rainha e nosso historiador, Julian, então agarrou minha mão e me puxou para fora dos arquivos e para os túneis que passavam por baixo da residência. — Você está sendo irracional.

Meus olhos se arregalaram. — Sou eu que estou sendo irracional? — Que se lixe isso. Ela não tinha ideia do que estava pedindo, mas eu tinha. — Venha comigo. — Enlaçando seus dedos com os meus, comecei a caminhar em direção à enfermaria, mantendo meu passo lento o suficiente para ser confortável para ela.

— É o meu corpo! — ela argumentou.

— E eu gostaria que esse corpo vivesse! — Eu contra-ataquei.

— Bem, eu não vou contestar! — Ela apertou minha mão com mais força. — Estou morrendo, Ajax. Você me transformar é minha única chance.

— E se eu achasse que tínhamos uma chance, eu aproveitaria! Gabriel é o melhor médico de nossa espécie, Grace. Ele nos disse que não sabe como. Essa transição pode até acelerar a taxa de sua morte, e isso não é algo com o qual vou apostar!

— Mas é a minha aposta! — Ela arrancou a mão da minha quando nos aproximamos da enfermaria. — Se houver a menor esperança de que isso me dê mais tempo com você, então quero tentar, e se você não fizer isso, tenho certeza de que poderia encontrar alguém...

Eu girei rapidamente, prendendo seu corpo entre o meu e a parede. — *Nem. Mesmo. Pense. Nisso.* — Minha visão tremeluziu e minhas presas irromperam enquanto o predador interior exigia que eu a fodesse e me alimentasse dela, reivindicando minha companheira de todas as maneiras possíveis para alertar qualquer outro macho nas proximidades. — Eu não sou humano, Grace. Você chega perto das presas de outro macho e eu não sei o que vou fazer. Eu até mataria um dos meus irmãos se eles chegassem perto. O pensamento era mais do que irritante, era aterrorizante.

— Eu não vou, — ela prometeu suavemente, segurando o lado do meu pescoço. — Ajax, não vou. Eu sinto muito.

Respirei devagar, forçando minha visão a voltar ao normal enquanto me controlava. — Você sabe pelo que passaria na

transição? A dor por si só pode matá-la, e em seu estado enfraquecido... — Eu balancei minha cabeça.

— Eu posso lidar com isso. — Ela inclinou o queixo.

Orgulho. Tristeza. Pesar. Cada emoção que eu poderia rotular passou por mim enquanto eu recuava um passo e pegava a mão dela. — Você não pode.

Mágoa cintilou através de seus olhos.

Eu a guiei pelas portas à prova de som da enfermaria, e o som de gritos imediatamente abordou nossos ouvidos.

Aurora estava deitada na cama da clínica, seu corpo frágil se contorcendo enquanto ela chorava. Sua coluna vertebral arqueou e ela jogou sua cabeça para trás, deixando escapar outro grito enquanto Gabriel lutava para colocar um cateter intravenoso. Aurora arrancou, mandando a mesa de cabeceira - e seus sacos de sangue - para o chão.

Grace voltou para trás, com a mão cobrindo a boca.

— Isso é realmente o que você quer? — Eu perguntei. — Ouça esses gritos e me diga que é o que você quer. — Não esperei que ela respondesse antes de ir para o lado de Gabriel. — Me diga o que você precisa.

— Ela se recusa a se alimentar. O corpo dela está preso nos estágios finais da transição, — Gabriel disse, sua voz calma, embora as veias de seu corpo estivessem tão tensas que pensei que ele poderia explodir.

— Ela vai morrer se não o fizer, — eu respondi baixinho.

— Me deixe morrer! — Aurora gritou.

Meu coração se partiu.

— Chame Saint. Ele consegue acalmá-la o suficiente para que seja alimentada, — Gabriel ordenou.

Eu balancei a cabeça e saí, Grace me seguindo para o corredor. — Você vai me dizer que é isso que você quer, Grace? É assim que você quer passar seus últimos momentos nesta terra? Porque eu não vou fazer você passar por isso. Prefiro passar essas semanas com você do que abraçá-la enquanto você desvanece, gritando em agonia antes de morrer.

— Ela não quer fazer a transição, — disse Grace. — Eu quero! É diferente!

— Não me peça para matá-la! — Fiz uma pausa, tomando seu rosto em minhas mãos. — Eu quero que você viva mais do que tudo, mais do que minha própria vida. Não sei como viver sem você, como respirar se seu coração não estiver batendo. — As palavras atingiram meu peito como um golpe físico. — Por favor, não me peça para tirar sua vida mais rápido. — Eu a beijei forte e breve, então a deixei de pé no corredor para que eu pudesse encontrar Saint.

Eu sabia que emoção estava por trás das minhas costelas e isso me assustou pra caralho.

14

Grace

— Espere, — Valor disse, parando com uma bebida estendida para mim. — Você está bem para beber isso?

Inclinei minha cabeça para ela onde me sentei em um banco no bar, deitando-a onde ela estava atrás dele. A coisa foi construída sob medida em uma das salas de jogos na propriedade de Alek, atualmente cheia de minhas novas melhores amigas, Valor, Lyric e Jocelyn.

— Você está perguntando se eu tenho idade legal para beber?
— Eu provoquei, a tensão em meu peito diminuindo com a brincadeira leve que havíamos adaptado nas últimas semanas. As meninas foram uma tábua de salvação para mim entre treinar e discutir com Ajax sobre o estado da minha humanidade.

Valor riu, balançando a cabeça. — Eu só quis dizer... você não está tomando nenhum medicamento que seria prejudicial se você bebesse isso?

Eu olhei para a mistura que ela criou atrás do bar – algo com uísque e absinto e gelo picado. — Você acha que eu deixaria você me fazer uma bebida se eu tivesse?

Valor me olhou com conhecimento de causa. — Eu acho que você está vivendo sua vida no limite agora, então eu não deixaria isso passar por você.

Eu realmente não poderia culpá-la. Todas estavam a par do meu debate noturno com meu companheiro, mas elas - e todos os seus companheiros - graciosamente ficaram de fora.

— Dê-me a bebida, — eu disse, sorrindo para ela. — Estou totalmente bem.

E eu estava... para beber, pelo menos. Eu não estava tomando nenhum medicamento além dos remédios para náusea, mas podia sentir meu corpo se deteriorando lentamente por conta própria enquanto tentava lutar contra a massa em meu cérebro. O treinamento estava ficando mais fácil - minha mente estava mais forte do que nunca, mas meu corpo? Essa era outra questão. Eu estava fraco, às vezes mal conseguia ficar de pé, muito menos fazer longas caminhadas nos jardins da propriedade, que era meu novo passatempo favorito - especialmente sob o luar, quando todas as flores noturnas estavam despertando.

Valor deslizou a bebida pelo bar de ébano, e eu tomei um gole rápido. A doce queimação era uma sensação deliciosa e bem-vinda quando eu geralmente sentia que um vento forte iria me derrubar. Ela fez um trabalho rápido para fazer mais três e entregou a Jocelyn e Lyric antes de se sentar em uma banqueta ao meu lado. A híbrida vampira e bruxa elegeu-se para sentar-se em um sofá à nossa frente. Uma mesa de bilhar, dardos e sistema de som completavam o amplo espaço, criando um ambiente de bar com a

segurança e proteção de uma mansão cheia de vampiros assassinos e caçadores.

Que tal a minha vida?

Eu não tinha saído do terreno desde que Ajax me trouxe aqui, e depois da chegada da pobre Aurora – uma vampira forçada transformada pelo demente e louco sangue gêmeo de Saint – eu duvidava que seria solta tão cedo. Não que eu estivesse reclamando. A única pessoa de quem senti falta foi Maria, mas estávamos trocando mensagens de texto e não saíamos regularmente. Ela estava ocupada e eu estava...

Eu ainda estava morrendo.

E percebendo mais a cada dia.

— Lyric, — eu disse depois que todos terminamos nosso primeiro drinque e passamos para o segundo, nossa conversa pulando de um assunto para outro em alta velocidade. — Posso te perguntar uma coisa?

A rainha vampira parecia tão real quanto seu título, sentada no sofá ao lado de Jocelyn em um par de calças de seda vermelha e blusa. — Qualquer coisa, — disse ela, muito mais amigável do que eu jamais imaginei que uma rainha seria. Digo, não havia uma regra sobre a realeza olhar com desprezo para recém-chegados humildes como eu? Especialmente a realeza sobrenatural? Talvez Lyric fosse a exceção ou os livros e filmes tivessem entendido errado.

Jocelyn ergueu as sobrancelhas, tomando um gole de sua bebida enquanto seu longo cabelo lilás caía sobre os ombros. Ela

estava sempre disposta a beber chá e, como única bruxa híbrida - uma das criaturas mais poderosas existentes - ela também tinha essa energia crepitante constante ao seu redor que era intimidante e contagiante.

— Como foi à transição? — Consegui fazer a pergunta que mantive enterrada por semanas.

— Eu estava me perguntando quando você ia me perguntar isso, — disse ela, girando a bebida na mão. — O que exatamente você quer saber?

— Eu não sei, — eu admiti. — O processo, eu acho? Ou como você convenceu seu companheiro a fazer isso. — Todos nós rimos baixinho, os olhos de Lyric compassivos enquanto ela focava em mim.

— Eu não convenci Alek de nada, — ela disse. — Eu estava perto da morte. Não havia escolha. Transforma-me ou me arriscar a morrer ou me ver morrer. Ele foi com a opção que tinha uma lasca de esperança.

Meu coração afundou com suas palavras. Eu *estava* morrendo. O Ajax sabia disso, mas afirmou que as noites que passamos juntos valiam muito mais do que o risco de terminar as coisas cedo demais. Mas eu podia sentir a morte na minha nuca como uma brisa gelada. O tempo estava se esgotando e, se houvesse a menor chance de permanecer com Ajax, eu aceitaria, independentemente dos riscos.

— Algo semelhante aconteceu comigo, — disse Jocelyn, encolhendo os ombros. — Mas havia ainda mais riscos por eu ser uma bruxa. Também demorei mais para sair do processo de

transição. Benedict pensou que piorou as coisas e teve que viver com isso e apenas... *esperar* para ver se eu sobreviveria.

Todos nós nos voltamos instintivamente para Valor, que permaneceu quieta sobre o assunto.

— Estou indecisa, — disse ela.

— E isso é bom, — Lyric a apoiou. As duas eram mais próximas do que todas nós juntas, quase como irmãs.

— Por quê? — Eu perguntei, sem perder tempo sendo tímida. Ela não *precisava* me contar, mas eu estava morrendo de vontade de saber. — Você está acasalada, — eu continuei. — Você tem sangue de vampiro em sua linhagem e não tem condições subjacentes que a tornem de alto risco. Provavelmente faria a transição sem problemas.

— Todos os pontos válidos que Lachlan e eu discutimos longamente, — ela disse, tomando um gole de sua bebida. A música tocada nos alto-falantes pairava por toda a sala, preenchendo o silêncio enquanto ela reunia seus pensamentos. — Ainda estou me adaptando ao meu novo papel nesta vida, — explicou ela. — Eu cresci praticamente com uma lavagem cerebral pela minha família... — Ela fez uma pausa, uma velha dor piscando nos olhos. Já tínhamos falado sobre isso antes, sobre seu pai e irmão e seu papel nos Sons of Honor. — E eu não quero tomar outra decisão que mude minha vida até que eu me cure de alguns dos traumas que minha família causou.

Estendi a mão e apertei sua mão livre. — Isso é incrivelmente compreensivo da sua parte, — eu disse. — E uma postura muito

saudável diante de tudo em sua vida. — O doutorado em psicologia em mim não pôde deixar de se manifestar um pouco.

— Mas nossas situações são incrivelmente diferentes, — disse Valor. — Eu não tenho um relógio correndo na minha cabeça como você. Se eu fosse você, estaria fazendo as mesmas exigências.

Lyric e Jocelyn acenaram com a cabeça e concordaram.

Eu respirei profundamente, feliz por ter encontrado este círculo de amigos que não me julgavam e nunca me trataram como se eu fosse um vidro.

— Sinto que finalmente encontrei meu lugar neste mundo, — disse eu, pensando no Ajax e em minhas novas amigas e no mundo que parecia certo, apesar da sensação de que deveria estar errado. — Mas com ele recusando-se até mesmo a receber a ideia... sinto como se minhas escolhas estivessem sendo descartadas.

E não me restavam muitas escolhas.

— Qualquer... — Fiz uma pausa, minha mente, de repente, ficou em branco na palavra que eu estava procurando. Minha pele enrijeceu, uma pequena chama de pânico irrompendo dentro de mim quando continuei procurando a palavra que eu queria dizer e não conseguia me lembrar dela. Era uma palavra muito comum, eu a havia dito centenas de vezes antes.

A simpatia e a paciência irradiavam das meninas quando eu abria e fechava a boca várias vezes.

— *Conselho*, — eu disse em uma expiração apressada, então engoli o medo subindo pela minha garganta. O mesmo medo que corria pelo meu sangue, transformando-o em gelo.

Eu estava começando a esquecer as palavras.

Palavras.

O hálito frio da morte tomou conta de mim, meus músculos já fracos tremendo.

— Não desista, — Lyric sussurrou assim que a consciência ondulava sobre meu corpo.

Um segundo depois, Ajax entrou correndo na sala, agachando-se diante de mim. — Grace, o que há de errado? — ele perguntou, os olhos arregalados e preocupados enquanto segurava meu rosto.

Eu mantive meus lábios fechados, com medo de não ser capaz de encontrar as palavras certas para explicar o medo que ele deve ter sentido em nosso vínculo. Ele encostou a testa na minha e eu respirei seu cheiro.

— Eu só... acho que preciso de um pouco de ar, — eu menti.

Ele me pegou em seus braços, embalando-me contra seu peito enquanto se virava para inclinar a cabeça para Lyric, então Jocelyn e Valor. — Se me dão licença, — disse ele. — Eu e minha companheira temos que ir a um lugar.

As meninas me acenaram com olhares de apoio, e eu sorri para elas enquanto Ajax saía em velocidade de vampiro, não parando até que estivéssemos em meu lugar favorito nos jardins da propriedade - um pequeno gazebo enfiado entre sebes altas e flores que florescem à noite, oferecendo a melhor privacidade, exceto para o céu noturno que vigia acima de nós.

Ajax me sentou em meus pés, elevando-se acima de mim enquanto ele me olhava nos olhos. — Diga-me a verdade.

— O que você está falando? — Eu perguntei, passando por ele para me sentar no pequeno banco de madeira ao lado do gazebo para que ele não pudesse ver o tremor em meus membros enquanto estava de pé.

Ele rastreou o movimento de qualquer maneira.

Mais uma vez, ele se agachou diante de mim, com as mãos nas minhas coxas enquanto me encarava na altura dos olhos. — Você mentiu para mim. Você não precisava de ar. A necessidade de ar não causa o tipo de medo que eu sentia. Fale comigo, companheira.

Soltei um suspiro, duas lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ajax as limpou.

— Esqueci uma palavra, — eu disse, e seus olhos se arregalaram. — Enquanto conversava com as meninas, esqueci a palavra conselho. *Conselho*, Ajax.

A compreensão cintilou em suas feições. — Sinto muito, — disse ele. — Sabíamos que era uma possibilidade. E você está bem agora? Sem dores de cabeça ou náuseas?

— Dois dos coquetéis exclusivos do Valor me deixaram bem solta, — eu tentei desviar, mas meu companheiro gigante não acreditou nem por um segundo. Engoli em seco. — Estou fraca. Eu posso sentir a diferença apesar de fazer de tudo para abastecer meu corpo adequadamente. — Graças ao chef e à equipe incrivelmente talentosa de Alek, eu estava comendo a melhor dieta para ajudar a aumentar a longevidade que alguém já havia visto. Não pude agradecer-lhes o suficiente e sempre fiz questão de procurá-los e elogiá-los nas refeições que preparavam para mim...

mas não era o suficiente. — Ajax, acho que vai acontecer mais cedo do que pensávamos.

— Baby, não diga isso, — disse ele, deslizando as mãos em meu cabelo, embalando minha cabeça enquanto pressionava suavemente seus lábios nos meus. — Você tem tempo. Nós temos tempo. — De repente, até os insetos silenciaram ao nosso redor, e senti o poder de Ajax quando ele parou o tempo.

— Só porque você pode parar o tempo não significa que você pode parar o que está acontecendo comigo, — eu disse, inclinando minha testa contra a dele. — Parar não faz nada para retardar o que está me matando.

A testa de Ajax franziu contra a minha, uma batalha furiosa atrás de seus olhos. — Diga-me o que você precisa, — disse ele. — Diga-me como posso ajudá-la.

— Você sabe como me ajudar, — sussurrei, e ele se afastou de mim, libertando-me enquanto caminhava para o outro lado do mirante, o luar prateado o fundindo em um brilho radiante.

— Isso não é ajudá-la, — ele rosnou. — Só matará você mais cedo. E roubará o pouco tempo que lhe resta! — Seu peito subia e descia rapidamente, e se não fosse pela devastação absoluta em seus olhos, o desamparo, eu teria me preparado para uma briga. Mas estava tão real e cru que não pude discutir com ele.

Em vez disso, levantei-me com os pés trêmulos, cruzando a distância entre nós enquanto estendi a mão para ele. Ele instantaneamente me segurou contra ele, suportando meu peso para que eu não tivesse que me esforçar. Ele me trouxe até o nível

de seus olhos sem esforço, e eu passei meus braços em volta de seu pescoço.

— Não estou tentando brigar com você, — assegurei a ele, sem perder o olhar. Meu coração se encheu com o que eu sentia por ele, com o que eu sentia escapando de nós como areia em um vidro. — Ajax, eu só quero que você esteja preparado. Não sei quando isso vai acontecer. Eu poderia adormecer e...

— Por favor, não diga isso, — ele implorou, me segurando mais apertado. — Eu não consigo... Grace, eu não consigo...

— Você tem que conseguir, — eu disse. Ele tinha que aceitar isso. — Especialmente se você tem a intenção de não tentar fazer a minha transição, você tem que fazer as pazes com o fato de que a qualquer momento poderá ser nosso último. — As palavras se emaranharam na minha garganta, ameaçando partir meu próprio coração.

— Eu não posso roubar a vida que você deixou. Você sabe por que não posso.

Porque se ele tentasse e isso me deixasse pior, ele nunca se perdoaria. Eu entendi o lado dele, realmente entendi. E honestamente, eu estava exausta demais para lutar ao meu lado. Eu não tinha mais energia, e isso me apavorava.

— Ajax, — eu disse, segurando seu olhar. — Eu preciso que você saiba de uma coisa. No caso... — Minhas palavras sumiram, e eu respirei fundo. — Eu te amo, — eu disse, as palavras libertando. — Eu te amei desde o momento em que te vi. Eu amo o jeito que você vê o mundo e amo o jeito que você me faz sentir que posso fazer qualquer coisa. Eu amo o jeito que seu toque me

faz ganhar vida e eu amo o jeito que você me faz rir. Eu amo o jeito que você é com sua família, e eu só queria... — Lágrimas apareceram em meus olhos, e brilharam nos dele também. — Eu só queria ter encontrado você antes, então teríamos mais tempo. — Dei um beijo rápido em seus lábios. — E eu preciso que você saiba que tudo isso... tudo o que acabei de dizer, aconteceu muito antes da marca de acasalamento aparecer.

Algo como um gemido retumbou em seu peito.

— Eu também te amo, — ele disse em uma expiração, e meu coração se expandiu em meu peito. Ele me beijou, com fome e rápido, antes de se afastar. — Eu amo seu coração, sua mente, sua alma. Eu amo cada pedaço de você, Grace. Já vivi quase mil anos e você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Outra lágrima escorregou, mas Ajax a enxugou antes de reivindicar minha boca em um beijo carnal que despertou cada centímetro da minha alma. Sua língua varreu minha boca, exigindo e dando, acariciando-me até que eu tremia contra ele.

Com uma velocidade incrível, ele nos girou, mudando de forma que eu estava montando nele enquanto ele se sentava no banco. Eu quebrei nosso beijo, ofegante quando ele deslizou as mãos por baixo da minha camisa, segurando meus seios e beliscando meus mamilos até que estivessem empinados para ele.

Eu balancei contra ele, seu comprimento duro quente sob minhas leggings.

Ajax recuperou minha boca, o beijo um emaranhado de línguas e dentes, quebrando apenas para tirar as roupas. Eu mal tinha tirado minhas leggings antes que ele me colocasse em cima

dele novamente, seu pau deslizando pelo meu calor já escorregadio.

— Maldição, Grace, — ele disse, sibilando contra a sensação.
— Você já está tão molhada para mim.

— Eu sempre estou, — Eu disse, balançando por cima dele antes de eu oscilar em seu colo, caindo de joelhos e levando-o à minha boca tão rápido que ele sacudiu, seus quadris o empurrando para dentro mais profundamente.

— *Foda-se*, — ele disse novamente enquanto eu balançava para cima e para baixo, girando minha língua sobre a cabeça de seu pênis, lambendo o sêmen que estava ali. Ele gemeu, arqueando as costas contra o banco enquanto eu o chupava, e o calor cintilou ao longo das bordas da minha pele com o poder que eu sentia. A intensidade de fazer um vampiro como ele se contorcer de prazer.

Eu o amava.

Eu o amava tanto que doía pra caralho.

E ele precisava ver isso, saber disso, sentir isso.

— Grace, — ele rosnou, gentilmente me levantando depois de um momento. Ele saltou livre da minha boca, o movimento me sacudindo quando ele me puxou de volta para seu colo. — Eu te amo, — ele disse as palavras novamente, a mesma sensação de calor se espalhando em meu peito com a declaração.

— Eu te amo, — eu disse de volta, reivindicando sua boca do jeito que eu reivindiquei seu pau segundos atrás.

Ele gemeu, suas mãos poderosas agarrando meus quadris enquanto ele me balançava sobre seu pau escorregadio, a sensação me fazendo tremer enquanto arrepios quentes dançavam na minha espinha. Um nó branco quente apertou em meu núcleo, a dor pulsando com a necessidade.

— Ajax, — implorei contra sua boca.

— Eu sei, companheira. — Ele me segurou firme e dolorido acima dele antes de empurrar dentro de mim.

Eu choraminguei com a picada deliciosa, minhas unhas cravando em seus ombros enquanto me ajustava ao tamanho dele. Ajax quebrou o nosso beijo, passando pela minha clavícula e descendo pelos meus seios.

— Pegue o que precisar de mim, — ele disse, e eu não hesitei.

Rolei meus quadris, uma e outra vez, montando-o com uma intensidade que combinava com a minha necessidade. Era como se eu estivesse tentando fugir da morte, usando nosso amor um pelo outro como uma ponte para um futuro que eu sabia que não existia.

— Maldição, Grace, — disse ele embaixo de mim, deslizando as mãos pelas minhas costas nuas. — Você é a porra de uma deusa. Uma visão. Olhe para você.

Olhei para baixo onde nossos corpos estavam unidos, onde eu o montei e o agarrei, os sons de nossa união preenchendo a paz silenciosa da noite. Eu encontrei seu olhar, sorrindo selvagem e desimpedida enquanto continuei a me mover para ele. Continuei a

apertá-lo, exigindo cada grama de seu prazer e tomando muito para mim também.

Suas presas distendidas, e eu latejava com uma fome que sabia que ele sentia. Mas eu sabia que ele não iria me morder, não esta noite. Então, eu me inclinei, beijando-o muito rápido para ele se proteger, apenas cortando a pele fina do meu lábio inferior contra sua presa, uma gota de sangue jorrando lá.

— Pequena companheira perigosa, — ele rosnou, mas sugou meu lábio inferior em sua boca, gemendo com o gosto do meu sangue.

— Sua, — eu disse. — Sou todo sua. Meu coração, meu sangue, minha alma.

Ajax me beijou com mais força, roubando as palavras da minha língua enquanto eu continuava a balançar acima dele. Deus, ele se sentia bem dentro de mim. Todo calor, força e poder.

Joguei minha cabeça para trás quando encontrei aquela borda e cavaleguei o máximo que pude, querendo estender este momento em mil eternidades.

As flores noturnas sussurravam atrás dele com uma brisa suave e quando arqueei meu corpo para trás, Ajax me apoiando enquanto eu o montava de um ângulo melhor, vi estrelas. Um mar infinito de estrelas brilhava no céu da meia-noite acima de nós, sugerindo que éramos os únicos dois seres no mundo.

— Goze comigo, — implorei, sentindo-o endurecer ainda mais dentro de mim. — Por favor, Ajax. Eu preciso que você goze.

Ajax gemeu, empurrando para cima e para dentro de mim com mais força, estendendo meu prazer de uma forma que só ele sabia fazer.

Levei minhas mãos ao seu rosto, segurando seu olhar enquanto faíscas rasgavam meu corpo, enviando pequenas rajadas de energia estalando por dentro de mim enquanto ele gozava comigo. Nossos corpos tremeram e balançaram em sincronia, nossas almas se uniram, se acoplaram.

Não pude deixar de sentir a *dor* enquanto nos sentávamos ali, agarrados um ao outro, enquanto recuperávamos o fôlego. Eu o empurrei, enterrei-o como se ele tivesse enterrado meu corpo em poucas semanas, se tivéssemos a sorte de conseguir tanto tempo.

Afastei esses pensamentos, agarrando-me ao presente. Porque neste momento, aqui com ele, eu sempre me senti viva.

Senti esperança, amor e paz.

E suponho que, enquanto a morte me batia no ombro, era tudo o que eu podia realmente pedir.

Ajax

— Isso deve ajudar. — Gabriel me entregou uma pequena garrafa laranja.

— Confiando em mim com narcóticos? — Eu tentei brincar.

Ele teve a gentileza de sorrir. — Eles não são narcóticos. Os corticosteroides ajudarão no inchaço e na pressão. Eu sei que sua companheira está tentando ir o máximo que puder antes de tomar qualquer coisa mais forte para a dor.

Eu balancei a cabeça, meus dedos se curvando ao redor da garrafa. — Ela é teimosa. — A cada momento que eu a pegava tentando esconder a dor, a náusea, eu queria cair de joelhos e implorar para ela se medicar.

— Não posso culpá-la, — Gabriel disse, olhando para mim com algo parecido com pena. — Se eu não soubesse quantos anoiteceres me restam, não tenho certeza se gostaria de gastá-los drogado. — Ele fez uma careta. — Mas também não sei como lidaria com o fardo da dor que ela carrega todos os dias.

Minha garganta apertou. — E os exames que você fez ontem? — De todas as coisas pelas quais eu tinha que agradecer ao meu rei, sua atitude de não poupar gastos quando se tratava do

maquinário de imagem que Gabriel comprou no último mês estava no topo da lista.

Quando Grace inevitavelmente deixasse este mundo, eu passaria o resto de minhas noites servindo Alek para compensar isso.

O rosto de Gabriel caiu. — Ela não te contou?

— Ela me disse que está crescendo, — consegui dizer. — Rapidamente.

Ele passou a mão pelo cabelo normalmente perfeito. — Isso.

Deixei a questão *de quanto tempo* pairando silenciosamente entre nós. Ela recebeu três meses há mais de seis semanas. Estávamos na metade do tempo dela. — Ela tem passado as noites nos arquivos com Julian e Lyric. Eles encontraram algo que possa influenciar sua opinião?

Ele se recostou na mesa. — Houve alguns experimentos feitos na época do renascimento. — Sua sobrancelha loira franziu. — Tudo muito... desumano realmente, mas alguns de nossa espécie não tinham a mais alta consideração pelos humanos.

— Quais foram os resultados?

Um suspiro escapou de seus lábios e a porta se abriu atrás de mim. Uma olhada rápida por cima do ombro confirmou o que eu havia adivinhado apenas pelo cheiro. Zachariah estava aqui.

— Nada de positivo, — disse Gabriel, sua voz caindo.

— Estamos discutindo tratamentos alternativos para Grace, — expliquei a Zachariah quando ele se moveu para o meu lado.

— Você encontrou algum? — ele perguntou.

Gabriel balançou a cabeça. — Os experimentos tentaram injetar nosso sangue diretamente nos tumores. Eles só cresceram mais rápido.

Meu estômago revirou. — Quando eu a alimentei, o tumor encolheu. Tinha apenas um milímetro ou mais, mas encolheu.

— Pode ser que a diferença seja a ingestão. O problema é que uma vez que você alimenta um humano três vezes, ele entra em transição... — Sua voz foi sumindo. — Todos os registros que achamos apresentaram que esse é um método malsucedido.

— Eles morreram. — Coloquei o frasco de comprimidos no bolso e cruzei os braços sobre o peito. — Não fale besteiras sobre a verdade em meu nome. Se eu não quisesse a verdade, não teria perguntado.

Zachariah se aproximou, uma presença firme e reconfortante.

— Eles morreram, — admitiu Gabriel. — Mas os experimentos são falhos, Ajax. Eles não levam em conta a herança vampírica. Eles não mencionam habilidades especiais como Lyric e Grace tiveram durante sua humanidade. Eles não fizeram exatamente um grupo de controle para aqueles transacionados com sangue de vampiro normal e aqueles transacionados com sangue de guerreiro mais forte. Existem muitas variáveis para torná-las acadêmicas.

— Portanto, ainda não temos ideia se ela sobreviveria à transição. — Eu tive que falar. Todos os dias minha determinação enfraquecia, esperando por uma pequena chance de que Grace pudesse viver.

Gabriel balançou a cabeça. — E ela ainda recusa tratamento humano?

— Sim. Ela observou sua mãe passar por isso. Ela recebeu três meses e o tratamento deu a ela um quarto mês, mas ela passou a maior parte desse mês inconsciente no hospital. — Eu entendi sua escolha, pelo menos *parte* dela. Sua escolha para a transição era... impensável.

— Estou pesquisando tudo o que posso encontrar. Eu só queria que houvesse mais que eu pudesse fazer.

Todos nós nos viramos quando Saint empurrou as portas da sala de recuperação, sua pele pálida e tensa nas maçãs do rosto.

— Ela apagou? — Gabriel perguntou.

Saint assentiu e esfregou a mão sobre o cabelo curto. — Eu derrubei cerca de um quarto da merda enlatada dela. A fiz pensar que era vinho.

Gabriel suspirou. — Isso não é o suficiente, mas é melhor do que ontem. Obrigado.

— Não me agradeça. — O olhar escuro de Saint estalou em direção a Gabriel. — Samuel fez isso com ela. É minha culpa que ela...

— Não é, — Zachariah interrompeu. — Você *não* é responsável pelas ações de Samuel.

— Bem, eu com certeza sou responsável por caçá-lo e ainda assim aqui estou, acorrentado a esta casa porque a única vez que Aurora não está gritando é quando ela está dormindo, ou quando estou fodendo com a cabeça dela para fazê-la pensar que não está

presa em seu próprio pesadelo vivo. E acredite em mim, seus sonhos não são melhores que sua realidade. Eu só vi momentos do que ele a fez passar, mas é o suficiente para fazer meu estômago revirar.

Nenhum de nós tinha uma resposta para isso.

— Alguém contou ao pai dela? — Eu perguntei.

— Ele foi informado, mas não estava exatamente envolvido na criação da mulher, — Zachariah respondeu. — Acho que ele nunca a conheceu.

— Quanto tempo você pretende mantê-la na enfermaria? — perguntei a Gabriel. — Pode ajudá-la a ver uma janela depois de tantos meses de cativo.

— Assim que eu tiver certeza de que ela está alimentada o suficiente para terminar a transição com sucesso, — disse Gabriel. — Mas você fez um bom ponto. Vou falar com Alek sobre conseguir um quarto para ela no Domum.

— Ela fica aqui. — Saint passou direto por nós, abrindo as portas da enfermaria. — Eu posso estar à sua disposição, mas não estou gastando mais tempo com os nobres do que o necessário.

Nenhum de nós mencionou que ele próprio era nobre.

— Certo. — Zachariah acenou para mim, e eu o segui depois de agradecer a Gabriel por conseguir as drogas para Grace. — Você deveria tirar folga esta noite, — ele disse enquanto subíamos as escadas para a residência.

— Eu já tirei muitas noites de folga. Não estou exatamente carregando meu próprio peso aqui agora.

Ele levantou a mão, nos parando no meio da escada. — Você deu séculos de serviço leal. O mínimo que podemos fazer é dar-lhe o tempo que você tem com sua companheira.

— Não é o suficiente. — Inclinei-me para trás, sentindo a pedra fria contra minhas costas. — E eu sei que é ganancioso, porque há tantos vampiros que nunca encontram seus companheiros, mas como isso é... justo?

— Não é, — disse ele calmamente, me observando com uma sabedoria com a qual eu juro que ele já tinha nascido.

— Espero séculos e entro em stasis, certo de que perdi minha chance de acasalar, apenas para acordar centenas de anos depois e ser presenteado com Grace. E ela tem semanas, Zachariah. *Semanas*. O que são semanas na vida de um vampiro? Elas são um piscar de olhos. Um batimento cardíaco.

— Elas são tudo. — Ele se moveu para frente, segurando meu bíceps. — Elas são *tudo*, Ajax. — Seus ombros largos caíram. — Eu sei o que é escolher o dever e perder o amor da sua vida.

Meu olhar saltou para o dele. Ele *nunca* falou sobre ela. Nunca.

— E estou lhe dizendo que o dever pode esperar. Passe cada minuto que puder com Grace. — Sua mão caiu de mim. — E vá se alimentar agora. Se você não vai tirar de sua companheira, então encontre outra fonte. Você não vai fazer nenhum bem a ela se estiver muito fraco para cuidar dela, e se mudar de ideia sobre a transição...

— Eu não vou, — eu bati. — Não estou arriscando o pouco tempo que ela tem.

— Tudo bem. Mas apenas no caso de você fazer. Apenas no caso de ser o último suspiro dela e você fazer essa escolha, terá que estar no seu melhor para atravessá-la, então vá se alimentar.

Eu levei o conselho dele a sério e engoli o equivalente a um saco de O positivo, perseguindo-o com um daqueles malditos muffins que todo mundo adorava para ter certeza de que ele ficaria no estômago antes de subir para Grace. Ela estava dormindo cada vez mais tarde, seu corpo reivindicando o resto, ela tentava negar.

O som de seu vômito me atingiu antes que eu abrisse a porta do quarto, e corri para o lado dela, caindo de joelhos ao lado dela enquanto ela vomitava o pouco que tinha comido na manhã anterior. Porra, eu odiava isso para ela. Seus ombros leves tremiam enquanto eu esfregava suas costas, esperando que ela terminasse.

— Você não deveria ver isso, — ela protestou fracamente.

— Eu deveria estar aqui quando você acordou.

Ela corou e eu a levantei em meus braços para carregá-la de volta para a cama. — Eu apenas me levantei muito rápido. Eu sei disso. Está afetando meu equilíbrio há semanas.

— Bem, então vamos começar a noite de novo. — Eu a coloquei de volta em nossa cama, colocando os travesseiros atrás dela antes de colocar seus remédios na mesa de cabeceira. — Gabriel me deu isso para você. Eles devem ajudar com o inchaço e a pressão.

Ela me deu um sorriso fraco. — Então eu não vomito toda vez que tento atravessar o quarto?

— Algo parecido. — Eu a deixei apenas o tempo suficiente para tirar uma garrafa de água da pequena geladeira que eu mantinha no meu quarto para que ela pudesse tomar os comprimidos.

Ela tomou os remédios e então recostou-se na cabeceira da cama. — Eu sei que dormi muito ontem à noite, mas você conseguiu o... — Sua testa franziu. — O... — Ela respirou fundo. — Quadrado. Marrom. Fita.

— As coisas que você queria encaixotar da sua casa? — Eu terminei por ela, sorrindo através do terror que tomou conta do meu coração.

— Caixas. Isso. — Ela assentiu.

— Eu trouxe o que você queria, — eu disse, apontando para a porta do armário. — E eu me certifiquei de que o resto estivesse pronto para doação para o que Maria quisesse. — Mesmo em seus momentos mais fracos, Grace ainda pensava em como ajudar os outros, como garantir que sua mãe adotiva e as crianças de quem ela cuidava tivessem o que precisavam.

Era uma das razões pelas quais eu a amava. E era exatamente isso que era esse sentimento, consumindo meu coração, brilhando tanto que era uma dor física.

— Obrigada. — Seus olhos se fecharam. — Eu sinto que estou perdendo uma noite com você.

Eu escovei as mechas soltas de seu cabelo para trás das orelhas. — Por que não damos aos remédios uma chance de fazer efeito e depois reavaliar? E mesmo se ficarmos nesta cama a noite toda assistindo a qualquer documentário que você escolheu para

a noite, dificilmente posso chamar isso de desperdício. — Meus lábios se curvaram em um sorriso. — Pessoalmente, achei a seleção de ontem à noite sobre a vida sexual de figuras históricas particularmente esclarecedora.

O fato de ela nunca ter parado de aprender era apenas outra coisa para amar nela.

Ela sorriu, mas caiu rapidamente. — Haverá bons dias de novo, certo?

— Definitivamente. — Inclinei-me e beijei sua testa. — Boas noites, de qualquer maneira.

— Noites. Certo. Promete? — Seus olhos se fecharam.

— Prometo. — Foi a primeira promessa que não tinha certeza se iria cumprir.



— Declaro que esta é uma boa noite! — Grace disse na noite seguinte, segurando o balcão da cozinha enquanto deslizava para uma das banquetas.

Eu sorri e deslizei um smoothie pela ilha para ela.

— Acho que é a primeira vez que vejo você sorrir em uma semana, — Talon observou, passando por mim para pegar uma maçã. — É porque você fugiu de todas as refeições noturnas formais esta semana, não é?

— Sim, é isso. — Fiz sinal de positivo para ele e dei a volta na ilha para me sentar ao lado da minha garota. — O que vocês estão fazendo esta noite?

— Patrulhando as casas na lista de meio-sangue e esperando encontrar outra pista. — Talon coçou a nuca. — Estou ficando realmente cansado de esperar que tenhamos sorte. Tem que haver uma maneira melhor de rastreá-los... — Sua voz morreu quando Daphne entrou na cozinha.

A prima de Valor prendeu o cabelo louro-avermelhado em um coque no alto da cabeça e abriu a geladeira. — Não há necessidade de ficar quieto perto de mim, você sabe. Estou bem ciente do que se passa aqui. Morte. Morrendo. Desordem. Caçar os babacas da minha família e matá-los para que não cometam mais atos de babaca. — Ela deu de ombros.

Eu ri, o som retumbando em meu peito.

— Você não acha que isso é um pouco pesado para uma garota de dezessete anos? — Grace perguntou, então envolveu seus lábios ao redor do canudo do smoothie de uma forma que me fez lembrar exatamente como eles se sentiam ao redor do meu pau.

Excelente. E agora eu estava duro.

Eu mantive minha bunda firmemente atrás da ilha e tentei pensar na coisa menos sexy possível. O problema? Grace estava bem ao meu lado, declarando que era uma boa noite.

— Quero dizer, é você que tem semanas de vida, — disse Daphne, tirando uma caixa de iogurte e fechando a geladeira enquanto se virava para Grace. — Eu diria que é muito mais

pesado do que ter aulas noturnas porque quase acabei em um casamento adolescente e fui salva por um bando de vampiros, um dos quais é acasalado com minha prima. E você parece... muito bem adaptada. — Ela piscou para a minha companheira e abriu seu iogurte. — Talvez seja exatamente aqui que as pessoas que lidam com coisas pesadas acabam. — Ela compartilhou um sorriso suave com Grace.

— Talvez, — Grace concordou e tomou um gole de seu smoothie.

— Agora, se você me der licença, eu tenho um teste de história hoje à noite, e se eu falhar, tenho a sensação de que um demônio em particular vai sequestrar metade do departamento de história da Universidade Edgemont para me ensinar, para que isso não aconteça novamente. — Ela pegou seu iogurte e foi embora.

— Vejo vocês mais tarde. — Talon me deu um aceno e seguiu, saindo pela porta com o resto dos meus irmãos.

— Você deveria estar com eles? — Grace perguntou, preocupação colocando duas linhas entre suas sobrancelhas.

— Estou exatamente onde preciso estar. — Beijeí sua têmpora e uma ideia travessa me veio à mente. — Bem, há outro lugar onde eu poderia estar, mas apenas se você jurar que está se sentindo bem esta noite, e apenas se estiver disposta a caminhar pelo pátio.

Ela arqueou uma sobrancelha para mim. — O que você tem em mente?

— Termine esse smoothie, e eu vou te mostrar.

Um sorriso perverso curvou minha boca.

Meia hora depois, segurei a mão de Grace enquanto atravessávamos o pátio em direção ao Domum. Seu vestido de verão balançava em torno de suas coxas a cada passo, e meu sangue correu grosso e quente só de pensar no que eu faria com ela.

— Você promete que está se sentindo bem? — Eu perguntei pela décima quarta vez.

— Prometo. — Ela apertou minha mão. — Os remédios estão ajudando, eu acho. Quase nenhuma dor. Sem enjoos.

As drogas estavam mascarando os sintomas, mas não estavam tratando a causa.

Não pense nisso. Não essa noite.

— O que está acontecendo lá dentro? — ela perguntou quando nos aproximamos do palácio e a música chegou aos seus ouvidos.

— Os nobres estão dando uma festa. — Eu levantei a mão dela e beijei as costas dela.

— Alguma ocasião especial? — Ela puxou o cabelo sobre um ombro, expondo a pele impecável de seu pescoço.

Eu encarei, a fome pulsando em minhas presas enquanto seu pulso batia, forte e constante em sua garganta.

— Ajax?

Eu pisquei. — Certo. Não. Não há nenhuma ocasião especial. Eles são apenas um bando de vampiros entediados escondidos no Palácio porque estão sendo alvo dos Sons.

— Então eles festejam.

Estendendo a mão para a porta, segurei-a aberta para que ela pudesse entrar. — Então eles festejam.

O extenso corredor estava cheio de nobres perambulando no salão de baile, usando gravata preta, como de costume. Nenhum deles se atreveu a olhar para mim ou para Grace com nada além do maior respeito.

— Estou um pouco malvestida, — Grace disse baixinho, apertando meu braço enquanto caminhávamos pelo corredor de mármore até o foyer.

— Não, você ainda não está. — Um canto da minha boca se levantou em um sorriso.

— O que isso significa... — Sua boca caiu quando encontramos o foyer e a fonte de dez metros de altura que enviava água em cascata em uma cortina de trezentos e sessenta graus ao redor da base dos pilares. — *Uau.*

— Sim. — Puxei-a debaixo do braço, segurando-a perto enquanto um casal passava, acenando para mim respeitosamente enquanto continuavam em direção ao salão de baile. Assim que eles viraram as costas para nós, eu me inclinei e beijei Grace.

Ela ofegou, e eu pressionei minha posição, consumindo sua boca com longos golpes da minha língua. Seu gemido foi direto ao meu pau, e a picada de dor na parte de trás do meu pescoço pelas unhas dela foi a minha completa ruptura.

Eu a carreguei contra mim e a beijei sem fôlego.

Meia dúzia de casais entraram no foyer e Grace se afastou, encostando a cabeça dela contra o meu peito.

Oh, estava prestes a ficar divertido.

Estendendo minhas mãos, parei o tempo em todos os lugares ao nosso redor, incluindo a fonte em nossa pequena bolha. — Olhe para mim.

Grace arqueou o pescoço, seus olhos encontrando os meus.

— Porra, você poderia ser mais sexy? — Meu polegar roçou seu lábio inferior inchado pelo beijo. — Esta boca. — Minhas mãos deslizaram pelas laterais de suas costelas, parando para carinhosamente segurar seus seios antes de descer até a curva de sua cintura. — Este corpo. Você foi feita para mim, sabia disso?

Ela mordeu o lábio inferior e acenou com a cabeça, então olhou ao nosso redor. — O que estamos fazendo?

Eu agarrei a parte de trás de suas coxas e a levantei para que nossas bocas estivessem niveladas enquanto o cheiro de sua excitação inundou meus pulmões. — Marcando dois itens da lista que você mencionou. Sei que não é exatamente um banho, mas é definitivamente público.

Seus olhos se arregalaram quando eu pisei na borda da fonte e entrei na piscina de 15 centímetros de profundidade. A água derramou em minhas botas e eu não poderia me importar menos, não com a forma como Grace sorriu para mim. — Mas se você parou o tempo, como a fonte ainda está funcionando?

— Todo o equipamento é independente. — Eu perguntei a Alek semanas atrás, imediatamente fantasiando sobre o que eu estava prestes a fazer agora. A luxúria e a necessidade cresceram

rapidamente, anulando quase todo fragmento de bom senso. — Diga-me que você está realmente se sentindo bem.

Ela trancou os tornozelos atrás da minha cintura e se inclinou, mordendo minha orelha com os dentes. — Sinto que vou entrar em combustão se não puder ter você dentro de mim.

Eu grunhi, meus instintos rugindo para a vida, exigindo que eu satisfizesse cada desejo, cada necessidade que minha companheira tinha, e então nos conduzimos direto através da cortina de água. Ela deslizava sobre nossa pele, encharcava nossas roupas, e as gotículas se prendiam em nosso beijo enquanto a pressionava de costas contra o pilar de mármore. Aqui, eu poderia ter reiniciado o tempo e ninguém saberia mais sobre o que eu estava fazendo à Grace.

Ninguém notaria que o tecido de seu vestido protestava enquanto eu o enfiava nas coxas dela.

Ninguém notaria que suas mãos estavam desesperadas enquanto vagueavam pelo meu corpo, empurrando minha camisa para cima para que ela pudesse traçar as linhas do meu abdômen.

Ninguém notaria que meu pau palpitava, pressionando a braguilha das minhas calças para entrar nela.

Mas eles teriam ouvido seu pequeno gemido quando eu arrastei o decote de seu vestido para baixo e levei seu mamilo para dentro de minha boca. E ouvindo os gemidos de minha Grace? Esse prazer era meu e só meu.

— Oh, Deus! — ela gritou enquanto eu lambia e chupava seu mamilo, tenso de frio e prazer. — Ajax, todo mundo ainda está lá fora.

— Eles estão congelados. — Movi-me para o outro seio, dando-lhe a mesma atenção antes de roçar um beijo sobre a marca de acasalamento que ficava como um pingente em sua clavícula. Tocá-la acelerou meu pulso, aqueceu meu sangue e me levou à loucura, mas quando ela lutou com meu zíper e colocou as mãos em mim, eu me descontrolei. — Porra, baby.

— Então eles não podem nos ver? — ela perguntou, testando seus dentes no meu pescoço enquanto acariciava meu pau da raiz às pontas.

— Ou nos ouvir. — Eu ajustei meu aperto, equilibrando-a contra o pilar, em seguida, coloquei minhas mãos em seu vestido e rasguei as tiras minúsculas de sua calcinha. Embolsei o pedaço de renda. — Você poderia gritar por mim, e eles não saberiam. Na verdade, acho que vou obrigar você a fazer exatamente isso.

Eu girei dois dos meus dedos sobre seu clitóris, e ela se engasgou.

— Molhada pra caralho. — Ela era um maldito sonho, completa e absoluta perfeição.

— Ajax, — ela exigiu, contorcendo-se em meus braços e liberando meu pau quando eu provoquei sua entrada escorregadia com meus dedos.

— Devo recomeçar o tempo, Grace? — Eu deslizei um dedo dentro de sua boceta apertada, saboreando a forma como seus

quadris se contraíam contra mim. — Devemos ver o que acontece? Ver se eles vêm ver quem está fazendo você gemer?

— Oh, *Deus*. — Ela inclinou a cabeça para trás contra o pilar escorregadio.

— Eles estão um pouco além daquela água, — eu grunhi em seu ouvido, então beijei um caminho abaixo de sua mandíbula. — E eles ficariam com inveja se soubessem onde minha mão estava. Onde meu pau está prestes a estar. Devemos deixar que eles nos ouçam?

— Não. — Ela estremeceu quando acrescentei um segundo dedo, fodendo-a com a mão do jeito que ela gostava, profundo e lento.

— Não? — Fiz uma pausa imediatamente, meus dedos profundamente dentro dela. — Não para eles nos ouvirem? Ou não para eu foder você? — Eu já sabia a resposta, mas nunca tomaria como certo o entusiasmo dela.

— Ninguém ouvindo! — Ela balançou os quadris contra a minha mão, subindo e descendo em meus dedos. — Não pare!

Olhei para baixo entre nós, minha mão aparecendo e desaparecendo sob as dobras molhadas de sua saia. — Eu vou te foder bem aqui, e então eu vou te levar para o nosso quarto e te foder de novo, onde eu posso tirar cada peça de roupa do seu corpo e adorar cada centímetro. — Pontuei cada palavra com um impulso de meus dedos, acrescentando meu polegar em seu clitóris.

— Sim. — Ela estendeu a mão para o meu pau, empurrando minhas calças para baixo sob a curva da minha bunda. — Isso é exatamente o que eu quero.

A sensação de suas sapatilhas cavando na pele nua da minha bunda me fez gemer. Cada coisa sobre esta mulher me excitava, me deixando louco para entrar nela.

— Então me diga que você precisa. — Deslizei meus dedos de seu corpo e cutuquei meu pau em sua entrada. Ela estava quente e molhada na minha ponta, e precisei de todo o meu autocontrole para não entrar nela do jeito que nós dois desejávamos.

— Eu preciso disso.

Eu sorri, então chupei uma área sensível em sua garganta. — Precisa de quê, baby?

Ela gemeu de frustração, girando seus quadris sobre meu pau, e eu quase soltei a porra.

— Diga. — Eu rocei minhas presas na pele macia de sua garganta, mas tive o bom senso de não morder. Não importava que eu estivesse morrendo de fome por ela, que minha fome fosse uma agonia torturante e sempre presente. A única coisa que importava era Grace. Suas necessidades. Sua saúde.

Ela pegou meu rosto entre as mãos e exigiu minha atenção.

Eu dei, travando nossos olhares enquanto a água caía por nós.

— Eu preciso do seu pau dentro de mim.

Qualquer amarra que eu tinha em meus instintos quebrou, e eu dirigi meus quadris para frente ao mesmo tempo em que a puxei contra mim, tomando-a em um impulso profundo.

Ela gritou uma vez, e então eu engoli o próximo grito, beijando-a forte e profundamente enquanto batia nela, amortecendo a parte de trás de sua cabeça com uma mão e segurando seus quadris com a outra.

Um prazer indescritível me consumia a cada impulso de meus quadris. Cada estocada era melhor que a anterior. Cada vez que me retirava era apenas um preâmbulo para a perfeição absoluta de voltar para casa. Porque era isso que ela era para mim.

Grace era meu *lar*.

Grace era *minha*.

Seus músculos se contraíram, e quando senti sua respiração mudar, seu corpo se contrair, estendi a mão entre nós e a acariciei até o orgasmo. Ela caiu da borda com um grito que todo o palácio teria ouvido se eu não tivesse nos mantido suspensos nesta pequena bolha de infinito.

— Maldição, o jeito que você ondula ao meu redor, — eu rosnei contra sua garganta enquanto sua boceta convulsionava em ondas. Ela cheirava tão bem, era tão foddidamente gostosa, tinha um gosto tão...

— Morda, — ela ordenou, seus dedos passando pelo meu cabelo para me segurar em sua garganta.

— Grace, — eu gemi. A tentação era demais, e sua permissão...

— Porra me morda! — ela exigiu.

Minhas presas golpearam profundamente e eu perdi todo o controle enquanto seu sangue rico em mel enchia minha boca, cobrindo minha garganta. Não havia *nada* como ela no planeta.

Ela era a vida e o amor em volta de mim, tomando cada estocada enquanto meus quadris balançavam descontroladamente, reivindicando-a mais e mais.

Eu sugava de sua garganta e saboreava cada segundo, memorizando seu gosto na minha língua, a sensação de sua boceta vibrando quando ela gozou novamente da minha mordida, o som de seus doces gritos em meu ouvido quando eu caí no precipício, dando para o prazer que desceu pela minha espinha.

Meu orgasmo quase me derrubou de joelhos, mas estendi a mão contra o pilar para nos manter de pé.

Seu sangue, deuses, seu *sangue* atingiu minhas veias como gasolina de alta qualidade.

E ela não tinha dinheiro para dar.

Eu lutei contra cada único instinto que exigia que eu bebesse minha companheira, então sustentasse sua própria vida com a minha, e retirei minhas presas de sua garganta, fechando as feridas com uma lambida.

Grace gemeu, suas pernas caindo moles em volta da minha cintura.

Eu a peguei pela parte de trás de suas coxas e a abaixei na piscina, deslizando para fora com um gemido arrependido.

— Isso foi tão bom, — disse ela, com um sorriso largo enquanto eu me enfiava nas calças e puxava o tecido molhado de volta para onde deveria estar.

Eu segurei suas bochechas e estudei seus olhos, a culpa batendo forte e verdadeira. — Você tem certeza de que está bem? Nenhuma dor de cabeça? Tontura?

— Não. — Ela deslizou a mão pela minha camisa. — Apenas pura felicidade pós-orgástica.

— Graças aos deuses. — Eu a peguei em meus braços, levantando-a contra meu peito, com cuidado para manter o tecido de seu vestido sobre sua bunda agora nua, e então saímos pela cortina de água e de volta para o foyer, onde os outros vampiros estavam imóveis, vestidos com esmero.

— Acha que eles sabem? — Grace perguntou, deitando a cabeça no meu ombro.

— Não. — Eu saí da fonte, então liberei o poder que eu segurava com tanta força, deixando o tempo voltar ao lugar.

Todas as cabeças no foyer se voltaram para Grace e eu, e cada expressão era um grau variável de perplexidade. Eles olharam entre onde eu estava com Grace o que era um segundo atrás para eles, e onde estávamos agora, pingando água no chão imaculado.

Uma das nobres levou a mão ao colar, piscando rapidamente.

Senti o calor do rubor de Grace contra meu pescoço enquanto passava por eles, deixando pegadas molhadas.

— É melhor você tomar cuidado, — eu disse por cima do ombro para os nobres boquiabertos enquanto carregava Grace para fora do Domum. — O chão está um pouco molhado.

Grace riu.

Beijei sua testa e decidi que se pudesse congelar qualquer momento da minha vida e viver ali, seria este.

Grace

Faz sete semanas desde que Ajax me trouxe para a segurança da propriedade real dos vampiros.

Sete semanas desde que meu mundo mudou de maneiras exponencialmente mais drásticas do que minha própria médica havia me dito dias antes.

Sete semanas descobrindo que os vampiros eram reais, que eu estava acasalada com o melhor já criado, eu era um quarto vampiro e telepática.

E de alguma forma, apesar de todas aquelas revelações fantásticas que mudaram meu mundo, eu ainda estava morrendo.

Meus dedos tremiam enquanto eu virava as páginas em um livro antigo, sentada em uma mesa grande em uma cadeira confortavelmente exuberante na sala de arquivos. O lugar cheirava a pó, papel e couro envelhecidos e tinha se tornado uma espécie de segunda casa para mim, especialmente quando Ajax estava fora com seus irmãos, servindo de ajuda para os conflitos bélicos.

Guerra.

Nunca pensei que estaria tão perto de uma guerra, muito menos de uma que eu nunca soube que existia. Eu me preocupava

com Ajax quando ele saía, apesar de saber que ele poderia muito bem cuidar de si mesmo. Diabos, ele podia parar o tempo e sair do perigo de uma bala - ele era tão poderoso - mas isso não significava que tivesse olhos em todos os lugares. Ele nem sempre podia ver as ameaças chegando e isso me aterrorizava. Quando meu companheiro estava fora da propriedade, eu sentia como se minha alma estivesse esticada - um elástico à beira de um estalido - e ele nunca desapareceu até que ele voltou para casa.

O que aconteceria com o vínculo depois que eu morresse? Será que Ajax sempre sentiria essa perda ou seria capaz de lamentar e seguir em frente e encontrar o amor novamente?

O ciúme irracional e a esperança se misturam em um turbilhão de emoções desconfortáveis. Eu odiava pensar nele com qualquer outra pessoa, mas jamais gostaria que Ajax vivesse sua vida imortal sozinho.

— Aqui de novo? — Julian - o historiador do rei - perguntou, contornando uma das pilhas altas e empoeiradas que cercavam minha mesa.

Nós nos tornamos amigos com o tempo que eu passava aqui ultimamente, e ele foi muito útil, já que ele tinha uma memória fotográfica quando se tratava dos documentos que estavam guardados em pequenas pilhas organizadas entre as prateleiras. Ele estava me ajudando a tentar encontrar o documento certo para convencer Ajax a tentar fazer minha transição, mas nada do que havíamos encontrado ainda apontava nessa direção.

— Nunca é demais ler, — eu disse, dando a ele um sorriso genuíno. Ele foi uma distração bem-vinda depois de uma hora olhando para o mesmo papel sem encontrar nada.

Ele ajeitou um livro debaixo do braço, com a testa franzida. — O que estamos pesquisando hoje? Mais testes experimentais com vampiros e sangue humano entre os tempos ou sua própria história familiar pessoal?

Acenei para o tomo diante de mim. — O último. Não tendo mais sorte com isso do que nas noites anteriores, — eu disse.

Julian me lançou um olhar compreensivo. Eu ainda tinha dificuldade em conciliar seu estilo descontraído - sempre em calças esportivas de algum tipo e, na maioria das vezes, moletoms - com seu intelecto e sede de conhecimento. De alguma forma, funcionava pra ele e o fazia parecer um estudante universitário, não um vampiro que era um mestre em história.

— O que você lembra sobre sua mãe? — ele perguntou enquanto se sentava à mesa à minha frente.

Eu soltei um suspiro, meu coração apertando com aquele velho pedaço de dor que nunca tinha curado. — O nome dela era Lilith Ashcroft, — eu disse em uma expiração. — Ela fazia as melhores panquecas de morango do mundo e cantava para eu dormir. — Engoli em seco. — E então, quando eu tinha oito anos, ela recebeu o mesmo diagnóstico que acabei de receber e faleceu pouco tempo depois.

— Sinto muito por sua perda, — disse Julian. — E quanto ao seu pai?

Dei de ombros. — Eu nunca o conheci. Fui colocada no sistema de adoção logo após a morte de minha mãe porque também não conhecia nenhuma família extensa. Sempre fomos só eu e ela. — E agora, sabendo o que eu sabia sobre minha linhagem, me perguntei se havia uma razão para isso. — Você acha que ela sabia? Sobre nossa história? Você acha que ela estava me afastando de alguma parte da minha família que sabia a verdade? — Apoiei os cotovelos na mesa, precisando de apoio para me manter de pé.

Maldito seja meu corpo, não estava funcionando como eu precisava.

— É uma possibilidade, — disse Julian. — Mas poderia facilmente ser que ela não tivesse ideia sobre sua ascendência e tivesse razões muito realistas para manter apenas vocês duas.

Suspirei. — Tem muito disso acontecendo, — eu disse, então expliquei quando ele inclinou a cabeça. — O todo *pode ser isso, mas também é provável que seja aquilo*.

Olhei para o livro à minha frente, pensando na única coisa em que Ajax e eu não concordávamos. O risco versus a recompensa de me transformar.

— Você disse *Ashcroft*? — Julian perguntou, afastando-se da mesa.

— Sim.

Julian saiu da sala mais rápido do que meus olhos podiam seguir, voltando antes mesmo que eu percebesse o que aconteceu. Ele afastou o livro na minha frente e colocou um novo em seu

lugar. — Este é um índice histórico contendo qualquer pessoa chamada Ashcroft desta área, — explicou ele. — Claro, não sei se sua mãe nasceu e foi criada em Edgemont, mas talvez isso aponte a direção certa.

— Eu te adoro, — eu disse como forma de agradecimento.

— Todo mundo adora, — ele brincou, então piscou para mim e saiu correndo da sala novamente, me dando privacidade para estudar o índice sozinha.

Uma hora depois, e eu havia estudado a linhagem de Ashcroft até onde o índice recontava - desde os mil e oitocentos. Mas eu ainda não tinha certeza de quando o sangue de vampiro entrou em nossa linha ou como isso foi possível quando humanos e mortais não deveriam ser *capazes* de conceber filhos. Mas parecia, apenas pelo meu breve estudo, que às vezes o *capaz de acontecer* e o que *realmente acontecia* eram duas coisas totalmente diferentes.

Um arrepio quente floresceu na minha nuca e desceu em espiral pela minha espinha.

— Eu posso sentir você, companheiro, — eu disse sem tirar os olhos do livro. — Você não pode se aproximar de mim assim.

— Eu estava tão perto, — disse Ajax, contornando as pilhas e inclinando-se para perto de mim enquanto ele plantava um beijo no topo da minha cabeça. — Posso roubá-la de seus livros?

Eu suspirei, cada coisa instável dentro de mim voltando ao lugar agora que ele estava aqui e seguro. — Sempre, — eu disse, fechando o livro e deixando-o sobre a mesa já que eu sabia que estaria de volta amanhã. — O que você tem... — Minha língua

parou de funcionar quando a palavra que eu estava procurando sumiu.

Isso estava acontecendo com tanta frequência ultimamente que eu nem tinha mais aquele pânico crescente. Simplesmente *foi*.

— Em mente, — eu finalmente soltei as palavras.

Ajax me puxou para mais perto, beijando-me suavemente, tomando seu tempo para separar meus lábios e provar.

— É uma surpresa, — ele disse, sorrindo maliciosamente.

— Isso envolve deixar a propriedade? — Eu perguntei esperançosa. Não que eu odiasse isso aqui, eu sentia exatamente o oposto. Eu amava. Eu só estava me sentindo um pouco cansada daqui.

— Mais ou menos, — ele respondeu, puxando-me pela sala de arquivos. — Você confia em mim?

— Você sabe que sim, — respondi imediatamente.

Seu sorriso se aprofundou e a antecipação queimou em meu peito, me dando um impulso de energia que eu não sabia que estava desesperada. O sono tinha sido mais difícil ultimamente, o medo de adormecer e não acordar era um impedimento real para o descanso que eu precisava.

Ajax nos levou para fora do salão, então me pegou em seus braços, embalando-me contra seu peito. Ele sustentou meu olhar enquanto corria em velocidades de vampiro, o movimento tão rápido que parecia que estávamos voando.

Ele diminuiu a velocidade para parar minutos depois, o cheiro de vegetação fresca e flores cítricas pairando no ar ao nosso redor.

O som de água borbulhante escorria por perto, e meus olhos se arregalaram quando vi onde ele nos trouxe.

— São *fontes* termais? — Eu perguntei quando ele me colocou de pé, mas ele me manteve dobrada contra seu lado, suportando meu peso.

— Sim, — ele disse, olhando as poças de água tranquila com vapor saindo delas a alguns metros de nós. O céu noturno estava claro e a lua quase cheia, lançando um brilho prateado nas pedras lisas que cercavam as nascentes. — Nós ainda estamos tecnicamente no terreno da propriedade, — disse ele, puxando-me em direção a um pequeno deck de madeira feito pelo homem e escadas que mergulhavam na água borbulhante natural da nascente. — Mas não estamos em casa, então, fiz bem?

— Primeiro a fonte e agora isso? — Eu sorri para ele, a emoção obstruindo minha garganta. — Estou começando a pensar que você tem uma obsessão em me ver molhada, — eu provoquei.

— Você não tem ideia, — ele quase rosnou.

— Você é incrível, — eu disse, só porque queria que ele soubesse disso sem dúvida. — Podemos entrar?

Ajax sorriu para mim, puxando a camisa sobre a cabeça em um movimento suave. Calor se desenrolou em meu núcleo, a reação inevitável sempre que ele tirava a camisa. Ele era tão gloriosamente construído, como se tivesse sido esculpido na pedra que nos cercava.

— Estamos sozinhos aqui? — Eu perguntei.

— Totalmente sozinhos, — disse ele. — Além disso, se eu ouvir alguém vindo por aqui, vou parar o tempo e segurá-lo o tempo suficiente para você se trocar. De jeito nenhum ninguém está vendo o corpo da minha companheira.

Eu segui seus movimentos, tirando minhas roupas rapidamente e pegando sua mão estendida enquanto ele nos guiava para dentro da água incrivelmente quente. Quero dizer, sim, era chamado de fonte termal, mas não sabia o quão quente seria.

Eu quase gemi quando afundei na água, deixando-a subir acima dos meus ombros. O calor se infiltrou em meus músculos, acalmando cada dor e tensão que parecia quase permanente ultimamente.

Ajax me puxou pela água, me puxando contra ele para que minha coluna ficasse contra seu peito enquanto ele se inclinava contra as pedras ao redor da nascente. — Olhe para cima, — ele sussurrou em meu ouvido.

Eu obedeci e meus olhos se arregalaram.

Estrelas cadentes voavam pelo céu, uma após a outra.

— Eu nunca vi tantas antes, — eu disse, a admiração deslizando em meu tom.

— Isso não acontece com muita frequência, — disse ele, envolvendo os braços em volta de mim.

— Você sabia que ia acontecer hoje à noite?

— Sim, — disse ele. — Achei que a água faria bem ao seu corpo e a chuva de meteoros seria um bônus.

Eu balancei minha cabeça contra ele. — Não sei como tive tanta sorte, — eu disse, as palavras presas na minha garganta. Porque eu realmente me sentia a mulher mais sortuda do planeta por estar acasalada com um homem como ele. Mesmo se... mesmo se...

Ajax ficou tenso embaixo de mim. — Eu sou o sortudo, — ele disse, gentilmente acariciando meus braços em círculos lânguidos.

Respirei fundo, relaxando ainda mais em seu abraço. A tensão se desfez de meu corpo e alma a cada carícia, a cada toque da água morna entre nós. — Sinto muito por estar tão cansada esta noite, — eu disse, virando apenas o suficiente para olhar em seus olhos.

— Você não tem nada pelo que se desculpar companheira, — disse ele. — Nunca. Não comigo.

— Mas não gosto de desperdiçar o tempo que temos. Eu amo estar com você, eu amo sentir você dentro de mim...— Suspirei enquanto meu corpo tremia, a mera ideia de tentar fazer sexo agora o esgotava.

Ajax segurou minha bochecha com uma mão, beijando-me suavemente antes de se afastar. — Eu não preciso transar com você para gostar de estar com você, — ele disse. — Se eu pudesse parar o tempo e viver neste momento com você para sempre, apenas segurando você e vendo as estrelas caírem, isso seria um paraíso mais do que suficiente para mim.

Lágrimas brotaram em meus olhos e Ajax as beijou, nada além de puro amor irradiando de nosso vínculo. Descansei minha cabeça em seu peito enquanto continuávamos a observar o céu se iluminar, me convencendo de como seria a vida após a morte -

apenas um pedaço de felicidade com o Ajax sob o céu da meia-noite.

Ajax

— Como você pode ver, — disse Gabriel, apontando entre as duas varreduras diferentes no quadro iluminado da enfermaria. — Infelizmente, está vencendo.

Não. Não. *Não*.

Eu poderia ter negado tudo o que quisesse, mas a evidência me encarou. O tumor não estava apenas avançando, estava invadindo.

Minha garganta ameaçou fechar e eu travei minha mandíbula para não xingar, acariciando meu polegar nas costas da mão de Grace enquanto nos sentávamos nas cadeiras que Gabriel havia trazido para a reunião de hoje à noite - as cadeiras que precisávamos porque Grace estava rapidamente perdendo sua capacidade de manter seu equilíbrio por qualquer período.

— É por isso... — Grace engoliu em seco. — As palavras... — O olhar aflito em seu rosto teria me deixado de joelhos se eu estivesse de pé.

— Sim. — Gabriel recostou-se na mesa de exame. — É por isso que é mais difícil para você encontrar as palavras certas.

— E o equilíbrio dela? — Eu perguntei, fazendo tudo o que podia para sufocar meus sentimentos pelo amor de Grace. Senti seu terror através do vínculo brilhante que nos ligava e forcei meus pulmões a respirar fundo.

A raiva percorreu minhas veias, praticamente dominando meu bom senso.

Vampiros machos foram biologicamente programados para matar tudo e qualquer coisa que ameaçasse nossas companheiras. Se fosse Gabriel com uma adaga em sua garganta, eu teria acabado com ele em menos tempo do que um coração levava para bater.

Mas não era Gabriel ameaçando levar minha companheira. Era a porra do câncer, e não era como se eu pudesse matar uma doença.

— Sobre o equilíbrio. — Gabriel suspirou, gesticulando para os exames que havia feito no dia anterior. — Há duas novas lesões.

Respire. Você tem que respirar.

Mas como diabos eu deveria respirar quando não havia ar?

— Novas? — Grace perguntou em voz baixa.

Gabriel assentiu. — Aqui e aqui. — Ele olhou para mim, então rapidamente olhou de volta para Grace. Se eu parecia tão perigoso quanto me sentia, não poderia culpá-lo. — Eu sinto muito.

Grace forçou um sorriso e deu de ombros. — É o que eu... — Ela piscou uma vez. Em dobro. — Esperado. Já se passaram duas... — O sorriso dela caiu. — Blocos. Coisas. O tempo. — Sua

cabeça virou para mim e o pânico em seu olhar me cortou como uma faca.

— Meses? — Eu sugeri.

— Meses. — Ela concordou. — Eles só me deram três para começar.

O que significava que eu tinha menos de um mês. Ela ia morrer.

— Você já sabia disso, — disse Grace para mim.

— Pare de ler meus pensamentos. — Baixei meus escudos.

— Não é minha culpa que você esteja gritando na minha direção. — Ela se virou para Gabriel. — Então eu tenho o quê? Faltam semanas?

Gabriel olhou para os exames. — Lamento dizer que terei que concordar com o prognóstico original, especialmente com essas novas lesões. Semanas são o melhor cenário possível, e se você aproveitar...

Grace endireitou os ombros e eu me recompus. Se ela pudesse lidar com isso, então eu também. A última coisa que minha companheira precisava era me confortar quando ela era a única... morrendo.

— O que podemos esperar? — Eu perguntei depois de limpar minha garganta.

Gabriel suspirou, e a relutância em sua expressão me disse para me preparar. — Você vai decair rápido, — ele disse suavemente para Grace. — A taxa de crescimento da semana

passada, e ainda sem tratamento? — Ele olhou para os exames como se tivessem mudado nos últimos cinco minutos.

— Como é a linha do tempo? — Grace perguntou.

— Difícil de dizer. Estamos na fase em que as coisas começarão a se mover exponencialmente. Você perderá suas funções motoras grossas em breve. Sua fala diminuirá. Você perderá a capacidade de cuidar de si mesma.

— Eu posso cuidar dela. — A resposta foi automática.

Gabriel assentiu. — É claro. E quando chegar a hora e você não conseguir engolir, prepararemos um tubo de alimentação para manter seu corpo o mais forte possível para que você possa lutar.

Grace bufou. — Se isso é uma luta, então estou levando uma surra.

— E a cirurgia? — Eu perguntei, inclinando-me para frente.

— Eu disse a você que não quero isso, — Grace retrucou. — Não quero passar meus últimos dias me recuperando de uma tentativa de extirpar o tumor ou vomitando por causa da radiação, Ajax. Se fosse qualquer outro tipo de câncer, eu consideraria, mas isso é glioblastoma. A taxa de mortalidade é praticamente... todas. — Ela puxou a mão da minha.

— Entendo completamente que esta é *sua* escolha. — Minha voz baixou letalmente. — Mas eu não mereço pelo menos saber quais opções existem se você mudar de ideia?

— Pessoal. — Gabriel acenou com a mão. — A cirurgia não é mais uma opção. Não que realmente fosse antes, mas a propagação é... — Ele olhou para mim com algo pior do que

compaixão. Era *pena*. — Não há nada a fazer neste momento. Ela realmente deveria se despedir das pessoas que ama fora dessas paredes.

Sentei-me na cadeira. *Como diabos eu deveria aceitar isso?*

A porta atrás de nós se abriu e Saint invadiu parecendo mais abatido do que o normal, e o olhar em seus olhos...

Eu fiquei de pé. — Saint?

— Eu sei onde ele está. — Ele passou sem dizer uma palavra, empurrando as portas da enfermaria e subindo as escadas.

— Vá, — disse Grace. — Ele precisa de você.

Movi-me rapidamente, pegando-a em meus braços. — Não vou deixar você passar por isso sozinha. — Olhando para Gabriel, eu balancei a cabeça por respeito. — Obrigado por tudo que você continua a fazer pela minha companheira.

O movimento de resposta de sua cabeça foi triste.

Apressei Grace escada acima, depois segui os sons de discussão até a biblioteca. Segundos depois, entramos na sala logo à frente dos outros assassinos, que vieram correndo.

Localizando um sofá vazio na biblioteca de dois andares, diminuí a velocidade e gentilmente coloquei Grace nele, então me virei para Saint e Jocelyn, que não estavam mantendo suas vozes baixas apesar de Alek estar de pé com os braços cruzados ao lado deles.

— Porque eu conheço o território! — Saint fervia, suas mãos se fechando em punhos.

— E você *ousa* insinuar que Luna saberia? Que ela abrigaria aquele lunático louco por sangue? — Jocelyn gritou, seu cabelo começando a se levantar ao seu redor.

Ah, *Merda*.

Benedict passou por mim em um redemoinho de ar, colocando-se entre Saint e sua companheira. — Isso é perto o suficiente.

— Vá se foder, — Zachariah murmurou, aproximando-se de Saint. Todos os caçadores na sala o fizeram.

Os assassinos? Eles ficaram na frente de Jocelyn.

Risca isso. Eles *tentaram* ficar na frente dela. Ela abriu caminho através da fila de machos para ficar ao lado de Benedict. — Se ela soubesse, teria me contado.

— Seja como for, eu vi flashes da casa para onde Aurora foi levada a princípio, — Saint grunhiu. — E está no território de Greenbriar. Território das *bruxas*.

— Os Greenbriars foram expulsos da terra das bruxas, — Jocelyn argumentou, mostrando os dentes. — Minha irmã é uma boa rainha. Uma rainha honrada. Ela não permitiria que isso no *coven*.

— Eu sei o que vi. — Saint olhou para ela com raiva, dando-lhe um olhar que teria enviado lutadores experientes correndo para as colinas.

— O que você viu? — Jocelyn jogou de volta. — Onde?

— Nos pesadelos de Aurora! — ele perdeu a cabeça.

Porra. Zachariah e eu trocamos um olhar, e os caçadores se aproximaram para proteger nosso irmão. Os assassinos pareciam... verdes.

— Você pode ver dentro dos sonhos dela? — Alek perguntou, estreitando os olhos em Saint de uma forma que elevou minha pressão arterial.

— Eu posso, — Saint cuspiu. — Eu também posso alterá-los.

Alek deu uma olhada em todos nós, erguendo as sobrancelhas quando percebeu que nenhum de nós parecia chocado. — E todos vocês sabiam.

Zachariah deu um passo à frente. — Não era exatamente um poder visto com alguma aceitação em nossos dias. Conheço mais de um Dreamwalker que enlouqueceu por causa da habilidade.

Merda, eu queria Grace fora daqui. *Agora.*

Os olhos de Alek brilharam. — E você pensou que eu o mataria por isso?

— Não íamos correr o risco. — Eu me posicionei entre Saint e Lachlan. O segundo em comando era um grande filho da puta e um lutador fenomenal, mas eu tinha literalmente o tempo do meu lado. E nunca perdi.

— Você só pode estar brincando comigo. — Alek passou as mãos pelos cabelos e olhou para todos, incluindo seus próprios assassinos, balançando a cabeça em desapontamento. — Em algum momento nós vamos ter que confiar uns nos outros. Você entende isso, não é?

O silêncio foi a única resposta enquanto os segundos passavam no relógio gigante do pêndulo.

— Você vai ter que começar a confiar em *mim!* — A voz de Alek aumentou.

— Em nossa defesa, você queria que matássemos Saint, — disse Dagon, tirando algo de sua bota com a ponta de sua adaga. — Isso não nos deu exatamente sentimentos calorosos e confusos.

— Quando pensei que tinha sido ele que sequestrou Avianna! — Alek argumentou. — Quando pensávamos que ele era louco por sangue! — A cor subiu nas bochechas do rei.

— E se a segunda parte disso ainda for verdade? — Saint perguntou, seu tom gelado muito mais letal do que os gritos de Alek. — Você ordenaria minha morte?

Alek deu um único passo, colocando-o a centímetros de Saint.

Atirei a Lachlan um olhar que o desafiou a se aproximar.

— Não esqueça que eu posso ver dentro de sua mente, — Alek disse a Saint. — Você pode andar na beirada, até mesmo balançar um pouco, mas você não caiu da linha. Se pode ver dentro dos sonhos, então você nos fornece... — ele acenou para todos nós que conseguimos nos espremer no espaço entre o sofá mais distante e a estante mais próxima, — ...com uma arma incomparável para interrogatório. Eu teria gostado do presente que você estava tão empenhado em esconder. Eu ainda gosto.

O queixo de Saint ergueu-se. — Então acredite em mim quando digo que vi os Greenbriars receberem Samuel quando ele

arrastou Aurora para dentro da casa. Acredite em mim quando digo que está no território das bruxas.

— Eu acredito em você. — Alek acenou com a cabeça para Saint sem sequer olhar na direção de Benedict para ver se Saint dizia a verdade, e eu respirei instável. — Eu acredito que você viu a casa. Acho que você sabe onde fica. — Ele olhou para Jocelyn. — Acredito que Luna não saiba de sua existência. — Ele trouxe seu foco de volta para Saint. — Eu também acredito que há uma explicação de como as duas verdades podem existir ao mesmo tempo.

— Eles estão protegidos. — Jocelyn suspirou e esfregou a ponta do nariz. — Luna é brilhante, mas ainda é uma jovem rainha e não domina todos os feitiços de todos os covens. Os Greenbriars sempre foram excepcionalmente dotados com seus escudos.

— Exatamente. — Alek se virou, expondo as costas para Saint.

Minhas sobrancelhas se levantaram. *Por falar em gesto definitivo de confiança.*

— A informação é muito antiga, — Lachlan rosnou. — Faz semanas.

— Pelo menos é algo para prosseguir, — Talon rebateu, cutucando suas unhas. — O que é muito mais do que tivemos ultimamente.

— Pode romper as proteções se Saint o levar até lá? — Alek perguntou a Jocelyn.

— Se eu tiver Luna comigo, — Jocelyn respondeu, já pegando seu celular.

— Ligue para ela, mas não dê detalhes por telefone, — Alek ordenou antes de girar para enfrentar Saint. — Você tem todos os assassinos desta casa à sua disposição. Caçada feliz.

Desenvolvemos um plano rapidamente e depois nos separamos para nos armar melhor.

— Cinco minutos! — Zachariah ordenou enquanto nos dispersávamos.

Peguei Grace em meus braços e corri para o nosso quarto, onde a coloquei em nossa cama, certificando-me de que ela estava acomodada antes de ir para o nosso closet, onde guardava a maior parte do meu armamento.

Levei apenas um segundo para me armar, e meu queixo quase desabou quando saí do closet para encontrar Grace tropeçando em seus pés.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Fui para o lado dela, segurando-a antes que ela caísse.

— Indo com você. — Ela plantou os pés e se levantou, endireitando os ombros. — Sou útil, Ajax. Eu posso ler mentes. — A súplica em seus olhos esmagou meu coração.

— Eu sei que você seria útil, — eu disse suavemente. — Mas de jeito nenhum vou levar você para uma batalha.

Ela ergueu o queixo. — Mas Jocelyn pode ir?

— Jocelyn não é apenas uma bruxa, ela é uma *híbrida*. Uma vampira totalmente transacionada, Grace. — Como diabos estávamos tendo essa discussão? Eu a coloquei de volta na cama

o mais gentilmente que pude, mas ela balançou as pernas para fora da cama novamente.

— O que eu seria se você concordasse em me fazer a transição!

— Não estamos discutindo isso agora. — Amarrei meu cabelo atrás do pescoço para mantê-lo fora do meu caminho.

— Eu posso te dar um... — Ela cerrou os dentes. — Acima. Melhor. Na frente... — porra! ela gritou, batendo com o punho no travesseiro.

A luta saiu de mim. — Vantagem, — eu disse suavemente. — Você poderia nos dar uma vantagem. Mas baby, tão mentalmente forte quanto você é, tão *talentosa* quanto você é, você também é minha única fraqueza, e eu não posso me concentrar em caçar com Saint se tudo o que me importa lá fora é mantê-la segura.

Ela abriu a boca e eu tracei seu lábio inferior com o polegar, silenciando-a.

— Acredite em mim, se estivesse lá fora, você é tudo com o que eu me preocuparia. Preciso de você aqui, Grace. Eu preciso de você segura. Não consigo respirar se não souber que você está segura.

Ela piscou para conter as lágrimas. — Mesmo se eu fosse saudável?

Puxei seu cabelo para trás das orelhas e beijei sua testa. — Mesmo se você fosse uma humana totalmente saudável. Não se trata da sua doença, mas da minha incapacidade de colocar qualquer missão acima do meu amor por você.

Ela cedeu e eu respirei fundo.

— Bem, eu acho que quando você coloca dessa forma, — ela murmurou.

— Eu te amo. — Eu segurei seu rosto, inclinando-o em direção ao meu. — Fique aqui. — Beije sua linda boca. — Fique segura.

— Só por você, — ela sussurrou.

— Obrigado. — Eu a beijei então, longo e forte, despejando cada gota de sentimento na fusão de nossas bocas. Nós dois estávamos ofegantes quando levantei minha cabeça. — Eu te amo, Grace.

— Eu te amo, — ela sussurrou. — Apenas prometa que você vai voltar inteiro.

— Oh, baby, — eu sorri e roubei outro beijo. — Essa é uma coisa com a qual você nunca precisa se preocupar. — Olhei para sua boca uma última vez e então saí do quarto antes que eu fizesse algo estúpido, como deixar Saint para que eu pudesse ficar com Grace.

Eu não poderia mantê-la viva.

Mas eu poderia ajudar meu irmão a obter a justiça que ele merecia.

Grace

Era incrível o que uma soneca de vinte minutos poderia fazer por uma garota. Ou talvez tenha sido apenas a última reunião com Gabriel que me deu o impulso energético, mas de qualquer forma, eu estava rolando com ela.

Eu tinha adormecido logo após Ajax ter partido com os outros para ajudar Saint na última missão focada em Samuel, e enquanto eu estava preocupada com ele, eu sabia que ele voltaria para mim. Queria poder dizer o mesmo de mim mesmo. O prognóstico de Gabriel era assustador, mas não era nada que eu já não estivesse me preparando mentalmente. Era uma droga, e se eu me deixasse pensar nisso por muito tempo, seria uma dor que Ajax sofreria quando eu finalmente deixasse este plano... Deus, se eu pudesse poupá-lo desse sofrimento, eu o faria num piscar de olhos.

Ficar na cama com a energia reprimida me deixou muito inquieta, e se eu estivesse sendo honesta, preferiria ouvir os pensamentos de qualquer outra pessoa a não ser os meus nesse momento. Depois de vestir uma calça de ioga e uma camiseta de manga comprida, puxando meu cabelo para trás em um nó bagunçado, eu me dirigi para o mais popular local de assombramento nesta hora da noite - a sala de jantar informal.

Por alguma razão, eu tinha realmente apetite. Odiava pensar que esta súbita explosão de energia e fome poderia significar o pior - que eu estava passando para a última fase de recuperação da minha vida - mas o pensamento estava ali, de qualquer forma.

Ignorando-o, concentrei-me em minha busca pelos muffins que o padeiro constantemente empilhava na ampla mesa da sala de jantar. Andar pela mansão de Alek nunca deixou de me surpreender - era linda e enorme, mas tinha uma atmosfera tão caseira que não pude deixar de sentir que pertencia aqui. E a certeza de que não teria futuro aqui com Ajax me fez explodir de raiva com a injustiça daquilo tudo.

Pare com a festa da pena, Grace. Não fica bem em você.

Eu balancei a cabeça para mim mesma, virando o corredor e entrando na entrada da residência principal, a última parada antes de encontrar meu muffin em outro corredor abaixo.

— Você honestamente acha que eu a receberia de braços abertos? Você está louca? — A voz de Ransom assumiu aquele tom predatório que eu tinha ouvido algumas vezes quando alguém tinha feito algo remotamente perigoso perto de sua companheira grávida, Olivia, você sabe, como acender uma vela ou usar muito perfume. Na maioria das vezes, a maneira como ele a protegia e cuidava dela era incrivelmente romântica, mas Olivia não estava à vista agora.

Em vez disso, um vampiro masculino estava na frente dele, uma mão segurando uma mochila preta, a outra enfiada no bolso de um terno que provavelmente custou mais do que todas as minhas economias. O elegante tecido azul marinho era sob

medida, mostrando toneladas de músculos esculpidos que eram mais ágeis do que volumosos. Seu cabelo era curto e era tão preto que quase parecia azul e seus olhos escuros eram *tão* familiares.

— Warrick! — A voz de Cassandra ecoou no corredor oposto, sua enorme pantera rondando atrás dela enquanto ela corria para o macho e jogava os braços ao redor de seu pescoço. Ele passou o braço livre ao redor do lado dela, mas nunca tirou os olhos de Ransom.

Inteligente da parte dele, porque Ransom parecia querer rasgar sua garganta.

— Eu não pensei que você apareceria aqui, — disse Cassandra, soltando-o e voltando para aquela bela severidade que ela normalmente exalava agora que havia tirado sua excitação do caminho.

Malditos Zorins. A voz de Ransom penetrou em minha mente e fiz o possível para bloqueá-lo, mas manter meus escudos estava ficando mais difícil a cada dia.

Zorin.

Oh, agora isso fazia muito sentido. Os olhos de Warrick eram do mesmo tom castanho-escuro dos de Cassandra, cor de café expresso moído na hora. Este era o irmão dela.

Eu mordi meu lábio, observando a troca antes de finalmente decidir que era melhor eu ir silenciosamente para os muffins...

— Eu vim aqui para treinar, — disse Warrick. — E para te dar isso. — Ele entregou um pedaço de papel para Cassandra e meus pés congelaram quando reconheci o formato.

Era outra lista de alvos dos Sons.

— Porra, você está aqui para treinar, — Ransom disse. — Sua família tentou massacrar minha companheira...

— Meu pai, — Warrick o interrompeu, sua mandíbula ficando tensa. — Minha presença aqui deve provar que não estava alinhada com suas travessuras zelosas, nunca estive. E ela também não. — Ele acenou para Cassandra, que ergueu os olhos da lista com algo próximo a pena e vergonha em seus olhos. Eu só consegui pedaços de sua história, mas ela sempre foi gentil comigo. — É uma oferta de paz, — continuou ele, apontando para o papel na mão de sua irmã.

— Eu não dou a mínima, Zorin, — Ransom cuspiu. — Cassandra provou sua lealdade a Alek, mas você aparece sem avisar e espera ser bem-vindo ao grupo de assassinos?

— Não, — respondeu Warrick, de alguma forma mantendo a compostura. Eu ficaria apavorada se Ransom estivesse dirigindo toda aquela raiva para mim, mas visto que eu era apenas uma espectadora neste momento, eu estava bem. — Claro, que não. Entendo que levará tempo para que você e os seus confiem em mim. É por isso que estou aqui. Nunca me pareceu certo o que aconteceu entre nossas famílias, e estou aqui para mostrar de que lado estou. — Ele levantou as mãos em um gesto inocente.

Cassandra me notou então, me dando um sorriso suave e acenando para mim. Eu contornei atrás de Ransom, indo para o lado dela e dando a sua pantera um carinho suave entre suas omoplatas, seu local favorito. *Sim*, Ajax quase perdeu a cabeça quando fiz amizade com a criatura, mas ele poderia realmente me

culpar? Ele era apenas um gatinho gigante que adorava ficar com as meninas quando tínhamos tempo livre. E ele era tão *macio*.

Cassandra riu, balançando a cabeça. — Estou chocada que ele goste tanto de você, — ela disse. — Sem intenção de ofender, — ela se apressou em acrescentar. — Ele normalmente é mais reservado com as pessoas, especialmente com os humanos.

— Talvez seja porque ele sabe que estou morrendo e está me oferecendo conforto, como um gigante animal de apoio. — Continuei a acariciá-lo, arqueando uma sobrancelha para Ransom, que ainda estava parado observando Warrick.

Eu realmente esperava que eles não estivessem prestes a brigar. Esta família não precisava de mais nenhum conflito interno. A pequena briga entre os assassinos e os caçadores antes era prova suficiente de que a guerra, os ataques e tudo o que aconteceu com ela os estava deixando muito fracos. E por mais que eu amasse Alek e sua família, eu estava firmemente no modo *Team Hunter*, então seria muito mais fácil para mim se eles resolvessem suas coisas. Jogando isso na mistura? Provavelmente, não é bom.

— Grace, — Ransom disse meu nome tão suavemente que pensei que estava dentro da minha cabeça por um segundo. Mas ele olhou diretamente para mim com um olhar de desculpas, mas suplicante. — Acha que você poderia...

— *Ler a mente dele e me dizer se está planejando cortar todas as nossas gargantas enquanto dormimos?* — ele perguntou silenciosamente.

Eu dei a ele um aceno sutil, nunca parando de meus carinhos em pantera, e estendi a mão com meu poder. Deus, foi bom não ser tratada como vidro por cinco segundos, e eu não pude deixar de amar Ransom um pouco pelo respeito em seu pedido. Eu não poderia culpar Ajax por sua proteção, porém, sabendo que estaria agindo da mesma forma se fosse sua vida em jogo.

Estendendo-me com meu dom, levantei o escudo que coloquei em volta da minha mente, assim como Alek me ensinou. Dirigi meu poder para Warrick, imaginando uma fita de cetim preta esvoaçante traçando seu caminho até a têmpora de Warrick...

Eu só quero ficar com minha irmã. Eu quero ser um assassino e realmente fazer o bem pela primeira vez, em vez de estar cercado por monstros ricos que querem dominar o mundo. Mas se continuar me olhando assim, vou arrancar seus braços e bater em você com eles.

Eu vacilei um pouco com o último fluxo de consciência de Warrick. Os primeiros pensamentos pareciam genuínos, mas decifrar a intenção por trás dos pensamentos privados era uma merda. Alek e eu discutimos longamente. Houve inúmeras vezes que alguém poderia pensar em matar alguém ou machucá-lo sem nunca ter nenhuma intenção real de fazê-lo, e isso tornava incrivelmente difícil aceitar o pensamento como verdade.

Além disso, eu não conhecia Warrick. Ele era um completo estranho que poderia muito bem cumprir suas ameaças tão facilmente quanto poderia ter boas intenções. Droga, eu gostaria de ter séculos para aprimorar esse dom como Alek teve.

Uma pontada de dor me atingiu bem no peito, mas me forcei a me concentrar.

— *Mais ou menos,* — eu finalmente falei na mente de Ransom. — *Ele quer ficar aqui e não tem nenhum plano imediato para matar todos nós, mas não está carregando uma bandeira para você no momento. Isso pode ser apenas porque está gritando com ele desde que ele entrou.*

Ransom suspirou. — *Não vou arriscar.*

— Vocês dois vão me encarar a noite toda ou o quê? — Warrick finalmente perguntou, a irritação evidente em seus ombros tensos.

— Eu não posso arriscar isso agora, — Ransom disse. — Você pode querer ficar aqui pelas razões que disse, mas Alek e os outros estão em uma missão. Se está realmente aqui para provar a si mesmo, deixe-me contê-lo até que eles voltem.

Cassandra ficou boquiaberta com Ransom, mas rapidamente suavizou o choque de seu rosto. Um pouco de dor irradiou em seus olhos, e eu dei a ela um sorriso simpático.

— Tudo bem por mim, — Warrick disse, surpreendentemente concordando com a ideia de prisão. — Tudo o que eu tenho que fazer para provar a mim mesmo. Estou aqui para treinar. Para ajudar minha irmã de qualquer maneira que eu puder. E para servir ao meu rei.

Ransom levantou uma sobrancelha para ele. — Interessante que a parte de servir vem por último.

Warrick se inclinou um pouco mais perto de Ransom. — Ao contrário da minha outra família, não pretendo me prostrar aos

pés da realeza, — disse ele. — Sou leal a Alek, mas também não sou mentiroso. Cassandra sempre virá antes dele.

Uau, vai irmão.

Resisti à vontade de bater palmas. A honestidade brutal me apoiou em seu favor com certeza, e eu sempre quis um irmão que iria até os confins da terra por mim, então eu estava feliz que Cassandra tinha isso, especialmente quando as coisas aqui ainda estavam tão tensas para ela. Ela não tinha um companheiro que a fizesse se sentir bem-vinda, segura e viva como eu. Nem todo mundo poderia ter tanta sorte, não importa o quanto eu desejasse.

Desejar não fazia nada quando se tratava disso. Se isso acontecesse, eu poderia passar o resto da eternidade com Ajax.

— Eu estarei de volta em alguns minutos, — Ransom disse, olhando para Cassandra. — Eu gostaria de falar com você depois.

— Claro, — ela disse, e abraçou seu irmão novamente antes que ele pegasse sua bolsa e seguisse Ransom pelo corredor e fora de vista.

Cassandra soltou um suspiro pesado e olhou para o papel novamente. Sua pantera deve ter sentido sua ansiedade por Warrick, porque ele se inclinou em seu quadril, ronronando suavemente. — Eu não reconheço nenhum desses nomes, — ela disse, e eu não tinha certeza se ela estava falando com a pantera ou comigo, mas mudei de posição para dar uma olhada melhor na lista de qualquer maneira.

— Ai, meu Deus, — eu disse, pegando a lista com dedos frenéticos, mas parando bem perto do papel. Olhei para ela com

olhos questionadores. Eu sabia que não devia arrancar algo das mãos de um vampiro, mas felizmente ela me entregou.

Meus dedos tremiam enquanto eu relia os nomes da lista seis vezes.

— Você conhece alguns deles? — Cassandra perguntou.

— *Uau*, hora das garotas na entrada? — A voz de Avi soou quando ela dobrou o corredor, parando diante de nós. — Por que não estamos na sala de jantar comendo muffins? Não é hora do muffin? — O humor leve desapareceu de seu rosto quando ela notou a seriedade em minha expressão. — Grace? O que há de errado?

Eu levantei um dedo, minha respiração errática enquanto minha mente trabalhava nas dobras do quebra-cabeça que eu segurava. Ambos estavam acostumados que eu precisasse de um minuto, então nenhum deles me forçou a falar.

Todos os nomes nesta lista pertenciam a uma criança em um orfanato, e eu só sabia disso porque elas ficaram no orfanato de *Maria*.

— Os Sons estão visando associados de vampiros ou humanos com qualquer quantidade de sangue de vampiro em sua linhagem, certo? — pedi esclarecimentos. Ambas assentiram. — E a probabilidade de crianças conhecerem vampiros?

— Zero, — disse Cassandra. — Bem, a menos que tenham sido salvos por um assassino ou algo raro assim. Por quê?

Pânico e compreensão açoitaram minha espinha. *Maria*... oh, meu Deus, Maria sabia. Ela sabia sobre minha linhagem e tinha

que saber sobre as linhagens dessas crianças também. Ela poderia detectá-las, como o dom de Cassandra? É por isso que ela me acolheu tantos anos atrás ou é por que minha mãe era amiga dela? Toda a sua agenda era para ajudar essas crianças com essas histórias especiais?

Fazia todo o sentido do mundo, mas descobrir não era a prioridade agora.

— Esses são todos nomes que eu reconheço, — eu finalmente respondi a ela. — Eles são crianças, Cassandra. Alguns ainda não têm nem oito anos.

Avi se engasgou, uma mão voando sobre sua boca.

— Eles moram na casa em que cresci, — continuei. — Temos de ir. Agora. Se eles estão sendo visados... — Minha voz sumiu enquanto meu coração tremia pelo que poderia acontecer.

— Temos que contar aos caçadores, — disse Cassandra.

— Não podemos deixar essas crianças morrerem! — Eu contra-ataquei. — E se os Sons já estiverem lá? E se pegarmos os caçadores e chegarmos tarde demais?

Cassandra pensou por um momento, então assentiu. — Tudo bem, temos tempo para fazer uma coisa. Vá até o local e tente movê-los para um local mais seguro, ou vamos buscar ajuda.

— Não posso ficar aqui esperando quando essas crianças podem ser atacadas a qualquer momento. Você pode tornar outras pessoas ao seu redor invisíveis, certo? — perguntei a Avi.

— Sim. Mas não muitos. — Avi disse.

— Podemos entrar e tirar as crianças com esse truque. E levaremos armas, só por precaução.

— Eu vou buscar Valor. Ela tem uma bolsa cheia com o que precisamos, — Avi disse, desaparecendo na velocidade do vampiro.

— Ransom nos impediria, certo? — Eu perguntei, desejando acima de tudo que pudéssemos levá-lo.

— Ele definitivamente nos faria esperar pelos caçadores e assassinos, — Cassandra respondeu.

Balancei a cabeça, girando e procurando uma caneta para anotar o endereço do lar adotivo na lista de nomes. — Ele vai voltar a qualquer minuto, — eu disse assim que Avi voltou com Valor e Lyric. — Vamos deixar isso aqui para ele encontrar. — Cassandra arqueou uma sobrancelha para mim, mas eu dou de ombros. — Estou com pressa, não sou suicida. Ele reunirá todos quando retornarem e obteremos a ajuda de que precisamos, se precisarmos.

Todas assentiram, mas Cassandra me olhou enquanto saíamos pelas portas. — Você sabe que o Ajax nunca vai te perdoar se isso der errado, certo?

— Nunca me perdoarei se ficar parada sem fazer nada enquanto crianças podem estar morrendo. Crianças que já sofreram traumas suficientes. — Perda dos pais ou qualquer situação que os levou a serem cuidados por Maria. Isso era o suficiente para lidar por uma vida inteira, muito menos ser alvo de um culto malicioso com uma agenda perigosa.

— Eu dirijo, — Cassandra disse, e todos nós nos amontoamos em seu carro, Valor distribuindo armas enquanto íamos. Eu nunca tinha segurado uma arma antes, mas já tinha visto Ajax fazer isso tantas vezes que descobri a segurança bem rápido. Minha adrenalina estava tão alta que nem pensei no fato de estar segurando uma arma, o peso em minhas mãos.

Cassandra pisou no acelerador e chegamos ao lar adotivo em questão de minutos. Cada segundo que passava fazia meu coração bater forte contra meu peito, minha mente conjurando cenários horríveis sobre o que poderíamos encontrar.

Sáímos do carro e imediatamente ouvimos os gritos.

Não perdi um segundo esperando uma ordem ou um plano. Eu corri.

Entrei na casa, as meninas atrás de mim, e engoli um grito.

Os Sons estão *aqui*, e eu podia ouvi-los, sentir seus pensamentos martelando em meus escudos mentais. Eles já haviam subido para onde ficavam os quartos.

— Salve o máximo que pudermos, — exigi francamente antes de subir correndo as escadas e mergulhar direto em um pesadelo.

Ajax

A derrota tinha um certo sabor. Amargo, é claro, mas também mofado, como uma casa que não recebia uma lufada de ar fresco por uma porta ou janela aberta há semanas.

Tinha o mesmo gosto.

— Porra! — Dagon gritou, perdendo a paciência e limpando a mesa do escritório abandonado, jogando tudo no chão em um estrondo.

Saint ficou parado em silêncio, fervendo enquanto ele praticamente olhava para buracos no chão de madeira. Ele estava inalcançável para nós em sua raiva, perdido em uma raiva silenciosa que nos tocou a todos, mas o consumiu.

— Não há nada que possamos fazer? — Zachariah perguntou suavemente.

Eu balancei minha cabeça. — Para grande consternação de Jocelyn e Luna, já faz muito tempo para as bruxas trabalharem um feitiço de rastreamento para ver quem esteve aqui, e não é como se parar o tempo fosse nos ajudar. Se Saint não pode farejá-lo, ninguém pode. — Obviamente, haviam passado meses desde que esta casa havia sido usada, o que significava que a Aurora

havia sido mantida cativa por mais tempo do que qualquer um de nós havia imaginado.

As bruxas tinham o mesmo problema com a casa onde tínhamos encontrado Aurora. Elas só conseguiam rastrear vinte e quatro horas atrás.

E o rastro não era apenas frio. Estava gelado.

— O problema de caçar Samuel é que ele caçou *conosco* por tanto tempo que sabe exatamente como evitar a detecção — disse Zachariah, esfregando a ponta do nariz quando o telefone de Hawke tocou.

— Sim, bem, esse é um problema que teremos que descobrir mais cedo ou mais tarde. — Olhei significativamente para Saint.

Zachariah assentiu.

— O que diabos você quer dizer *com elas saíram?* — Hawke estalou, apertando seu celular com tanta força que ouvi as peças de plástico rangerem. Seu tom fez meu estômago revirar em nós, e todas as cabeças viraram em sua direção, até mesmo a de Saint. — Você tem *quem* no... — Hawke balançou a cabeça. — Esqueça essa parte. Trataremos disso mais tarde. Onde diabos está minha *companheira?* — Sua mandíbula flexionou. — Sim, acho que nos encontrar lá seria a coisa mais prudente a fazer! — Ele apertou o botão de desligar em seu telefone e o enfiou no bolso, então recitou um endereço para o resto de nós que me fez piscar. — Aparentemente é para onde as fêmeas foram. E eu quero dizer todas elas, exceto Olivia. Warrick Zorin levou para elas outra lista como as que encontramos sobre os Sons e todas as mulheres

deixaram a propriedade enquanto Ransom escoltava Warrick para as masmorras.

Houve um murmúrio de palavrões de todos os homens na sala.

— Foi onde Grace foi criada, — eu disse, os cabelos da minha nuca se arrepiando. — Encontrei-o enquanto pesquisávamos a linhagem dela. — E se eles tivessem ido lá depois de encontrá-lo em uma lista para os Sons... — Temos que ir. Agora.

— Fodida Valor, — Lachlan rosnou. — Se ela vai jogar seu corpo em todas as batalhas, o mínimo que ela pode fazer é uma transição!

Medo e raiva lutaram pelo controle do meu corpo.

— Você já esteve lá? — Hawke carregou em minha direção.

— Dirigindo, — eu disse, imediatamente estendendo meus braços. Eu estive lá. Eu poderia ir. Era apenas uma questão de quantos dos meus irmãos eu poderia levar *comigo*.

Hawke agarrou meu antebraço antes mesmo de eu dizer seu nome. — Hawke. Saint. Dagon. Alek. — O mais mortal dos meus irmãos e aquele que poderia enviar mentalmente de volta o local para que o resto pudesse seguir depois. Levar muita carga me deixaria mais fraco do que eu queria quando finalmente chegasse a Grace.

Que porra ela estava pensando, indo atrás dos Sons?

Que a vida dela já está perdida.

Respirei fundo e tentei acalmar meu coração acelerado enquanto meus irmãos seguravam meus braços.

Ela estava viva.

Ela tinha que estar.

Eu saberia se ela tivesse morrido. Aquela corda brilhante que nos unia como companheiros ainda estava lá, ainda vibrante, ainda... porra, eu podia sentir os ecos de seu pânico mesmo tão longe do território humano.

— Aqui vamos nós. — Concentrei-me na casa, nos detalhes artísticos da arquitetura vitoriana, e continuei arrastando o peso de meus irmãos através do espaço e do tempo comigo através da lufada de ar congelado.

Meus pés atingiram o solo firme e eu imediatamente sacudi meus irmãos ao som de tiros vindos da casa. Eles estavam aqui.

— Foda... — A boca de Hawke congelou enquanto eu jogava minhas mãos para fora, congelando o tempo ao meu redor. Esse ato foi o suficiente para acalmar até mesmo meus batimentos cardíacos mais altos no passado, sabendo que eu tinha todo o tempo do mundo para parar o que quer que estivesse para acontecer, mas meu coração ainda trovejava como a porra de um tambor enquanto subia as escadas correndo da casa e para a varanda, arrancando a porta de suas dobradiças.

Desde que não entrasse em contato com outro ser, poderia manter minha bolha do tempo no lugar.

Farejei o ar e imediatamente provei as notas de frésia e frutas cítricas que marcavam a presença de Grace. Não houve nenhum pensamento, nenhum plano, nenhuma estratégia que me veio à mente, joguei fora séculos de treinamento e agi apenas por

instinto. Ela estava lá em cima, e eu me encontrei no segundo andar, o que teria sido um segundo depois, minha arma em punho enquanto eu chutava uma porta após a outra. O primeiro tinha dois garotos, ambos agarrados às cobertas, com os cabelos esvoaçantes como se tivessem acabado de acordar do tiroteio.

Grace estava no próximo.

Meu coração gaguejou, sua batida errática na cena.

Ela se jogou na frente de duas garotas que estavam encolhidas no canto, agarradas uma à outra enquanto um atirador de vinte e tantos anos as encarava, o brilho ainda evidente da pistola que ele havia apontado para elas.

A bala estava a centímetros do peito de Grace.

Todo o meu ser se contraiu com uma explosão de pânico agudo e doloroso.

Fique calmo. Respire.

Renunciar ao tempo garantiria a morte de minha companheira, não apenas nas próximas semanas, mas neste exato instante.

Raiva vibrou em meus ossos enquanto eu caminhava em direção a ela, com cuidado para não esbarrar no atirador enquanto eu deslizava entre ele e a mesa infantil na sala.

— O que diabos você estava pensando, baby? — Eu sussurrei enquanto me aproximava de Grace, certa de que o olhar em meu rosto provavelmente mais do que me valeu seu apelido favorito de Grim. O terror absoluto encheu seus olhos, mas seu queixo estava

inclinado para cima, e algo me disse que ela fez sua escolha antes de colocar seu corpo na frente das meninas.

Ela escolheu sua própria morte sobre a delas.

Eu não precisava perguntar por quê.

Ela tinha semanas.

Eles teriam décadas.

Agarrando a bala, despejei minha energia para mudar sua trajetória de volta para o atirador, dando-lhe um pequeno empurrão para que continuasse de volta para ele quando eu começasse o tempo novamente.

De alguma forma, consegui ignorar o grito dos meus instintos enquanto me afastava de Grace e saía do quarto. Ela nunca me perdoaria se eu não fizesse o mesmo por todas as outras pessoas na casa que acabei de fazer por ela.

Limpei todos os cômodos, mudando a trajetória de cada bala que havia sido disparada, exceto a de Valor. A dela já estava a centímetros da testa de um dos atiradores, e não consegui pensar em um lugar melhor para ela.

Cassandra estava no terceiro quarto, pegando uma das crianças em seus braços. Lyric estava com ela, tirando um bebê do berço. E Aviana? Só porque eu não podia vê-la não significava que ela não estava aqui.

Sem dúvida, Hawke estaria atrás dela assim que eu soltasse o tempo.

Havia três Sons no total, enviados para executar um total de nove crianças.

Crianças.

E a mãe adotiva de Grace? Ela estava no último quarto, tão corajosa quanto Grace, zelando alguns de seus pupilos. Eu não poderia agarrar o atirador sem liberar o tempo, então empurrei a cômoda entre eles, e tirei meu próprio Kevlar e o preendi em uma gaveta aberta para protegê-la de qualquer tiro que pudesse ser disparado antes que pudéssemos voltar aqui.

Certo de que havia encontrado todos os atiradores e todas as crianças em perigo, voltei para o quarto em que Grace estava, parei bem na frente dela e liberei o tempo apenas o tempo suficiente para a bala acertar o atirador na garganta, então congelei, envolvendo-o em torno de Grace e eu.

Ela piscou para mim em estado de choque. — Ajax!

— Estou dividido entre te beijar pra caramba e colocar algum bom senso em você! — Eu rebati, puxando-a em meus braços e levantando-a contra o meu peito.

— Eu só... — ela começou envolvendo os braços em volta do meu pescoço.

— Não! — Eu a segurei com força. — Ainda não estou nem remotamente pronto para ouvi-la.

— As crianças... — Ela olhou para elas.

— Vai ser menos de um segundo para eles, — eu prometi a ela. — Mas se eu não tirar você desta casa agora, não tenho certeza se poderei ser responsável por minhas ações. — Isso foi colocando levianamente. A tempestade que se formava dentro de mim era do tipo que poderia derrubar cidades e reorganizar montanhas.

Ela assentiu e eu a levei para fora de casa, descendo as escadas e saindo pela porta onde meus irmãos estavam todos no meio da investida em direção à casa, com exceção de Alek, que estava focado internamente, sem dúvida enviando os visuais e localização da casa para que outros pudessem ir.

O ar do verão estava pesado, obstruindo minha garganta - ou talvez fosse o medo alojado como uma pedra na minha traqueia. Coloquei Grace de pé, mas mantive meu braço em volta de sua pequena cintura para mantê-la firme enquanto liberava o tempo por um segundo, depois o jogava em volta de meus irmãos.

— Pare! — Eu gritei, e os deuses ajudem Hawke, ele quicou na borda do escudo, derrubando-o de bunda. Pelo menos ele não havia quebrado a barreira. Os caçadores olharam para mim na expectativa, mas os assassinos ficaram chocados.

Acho que eles ainda não estavam acostumados com esse tipo de vantagem na batalha.

Dei a eles o layout da casa e a posição de cada criança, adultos e atirador. Então eu olhei para Hawke. — Desculpe, mas acho que Avianna está invisível. Eu não a vi.

— Vá entender, porra. — Ele olhou para a casa. — Eu juro que ela pensa que a invisibilidade a torna à prova de balas. Não.

Houve um grunhido de concordância de Alek.

Criamos uma estratégia que era melhor do que qualquer homem se jogar de cabeça na batalha, e então sentei Grace em um banco do lado de fora da casa.

— Fique. Aqui.

Ela inclinou aquele maldito queixo para mim. — E se eu não fizer isso?

— Eu cheguei *segundos* depois de perder você lá dentro, — eu rosnei, inclinando-me e apoiando minhas mãos nas costas de madeira de cada lado dela, prendendo-a. — Não *há* como dizer o que posso fazer com você.

Ela estreitou seus belos olhos para mim. — Você não machucaria ou... — Ela piscou. — Terra. Limite. Barras. Foda-se!

— Punir? — eu forneci.

Seus lábios franziram, mas ela assentiu.

— Já podemos ir? — Hawke gritou.

— Me dê um segundo! — Eu falei por cima do meu ombro. — Não é como se estivéssemos perdendo tempo ou algo assim. — Abaixando minha cabeça em seu ouvido, eu sussurrei. — Eu nunca vou machucar você, Grace. Mas talvez eu a mantenha presa por horas com minha língua e meus dentes, levando-a até o limite antes de gozar, nunca deixando que você encontre seu alívio. — Levantando minha cabeça, encontrei seus olhos arregalados nos meus. — Sim, estou com muita raiva.

— Eu vou ficar aqui, — ela concordou, mas havia um desafio definitivo naqueles olhos dela.

— Que gracioso da sua parte. — Eu dei um beijo em sua testa, o terror ainda formigando minha língua com o quão perto eu estive de perdê-la, e então me levantei e me virei em direção à casa. — Em um. Dois...

— Três, — Hawke disparou, e eu liberei o tempo.

Foi uma questão de segundos - e algumas pausas - antes que todos os atiradores estivessem mortos, todas as crianças fossem resgatadas e todas as companheiras fossem localizadas. O resto de nossos irmãos apareceu bem a tempo de terminar a limpeza. Havia mais de uma voz raivosa dando sermões para mais de uma mulher sem remorso quando terminamos.

— A escolha é sua, — disse Alek a Maria.

— Não é uma grande escolha, — Maria disse, olhando para o nosso rei de uma forma que eu nunca tinha visto um humano ousar. — Ou eu concordo com uma patrulha de tempo integral da casa, ou transfiro estas crianças para o seu palácio.

— Ainda é uma escolha. — Ele encolheu os ombros. — Eles são todos parte vampiros, embora algo me diga que você já sabia disso.

— Sim. Eu sei. — Seu olhar saltou para Grace, que estava encostada ao meu lado, meu braço em volta dela. — Sinto muito, Grace. Eu deveria ter contado a você.

— Não se desculpe, — Grace insistiu, apoiando-se pesadamente em mim.

— Não é tão simples assim levar as crianças para sua propriedade, — disse Maria a Alek. — Eles estão todos em um orfanato. Visitados por assistentes sociais, tutores, funcionários, as obras. Dois deles têm pais que estão em processo de reunificação.

— É dever da guarda, — disse Alek. — Os Sons irão voltar. Se eles estão mirando em humanos com linhagem de vampiros, então manter essas crianças aqui é colocar um alvo em suas costas.

Maria empalideceu. — Vamos pegar os guardas por enquanto. Deixe-me... — Ela engoliu em seco.

— Você não precisa decidir nada esta noite, — disse Grace, tropeçando para a frente e pegando a mão de Maria. — Esses homens são realmente espetaculares. Eles são *bons* e vão manter vocês seguros até que vocês decidam o que é melhor para as crianças.

Alek assentiu.

Grace olhou para mim.

Hora de conversarmos. Eu pensei em sua direção geral.

Ela engoliu em seco, ergueu o queixo e veio em minha direção.

No segundo em que nossas mãos se tocaram, eu a puxei para mim e fomos embora.



Dei o que devia ser minha sexagésima respiração profunda desde que voltamos, e então segurei a maçaneta da porta do meu quarto. Em vez de conversar com Grace, meu temperamento havia dominado, fazendo-me depositá-la em nosso quarto e sair imediatamente para escapar do pior.

Para ela, foi apenas uma questão de segundos desde que eu saí.

Para mim, foram horas.

Eu posso ouvir você aí fora, Grace disse diretamente na minha cabeça. *Entre e brigue comigo.*

Um rosnado ressoou em meu peito, e abri a porta, encontrando-a exatamente onde a havia deixado - em nossa cama. — A última coisa que você quer é que eu brigue com você.

— Por que não? — Ela deu de ombros. — Briga é o que todo casal saudável faz. É uma maneira de resolver problemas que, de outra forma, não seriam resolvidos.

— E não brinque de psicóloga comigo também. — Eu apontei um dedo para ela, então me inclinei contra um dos postes maciços da nossa cama. — Você deliberadamente colocou sua vida em perigo esta noite. — Mesmo agora, um arrepio percorreu minha espinha com a memória.

— Sim. — Ela cruzou as pernas debaixo dela e cruzou as mãos no colo.

— Você sabia que havia perigo e, em vez de me chamar, você foi e se jogou na batalha.

— Batalha? — Ela levantou uma sobrancelha. — Às vezes você soa *tão velho*.

Outro rosnado subiu pela minha garganta.

— Muito bem. — Ela suspirou. — Sim. Eu sabia que havia perigo.

— Foi porque você não confiou em mim para ir? — Eu tive que perguntar. — Você foi porque achou que eu não faria isso por você?

Seus lábios se separaram. — Não, Ajax, não. — Ela balançou a cabeça. — Sabíamos que vocês estavam caçando Samuel, e sabíamos que Ransom faria o possível para nos impedir, então partimos antes que ele visse. Não é como se estivéssemos indefesas.

Meus olhos se arregalaram.

Grace fez uma careta. — Certo, não é como se não tivéssemos todos nossas próprias habilidades. Valor é fruto dos Sons, e ela é realmente mortal. A Avianna poderia dar um panorama de tudo de forma invisível. Eu podia ouvir cada pensamento para nos alertar, e Lyric não ficaria por aqui... — Grace percebeu a expressão em meu rosto e parou. — Isso provavelmente não está ajudando.

— Não está, — eu concordei. — Você está tão ansiosa para morrer?

Grace piscou.

— Você se coloca na frente de uma bala. Se eu não tivesse chegado quando cheguei, alertado pela ligação de *Ransom* e não pela sua, devo acrescentar, aquela bala teria perfurado seu coração um segundo depois. Cruzei os braços sobre o peito para evitar alcançá-la. — Você poderia ter morrido esta noite.

— Hoje... semana que vem. — Seus ombros se levantaram em um encolher de ombros indiferente. — Pelo menos eu teria morrido por um motivo.

— E se fosse eu naquela situação, você sentiria o mesmo? — Eu não conseguia pensar em outra maneira de chegar até ela. — Se você tivesse entrado e encontrado aquela bala apontada para o meu coração, você teria sentido conforto por ter sido roubado de nossas últimas semanas juntos, mas pelo menos eu fui nobre até o fim?

— Mas não era você! — Ela ficou de joelhos, então perdeu o equilíbrio.

Movi-me rapidamente, segurando seus antebraços para impedi-la de cair.

— Não é você, Ajax, — ela sussurrou. — Sou eu. Vou morrer. Quer seja esta noite ou daqui a algumas semanas, morrerei. Por favor, me diga que você percebe isso. Você não pode me manter segura neste palácio. Não do meu próprio cérebro. — O tormento em seus olhos me sufocou. — Eu tenho uma chance restante. *Uma.*

Uma que não tínhamos certeza. Uma chance que Gabriel me avisou era mais provável matá-la do que salvá-la. Mas não era melhor uma *chance* de viver do que a certeza de morrer?

— Uma que está desaparecendo a cada dia. — Deslizei minhas mãos ao redor de seu corpo até seus quadris e puxei-a para a beirada da cama para que ela ficasse encostada em mim.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente em confusão. — Não entendo.

— Quanto mais fraca você fica, menor a probabilidade de sobreviver à transição.

Os olhos dela brilharam de surpresa.

— Eu tenho uma ideia, — eu admiti. — É apenas isso - uma ideia, mas é a melhor chance que você tem se ainda deseja fazer a transição. — As palavras saíram como se tivessem sido arrastadas sobre cacos de vidro. Como diabos eu poderia estar sugerindo isso a ela?

Porque esta noite deixou claro que eu iria perdê-la de qualquer maneira.

— Eu quero, — ela me assegurou, agarrando minha camisa. — Mas o que te fez mudar de ideia?

Eu levantei uma mão e empurrei seu cabelo atrás da orelha, então segurei o lado de seu rosto, memorizando tudo sobre o momento. — Eu sou um especialista quando se trata de tempo, Grace. Mas por mais que eu queira lutar contra o que está acontecendo com você, não posso. E a verdade é que o que sobra do seu tempo é seu, não meu. É seu para decidir o que fazer, e se é isso que você quer, então eu darei a você.

— Mesmo que isso signifique que eu morra esta noite? — ela sussurrou, seu olhar procurando o meu.

Meu corpo se rebelou com o pensamento, cada instinto exigindo que eu a colocasse em uma bolha do tempo e a mantivesse lá para sempre como aquele maldito conto de fadas. — Sim.

Ela passou a língua sobre o lábio inferior. — Vamos fazê-lo.

Meu peito cedeu. — Você tem certeza.

Ela assentiu. — Agora. Agora mesmo, antes que eu fique mais fraca. Inclinando a cabeça para o lado, ela expôs o pescoço como se eu fosse afundar minhas presas nela ali mesmo. — Vamos lá, eu sei que você tem que completar uma terceira transfusão completa e, honestamente, é sexy pra caralho quando você me morde.

— Sim, não é assim que isto está acontecendo. — Estendi a mão para ela, balançando-a em meus braços. — Não vou transformá-la aqui em cima e depois esperar o melhor. Não vou deixar coisas ao acaso quando se trata de você.

— Não é tudo apenas uma chance? — ela questionou, deitando a cabeça no meu peito.

— Não se eu puder evitar. — Eu saboreei o cheiro dela, a sensação de sua pele, seu peso leve, a maneira como meu coração parecia estar envolvendo o dela por meio daquele vínculo que compartilhamos enquanto eu a carregava pelo corredor.

Eu tive horas, semanas para pensar sobre isso, e havia apenas um caminho que eu podia ver como uma possibilidade, e dependia de muito mais do que apenas de mim e minhas intenções.

Entramos no vestíbulo ao mesmo tempo que meus irmãos, que voltavam da casa de Maria. *Bem na hora.*

Olhei diretamente para Saint. — Eu preciso de você.

Saint assentiu sem hesitar, depois nos seguiu passando pela cozinha e descendo os degraus até os túneis sob a mansão.

— Não sei o que você está pensando, — disse Grace quando nos aproximamos da enfermaria de Gabriel.

— Ótimo. Estou mantendo meus escudos levantados até saber se é uma possibilidade. — Merda, um pequeno grão de esperança floresceu em meu peito de que isso poderia realmente funcionar.

Entramos na enfermaria, onde Julian jantava à meia-noite com Gabriel em seu escritório. Ambos se levantaram quando entramos.

— Está tudo bem? — Gabriel perguntou.

— Não tenho certeza, — respondi honestamente, colocando Grace na mesa de exame com o máximo cuidado. — Aurora está aberta para visitas?

As sobrancelhas de Gabriel se ergueram.

— Maldição, — Saint murmurou, como se seguindo minha linha de pensamento.

Sinceramente, não sei por que não pensei nisso antes.

— Estou bem aqui, — disse uma voz suave atrás de nós. — Você mesmo pode me perguntar.

Virando-me, vi Aurora na porta da sala de recuperação. Ela estava magra - muito magra - e pelo que eu tinha ouvido, ainda só se alimentava quando Saint fodia com a cabeça dela para fazê-la pensar que estava bebendo outra coisa daquela taça de vinho. Seus olhos estavam assombrados e grandes demais para seu rosto e ela agarrou o roupão fechado como se fosse protegê-la, mas para seu crédito, ela não se afastou de mim.

— Eu preciso do seu sangue. — Eu disse isso sem preâmbulo.

Ela deu um passo para trás, com os olhos arregalados.

— Droga, Ajax. — Saint se moveu, sutilmente se colocando entre nós.

— Eu disse que precisava, não que ia levá-lo. — Olhei para Grace, que parecia tão atordoada quanto Gabriel. — Preciso do seu sangue para salvar minha esposa.

Companheira era um termo melhor, mas esta fêmea não parecia exatamente interessada em ouvir nada além de palavras humanizadas.

Aurora olhou para Grace, mas permaneceu em silêncio.

— Que diabos você está fazendo, irmão? — Saint exigiu, sua voz mais rosnada do que qualquer coisa.

— Você ainda consegue sentir o cheiro de Samuel nela? — Eu perguntei.

Aurora recuou.

A mandíbula de Saint funcionou. — Sim, — ele resmungou.

Eu balancei a cabeça. — Porque o sangue dele ainda está nela. Foi ele quem transformou ela, e meu palpite seria todas as três vezes se ele esperasse que ela se ligasse a ele.

Aurora meio escondida atrás da porta, mas manteve seu olhar fixo em Grace, como se ela tivesse se desassociado completamente da conversa.

— Você não sabe o que Samuel estava pensando, — Gabriel argumentou.

— Eu sei que ele pegou a filha mestiça de um duque e fez a transição dela. Um nobre de alto escalão. Ele é o quê? Quarto na linha de sucessão? — Eu perguntei.

— Terceiro, — Saint admitiu calmamente. — Meus pensamentos seguiram o mesmo caminho semanas atrás. Ele não teve sucesso em se casar com o segundo na linha, então ele escolheu Aurora.

Grace ofegou atrás de mim. — Sinto muito, — ela sussurrou, e eu sabia que era por Aurora.

— Você ainda tem o sangue de Samuel em suas veias, — eu disse diretamente para Aurora, que pareceu ficar ainda menor. — Provavelmente você terá nos próximos meses, considerando o quanto pouco você está se alimentando.

Ela se encolheu.

— E o que você provavelmente não sabe é que Samuel tem um dom muito *especial*, — eu disse lentamente.

Aurora olhou para mim, mas só segurou meu olhar por uma fração de segundo. — Ele é bom em causar dor.

— Mas ele pode curar também, — acrescentou Saint, sua voz baixa e tranquila. — Quando ele quiser.

— Como se houvesse *algo* de bom dele dentro de mim, — Aurora rebateu. — Porque não havia absolutamente nada de bom nele. Nada. — Sua respiração mudou, vindo mais rápido.

— Ajax, isso não é justo, — disse Grace baixinho, estendendo a mão para puxar minha mão. — Não peça isso a ela.

— Como não posso? — Eu disse a minha companheira. — Você quer uma chance na vida? É isso.

— Você está esperando que a transição ative o sangue dele dentro de sua companheira? — Gabriel ponderou, olhando para Aurora sob uma nova luz.

— Espero que a transição, misturada com um frasco de sangue de Lyric, se combine com um frasco de Aurora e mate o câncer em seu cérebro durante a transição. — Eu nunca expressei o pensamento em voz alta, mas agora ele estava fora. Nossa rainha era única entre os vampiros, nascida da última linhagem de videntes com sangue capaz de lutar contra Night Thistle. Adicioná-lo ao coquetel só poderia ajudar.

Gabriel piscou, como se estivesse pensando nisso.

— Quanto mais velho o vampiro, mais poderoso o sangue, — eu disse a ele. — E Grace pode me drenar até secar se isso significar que ela vive. — Eu apertei a mão dela.

— Samuel também é a forma mais letal de veneno em nossa espécie, — observou Gabriel.

— Samuel é letal quando quer ser, — eu concordei. — Mas o poder de cura está em seu sangue. Todos nós sabemos disso. — Eu balancei a cabeça de volta para onde eu sabia que Aurora estava fazendo o possível para se misturar na parede. — Por que você acha que ela sobreviveu tanto tempo recusando-se a se alimentar adequadamente? O sangue de Samuel foi o que a manteve viva quando ele a abandonou naquela casa.

Eu sabia que a ideia tinha mérito quando Saint olhou na direção de Aurora.

— Por favor, — eu disse a Aurora, apertando a mão de Grace. Grace, sem a qual eu não poderia viver, não conseguia respirar em um mundo onde ela não respirava. — Você é a única chance que ela tem.

— E se meu sangue a envenenar em vez disso? — Aurora sussurrou, olhando para o chão.

— Já sou uma sentença de morte ambulante, — Grace tentou brincar. — O câncer vai me matar nas próximas semanas. De certa forma, acho que esse pode ser um caminho mais misericordioso a seguir.

Aurora lentamente ergueu o olhar, mas não era para Grace que ela olhava, era para Saint. — Você acha que eu deveria deixá-la me morder?

Saint empalideceu.

— Não! — Eu assegurei a ela, mas mantive meus pés onde estavam para não a assustar. — Poderíamos fazer Saint fazer... o que ele faz para sedar você e retirar um frasco, assim como Lyric faz quando Gabriel está estudando o sangue dela.

— Você não sentiria isso, — Saint prometeu, enfiando as mãos nos bolsos.

— E você acha que funcionaria? — Ela perguntou a ele.

— Eu acho que é a melhor chance que ela tem. O sangue de Lyric não cura o câncer, mas talvez possa convencer o que restou do sangue de Samuel no seu também.

— O que restou do sangue dele, — ela disse baixinho, olhando para suas mãos com o que só poderia ser descrito como ódio.

— A escolha é sua, claro, — consegui dizer. Muito já havia sido tirado da fêmea para forçar qualquer coisa dela, mesmo uma conversa como esta, muito menos algo tão pessoal, tão sagrado quanto o sangue.

— Eu não vou fazer nada que você não queira, — Saint assegurou a ela.

Ela olhou para ele. — Como se você *não* me fizesse beber?

Ele passou a mão pelo cabelo. — Isso é diferente e você sabe disso. Eu não vou sentar e assistir você... — Seus olhos se fecharam e ele respirou fundo. — Faça sua escolha, Aurora.

Ela olhou além de mim para Grace, então abaixou para nossas mãos unidas.

O silêncio ecoou pela sala por muitos segundos para contar.

— Farei isso — disse Aurora suavemente. — Mas só se você me dopar, — ela finalizou em Saint. — Ninguém mais me toca.

Ele acenou com a cabeça uma vez, mas eu não perdi a vacilada.

Ela recuou para a sala de recuperação e Gabriel entrou em ação, preparando tudo.

— O que foi aquilo? — Eu perguntei a Saint. — Só *você*?

Ele encolheu os ombros. — Não consigo decidir se é porque ela sabe que posso *dopá-la*, ou se é porque pareço com ele e ela não para de se punir por algo que nunca foi culpa dela. — Seus passos

eram lentos enquanto ele seguia Gabriel de volta para a sala de recuperação.

Quinze minutos depois, tínhamos tudo o que precisávamos.

Sentei-me na beira da cama de Grace e acariciei seu rosto, olhando para suas feições. — Eu nunca mereci alguém como você. Você sempre foi boa demais para mim.

— Eh. — Ela sorriu, mas havia um tremor em seus lábios. — Pessoalmente, acho que me casei.

— Você sabe que isso vai doer como o inferno. — Eu não conseguia parar de tocá-la, meus dedos acariciando a linha alta de sua bochecha, o arco suave de seu pescoço.

— Eu aguento. — Ela capturou minha outra mão e a levou aos lábios, beijando as costas dela. — Apenas me dê alguns dias, ok? Se eu não for tão rápida quanto às outras transições, não desista de mim.

— Nunca. — Eu esperaria para sempre por ela.

— Estamos prontos, — disse Gabriel, duas seringas preparadas do outro lado de Grace.

Mas eu não estava.

Inclinando-me, beijei Grace como se não estivéssemos cercados por outros. Eu acariciei minha língua sobre a dela, pegando o que eu sabia que poderia ser nossos últimos momentos juntos e me segurando com tudo que eu tinha.

Então eu levantei minha cabeça e olhei para minha linda, amável e perfeita companheira.

Ela estendeu a mão para o meu rosto e arriscou um sorriso.
— Eu vou te amar pelo resto da minha vida.

Dei um beijo em sua palma. — E eu vou te amar todos os dias
pelo resto da *minha*.

Ela sustentou meu olhar e inclinou a cabeça, expondo a lateral
do pescoço.

Deuses, por favor, me perdoem.

Eu mordi.

Grace

— E então ela soube, sem sombra de dúvida, que ele pertencia a ela. Completamente. Significativamente. Mesmo quando não fazia sentido. Mesmo quando não deveria existir um mundo onde ele a amasse tão intensamente quanto ele. Ela era humana. Ele era um vampiro. Mas o destino os acasalou, as estrelas alinhando e impulsionando-os um para o outro, dando-lhes um pedaço de felicidade em um mundo implacável. Ele era seu companheiro. E ela era dele.

A voz de Ajax preencheu cada fenda da minha mente.

A princípio, tinha sido distante, quase como se ele estivesse falando comigo do fim de um longo túnel. Um longo túnel que estava pegando fogo.

Não, espere, era apenas o meu corpo.

E meu sangue.

Porra, cada centímetro de mim queimava e torcia e eu juro, alguém tinha alojado um machado no centro do meu crânio. Talvez Aurora, por fazê-la passar pelo que passamos, pedindo seu sangue que a torturava diariamente por causa de sua fonte.

— *As presas de Drax pareciam nada mais afundando em sua pele, era quase impossível de descrever. Prazer e dor, vida e morte, fim e começo. Drax era tudo isso e muito mais. Meu companheiro, meu companheiro glorioso e deslumbrante.*

A voz de Ajax estava ficando mais clara conforme o fogo morria em meu corpo. Nada como o fogo que ele acendeu dentro de mim com um beijo, um roçar de seus dedos sobre minha pele, o cheiro dele me envolvendo. Não, este fogo era purificador, e quantas vezes eu quis desistir, apenas deixar ir e deixar a dor me levar para o esquecimento, o pensamento de Ajax me manteve agarrado a qualquer senso de mim mesmo que eu pudesse.

— *Ele a fodeu com a língua, usando golpes longos e golpes de lança. Lambendo e chupando seu clitóris latejante até que seu desejo revestisse sua língua...*

Meu Deus, Ajax estava terminando o romance de vampiros que eu estava lendo... Deus, foi dias atrás, horas atrás? Eu não tinha noção do tempo, não tinha noção de nada além da dor.

— *E só depois que ela gozou mais duas vezes, ele esfregou seu pau grosso com a umidade dela e afundou nela até chegar ao fundo do poço. Eles foram feitos um para o outro.. Ele a fodeu como se nunca tivesse outra chance novamente. Ele fodeu com ela até que ela gritou seu nome e seu corpo ficou mole contra ele.*

O desejo e o constrangimento que tomaram conta da minha alma foram um alívio bem-vindo da dor...

Estava diminuindo.

Quanto mais clara a voz de Ajax ficava, mais meus sentidos voltavam para ela. Eles não eram mais impedidos pela dor ofuscante, ao invés disso eles se sentiam... mais afiados, mais sensíveis. Até o machado se desprende do meu crânio.

Centímetro a centímetro, meu corpo começou a se realinhar, afastando-se do fogo, afastando-se da dor e mudando para uma explosão energética de poder que nunca havia sentido antes.

Eu engoli com força, me movendo contra a suavidade que se abateu sobre meu corpo.

— *Grace?*

A voz de Ajax ainda soava dentro da minha mente, um farol me atraindo para ele e somente para ele.

— Ajax, — eu disse, minha voz rouca. Molhei meus lábios, minha garganta queimando quando engoli. — Algo deu errado? — Eu perguntei assim que abri meus olhos. Eu tive que piscar contra as luzes quentes e brilhantes em seu quarto.

Ajax se sentou em uma cadeira ao lado da cama, descartando o livro em suas mãos e vindo para o meu lado em segundos. Lágrimas apareceram em seus olhos quando ele pegou minha mão na dele. — Você conseguiu, Grace. Você está aqui. Você voltou para mim.

Estendi a mão e segurei seu rosto, chocada com a rapidez com que o movimento aconteceu - mal tinha acabado de pensar em tocá-lo antes que meu corpo reagisse.

— Uau, — eu disse, a respiração correndo de meus pulmões enquanto eu mudava nossas posições de apenas pensar nisso. Em

um segundo ele estava lá, acariciando meu rosto e no próximo eu o estava prendendo na cama, minhas coxas escarranchadas em seus quadris enquanto minhas palmas se espalhavam em seu peito.

Ajax sorriu para mim, com as mãos nos meus quadris enquanto se sentava lentamente, então estávamos olho no olho. — Como você está se sentindo? — ele perguntou, esfregando suas mãos poderosas para cima e para baixo nas minhas costas.

Um pequeno gemido estremeceu de mim ao seu toque. — Isso é incrível, — eu disse, incapaz de manter o foco em uma coisa singular.

Ajax riu novamente, nosso vínculo de acasalamento brilhando com ele muito feliz por eu estar viva. O vínculo, aquela conexão entre nós era mais forte, mil vezes mais poderoso do que antes da transição.

Meus olhos brilharam. — Espere, — eu disse, segurando seu bíceps. — Funcionou? Eu sou... eu sou... — Ajax assentiu, e estendi a mão, tocando meus dentes. Eu franzi a testa. — Mas se eu sou um vampiro, onde estão meus... — Minhas presas saltaram só de pensar nelas, me fazendo ofegar. — *Ajax*, — sussurrei seu nome, o alívio percorrendo minha espinha com a realidade que acabara de me alcançar.

Eu sobrevivi à transição.

— Já foi? — Eu perguntei, quase em um sussurro. — Ele realmente se foi? — Corri meus dedos sobre minha cabeça, pelo meu cabelo, logo acima do local que imaginei ser meu tumor.

— Gabriel fez varreduras na primeira noite da transição, — respondeu Ajax, sua voz suave e cheia de amor. — O tumor se foi, querida.

Eu soluzei, caindo em seu ombro enquanto a felicidade, o alívio e a alegria inacreditável balançavam através de mim. — Eu posso ficar com você para sempre, — eu disse através dos meus soluços, e Ajax me segurou mais apertado contra ele.

— Uma eternidade não será suficiente, — disse ele, o amor entre nós girando em torno de nosso vínculo de acasalamento.

Eu virei minha cabeça em direção ao seu pescoço, inalando profundamente para obter alguma compostura.

E cheirou seu sangue. Eu pulei para trás o suficiente para olhar para ele, cobrindo minhas presas doloridas enquanto engolia. — Está queimando, — eu disse, esfregando minha garganta como se isso ajudasse a aliviar a dor.

Um sorriso delicioso formou os lábios de Ajax enquanto ele afastava seu longo cabelo de seu pescoço. — Por que você acha que acordou aqui, na nossa cama, sem um médico à vista para cuidar de você? — Ele molhou os lábios. — Você precisa beber companhia, e com certeza só estará fazendo isso por mim.

A menção de beber fez a adrenalina disparar em minhas veias, minhas presas latejando com a necessidade no mesmo pulso que estava aterrorizando meu clitóris.

— Diga-me o que você está pensando, — disse ele, os olhos suplicantes enquanto me observava. — Deixe-me entrar em sua mente como você pode entrar na minha.

Eu soltei um suspiro. — Não consigo decidir o que preciso mais agora, — admiti. — Seu sangue ou seu pau.

Um rosnado baixo retumbou em seu peito, e ele agarrou meus quadris, me balançando para frente contra o que era muito duro e muito pronto para mim em suas calças de pijama quase lá. — Você não tem que escolher companheira, — ele disse, continuando a me balançar contra ele. — Não comigo. Nunca.

Arrepios quentes fizeram meu corpo tremer, cada sensação aumentada a um ponto de clareza que eu nunca tinha experimentado antes. Era como se alguém tivesse atualizado meu sistema e eu estivesse operando em alta definição.

Ajax me levantou pelos quadris, fazendo-me ficar na cama apenas o tempo suficiente para ele me livrar do short de seda com o qual ele deve ter me vestido. Eu praticamente arranquei a calça do pijama, jogando-a por cima do ombro e sorrindo agradecida por ele não estar usando uma camisa.

E então eu estava de volta para montá-lo, seu peito musculoso pressionado contra o meu, seus lábios esmagando os meus com um beijo reivindicativo que fez minha boceta escorregadia. Movi-me sobre seu pau duro, apenas deslizando contra ele, e ele gemeu em minha boca.

— Preciso de você, — disse ele, reduzido a frases quase iguais.

— Leve-me, — respondi, em sincronia com os instintos primitivos assumindo totalmente o controle.

Reivindicação. Porra. Mordida.

Eu não sabia dizer de quem eram os pensamentos de quem, mas não importava. Agora não. Não quando ele estava segurando meus quadris e me levantando sobre seu pau apenas para me liberar, então eu caí sobre ele.

— Ajax! — Engoli em seco quando ele me encheu em um movimento rápido. Não houve dor, nem vacilação, apenas necessidade pura e não diluída. Oh, ser um vampiro era bom pra caralho. Eu cavei minhas unhas em seus ombros, cavalgando seu pau como se minha própria vida dependesse disso, e malditamente eu era *rápida*. Continuei tendo que travar meus músculos para me desacelerar, me perdendo na necessidade selvagem que pulsava dentro de mim por este homem.

— Porra, baby, — ele gemeu, suas presas para fora enquanto ele agarrava meus quadris e segurava enquanto eu o montava. — Você é linda pra caralho, — ele rosnou, olhando para as presas e então para os meus olhos. — Feita para mim. Feita para isso, — ele disse, empurrando para cima, me reivindicando por baixo assim como eu era por cima.

Deus, nunca me senti tão bem quanto isso, e isso dizia algo desde que o sexo com Ajax foi o melhor que eu já tive. *E agora?* Agora era incomparável. Agora ele sabia que não iria me quebrar e não estava se segurando.

Eu me movi contra seu pênis, balançando para cima e para baixo com uma necessidade furiosa enquanto eu perseguia aquela liberação no limite da minha alma. Segurando seu queixo, eu o forcei a olhar para mim sem diminuir o ritmo. — Vou te machucar?

— Eu perguntei, mostrando a ele minhas presas, meus olhos em seu pescoço.

— Nunca, — ele respondeu, bombeando em mim mais forte, mais rápido.

Minha cabeça rolou para trás, minha mente brilhando com prazer crescente.

— Promete? — Eu perguntei, precisando ter certeza absoluta de que não estava prestes a perder o controle e drenar meu mate. — Estou morrendo de fome por você, — acrescentei.

Ele estremeceu contra mim, inclinando a cabeça para expor seu pescoço. — Porra de beba, baby. Estou bem.

O instinto inundou meu corpo, tomando as rédeas enquanto eu avançava para seu pescoço. Eu bati contra ele, meu clitóris pulsante esfregando contra seu osso pélvico ao mesmo tempo em que seu sangue inundou minha boca. Era doce e inebriante como chocolate quente com especiarias. Um gole e cada nó incandescente dentro de mim se desfez, enviando ondas de prazer balançando sobre meu corpo enquanto meu orgasmo rasgava através de mim.

— Porra, sim, companheira, — Ajax gemeu, derramando-se dentro de mim enquanto eu continuava a beber e beber e beber.

Ele tinha gosto de sonhos e fantasias e poder antigo.

Mas o mais importante, ele tinha gosto de *meu*.

Engoli um último gole, jogando minha cabeça para trás para respirar o mais fundo que já respirei antes. Eu nunca me senti tão

viva quanto naquele momento. Nunca me senti tão forte e poderosa quanto quando o sangue de Ajax corria pelo meu corpo.

Lambi as gotas perdidas dos meus lábios, inclinando minha testa contra a dele enquanto descíamos. — Eu te amo, — eu disse, emaranhando meus dedos em seu cabelo. Meu desejo já estava aumentando novamente, a necessidade era uma coisa que me consumia e me doía em todos os tipos de novos lugares. — E eu quero mais.

Ajax mordeu meu lábio inferior, apenas o suficiente para tirar uma gota de sangue antes de sugá-lo. Tentáculos quentes de prazer estremeceram dentro do meu corpo com o movimento, e ele endureceu dentro de mim novamente. — Você pode ter o quanto quiser, — disse ele, girando-nos para que ele estivesse em cima de mim, minha coluna beijando a cama. — Tire tudo de mim. Sou seu.

Rolei meus quadris, segurando seu olhar enquanto ele bombeava dentro de mim de novo e de novo. Ele levou seu tempo nesta rodada, balançando em mim com golpes torturantes que me fizeram lamentar, me debatendo debaixo dele enquanto nós colidimos juntos uma e outra vez.

E então isso me atingiu...

Nós *tínhamos* tempo.

Tínhamos todo o tempo do mundo para fazer isso - ficar juntos, nos apaixonar mais profundamente, *viver* juntos.

Lágrimas encheram meus olhos com a alegria absoluta balançando em minha alma, e Ajax estendeu a mão para segurar minha bochecha.

— Temos tempo, — eu disse, deixando-o entrar na minha cabeça do jeito que ele pediu. — Temos todo o tempo que queremos, Ajax.

Seus olhos marejados enquanto ele continuou balançando dentro de mim, seus lábios se inclinando sobre os meus em um beijo profundamente amoroso. — E estamos apenas começando.

EPÍLOGO

Talon

A atmosfera no escritório de Alek não era nada aconchegante, especialmente com a forma como Lachlan se recusava a se sentar.

Sério, o Highlander pairava atrás do rei como uma maldita babá, mas pelo menos ele não me insultou me vigiando. Oh, não, os olhos do segundo em comando estavam na porta atrás de mim.

— Tenho certeza de que você está se perguntando por que foi convocado — disse Alek, lançando um olhar para Lachlan que dizia que ele também estava farto do ritmo.

— Posso admitir que estou curioso. — Eu me recostei na cadeira em frente a sua mesa.

— Você tem uma habilidade que eu preciso, — Alek admitiu, enfiando a mão na gaveta e tirando alguns papéis. Uma olhada rápida me disse que eram as listas de nomes que havíamos adquirido dos Sons. — Como você sabe, estamos prestes a entrar na sala de guerra para uma reunião, e gostaria que você concordasse com meu plano antes de apresentá-lo ao restante da mesa.

— Antes de? — Eu arqueei uma sobrancelha.

— Eu prefiro saber que você está do meu lado e concordar antes de lutar contra Zachariah sobre colocá-lo em perigo, — ele admitiu. — Vocês todos tendem a ficar juntos.

Um sorriso lento apareceu em meu rosto. — Você tem minha atenção. — Eu casualmente cruzei meu tornozelo sobre meu joelho.

— Essas listas, — Alek empurrou os papéis na minha direção. — A última chegou com Warrick Zorin.

Eu acenei, sabendo que os outros tinham colocado o garoto em seu caminho antes de deixá-lo sair do calabouço e entrar no quartel para treinar com os outros. Não que ele fosse um garoto. Ele era apenas mil anos mais novo do que eu.

— E ele diz que a recebeu de seu irmão mais velho, Edward. — Alek me olhou nos olhos. — O que significa que o Zorin mais velho está aliado aos Sons, assim como seu pai estava.

Minha mandíbula flexionou, vendo onde isso estava indo. — Você quer que eu deixe a missão do meu irmão para caçar Samuel e me concentre nos Sons.

— Eu não estou dizendo que Samuel não está envolvido... — Alek começou.

— Dê-me a honra de *não* me enganar.

O foco de Lachlan mudou da porta para mim.

— Muito bem. — Alek deu de ombros. — Estou pedindo para você mudar seu foco, porque você é o único capaz de entrar na fortaleza que os Zorin chamam de lar.

Minha testa franziu. — Você quer que eu faça o quê? Transformar-me em um falcão? Um rato? — Como diabos isso ajudaria a passar pelas proteções que eles têm naquele lugar? As proteções que os Zorins mantinham na casa de sua família não eram apenas formidáveis, eram lendárias, e embora eu tivesse conhecido mais de um Zorin em minha época, parecia que esta geração havia levado sua segurança a um nível totalmente novo.

— Não exatamente. — Alek se encolheu.

— Está prestes a ficar interessante. — A barba de Lachlan se contraiu, e eu tive a nítida impressão de que havia uma piada que eu não sabia.

Uma batida soou suavemente na porta atrás de mim.

— Entre, — respondeu Alek.

A porta se abriu e Cassandra Zorin entrou, seu vestido farfalhando em torno de seus tornozelos. A fêmea ainda estava vestida formalmente, aparentemente tendo comparecido à refeição noturna. Sua pantera passeou atrás dela.

Foda-me, mas Cassandra era deliciosa de se olhar. Maços do rosto salientes, cabelo escuro que eu apostaria que ficaria ótimo varrendo minhas coxas enquanto ela envolvia aqueles lábios vermelho-sangue perfeitos ao redor do meu pau, tornando-a... bem, linda demais para seu próprio bem. Ela era alta e ágil, o espécime perfeito de uma fêmea de nossa espécie, e tinha um jeito de andar que me fez pensar se seus pés alguma vez tocavam o chão.

Ela era o epítome da nobreza, da graça, de séculos de criação.

Ela também era tão confiável quanto a porra de uma víbora.

— Você pediu para me ver, meu rei? — Ela fez uma reverência, abaixando-se o suficiente para levantar minhas sobrancelhas. Que cobrinha bem treinada.

Eu não pude deixar de me perguntar se a marca de acasalamento do meu rei ainda estava falsamente tatuada em sua pele, ou se ela passou pelo procedimento bastante doloroso para removê-la depois que Lyric apareceu e reivindicou o coração de Alek... e sua marca.

— Por favor, sente-se.

Cassandra levantou-se tão graciosamente quanto havia abaixado, e seus olhos escuros se arregalaram levemente quando ela me viu na cadeira. Então ela engoliu em seco e se sentou na cadeira ao meu lado. O olhar em seu rosto era... resignado.

Ela sabia o que estava acontecendo.

Interessante.

— Você já pensou sobre o que ponderamos antes? — Alek perguntou.

— Pensei, — disse ela, acenando com a cabeça uma vez. Ela cruzou as mãos no colo e manteve a coluna ereta.

— E? — Alek cutucou quando Lachlan cruzou os braços sobre o peito.

— Eu farei isso, — ela disse com uma nota de certeza que me disse que ela ponderou sobre o pedido dele. Não foi apenas de improviso. — Se Warrick diz que Edward tem usado a casa de nossa família de tempos em tempos, então eu acredito nele. — Ela

olhou para os papéis sobre a mesa. — Eu gostaria de *não* acreditar que Edward está envolvido em nada disso, mas estou disposta a viajar para casa para um... período sabático e descobrir a verdade. Vou relatar conforme combinado.

— Ótimo. — Alek assentiu.

— Enviar você não significa que confiamos em você, — afirmou Lachlan, seus olhos se estreitando em Cassandra.

— Estou bem ciente de que você tem Warrick para garantir minha obediência. — Ela fervia, cor subindo em suas bochechas.

Droga, a fêmea era excepcionalmente impressionante quando irritada.

Tomei nota para irritá-la na primeira oportunidade.

— Vamos enviar alguém com você para relatar e mantê-la... leal, — disse Alek, observando-a de uma forma que me disse que ele estava monitorando mais do que sua linguagem corporal.

— E como você acha que isso funcionaria com Edward? — Cassandra piscou, mas essa foi sua única reação física. — *Oh, eu vim para casa de férias e por acaso trouxe um caçador comigo?* — Ela arqueou uma sobrancelha escura perfeitamente esculpida.

Lachlan apertou os lábios e sufocou uma risada.

Alek olhou para a pantera de Cassandra e eu xinguei, as peças de seu plano se encaixando enquanto eu respirava fundo.

— Você só pode estar brincando comigo, — eu disse a Alek.

Cassandra olhou para mim, então nosso rei. — Ele? Você quer que eu passe meses com *ele*? — Sua voz se elevou.

— Por que não? — Alek deu de ombros. — Ele é de uma família antiga e nobre. Ele conhece as regras da aristocracia melhor do que qualquer um...

— Ele me odeia! — Ela agarrou os braços da cadeira.

Então ela *poderia* perder a paciência. Que... atraente.

— Ela não está mentindo. — Eu entrelacei meus dedos no meu colo, mantendo minha compostura. — Eu não tenho exatamente muita consideração por ela. — Meses com Cassandra Zorin? Atrás do que obviamente estavam as linhas inimigas? Deuses, estávamos tão propensos a nos matar quanto a descobrir qualquer coisa.

— Veja? — disse Cassandra.

— Ele vai se controlar, — Alek prometeu em meu nome.

— Humm... — Eu levantei um canto da minha boca em uma leve careta. — Não vamos fazer promessas que não tenho certeza se posso cumprir.

— E como você espera que *ele* seja aceito na casa da minha família? Pelos servos da minha família? Ele é uma bandeira vermelha gigante no que diz respeito a Edward! — Ela estava agarrando aquela cadeira agora.

— Porque eu não vou sozinho, vou? — perguntei a Alek. Só havia uma razão para eu estar sentado nesta cadeira e não Zachariah, ou qualquer um com mais anos de serviço.

Cassandra me lançou um olhar que teria murchado um macho inferior. Eu, no entanto, não era um macho inferior. Eu era um fodido *caçador*, treinado por anos na execução de vampiros loucos

por sangue, e um aristocrata por direito próprio - se eu realmente sentisse vontade de pressioná-la... o que eu não queria. — E quem você acha que vai ser? — ela me perguntou, franzindo aqueles lábios vermelhos.

Isso era batom? Ou a cor era natural? Ela deixaria uma impressão labial no meu...

— Nós iremos? — ela perguntou, me tirando dos meus pensamentos rebeldes.

— Meu palpite é que irei como *ela*. Eu olhei além dela para a pantera sentada ao seu lado, atualmente se limpando com patas enormes. Não seria a primeira vez que eu posaria como a pantera, mas geralmente era só para provocar Cassandra.

— Absolutamente, não. — Os olhos de Cassandra se arregalaram em um tamanho quase impossível.

— Receio que sim — disse Alek.

— É melhor me acariciar muito bem ou eu vou morder. — Eu pisquei. Se eu ia ficar preso com Cassandra por... não importa quanto tempo isso levasse, eu seria tão chato para ela quanto ela foi para todos sob este teto.

Alek não poderia se vingar do inferno que ela o fez passar, mas eu poderia.

Isso estava ficando divertido.

Fim...